

REYES MONFORTE

UMA
BURCA
POR
AMOR

A corajosa história de uma mulher apaixonada e sua luta pela liberdade

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluíra a um novo nível.

REYES MONFORTE

UMA
BURCA
POR
AMOR

A corajosa história de uma mulher apaixonada e sua luta pela liberdade



REYES MONFORTE

UMA
BURCA
POR
AMOR



PRIMEIRA PARTE - *Uma nova vida*

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12

SEGUNDA PARTE - *Preso no Afeganistão*

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6

Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23

TERCEIRA PARTE - *Estadia em Cabul*

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16

Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29

QUARTA PARTE - *Volta para casa*

Capítulo 1
Capítulo 2

Conversão e Formatação
<https://www.facebook.com/julioCWmaciel>



“O tempo é muito lento para os que esperam, muito rápido para os que têm medo, muito longo para os que se lamentam, muito curto para os que festejam, mas, para os que amam, o tempo é uma eternidade.”

William Shakespeare

Existem outras vidas, mas serão com você.

PRIMEIRA PARTE



Uma nova vida

Capítulo 1

– Do Afeganistão? E onde fica isso exatamente? Em outro planeta?

Quando María soube que o homem por quem estava se apaixonando perdidamente, como uma verdadeira adolescente, nascera em um país chamado Afeganistão, não pôde parar de rir e fazer piadas sobre a localização daquele reino acerca do qual nada ouvira falar até aquele momento. Era um riso nervoso, frouxo, que ela mesma teria definido como idiota, se não o soubesse fruto da forte atração que sentia por Nasrad poucas horas depois de conhecê-lo.

– Sabe de uma coisa, Nasrad? Não sei nada sobre seu país. Não sei em que parte do mundo fica, nem de que vive, nem o que vocês comem, cantam ou dançam em suas festas. Mas não me importa. Nada importa. Na verdade, até gosto. Porque gostei muito de você. E não preciso saber mais nada.

María não estava mentindo. Era uma mulher jovem, de dezoito anos, desejosa de conhecer o mundo e de se abrir para ele, inquieta por viver a vida, ansiosa por conhecer gente, mas completamente afastada da realidade abrigada por esse mundo que tanto queria conhecer. Não dedicava um minuto aos noticiários de televisão ou rádio, tampouco aos jornais, pelos quais saberia que o nome

Afeganistão sempre se associava a um rastro de morte, de guerra e de horror.

Chegara a Londres apenas um ano antes, saindo de sua Mallorca natal, para fugir da pressão da família, das constantes desavenças com seu pai, que adorava, mas que não compreendia quando tentava convencê-la a prosseguir com seus estudos e

esquecer-se dos amigos. María interpretava os conselhos de seu pai, viúvo desde que ela completara dois anos, como reações injustas e desproporcionais.

Para trás ficava uma época adolescente de excessos, de más companhias e de estranhos comportamentos. Em Mallorca estava sua família, à qual se mostrava impaciente por provar, um dia, que ela era capaz de viver pelos próprios meios, que não precisava da ajuda de ninguém e que sua recém-adquirida maioria lhe dava o direito que sempre almejava de poder decidir onde, como e com quem andar pela vida.

María não tivera tempo de ouvir as assustadoras histórias das mulheres no Afeganistão, como morriam diariamente apedrejadas por não terem coberto o rosto o suficiente, como encontravam a morte em qualquer esquina da cidade por terem saído de casa sem a companhia de um homem. María desconhecia que mulheres de dezesseis anos levavam surras fatais de homens que sequer conheciam apenas porque se atreviam a se sentar na parte da frente de um ônibus, reservada só e exclusivamente aos homens. María não tinha ciência de que mulheres como ela podiam encontrar a morte na rua ao cometer a ousadia de levar um livro nas mãos ou fazer um comentário no meio de uma conversa mantida entre homens. Também não sabia que meninas de seis ou sete anos eram dadas em matrimônio pelas próprias famílias a homens quarenta, cinquenta anos mais velhos em troca de uma irrisória quantia em dinheiro.

Nada sabia de apedrejamentos, estupros, execuções públicas, aniquilações, torturas, mutilações sexuais, castigos físicos, humilhações... A ignorância e o desconhecimento de María abonavam a desgraça e a dor do que acontecia e ainda acontece no Afeganistão.

Ela não sabia nada sobre o Afeganistão, e talvez por isso continuasse sorrindo, sem desviar seu olhar dos olhos negros de Nasrad, enquanto pegava com as duas mãos a xícara do primeiro café que tinha dividido com aquele homem do qual não queria se separar, apesar de se conhecerem há poucos dias.

Acontecera no escritório da agência de trabalho temporário pela qual ambos eram contratados. María trabalhava, então, em uma fábrica como embaladora de relógios vendidos nos aviões; antes estivera empregada em uma processadora de derivados de carne suína e em um posto de compra e venda de bombons. Ficaram para trás seus primeiros meses de estadia em Londres, ao longo dos quais trabalhara em casas particulares, limpando e cuidando de crianças, enquanto aprendia inglês, frequentando uma escola de idiomas durante as tardes.

María fora naquela manhã ao escritório da agência porque alguma coisa em seu contrato não coincidia com as condições estabelecidas. Durante a espera, e de maneira casual, ela e Nasrad se encontraram e logo iniciaram uma conversa. María já o vira algumas vezes, mas nada sabia daquele homem, exceto que era de origem muçulmana e que trabalhava como soldador de portas dos carros da Land Rover.

Quando ambos terminaram de fazer seus respectivos trâmites, combinaram tomar um café no dia seguinte. María passou as horas anteriores àquele primeiro e inocente encontro em um estado de nervos alterado, impaciente, olhando constantemente para o seu relógio e fumando sem parar. Levou pelo menos três horas para decidir que roupa usar naquele encontro. Finalmente, optou por um

jeans justo e uma camiseta que comprara em uma loja assim que chegou a Londres e que adorava, porque sabia que a favorecia.

Os dois chegaram pontualmente. Pareciam ter pressa de se encontrar. Começaram a falar de suas respectivas vidas. María soube que Nasrad era de procedência afegã, que fugira do seu país há mais de quinze anos por problemas com os russos, que naquela época ocupavam o Afeganistão. Confessou a María que quase não mantinha contato com sua família, mas que isso não o impedia de ajudá-los financeiramente todos os meses, o que, segundo María descobriu mais tarde, correspondia a praticamente se encarregar da manutenção de todos. María, por sua vez, contou-lhe que era a mais nova de sete irmãos, três mulheres e quatro homens, e que tinha sido criada em um internato porque ficara órfã de mãe muito cedo, e seu pai, mergulhado em uma depressão pela morte da esposa, sentira-se incapaz de cuidar dela.

Confessou-lhe que era boa estudante, que sempre sonhara em se tornar professora ou enfermeira, que as crianças a fascinavam e que adorava sorrir, como estava fazendo naquele momento.

E sorrindo ela ficou por muito tempo, até que a vida, o destino, e principalmente o amor, a colocaram em um país onde as mulheres não existem, um país onde as mulheres vivem com a espada de Dâmocles suspensa em forma de morte sobre suas cabeças, e as meninas se casam, por obrigação, com homens muito mais velhos quando mal sabem o que é casamento. Lá onde a burca é a única proteção da mulher, se ela quiser sair de casa e voltar com vida. E isso se tiver sorte.

E María, que não sabia de nada, sorria. Até que chegaram as noites de pranto ininterrupto.

Capítulo 2

Exatamente um mês depois daquele primeiro café, María e Nasrad já dividiam um apartamento.

– É perda de tempo e de dinheiro morarmos separados. Nós queremos ficar juntos, mas cada um mora em uma casa. É absurdo – para María, o argumento de Nasrad pareceu acertado, por isso não viu empecilhos nem hesitou na hora de dar aquele passo.

Passavam praticamente o tempo todo juntos. María ainda não fizera muitas amizades em Londres, por isso deixou-se levar por Nasrad, que imediatamente a introduziu no seu círculo. No início, ela se sentia estranha, como se aquele não fosse o seu mundo. Via que a maneira de se vestir e se comportar das namoradas e esposas dos amigos de Nasrad não tinha nada a ver com seu gosto por camisetas curtas, maquiagem, jeans apertados, álcool, cigarros e festas até altas horas da madrugada. Elas preferiam os vestidos longos e amplos, com aquele véu cobrindo parte da cabeça, deixando só o rosto descoberto, e rezavam com seus maridos ou ficavam em casa lendo o Corão.

Durante os dois anos em que namoraram, María foi assaltada por algumas dúvidas a respeito daquela relação. “Talvez esteja me envolvendo demais em tudo isso. Quem sabe devesse ver tudo com certo distanciamento. Esse não é o meu mundo. Por que ele não se aproxima da minha realidade? É mais divertida, saudável, viveríamos melhor.” Havia dias em que María se sentia completamente perdida. Tinha a sensação de estar presa voluntariamente em um labirinto do qual não via uma forma satisfatória de sair. Mas a simples imagem de Nasrad ao seu lado fazia desaparecer qualquer suspeita de estar agindo de maneira errada.

Embora não tivesse muitos amigos, María optou por deixar de visitá-los e decidiu não apresentá-los a Nasrad, porque tinha medo de que, se vissem a diferença de idade entre eles – Nasrad era quase quinze anos mais velho – e sua condição de muçulmano, talvez se mostrassem contrários àquela relação. Mas também sentia muito medo de que Nasrad se envergonhasse dela por seu jeito de ser e de seu passado. Assim, preferiu limitar seu mundo ao de seu companheiro.

Pouco a pouco María notava que o que alguns meses antes eram constantes idas a discotecas, bares e divertidas festas noturnas começava a se reduzir a jantares com os amigos de Nasrad, passeios ou sessões de cinema. Ela estava saindo de uma maré ruim, e em Nasrad encontrara um apoio incondicional que a ajudou a se livrar de seus perigosos e problemáticos hábitos: muita balada, muito álcool e muita vontade de se divertir. Ele se transformou em seu melhor amigo, seu confidente, seu amante, e uma espécie de pai a quem sempre podia recorrer, porque sabia que a ajudaria em qualquer adversidade que surgisse. María tinha certeza de que Nasrad faria tudo por ela; até mentira a sua família, dizendo que ela era uma mulher pura e sem passado, condição indispensável para que uma mulher se case com um afegão ou um muçulmano, como Nasrad. A perda da virgindade antes do casamento constituía uma desonra na sociedade de Nasrad, motivo suficiente para anular o casamento e repudiar a mulher. Ciente dessa mentalidade, Nasrad disse a sua família, sem acrescentar muitas explicações, que conhecia María há muito tempo, por meio do irmão dela, com quem tinha uma grande amizade. Aquele homem mentira por María, não se importava com seu passado. E, não bastasse isso, havia sido o único que conseguira tirá-la de um mundo confuso, no qual péssimos hábitos corriam soltos. María sentia-se sozinha e não foi difícil refugiar-se no amparo de Nasrad. Foi naquela época que María soube, com uma segurança que nunca tivera, que queria terminar seus dias com aquele homem.

Uma tarde, María estava em casa, quando Nasrad chegou com um presente nas mãos e imediatamente pediu-lhe que o abrisse. Era uma edição do Corão. Dias antes, durante um jantar com amigos, todos de origem muçulmana, ela mostrara interesse em conhecer um pouco mais sobre a religião que Nasrad professava, o islamismo. Aquela edição do Corão foi o primeiro de uma longa lista de livros relacionados com aquela religião que Nasrad lhe presentearia para que lesse. María nunca sentira profundo apego pela crença cristã, na qual desde pequena seu pai e seus avós a haviam educado. Sentia total indiferença por qualquer tipo de credo, mas ficou obcecada com a ideia de que, se o homem a quem amava professava o islamismo, ela, em sinal de gratidão por tudo o que ele estava fazendo e como prova evidente de seu amor, deveria se converter. E assim fez. Converteu-se ao islamismo por amor.

Parou de fumar, de ingerir bebida alcoólica, de se vestir da maneira como fazia, de consumir carne de porco. Começou a rezar ao lado de seu marido e a frequentar a mesquita. Enfim, abandonou sua condição de mulher ocidental e ajustou-se aos cânones estabelecidos para a mulher muçulmana. E isso incluía, também, o uso do véu, o hiyab .

Alguns anos depois de sua chegada a Londres, María e Nasrad uniram suas vidas para sempre. Casaram-se no civil na capital britânica. Ela usava um longo e amplo vestido bege. Não se parecia em nada ao vestido com que sempre sonhara subir ao altar, mas não se importava. Estava ao lado do homem que amava como jamais conseguira amar alguém.

María e Nasrad casaram-se tendo apenas dois amigos muçulmanos como testemunhas. Ela não comunicou a ninguém de sua família que ia se casar. Debatia-se numa guerra de sentimentos opostos: de um lado, queria dividir com eles seu novo estado civil, torná-los partícipes da felicidade que sentia por ter encontrado o homem com quem queria passar o resto de sua vida e enchê-la de crianças; mas, de outro, tinha medo, e a ideia de que sua família se

opusesse e repudiasse aquela união a atormentava. Sabia que significaria um duro revés para eles, especialmente para seu pai, saber que a caçula da casa não só fora para Londres sem dizer nada a ninguém, como também se casara com um homem de origem muçulmana que nem conheciam e nem sequer sabiam da existência. Por isso decidiu deixar sua família de fora. Teria tempo de lhes contar tudo em outra oportunidade. Não queria que ninguém estragasse aquele momento. E menos ainda seus familiares, que deixara para trás prometendo não voltar enquanto não lhes pudesse provar que conseguira se transformar em alguém sem a ajuda deles.

Capítulo 3

A vida corria tranquilamente, sem grandes sobressaltos. María sentia-se feliz com sua nova condição de mulher casada e sua vida recém-iniciada. Estava praticamente integrada ao mundo muçulmano que vivia em Londres. Reuniam-se com frequência para trocar ideias e conversar ao redor de uma mesa de comida maometana; mas pouco a pouco foi notando que as mulheres se desinteressavam quando a religião e a política monopolizavam a conversa. María gostava de ouvir o que era dito ali. Sempre fora muito curiosa e sentia necessidade de saber mais sobre a sociedade da qual seu marido procedia. Toda vez que falavam da situação do Afeganistão, apontavam as dificuldades econômicas, sociais, políticas e religiosas que o país atravessava, doente de um câncer para o qual ninguém parecia, ou desejava, encontrar remédio. Em tais conversas, nunca se falava da situação da mulher naquele país, nem das necessidades que estavam vivendo, da dureza do regime talibã instalado no poder desde 1996, curiosamente o ano em que María decidira dar um rumo a sua vida e radicar-se em Londres.

Os participantes daquelas reuniões eram homens e mulheres muçulmanos que tinham abandonado seu país há muitos anos, a maioria quando os russos começaram a se apoderar daquela terra. Se María tivesse conhecido nesses encontros a verdadeira realidade do país de seu marido, quem sabe teria enfrentado seu destino de outra maneira, e dado outro rumo a sua vida.

Nasrad tentara convencê-la a parar de trabalhar fora e se concentrar nas tarefas do lar. Não se tratava de uma atitude machista, e sim amparada na convicção de que o dinheiro que Nasrad ganhava era suficiente para manter a família. Além do mais, mostrava-se convencido de que sua mulher se sentiria mais confortável em casa. E ela concordou, durante alguns meses, mas depois voltou ao trabalho. O dinheiro não era necessário

somente para comer, mas para outros gastos complementares. Todo mês Nasrad tinha de mandar dinheiro a seus pais e irmãos para que conseguissem tocar a vida, e também ajudava um sobrinho que acabara de chegar a Londres e que ainda não conseguira se estabelecer e arranjar um emprego. No fim, eram muitas despesas naquela casa de dois, e María decidiu voltar ao trabalho: primeiro porque gostava, pois ficava entediada em casa simplesmente porque sempre fora uma mulher ativa; segundo, porque uma ajuda econômica caíria bem. Além do mais, pensava que se manter ocupada a distrairia de uma ideia que a estava obcecando nos últimos meses: a maternidade.

María queria engravidar. Adorava crianças. Quando as via brincando no parque, sentava-se em um banco e não se cansava de observá-las. María tinha jeito com crianças, as entendia, sabia como tratá-las e cuidar delas, e a recíproca era verdadeira. Ela sentia-se feliz quando uma dessas crianças se aproximava para falar com ela ou para brincar.

Por isso, certa noite decidiu propor a seu marido enquanto preparava o jantar:

– Quero ter filhos, Nasrad. Quero ter muitos filhos com você. Quero uma casa cheia de crianças.

Nasrad achou a ideia maravilhosa, e ambos se comprometeram a fazer tudo o que estivesse a seu alcance para dar forma real àquele desejo compartilhado de aumentar a família. E decidiram não esperar muito para começar a concretizá-lo, e naquela noite mesmo selaram uma promessa.

Sobre essas e muitas outras coisas íntimas e privadas, María passava horas e horas falando animadamente com a única boa amiga que tinha em Londres, Julia, uma moça de origem indiana, que se sobressaía por sua beleza, e, em pouco tempo, transformara-se na fiel e compreensiva confidente de muitos segredos, dúvidas e

temores de María. Moravam no mesmo prédio, e eram muitas as tardes em que uma ia à casa da outra para tomar café ou chá, bebida à qual María custava a se acostumar. As duas gostavam de dividir muitas das coisas que as preocupavam e que lhes aconteciam. Julia era a única pessoa com quem María conseguia esquecer sua timidez e dar vazão a sua eloquência, algo que lhe custava muito com as demais pessoas. Nunca gostara de falar, de dar explicações sobre sua vida; não se sentia confortável, e seu comportamento e sua atitude perante a vida evidenciavam isso.

Julia lhe contava muitas coisas sobre seu país, detalhes e uma infinidade de histórias que a deixavam boquiaberta, porque lhe permitia soltar sua constante e excessiva imaginação. A amiga também dava sua opinião sobre os assuntos que a preocupavam sobre seu casamento, sua conversão ao islamismo, sua mudança de vida quase radical e seu desmesurado amor por aquele homem que conhecera na agência de emprego. Julia sempre encontrava palavras de ajuda, de consolo e de ânimo para agradá-la.

– Desde que você seja feliz, tanto faz o que os outros digam! Viva sua vida, porque ninguém poderá fazer isso por você. Ninguém, exceto você, pagará por seus erros ou por seus acertos. Jamais se esqueça disso, María.

Aos olhos de María, Julia era uma mulher sábia, culta e inteligente, que tinha resposta e solução, ou no mínimo uma explicação para tudo o que a perturbava. E foram muitas as vezes que Julia a advertiu para que soubesse lidar corretamente com o amor que sentia por Nasrad, que aprendesse a canalizá-lo a fim de obter os melhores resultados do relacionamento e da vida. Julia não tinha a menor dúvida de que María faria o que quer que fosse por seu marido. E iria aonde quer que fosse. E não se enganou.

Julia foi a terceira pessoa a saber da novidade. A primeira foi María, quando o ginecologista confirmou que os dois atrasos seguidos em seu ciclo menstrual correspondiam à gestação de seu

primeiro filho. Ela estava grávida e, quando ouviu a confirmação do médico, sentiu-se a mulher mais feliz do mundo. Na verdade, não havia passado muito tempo para começar a fazer sua família crescer. María estava feliz e não queria disfarçar. Tinha visto em muitos filmes como as mulheres preparavam momentos especiais para comunicar o estado de gestação ao marido e pensou em imitá-las de alguma maneira. Mas a impaciência e a vontade de contar a Nasrad que seu primeiro filho estava a caminho foram mais fortes que seus processos criativos, e não demorou nem três segundos para dividir sua felicidade com ele quando chegou em casa.

Foram só parabéns e felicitações. María irradiava felicidade. Não sabia o que mais podia pedir à vida, estava esperando um filho do homem que amava. Seria injusto pedir mais. Seria indigno queixar-se de alguma coisa. E assim decidiu não se queixar de nada.

María decidira viver intensamente sua gravidez. Queria que tudo desse certo. Propôs-se a desfrutar cada momento da gestação e ir, passo a passo, planejando como seria o nascimento de seu primeiro filho, comprometeu-se a não dar lugar à improvisação, pelo menos nas coisas importantes que afetassem o bebê.

Após os desconfortos normais dos primeiros meses, María conseguiu estabilizar seu corpo. Gostava de vê-lo mudar dia a dia e não parava de imaginar como seria a carinha de seu bebê, como estaria ali dentro, se seria menino ou menina, já que os exames médicos ainda não tinham conseguido dissipar suas dúvidas.

Um dia, Nasrad chegou em casa com uma proposta para sua esposa.

– María, acho que deveríamos ir ao Afeganistão para que minha família a conheça. Sei que não tenho mantido muito contato com eles, praticamente só tem existido o vínculo financeiro. Mas hoje recebi uma ligação de meu pai e o achei preocupado. Não deve estar bem, e me pediu que fôssemos vê-los. Será só por alguns dias.

Logo voltaremos para casa, para poder ter a criança. Além do mais, você está de pouco mais de cinco meses, não creio que haja problema em fazer essa viagem, que não durará mais de quinze dias. O que acha? Vamos? Assim, finalmente saberá onde fica o Afeganistão e como é a minha terra. Ainda me lembro de como você achou engraçado, em nosso primeiro encontro, o fato de eu ter nascido nesse país.

María fez um considerável esforço para convencer a si mesma de que seria divertido, mas, na verdade, aquela viagem não a enchia de felicidade nem tampouco de prazer. Absolutamente não a agradava, ainda mais estando grávida. Começava a sentir dor nas costas e falta de ar além do normal por causa do aumento de peso. No fundo, porém, sabia que Nasrad tinha razão, e faltavam ainda mais de quatro meses para dar à luz. Um dos seus defeitos era que nunca soube dizer não a seu marido, e daquela vez também não foi capaz de dizer.

A organização da viagem foi rápida. Em poucos dias tudo estava preparado: os passaportes prontos, os vistos concedidos, a licença trabalhista para quinze dias tramitada pela agência de emprego e as passagens compradas. Iriam até o Paquistão e dali cruzariam a fronteira com o Afeganistão, para depois chegar à cidade natal de Nasrad.

Nas horas que antecederam o início da viagem, María ficava cada vez mais nervosa. Sentia que tudo era muito precipitado, não entendia por que seu marido não lhe contara com mais antecedência sua intenção de fazer a viagem, mas não queria levantar nenhum tipo de dúvida nem de pergunta que pudesse contrariá-lo ou distraí-lo de seu desejo de viajar para sua terra natal. Na tarde antes da partida, María marcou de ver Julia para lhe contar seu local de destino e de estadia nos próximos quinze dias.

– Para o Afeganistão? María, não sei se, por causa de seu estado e das condições daquele país, lhe convém fazer essa viagem. Lá as

coisas não andam bem. E menos ainda para as mulheres. Estão em plena guerra, María. Vejo isso diariamente na televisão. Você não vê televisão, não ouve os telejornais? Você nunca esteve neste mundo, criatura?

No entanto, María não se interessava pelo que sua amiga e confidente Julia estava lhe contando. Sabia que tinha de ir, queria acompanhar Nasrad, não podia imaginar passar um único dia de sua existência sem a presença de seu marido, e preferia correr esse risco de que Julia falava e ao qual decidiu não dar muita importância.

– Voltaremos logo. Em dez ou quinze dias estaremos de volta. Nesse período não dá tempo de acontecer nada de ruim, não acha Julia? Você vai ver que, antes do que imagina, estaremos aqui conversando e eu relatando como foi bom estar naquele país. Se puder, vou lhe trazer uma lembrancinha, mas não prometo nada.

María começou a contar os dias que faltavam para a volta desde o momento em que Nasrad fechou a porta de casa e ela entrou no táxi que os levaria ao aeroporto. Mal tinha saído da sua rua e já sentia falta de seu lar. María segurou a mão de Nasrad com força, sem parar de olhar pela janela do carro. Algo a obrigava se agarrar a ele. Não sabia o que era, mas precisava apertar aquela mão e sentir que ele estava ali. E, assim, começava sua viagem.

Capítulo 4

María não tinha medo de avião, considerava-o um mero meio de transporte, e aquela, uma viagem como outra qualquer. Viajara muitas vezes com Nasrad e nunca sentira nem mesmo frio no estômago, nem lhe vieram pensamentos de acidentes aéreos, como acontecia com muitas pessoas que conhecera. Simplesmente fechava os olhos e imaginava como seria o país que encontraria em questão de horas e como se surpreenderia com sua gente. Assim ela tinha feito quando seu marido lhe dera de presente uma viagem surpresa ao Canadá. María não conhecia o continente americano nem aquele país de que tanto ouvira falar e pelo qual sempre se sentira atraída, como se soubesse que aquela terra encerrava algum tipo de mistério que ela só poderia descobrir no dia em que fosse até lá. Simplesmente se entusiasmara. Quando regressou, jurou que um dia voltaria, e que não se importaria de morar no Canadá durante um tempo. Ela, inclusive, escrevera isso em sua lista de coisas a fazer em médio prazo na vida.

Ela gostava de viajar, conhecer novas paisagens, fazer amizades com pessoas de língua, cultura e costumes diferentes. “Eu passaria a vida viajando. Com uma mochila, tênis confortáveis e meu marido ao meu lado. Não preciso de mais nada” ela pensou, imaginando algum dia protagonizar aquele sonho. Era tudo o que desejava. Viajar. Correr o mundo. Deixar-se capturar pelo novo, pelo desconhecido, e, se tudo isso estivesse envolvido pelo véu do mistério e da aventura, a ideia se tornava ainda mais atraente e agradável.

Mas agora era diferente. Desde que o avião que os levava até o Paquistão decolara de Londres, para depois seguirem até o Afeganistão, onde os pais e os demais familiares de Nasrad os estariam esperando, María sentia que aquela viagem seria diferente. Uma sensação estranha se alojara em seu estômago, que María logo relacionou com seu avançado estado de gestação. Estava com pouco

mais de seis meses de gravidez, mas o tamanho de sua barriga parecia evidenciar que o bebê que trazia em seu ventre tinha mais que isso.

No longo trajeto aéreo que os levou até o Paquistão, com duas escalas tão longas quanto chatas, não pôde fechar os olhos nem uma só vez, muito menos cochilar, algo que para seu marido não representou a menor dificuldade. Preferiu olhar pela janela do avião, conversar com seu marido quando o sono não o vencia primeiro, ou abandonar-se na tediosa e absurda leitura de uma das revistas que encontrou estrategicamente colocadas na parte de trás da poltrona à sua frente. María sempre abria essas revistas e ia diretamente à seção de venda a bordo. Gostava disso, primeiro porque alguns desses artigos a transportavam ao passado, quando ficava horas empacotando os relógios que depois apareciam nas páginas daquelas revistas – sempre tivera curiosidade de saber quem e como seriam as pessoas que adquiriam aquele produto – ; segundo porque ia escolhendo, entre a grande oferta de objetos, o que gostaria de comprar. “Esta colônia. Estes óculos. Estes chocolates. Este anel. Este creme nutritivo. Este lenço.”

“Este lenço”... Chamou -lhe a atenção um lenço vermelho e preto naquelas páginas coloridas. Passou a mão pelo que lhe cobria os cabelos e o pescoço. Escolhera para aquela viagem um azul-celeste. Simples, nada chamativo, tradicional e discreto. Seu marido lhe havia recomendado que levasse alguns, porque no lugar para onde estavam indo a cultura do véu não era algo opcional nem voluntário, como em Londres. Ali as mulheres o usavam por cultura, por respeito, por tradição, mas muitas também o faziam por medo e por obrigação. María, entretanto, desconhecia isso naquela sua primeira viagem à terra onde seu marido nascera.

Capítulo 5

Quando chegaram ao Paquistão, ainda restava um longo trajeto a percorrer. No aeroporto, o irmão de Nasrad os esperava para apanhá-los e levá-los até a fronteira do Afeganistão. María pôde ver a assombrosa semelhança entre seu marido e o irmão mais velho, mas a atribuiu também ao fato de ambos terem a pele de um tom amarronzado e uma longa barba que cobria parte de seu rosto. “Embora não se pareçam nos traços físicos, quase posso afirmar que são idênticos.” María achou engraçado que ali todos se parecessem por causa da indumentária e das características físicas que apresentavam.

Quando desceu do avião, ela experimentou uma onda de calor úmido que cada vez mais lhe trazia uma sensação de falta de ar que chegava a doer em seu rosto. Ela quis justificar o que sentia com a prolongada duração da viagem e sua gravidez. Foi como se, mal tivesse posto um pé em terra, um calor sufocante incontrolável e inesperado se apoderasse dela e não a quisesse abandonar nem por um momento.

– Você está bem, María?

O interesse e a preocupação de Nasrad responderam à súbita lividez que o rosto de sua mulher adquirira.

– Claro. Só um pouco de calor. Só isso. Você não está com calor?

Nasrad não respondeu. Com certeza sequer a tinha ouvido, pois a pergunta chegou junto com o encontro entre Nasrad e seu irmão. María pôde ver, em um privilegiado segundo plano, seu marido e seu cunhado se abraçando e se beijando. Ficaram conversando durante um tempo. María sentiu-se um pouco incomodada durante alguns

segundos, mas entendia que Nasrad não via sua família havia muito tempo, o que justificava sua demora em fazer as apresentações.

Quando por fim sua presença foi percebida, María ouviu seu marido, pegando-a pelo braço, dizer algo ao irmão, e este, por sua vez, sorrir-lhe e lhe dirigir algumas palavras em um idioma estranho, que apenas os dois homens conheciam. Não houve beijos, nem abraços, nem apertos de mãos, apenas sorrisos e gentis gestos para que entrassem em um carro. María não soube se a gente dali era tímida, seca, pouco amistosa, na hora de se conhecer, ou se simplesmente não era acostumada em demonstrar entusiasmo ao dar as boas-vindas. Ela não pôde entender por que o irmão de Nasrad beijou seu marido, enquanto para ela restou somente a intenção de um beijo. "Deve ser normal aqui. Estou em outro país, e aqui impera outra cultura. Mas alguém podia ter me explicado", ela pensou, mas sem dar maior importância ao fato.

Estava muito entretida vendo o ir e vir daquela gente pelo aeroporto. Chamou sua atenção o fato de todas as mulheres cobrirem a maior parte do corpo, e alegrou-se por estar vestida de acordo com os costumes daquele país.

Acariciou seu ventre durante alguns segundos. Esse gesto maternal sempre lhe fazia bem, trazia-lhe força e segurança, era como uma recarga da dose de ânimo e coragem de que precisava, e imediatamente se desenhava um sorriso em seu rosto.

Foram muitas horas de viagem de carro que María, Nasrad e seu cunhado percorreram até chegar à fronteira com o Afeganistão. Seu marido lhe explicara que não iriam até sua cidade natal, no Afeganistão, porque lá a situação estava se complicando e não queria correr riscos desnecessários. Seu único interesse, pelo menos nessa viagem, era que ela conhecesse seus pais e parte de sua família, passar uns dias, quem sabe um mês, com eles e depois voltar para Londres para que pudesse dar à luz seu primeiro filho.

Por isso haviam decidido que os pais de Nasrad e alguns de seus irmãos e irmãs iriam até uma cidadezinha localizada quase no limite entre os dois países, Afeganistão e Paquistão, onde viviam outros parentes de Nasrad.

Capítulo 6

Atravessar a fronteira foi um pouco confuso. Chamou a atenção de María a grande fila de pessoas que esperavam para poder cruzar aquele limite. Quando por fim conseguiram, María notou que seu marido estava irritado, e não parava de falar com o irmão, demonstrando sua contrariedade. Mais tarde, soube que atravessar a fronteira custara a Nasrad tanto quanto a viagem de Londres ao Paquistão, com o que seu marido não concordava nem um pouco.

Por fim, chegaram à cidade que se tornaria seu alojamento temporário. Não era muito grande nem se via nas ruas muita animação, mas María pensou que talvez o horário fosse mesmo de pouco movimento.

Enquanto avançavam, teve a impressão de que a construção que surgia timidamente em seu campo de visão era uma casa de campo. Não tardou muito para comprovar que a casa era um lar modesto, humilde e sem grandes luxos, ou melhor, nenhum.

Foi ali que María conheceu os pais de Nasrad. Primeiro lhe apresentaram o pai, que lhe pareceu um homem encantador, bonachão, embora um pouco calado e tímido. Depois Nasrad lhe apresentou sua mãe. María sabia que devia se dar bem com aquela mulher. Conhecia perfeitamente a lenda negra que corria no mundo todo sobre as sogras e, embora soubesse que não a veria muito, queria ter nela uma aliada, não uma inimiga. Sabia que aquela mulher tinha dado a vida ao homem que amava e que, se não fosse por ela, María jamais encontraria a felicidade.

O primeiro contato foi cordial, mas um pouco estranho. Para María a situação era desconfortável, e ela tinha certeza de que seu desconhecimento total e absoluto do idioma nativo não lhe permitia

maior cumplicidade com a família de seu marido. Sentiu-se contrariada, mas teve de aceitar o fato.

Durante as duas primeiras semanas naquele lugar, María investia parte do tempo em tentar agradar sua sogra e conseguir uma aproximação. Nasrad lhe falara dela, de como praticamente sozinha criara toda a família, do esforço e trabalho que se vira obrigada a fazer para alimentar todos os seus filhos e de como conseguira vencer as dificuldades diante da guerra e a escassez quase permanente que acompanhou sua família. María a admirava e se esforçava para que ela notasse, mas não pôde ter certeza de que conseguia.

O resto do tempo passava com seu marido. Raras vezes se separava dele. Praticamente não saíram daquela casa, o que contribuiu para aumentar o tédio que María sentia desde que se levantava até se deitar novamente.

Não bastasse o tédio, María sentia-se cada vez mais desconfortável por causa da gravidez; seu peso aumentara, complicando ainda mais seus movimentos. O que mais a preocupava, porém, era que, já há uma semana, parecia que algo exercia uma constante pressão sobre seu ventre. A azia que a acompanhava há dois meses se acentuara, provocando-lhe um constante mal-estar físico. Ela não via a hora de finalmente voltar a Londres e terminar ali o ciclo de sua primeira gravidez.

Certa noite, María não conseguiu mais esconder seu evidente mal-estar. As dores eram muito fortes. Nasrad falou com seu irmão, que era médico e tinha conhecimentos suficientes para entender a situação em que sua mulher se encontrava. Ele estava preocupado, e María odiava aquela situação. No entanto, quando soube do diagnóstico de seu cunhado, não pôde mais pensar em seu marido.

Simplemente não podia acreditar no que seu marido estava traduzindo, tentando ser o mais otimista possível, mas sem sucesso.

– María, meu irmão diz que seu estado está muito avançado para fazer uma viagem de avião, e que pode ser prejudicial para o bebê. Acha que não falta tanto tempo para dar à luz como acreditávamos, e que o bebê não demora para chegar. Aconselha-nos a ficar até chegar esse momento. Depois, quando você se recuperar, poderemos ir.

María sentiu que aquela notícia acabava de roubar o oxigênio de que seus pulmões necessitavam e que seu coração havia parado. Aquilo não se encaixava em seus planos. Era desgosto demais.

– Aqui? Mas isso é impossível. Não posso ter nosso filho aqui, Nasrad. Não posso. Não passei por nenhuma consulta aqui! Sequer sei realmente onde estou! – María não acreditava que estava vivendo aquilo; não podia ser verdade. – Não posso. Não posso, e não quero. Quero ir para casa, Nasrad, e quero fazer isso agora mesmo. Quero ter meu filho em Londres. Tal como havíamos planejado.

María chorou por toda aquela noite, remoendo a inacreditável situação em que se encontrava. Não entendia por que não podia voltar o quanto antes a Londres, e se negava a acreditar naquele diagnóstico.

Entretanto, não teve alternativa senão aceitar e confiar nele, principalmente quando, dias depois daquela notícia, foi notando que a pressão que sentia em seu ventre se deslocara até se alojar em sua vagina. Pensou que talvez o irmão de Nasrad tivesse razão e que seu primeiro filho chegaria antes do previsto. Era doloroso e traumático que aquilo acontecesse naquelas terras desconhecidas e estranhas, mas a realidade pesava muito, e ela simplesmente teve de aceitar.

Capítulo 7

María não parava de pensar sobre como seria o parto e em que lugar daria à luz seu primeiro filho. Sentia-se aterrorizada, angustiada por saber que seu filho nasceria naquelas terras, em meio a pessoas que lhe eram estranhas. Como queria poder contar, naqueles momentos, com a companhia e o conselho de sua grande amiga Julia, que certamente a reconfortaria com suas sábias palavras e lhe explicaria como seria tudo e como reagiria quando chegasse o esperado momento. Mas Julia estava longe, tão longe quanto seus desejados planos de ter seu filho em Londres. María decidiu, finalmente, conversar com seu marido.

Nasrad falou com sua cunhada, a mulher de seu irmão médico, que tinha algum conhecimento adquirido observando o trabalho do marido. Além do mais, era ela a encarregada de cuidar das mulheres da família que adoeciam, já que o homem não podia tratar de uma mulher, conforme impunha a lei talibã.

Um dia, María decidiu propor a ideia de ir ao hospital e se consultar com um ginecologista, para que lhe dissesse como ia sua primeira gravidez. Estava prestes a dar à luz, e sequer consultara um especialista. Quando seu marido fez a proposta aos membros de sua família, todos ficaram olhando para ele como se de seus lábios tivesse saído a maior injúria do mundo. Trocaram olhares como se não pudessem acreditar no que seus ouvidos escutavam. Até que alguém decidiu explicar a Nasrad o que estava acontecendo, e ele tentou à sua esposa. Foi difícil encontrar as palavras, mas optou pela verdade em vez das falsas esperanças que poderiam representar uma dificuldade a mais para María.

– María, o que vou lhe dizer complica ainda mais nossos planos, mas você precisa ser forte e saber que eu estarei com você durante todo esse tempo – Nasrad engoliu em seco e começou a lhe explicar

o que sua família dissera. – Vai ser impossível passar por um médico e também dar à luz em um hospital. Tire isto da cabeça María. Esqueça. Quanto antes o fizer, melhor. Você está no Afeganistão, que em nada se parece com o mundo do qual viemos.

Aqui é proibido que uma mulher pise em um hospital e seja atendida pelas mãos de um homem, os únicos que podem exercer a medicina. As mulheres foram proibidas quando os talibãs se instalaram no poder. Aliás, mandaram embora as médicas que exerciam há tempos a profissão e lhes negaram o direito de seguir qualquer outra carreira. Por isso, nenhum médico especialista pode vê-la nem você vai poder dar à luz em um hospital. María, neste país as mulheres têm seus filhos em suas casas, sem qualquer atendimento médico.

Nasrad parou de falar, mas, ao ver a expressão de tristeza no rosto de María, sentiu que devia continuar falando. Pegou suas mãos em um gesto de cumplicidade e a apertou como se quisesse lhe transferir toda a força e o apoio que suas palavras estavam lhe roubando sem piedade alguma. E então prosseguiu:

– É impossível, María. Esqueça. Minha mãe a ajudará como ajudou todas as mulheres de minha família. E quero que saiba que também estarei com você. Não se preocupe. Tudo vai dar certo.

Aquela explicação de Nasrad despedaçara por completo o sonho de María de dar à luz em um hospital, como sempre tinha imaginado que aconteceria, como estabelecera em sua cabeça, como achava ser seu direito, como qualquer mulher. Mas, ao que parecia, naquele país nada seria como imaginava.

Capítulo 8

Chegou o dia em que María sentiu-se rasgar por dentro. Parecia-lhe que uma espécie de rio selvagem corria entre suas pernas, e a dor a obrigava a se dobrar, impedindo-a de se manter erguida.

As mulheres correram para ajudá-la, levando-a até um quarto da casa que dias antes tinha sido arrumado com alguns colchões e mantas, depois de ficar resolvido que María teria seu filho naquele lugar.

Ela chorava, gritava, praguejava, não conseguia aguentar a dor e, o que lhe pareceu pior, sabia que nada lhe dariam naquela circunstância que pudesse acalmá-la. María tentou ficar tranquila, mas foi impossível. Esforçava-se para obedecer, seguir as ordens que suas cunhadas lhe davam quanto à respiração, mas era muito complicado, porque não entendia a língua que falavam e, para piorar, Nasrad não estava ali para traduzir. Sua presença no parto fora proibida pelas próprias mulheres.

María tentava pôr em prática o que tinha visto mil vezes nos filmes. Pelo menos conseguia respirar, no ritmo certo para a inspiração e expiração, seguindo facilmente os gestos das mulheres que a acompanhavam.

Quando sua sogra lhe disse que a cortaria um pouco para que o bebê saísse com mais facilidade, María se reclinou, fechou os olhos e se colocou nas mãos de Deus. Só queria que aquilo acabasse logo. Sentiu a navalha rasgar sua carne, mas, ao contrário do que pensava, quase não sentiu dor. As dores do parto eram tão fortes que com certeza a anestesiaram. Quando a sogra acabou de cortá-la, tudo foi mais rápido. No exato momento em que María achou que ia desfalecer e finalmente se despediria do mundo, ouviu a voz de

sua sogra: “É um menino, María. Você teve um filho. Pequeno, mas saudável, não lhe falta nada”.

María passou cinco horas em trabalho de parto, que lhe pareceram três meses, e isso porque o parto, embora com mais dores do que havia imaginado, não apresentou nenhuma complicação séria. Sua sogra colocou seu filho sobre seu peito para que o conhecesse. Alguém já o lavara e enrolara em um pano limpo. María, com as poucas forças que lhe restavam depois das cinco horas de esforço, separou as dobras do pano que cobria o corpinho de seu filho para assegurar-se de que tudo estava bem, tal como sua sogra dissera. Enterneceu-se quando viu as perninhas, os bracinhos e o umbigo volumoso. Estranhou que fosse tão pequeno, mas pensou que não podia esperar mais de um menino tão prematuro. Calculou que devia pesar aproximadamente dois quilos. Desejou que seu filhinho tivesse nascido na Europa para que o pesassem, medissem, verificassem se seu estado era bom, e se assegurassem de que tudo estava bem e que nenhum problema ameaçaria a vida de seu filho. Gostaria que uma enfermeira o pegasse para colocá-lo em um berço limpo e preparado com toda riqueza de detalhes ao lado da cama de sua mãe, e dispensasse ao bebê todo tipo de mimos e cuidados que os recém-nascidos devem ter, e lhe entregassem a carteirinha de vacinas a que toda criança tem direito. Mas ali não. Ali não havia médicos, nem tratamentos, nem vacinas. Não havia nada, exceto uma mulher recém-parida e um filho recém-nascido. Naquele momento, sobreveio-lhe um temor que até então não aparecera. Teve certeza de que o bebê morreria, que era muito pequeno e indefeso para sobreviver naquele lugar e naquelas circunstâncias. Queria chorar, mas já não lhe restava mais líquido algum. Beijou-o, abraçou-o encostado em seu rosto e pensou na felicidade de Nasrad ao saber que tivera um filho homem. O sexo de seu filho tinha sido algo que nenhum ginecologista em Londres pôde afirmar com segurança e, por isso, quando sua sogra lhe disse que tivera um menino, ela se alegrou por seu marido, que sonhava com um filho homem. Nasrad comentara, durante a viagem, que na civilização na qual nascera ter uma menina era muito problemático.

Ninguém queria meninas. Não serviam para nada. Por outro lado, os meninos cresceriam, ajudariam a manter financeiramente o lar e cuidariam dos pais quando estes ficassem velhos e não pudessem se valer por si mesmos. María achou horrível aquela mentalidade e agradeceu por não ter de viver em um país onde repudiavam um recém-nascido pelo simples fato de ser menina.

Depois de alguns segundos, as mulheres tiraram o bebê de seus braços, porque tinham de cuidar dela. Não houve pontos para unir a carne dilacerada depois do parto. Sua sogra untou a ferida aberta com uma espécie de pasta feita à base de ervas naturais, água e barro, para que cicatrizasse o mais rápido possível. Ordenaram-lhe que ficasse com as pernas juntas, completamente quieta, e alguém trocava aquele curioso cataplasma por um novo a cada duas ou três horas. María estava imensamente cansada e dolorida, e só tinha vontade de abandonar-se ao sono. Mas a agitação ao seu redor era tal que custou a dormir. Finalmente fechou os olhos e, embora notasse um incômodo ardor na ferida do parto, tentou dormir, não sem antes pensar em como teria sido diferente aquele parto em Londres, em Mallorca ou em qualquer lugar que não ali. “Até na Idade Média deviam viver melhor e dariam à luz seus filhos em outras condições.”

Nasrad a acordou com um beijo na testa. Seu marido acariciava seus cabelos, que ela sentia úmidos, sem dúvida pelo suor acumulado durante o esforço do parto e pela febre que ainda tinha.

– Viu seu filho? – ela perguntou, sem saber que seu olhar já expressava um halo de maternidade.

– Sim. É lindo. Obrigado, María. Muito obrigado. Você me fez o homem mais feliz do mundo. Devo tudo a você.

Pela primeira vez María viu seu marido chorar, e aquela descoberta indiscreta a encheu de alegria e desenhou-lhe um sorriso que ficou iluminando seu rosto durante boa parte da tarde. Nasrad

não parou de beijar e acariciar sua mulher, de fazer-lhe confidências no ouvido sobre um futuro melhor e, claro, longe daquele lugar. Ela apertava a mão de seu marido, queria assegurar-se de que não saísse de seu lado. Não podia parar de pensar que tudo teria sido mais simples e suportável se ele tivesse ficado a seu lado no momento do parto, para ajudá-la, apoiá-la. O mero som de sua voz a teria tranquilizado bastante, como sempre costumava acontecer.

Mas estava contente e esperançosa.

Já tinha feito o mais difícil, dar à luz seu filho. Agora, restava apenas recuperar-se do parto e planejar a volta para casa. E então seriam três. María sorriu ao pensar que já formavam uma verdadeira família.

Aquele pensamento pleno de felicidade transportou sua mente, durante alguns minutos, a sua Mallorca natal. Pensou em como seu pai se sentiria feliz ao saber que agora tinha um neto.

Capítulo 9

Nos dias seguintes, o corpo de María ainda estava se recuperando, mas seu marido lhe falou da proximidade de uma festa à qual não era conveniente que faltasse, a celebração que sua família tinha preparado pela chegada de seu primeiro filho. Nasrad explicou-lhe, em poucas palavras, em que consistia a curiosa cerimônia. Quando ele terminou, María continuou sorrindo, e com dificuldade abriu os olhos e pensou: "Que horror! Vão fazer isso com meu pobre filho?". Sabia que não podia se opor a que a família fizesse a recepção tradicional ao seu novo membro.

Assistiu a todo aquele ritual com certa sensação de angústia e de medo do imprevisível, apesar do que Nasrad lhe dissera. Ou justamente por isso.

Tal como lhe contara, pouco depois de o bebê nascer seus familiares colocaram debaixo de sua linguinha uma espécie de pasta de tâmara, de textura similar à da geleia, que tinham feito horas antes, que María não tinha visto porque estava exausta depois do esforço durante o parto. Depois de sete dias, o ritual prosseguiu, e foi quando um parente sussurrou no ouvido direito do bebê uma prece em sua língua natal. María não conseguiu entender nada, e seu marido comentou que eram só parabéns e desejos de um futuro melhor. Ela não compreendeu muito bem, mas preferiu não perguntar mais, era uma prece tradicional, e ponto.

Depois de todos os membros da família se reunirem para rezar, com a tradicional separação entre homens e mulheres, estas ocupando sempre um lugar atrás dos homens, deram ao bebê o nome escolhido por Nasrad, Abdulah, com o qual María havia concordado. A partir daquele momento, a festa começou.

Surgiu em cena um homem que María não tinha visto antes. Julgou que não era ninguém pertencente à família, e sim um amigo que se encarregaria de levar a cabo a oferenda em homenagem ao nascimento de Abdulah, ou seja, degolar um cordeiro diante de todos.

A visão do sangue jorrando da profunda fenda do animal desagradou-lhe tanto, que por um momento temeu perder o equilíbrio e a consciência. Mas, de repente, aquela visão lhe pareceu brincadeira de criança ao perceber que aquele homem pretendia untar com o sangue do animal os pés, as mãos e também a cabeça de seu filho. E fez isso diante dela, enfim vencida pelos acontecimentos, paralisada por uma estranha força. María não via a hora de tirar de seu bebê todo aquele sangue seco que formara uma desagradável crosta em contato com a areia, porque, seguindo as indicações de não sabia exatamente quem, fizeram que as extremidades de seu filho manchadas de sangue tocassem a terra daquele lugar.

No entanto, esperou para limpá-lo, a fim de não ofender as crenças e a dedicação com que todos ali estavam realizando o ritual de boas-vindas a seu filho.

Quando todos ficaram absorvidos e entretidos na preparação da comida, abundante como nunca – aquilo também chamou sua atenção, por que até então não tinha visto tamanha quantidade de alimento desde que chegara – , ela se afastou com seu filho no colo para retirar o máximo possível do sangue do animal que ainda manchava suas mãos e pés. Como não encontrou água suficiente, decidiu limpá-lo com a própria saliva.

E assim transcorreu o primeiro dia de festa por ocasião do nascimento de seu filho. Naquela mesma noite María perguntou a Nasrad quando imaginava que deixariam aquele país. Queria que seu filho passasse por um médico, e ela também precisava. Tinha medo de uma possível infecção dadas as condições do parto, e

precisava se assegurar de que o bebê não tinha nenhuma anomalia. Seu marido lhe prometeu que em alguns dias voltariam para Londres, o tempo suficiente para que ela se recuperasse totalmente e pudesse viajar em condições físicas adequadas.

E assim fizeram.

Capítulo 10

A partir dali os dias foram difíceis para María. Nenhum profissional foi ver-lhe, nem a seu filho, para verificar se tudo ia bem e se sua recuperação estava sendo bem-sucedida. No terceiro dia após o parto, ela já preparava e colocava ela mesma a pasta de ervas, água e barro que ajudava a cicatrizar a ferida. Suas cunhadas insistiam em dizer que a maneira como trouxera ao mundo seu primeiro filho era, sem dúvida, a melhor. Para convencê-la, não hesitaram em lhe contar histórias de mulheres que tinham falecido depois de se confiarem às mãos dos curandeiros e feiticeiros do lugar, então o que existia de mais parecido a um médico naquelas paragens, embora não tivessem nem estudos nem preparo e baseassem sua medicina nas tradições rurais transmitidas de geração a geração. Uma de suas cunhadas até lhe mostrou a enorme e disforme cicatriz que ostentava de cima a baixo de seu ventre por causa de uma cesárea feita por um desses bruxos que afirmava ser médico. Quase morreram, ela e seu filho, e de recordação aquele impostor lhe deixara aquela cicatriz que a acompanharia pelo resto de seus dias, para fazê-la se lembrar de que um dia cometera a imprudência de se entregar a mãos ignorantes.

María, ao ver aquela cicatriz horrenda, consolou-se pensando que pelo menos ela não tivera complicações durante o parto e que sua ferida, embora estivesse naquele estado assustador, permaneceria oculta. Ela não voltou a mencionar a possibilidade uma consulta médica, enterrando para sempre esta opção até sua volta a Londres.

Sua sogra ajudou-a bastante naquelas primeiras semanas após o parto. Como María não tinha muito leite em seus seios, porque a criança nascera muito prematura e seu organismo não teve tempo suficiente para produzi-lo para alimentá-la, a mãe de Nasrad a ajudava fervendo leite de cabra, acrescentando um pouco de água e

colocando-o depois na membrana de uma mama arrancada de um animal para que pudesse fazer as vezes de mamadeira, complementando assim seu leite materno.

María tinha por sua sogra um sentimento semelhante a admiração. Via que maus bocados ela mesma passara, e continuava passando com o nascimento de seu primeiro filho, e pensou em quanto a sogra devia ter sofrido para dar à luz e criar doze filhos – nove meninos e três meninas – , e, além do mais, em plena migração de uma cidade a outra, fugindo da guerra, das ocupações e dos problemas que tudo isso acarretava.

Enquanto alimentava seu filho, María pensava com muita frequência em sua família. Fazia muito tempo que não falava com os seus. Sequer lhes contara sobre seu novo estado civil e muito menos a gravidez. Eles nem sabiam que ela havia ido para Londres, e tampouco tivera oportunidade de lhes comunicar seu paradeiro ou sua situação. Queria poupá-los de desgostos e preocupações e, se dividisse com eles sua vida atual, sem dúvida os alarmaria.

Passava horas pensando em como seu pai se sentiria feliz ao saberse avô. Este era um dos incentivos com que María contava, e a ele se agarrava com força e com grande dose de expectativa e esperança. Prometeu a si mesma que, assim que saísse daquele lugar, uma de suas primeiras providências seria visitar sua família em Mallorca. Já era hora de normalizar sua situação familiar. Agora, com seu filho no colo, entendia melhor que nunca, sabia o que significava cuidar de uma família. E achou que já tinha passado muito tempo sem vê-los e sem lhes dedicar o tempo necessário.

Capítulo 11

Finalmente chegou o desejado dia em que María se sentiu totalmente recuperada e pôde viabilizar sua imediata volta para casa. Haviam se passado dois longos meses desde que chegara ao Paquistão, era hora de voltar. Nasrad encarregou-se de realizar todos os trâmites relacionados à viagem de volta.

A despedida foi rápida e gentil. María levava seu filho no colo e não podia nem queria se desprender do sorriso que iluminava seu rosto.

Viajaram no mesmo carro que o irmão de Nasrad usara para buscá-los na chegada ao país. María mal olhou a paisagem pela janela do automóvel. Parecia só ter olhos para seu filho.

Quando chegaram ao aeroporto, María e Nasrad despediram-se do irmão, o único que os havia acompanhado. Também naquela ocasião não recebeu beijos nem abraços de seu cunhado, mas sequer estranhou. Desta vez seus braços estavam cheios. E não cabia ninguém mais.

Quando chegaram a Londres, uma fina, mas intensa chuva lhes deu as boas-vindas, e María não pôde deixar de entendê-la como um bom presságio, e sorriu.

Dedicou os dias seguintes a apresentar seu bebê aos conhecidos. A primeira foi sua amiga Julia, que não podia acreditar quando soube em que condições havia trazido aquele bebê ao mundo. E isso porque María não dramatizou, decidida a poupar vários detalhes que teriam escandalizado ainda mais sua amiga já atônita.

– Eu disse que você seria capaz de qualquer loucura por esse amor que sente, e vejo que não me enganei mesmo. – Julia achou que era o momento de insistir em sua recomendação amistosa. –

María, nunca conheci alguém como você. Jamais achei que uma pessoa podia levar sua paixão tão longe como você leva. Tenha cuidado com esse amor e até onde ele pode levá-la.

María estava feliz, uma mãe orgulhosa, e adorava aquilo. Todos os dias fazia intermináveis passeios com o carrinho do bebê. Percorria os parques, as ruas, as praças. Sentia necessidade de mostrar a seu filho tudo o que aquela cidade punha diante de seus olhos, e também ela reconhecia em si a necessidade de comprovar, cada dia que acordava, que efetivamente se encontrava em Londres e que a aventura vivida no Afeganistão tinha ficado para trás. Como uma recordação. Como um episódio passado e superado.

María não esqueceu a promessa que fizera a si mesma quando ainda estava no Afeganistão. Sabia que não queria nem podia demorar muito mais para organizar a viagem para finalmente visitar seus familiares em Mallorca. Não conseguia parar de pensar neles, principal mente quando estava com seu bebê no colo. “Como estará meu pai? Será que me perdoou por eu partir sem explicar nada? Certamente, quando me encontrar, virá com uma de suas conversas sobre responsabilidade que tanto lhe agradam e que, na mesma medida, me tiram do sério. Mas vai se acalmar assim que conhecer o neto. Vai ficar maluco! Ele gosta tanto de crianças! E minha irmã Rosie, e meu irmão Pedro? Eles com certeza compreenderão. Já devem estar acostumados. São tão bons! Na verdade, quero muito vê- los.”

María pegou uma agenda marrom que guardava em uma das gavetas de um pequeno console que havia em seu quarto.

Sabia que ali encontraria o número do telefone de sua irmã Rosie. Sabia desde que chegara a Londres, e nos quase sete anos em que decidira manter silêncio e distância de sua família. Houve muitos momentos em que esteve tentada a abrir esse caderninho repleto de histórias passadas e teclar aquele número que representava o encontro com a família, mas nunca encontrou forças

suficientes nem necessidade para finalmente fazer essa ligação. Porém, agora era diferente. Queria, precisava fazer aquilo.

Procurou rapidamente o telefone nas folhas daquela caderneta. Enquanto fazia isso, não entendeu a razão da busca, porque se lembrava perfeitamente do número de sua irmã Rosie. No entanto, continuou procurando, julgando sentir-se mais segura; gostava de se ver adiando encontrar aquele número e procurando essa informação que estava gravada em sua memória há muitos anos. Rosie era a pessoa que, não importava o que acontecesse, sempre estaria disposta a ajudar. Nunca falharia.

María sorriu quando encontrou o número. Ao lê-lo, certificou-se de que sua memória não falhara. Passaram por sua mente inúmeras vivências com sua irmã que começaram tecendo aquele número. E assim tornou a fazer.

– Rosie? É María. Sua irmã.

Durante alguns segundos, María só ouviu um longo e interminável silêncio, que a fez temer que, ou se confundira ao teclar, ou aquele número já não era o de sua irmã depois de tantos anos. Mas não se enganara.

– María? É mesmo você? Não posso acreditar. María, quanto tempo passou? Por que não ligou antes? Você está bem? Onde...

– Rosie, não me faça mais perguntas, senão não vamos ter o que conversar quando nos virmos. Pensei, se vocês concordarem, em ir até Mallorca para fazer uma visita. Rosie, tenho muitas coisas para contar. Eu me casei e tenho um filho.

Rosie não sabia se lhe dava os parabéns ou jogava-lhe na cara o fato de não lhe ter dito nada até então. Mas decidiu continuar ouvindo.

– Quero que vocês o conheçam. O que acha? Posso ir? Rosie achou estranho que sua irmã lhe perguntasse pela possibilidade de fazer alguma coisa, já que sempre fizera o que queria sem pedir licença nem dar explicações.

– É claro, María. Como não vou achar ótimo? Mas onde você está? De onde está ligando? Onde esteve durante todo esse tempo?

– Estou em Londres. Moro aqui. Mas já disse para não me fazer mais perguntas agora. Olha, vou a uma agência de viagens comprar a passagem e, quando souber o dia e a hora, torno a ligar para lhe dizer. A propósito, como está papai?

– Está bem. Com seus achaques, como sempre. Mas com certeza vai ficar muito contente de vê-la. Como todos nós, María.

– Eu também ficarei feliz de poder ver todos vocês. Ligo em alguns dias para dizer quando viajo, Rosie. Quero muito ver você.

María começou a organizar sua viagem. Decidiu que o mais conveniente seria ir sozinha, apenas com seu filho, e assim comunicou a seu marido. Nasrad entendeu perfeitamente o desejo – ou melhor, decisão – de sua mulher.

María continuava sentindo certo temor de uma possível rejeição da família, especialmente de seu pai, pela raça e religião de seu marido. Compreendia que a surpresa seria grande e não queria dissabores ou discussões, nem tensão no reencontro com sua família. Por isso também decidiu não ir de véu, não podia nem queria imaginar a reação deles quando a vissem chegar com aquela indumentária. Não esperava que eles entendessem se a vissem completamente enrolada, até a cabeça, com aquele véu. Não, sua história era muito longa e complicada, e precisava lhes contar com calma. Precisava de mais tempo e, principalmente, de vontade para explicar a sua família o porquê daquela transformação tão radical. E aquela ideia também não a agradava muito. “Irei pouco a pouco. Não quero pressa. Será melhor assim.”

Decidiu tirar do armário seus jeans e suas camisetas, aquelas de que tanto gostava quando chegara a Londres, e escolheu as mais bonitas. Mas aquilo pouco lhe serviu. Percebeu que a maioria das roupas estava fora de moda e que depois do parto suas medidas tinham aumentado, e tudo ficava apertado. Saiu para comprar roupas novas, e aproveitou para adquirir alguns presentes para sua família.

Poucos meses após sua chegada do Afeganistão, María tornava a entrar em um avião. Desta vez com o filho no colo e com destino ao aeroporto de Mallorca. Despediu-se de Nasrad, que a acompanhou até o aeroporto e não parava de observá-la pela forma como estava vestida. Não era um olhar de desaprovação. Simplesmente fazia anos que não via sua mulher vestida daquela maneira, e custava-lhe reconhecê-la. Mas achava engraçado.

– Veja se volta, não vá me abandonar aqui em Londres – Nasrad brincou.

– E se fosse assim, você me buscaria como nos filmes, para me trazer de volta para você? – María lhe deu corda.

– Não sei. Vestida assim... não sei.

Ambos se beijaram e María lhe prometeu que manteriam contato. Passaria aproximadamente um mês com sua família, ou quem sabe um pouco mais, aproveitando o bom tempo que o verão sem dúvida levaria até a ilha.

Para María, a viagem pareceu curta, levando em conta suas últimas, perdidas em incontáveis escalas que a extenuaram ao extremo. Dessa vez não. Foi um voo rápido e simples, e ela agradeceu mais pelo bebê que por si mesma.

O reencontro com sua família, depois de tantos anos, foi cordial e cheio de emoções. Sua irmã Rosie e seu irmão Pedro foram buscá-la no aeroporto. Em casa, seu pai a esperava. Rosie explicou-lhe que

ele não se sentia bem há alguns dias e preferiu ficar em casa para esperá-los.

Quando finalmente chegaram à casa da família, María fundiu-se em um forte e longamente esperado abraço com seu pai. Imaginara aquele momento diversas vezes, e de muitas maneiras. Mas, sem dúvida, aquele instante superou o que sua imaginação criara para tão comovente ocasião. A emoção se multiplicou quando o pai de María pegou o neto no colo. Não conseguia parar de beijá-lo, de falar com ele, cobri-lo de mimos, observar todos e cada um de seus movimentos infantis, rir com suas gracinhas. Olhava para ele como se fosse um presente de Deus, como se aquela fosse a maior e melhor surpresa que jamais recebera na vida. Seu pai estava feliz por ter sua filha em sua casa e por não ter chegado sozinha. O neto parecia ter lhe devolvido a saúde, que, segundo Rosie, fora perdendo nos últimos meses. Não hesitava em se jogar no chão para brincar com o bebê. Oferecia-se como voluntário para lhe dar banho, alimentá-lo, vesti-lo, levá-lo para passear pela rua. Simplesmente adorava exhibir seu neto.

O que não lhe agradou tanto, embora também não tenha insistido em deixar transparecer muito, é que sua filha, a menina dos seus olhos, tivesse se casado com um muçulmano. A notícia não lhe caiu bem, mas não quis discuti-la. Não entendia por que sua filha não tinha encontrado alguém da mesma religião, com os mesmos costumes e com a mesma concepção de vida. E isso porque María não contou detalhes sobre sua nova vida, embora tivesse prometido a sua irmã que a sós conversariam sobre isto. Ao contrário. Não lhes contou nada sobre sua conversão ao islamismo, o uso do véu e muito menos sua viagem ao Afeganistão e sua experiência como mãe de primeira viagem naquelas terras. Tinha certeza de que seu pai não veria tanta graça naquilo como quando dizia a seus conhecidos, meio de brincadeira, mas também como forma de minimizar a importância do assunto para tentar aceitá-lo melhor: “Minha filha se casou com um mouro. E acabou. Casou-se com um mouro, e ponto final”.

As semanas passaram rápido, e María decidiu não prolongar mais sua estadia em Mallorca porque sentia falta de Nasrad. Conversava com ele ao telefone, mas cada vez que o fazia ficava triste, quase não falava e não aparentava ter muita vontade de estar com as pessoas de sua família. Seu marido a animava a ficar mais com seu pai e seus irmãos se assim quisesse, mas ela sentia muita a sua falta.

María decidiu marcar seu voo de volta e despedir-se de sua família. Houve promessas de ligar com frequência, de manter contato, de não deixarem passar tanto tempo até tornarem a se ver.

Beijou, um a um, os irmãos que foram se despedir dela no aeroporto, e teve de receber todos os presentes que seus familiares lhe deram para que levasse a Londres, especialmente itens de alimentação.

– No fim, vou viajar como os caipiras, cheia de sacolas, uma em cima da outra. Todo mundo no avião vai olhar para mim, como costume fazer quando vejo as pessoas entrarem com uma torre de caixas!

O mais doloroso foi a separação de seu pai e seu neto recém-conhecido. Ela não entendeu por que seu pai beijava o menino como se nunca mais fosse vê-lo. Notou no seu rosto uma tristeza que jamais tinha visto. Aquele olhar lhe pareceu o mais triste do

mundo, e sentiu-se angustiada. Beijou-o e prometeu-lhe que tornariam a se ver muito em breve e que fosse se preparando para ir até Londres, porque ali o esperava seu neto para levá-lo a dar uma volta de mãos dadas.

Aquela seria a última vez que aquele homem veria seu neto. Mas ninguém sabia.

Capítulo 12

Passaram-se meses e María esquecera-se de todas as promessas que fizera a sua família. Ou, pelo menos, não sentia ter tempo nem muita vontade para realizá-las de fato. Desde que chegou de Mallorca, estivera muito ocupada com o filho e com sua volta ao trabalho, o que lhe roubava tempo e tirava a energia necessária para chegar em casa à noite e, em vez de relaxar e acomodar-se no sofá, ao lado de seu marido, fazer a ligação. "Amanhã ligo. Afinal, não tenho nenhuma novidade para lhes contar."

Sequer tinha tempo para se encontrar com Julia como faziam antes de seu filho nascer. Suas tardes de chá com biscoitos e longas conversas se transformaram em breves encontros, apressados e sem sentido, que cada vez mais se espaçavam, até se tornarem quase inexistentes. As duas amigas só se viam quando se encontravam nas escadas ou em alguma rua de Londres, então decidiam dividir um chá rápido ou trocar algumas confidências que não chegavam à categoria dos tempos passados. Mas o carinho permanecia e a amizade sobrevivia ao ritmo que suas vidas tinham adquirido.

Talvez por isso Julia não soube da ligação que Nasrad tinha recebido e que mudaria a vida de sua amiga e confidente.

María nada pôde lhe contar, porque tudo foi muito rápido. Certa manhã, Nasrad recebeu a ligação de um parente do Afeganistão, o que não era habitual. Aquele era um luxo para os parentes de seu marido, que, como ela tinha comprovado, viviam uma vida precária, cercados por necessidades, numa pobreza que para María continuava parecendo surreal. Mas a expressão de Nasrad enquanto ouvia o que a voz misteriosa do outro lado da linha dizia a fez supor que estava acontecendo alguma coisa. E parecia grave. Ela estava com Abdulah no colo, mas não parava de observar seu marido. Queria que ele lhe fizesse algum sinal, que cobrisse o fone para

dizer alguma coisa que lhe desse alguma pista do que estava acontecendo. Mas ela nada conseguiu.

Percebia que estava ficando nervosa, e decidiu deixar o bebê no chão para que brincasse um pouco e assim evitar transmitir-lhe o desassossego que ia crescendo dentro de si. María sentou-se em uma cadeira, bem diante de seu marido. Precisava saber alguma coisa. Queria entender o porquê daquela expressão de preocupação que se apoderara dele mas Nasrad não pareceu se dar conta até desligar o telefone.

María ficou olhando para ele, mas não adiantou, e decidiu perguntar diretamente, antes que um ataque de nervos a dominasse:

– O que foi, Nasrad? O que aconteceu, meu amor? Você está abalado desde que começou a falar ao telefone.

– María, meu pai está morrendo. Tenho de ir para o Afeganistão, preciso estar com ele. E tenho de ir já.

María achou que o mundo caía sobre sua cabeça e que não seria capaz de sustentá-lo para evitar o desastre. Não conseguiu reagir durante alguns segundos. Não conseguia pensar com clareza porque, cada vez que seus ouvidos registravam a palavra “Afeganistão”, um rosário de imagens desagradáveis e más recordações se apoderava de sua mente e dificultava seu raciocínio. “Para o Afeganistão de novo não. Por favor, de novo não.”

A simples ideia de se imaginar de novo naquelas terras a fez estremecer por um instante, até que a nebulosa em que parecia estar envolvida se rompeu ao ouvir o som da voz de Nasrad.

– Preciso sair o quanto antes, María. Não sei o que resta de vida a meu pai. Não souberam me dizer. Só disseram que está mal e que não estão otimistas. Todo o tempo que perder pode ser crucial para conseguir ver meu pai ainda vivo.

María não queria ouvir aquelas explicações. Na verdade, não queria continuar ouvindo porque não estava em condições de assimilar tudo aquilo.

– Esta tarde mesmo comprarei a passagem. Irei até lá e voltarei logo. Em uma semana, talvez quinze dias, estarei de volta.

María sabia claramente que não podia nem queria deixar seu marido ir sozinho até o Afeganistão. Não ficara naquele país por muito tempo, mas sabia que a qualquer momento podia acontecer alguma coisa que o detivesse naquelas terras e o impossibilitasse de voltar para ela. E não estava disposta a isso. De jeito algum. Não queria se separar nem um minuto de Nasrad. Não poderia suportar. Preferia voltar ao Afeganistão a cogitar a menor possibilidade de seu marido não voltar. Por isso lhe disse:

– Eu vou com você, Nasrad. Não estou disposta a ficar aqui sozinha com o bebê me perguntando se você está bem ou se aconteceu alguma coisa. Isso me mataria. Nós vamos com você.

– Não acho que seja boa ideia, María. Você sabe como é a situação lá. E agora está ainda pior. Acho que você devia ficar aqui me esperando. Ficarei fora só alguns dias. Não mais. O tempo de ver meu pai e saber o que está acontecendo.

Nasrad tentou convencê-la, mas a cabeça-dura de María era algo que ele já conhecia, e foi difícil fazê-la entender.

– Nem pensar, Nasrad. Eu vou com você. E não há mais nada dizer. Vamos comprar as passagens, eu farei as malas. Estamos juntos em tudo. E esta não será uma exceção. Eu não me separo de você por nada neste mundo, entende? Por nada!

Naquela mesma tarde eles compraram as passagens. Nasrad decidiu ir ao banco antes que fechasse para retirar um pouco do dinheiro que haviam poupado. Não sabia o que encontraria em seu país natal, nem quais seriam as dificuldades, e pensou que se

sentiria mais confortável e seguro sabendo que tinha algum dinheiro que lhe garantisse o bem-estar que, de outra maneira, não teria possibilidade de conseguir.

Na manhã seguinte novamente eles seguiam viagem ao Afeganistão. Não comunicaram seus planos de viagem a ninguém. Apenas ligaram para o trabalho para dizer que precisavam de duas semanas livres, e elas lhes foram concedidas.

María não conseguia acreditar que novamente estava a caminho do Afeganistão. Mas ia com seu marido, e isso a consolava. Enquanto despachavam a bagagem, ela se lembrou das palavras de Julia: “Tenha cuidado com esse amor, María. Você precisa aprender a controlá-lo. Você é uma pessoa que, por amor, faria o que quer que fosse, que iria aonde fosse necessário. E isso pode ser perigoso”.

María sorriu e sentiu-se orgulhosa do amor que sentia por Nasrad. Sabia que aquele amor provocava inveja, admiração e surpresa na mesma medida.

O que não sabia era que aquele amor estava prestes a conduzi-la à maior aventura de sua vida.

SEGUNDA PARTE



Presa no Afeganistão

Capítulo 1

Depois de dois dias de viagem, e agora no carro de seu cunhado, percorrendo milhares de quilômetros por estradas de areia e pedra, o cansaço fazia estragos no rosto e no corpo de María. Mas ela tentava não se queixar, não queria complicar ainda mais as coisas, não desejava que seu marido sentisse que ela era só uma carga para ele. Afinal de contas, ela mesma havia insistido em acompanhá-lo. Não suportava a ideia de ficar longe dele nem por um instante. Só de pensar ficava doente. María esforçava-se para aparentar normalidade, como se aquela situação fizesse parte de sua rotina diária. Passava horas e horas convencendo a si mesma de que seriam apenas alguns dias, umas semanas no máximo, e que logo iriam embora dali e voltariam para Londres. “Agora falta pouco. Logo estaremos em Londres e esqueceremos tudo isso. Tenho direito de viver daquela maneira. Agora falta pouco.” Pelo menos era assim que ela pensava.

Quando faltavam poucos quilômetros para chegar à fronteira do Paquistão com o Afeganistão, o cunhado de María parou o carro e o deixou estacionado em um lugar onde não atrapalhasse nem levantasse suspeitas. Eles tinham recebido recomendação de que não atravessassem a fronteira carregando bagagem se não quisessem que os militares dali lhes tirassem metade das coisas que levavam. Era uma prática habitual que os afegãos conheciam perfeitamente. A pilhagem estava na ordem do dia, e os funcionários

a praticavam com a mesma facilidade com que respiravam, e sem o menor constrangimento, já que tinham certeza de que seus atos delituosos não receberiam punição de nenhum organismo oficial ou de controle. O despotismo no estado mais puro. Cada funcionário ganhava uma quantia mensal correspondente a 20 euros, um salário muito pequeno, por isso não tinham o menor problema de consciência em ficar com alguns artigos que os viajantes carregavam em suas malas. E, se fosse dinheiro, melhor ainda. Tudo isso com a garantia de que ninguém protestaria, nem ofereceria resistência e, evidentemente, ninguém ia denunciar aquela tirania. O verbo *denunciar* não fazia parte do vocabulário da realidade afegã.

Sem hesitar, Nasrad e María decidiram seguir os conselhos do irmão. Ele era quem melhor conhecia aquelas terras. Em quem mais podiam confiar? Levavam roupa, malhas, camisetas, meias, calças e alguns produtos, não muitos, de higiene pessoal. E portavam também sete mil dólares, fruto de suas economias, cujo objetivo era proporcionar um pouco de tranquilidade enquanto ficassem na casa dos pais de Nasrad. Sete mil dólares era uma fortuna no Afeganistão, mais ainda em Cabul, e María sequer imaginava o que significariam na cidade de seus sogros, situada a uns quatrocentos quilômetros da fronteira. “Com certeza, nunca viram tanto dinheiro junto na vida. Nem toda a cidade junta jamais viu, não só seus pais”, pensou ela.

Era, além do mais, o único dinheiro que María e seu marido tinham. Não deixaram nada em Londres. Nem um dólar restava nos bancos. Pensaram que lhes faria mais falta no Afeganistão e que era preferível voltar com o dinheiro que sobrasse a viver em dificuldade por sua falta. Sabiam, graças à curta, mas suficiente, primeira experiência por aquelas terras, que as coisas não estavam bem e queriam evitar ter de enfrentar escassez, ainda mais agora, com o bebê. Tinham certeza de que, se os funcionários da fronteira vissem toda aquela quantia de dinheiro, ficariam com boa parte dele e, pior, os obrigariam a pagar uma porcentagem muito alta a título de introdução de divisas para deixá-los passar.

Por isso decidiram que o mais conveniente seria fazer o que lhes fora recomendado. Até porque, aquilo era algo habitual, e Nasrad e seus irmãos já haviam feito isso em mais de uma oportunidade, quando cruzavam a fronteira para comprar comida no Paquistão, onde ela era muito mais barata.

– E o que vamos fazer? Como vamos passar as malas, o dinheiro e a documentação? – María perguntou, com mais preocupação do que curiosidade.

– Como fazem todos – disse Nasrad dando um sinal com os olhos para o grande grupo de pessoas que cercava algumas crianças de não mais de doze anos que, com a habilidade proveniente da necessidade e o atrevimento motivado pela fome, carregavam em suas carroças a bagagem dos viajantes. – Nós entramos diretamente cruzando a fronteira, e eles contornam toda a montanha com a bagagem para não passar pelo limite fronteiriço estabelecido. Damos uma gorjeta generosa, quanto mais generosa melhor, e esperamos por eles do outro lado. E, assim, todos ficam contentes; eles ganham um dinheiro, que cairá muito bem para sua família, e nós evitamos que nos limpem aqui. Não há mistério, María. Fique tranquila, não vai acontecer nada.

María parou de olhar para a estranha cena que tinha diante de seus olhos: centenas de pessoas adultas entregando seus bens e confiando seus pertences a crianças que não erguiam nada além de dois palmos do chão, mas que olhavam para seus confiantes interlocutores com a mesma dureza nos olhos que tinham os mercadores de sessenta anos, agora observando, apreensiva a enorme montanha que aquelas crianças tinham de subir e descer com a bagagem dos viajantes.

– Nasrad, são crianças. Vamos deixar nossa bagagem com elas, com tudo o que levamos nela? Vão conseguir?

Para María parecia loucura, mas, evidentemente, não seria ela dizer mais nada. Engoliria suas dúvidas, pouparia as perguntas e aguentaria a inquietude e o medo que toda aquela situação lhe provocava. Estava em um país onde a mulher calava e obedecia. E algumas haviam morrido por ignorar aquela lei máxima, ou quem sabe por muito menos.

María ficou acompanhando durante alguns minutos o funcionamento do negócio da montanha. Os homens regateavam com as crianças o preço para levar a bagagem. Percebeu como as crianças tinham desenvolvido uma perícia incomum para sua idade no trato da oferta e da demanda. Aquela impressionante

facilidade só María admirava, porque os demais já estavam acostumados àquilo e viam tudo com indiferença. Os homens negociavam com as crianças e as mulheres observavam a cena alguns metros atrás. Como sempre. Como devia ser. Como estava estipulado.

Quando Nasrad e seu irmão se aproximaram do grupo de crianças carregadoras, María ficou relegada a terceiro ou quarto plano, mas sem perder nenhum detalhe de tudo o que se passava diante de seus olhos. E tudo era muito. María via seu marido e seu cunhado conversando com as crianças de forma acalorada, especialmente com um menino, o mais baixinho, moreno, mas que parecia ser o que mais entendia daquele curioso negócio. Gesticulavam como se estivessem contrariados, como se algo não corresse bem, como se aquele fedelho que inspirava tudo, menos ternura, estivesse prestes a fazer a negociação voar pelos ares. “Muito nervosos”, María pensou. Chegou um momento em que a tensão chegou ao auge, e o menino, em um gesto brusco, mas tão natural que pareceu perfeitamente ensaiado, deu as costas a Nasrad e seu irmão e pôs-se a atender outros futuros clientes que estavam esperando sua vez.

Eles voltaram contrariados. María viu-os aproximar conversando entre si e fazendo movimentos com as mãos como quem não entendia nada. Pareciam aborrecidos. E estavam. Algo não estava saindo como eles queriam.

– O que aconteceu, Nasrad? – María perguntou. – Nada bom. É que, como somos turistas, querem nos cobrar

mais, muito mais. Viram seu passaporte de espanhola, você sem véu, nem burca, nem nada que cubra sua cabeça, e perceberam que viemos de outro país, então querem nos espremer o máximo possível, esses fedelhos desgraçados. Estão pedindo muito mais do que se fôssemos dois simples afegãos. Que país! Sempre igual.

Aquela última frase fez com que María esquecesse por alguns instantes o problema que se avizinhava por conta de sua condição de estrangeiros e concentrasse seus pensamentos nas duas palavras que ele acabara de pronunciar: “Sempre igual”. De repente, María sentiu-se tomada por uma tristeza que agora concorria com a impotência e a incerteza que se apoderara de seu estado de ânimo. “Como o país vai mudar se aqueles que estão fazendo os tratos na fronteira são crianças de sete, oito, quando muito doze anos? Quando crescerem, tudo será ainda pior. Já terão aprendido bem a lição”, María concluiu.

Quando voltou a si, depois de pôr os pensamentos em ordem, percebeu que Nasrad e seu cunhado a olhavam, como se estivessem esperando alguma resposta, algum tipo de reação.

– María, você nos ouviu? Onde está com a cabeça? – Nasrad a censurou. – O que acha da ideia? Acho que, pelo menos assim, evitaremos que esses moleques nos explorem e que alguém nos roube na fronteira. O que diz, mulher?

– Certo. Mas explique tudo outra vez. É que estou um pouco dispersa.

María foi simplista na descrição de seu estado de ânimo, para não falar do físico. Estava dispersa, sim. Qualquer um em seu lugar estaria. Mas também estava perdida, angustiada, à beira de um ataque de nervos, morrendo de medo, tomada pelo pânico, cansada, desanimada, desconcertada, mergulhada em um estado de apatia do qual parecia difícil sair e de onde ninguém parecia disposto a tirá-la. Sentia-se fora da realidade, queria pensar que aquilo não estava acontecendo com ela. Não conseguia entender por que quem quer que fosse o responsável por aquilo ainda não a tinha livrado daquele caos e a devolvido a sua tranquila e, nesse momento, idílica realidade londrina. À realidade de uma garota ocidental de vinte e poucos anos, com vontade de viver e, principalmente, de desfrutar a vida.

– É melhor você se fazer passar por uma mulher afegã. Com esse aspecto físico, ninguém terá a menor dúvida de que é estrangeira, e só vai nos criar mais problemas, María. Você precisa pôr o véu e também uma roupa mais larga. Cubra tudo o que puder, principalmente a cabeça. Assim, nem as crianças nem os militares da fronteira notarão nada e evitaremos que lhe digam alguma coisa. Acharão que você é mais uma e pronto.

– Está bem. Se assim pudermos sair daqui... – olhou para Nasrad esperando encontrar em seu olhar o que sempre encontrava: compreensão e apoio. Mas, naquele momento, o olhar era de absoluta preocupação, de impaciência, e María optou por deixar de querer ver qualquer coisa nos olhos de Nasrad. – Vou me vestir agora mesmo. Não demoro nada. Fique com o bebê. Assim, levantarei menos suspeitas.

María afastou-se alguns metros de onde estava e dirigiu-se a um lugar retirado que parecia ser um labirinto de paredes sem saída, semidestruídas, como se tivessem sido intencionalmente projetadas para uma filmagem. Levava consigo a nova indumentária em uma sacola, que apertava contra seu peito com tal força que até ela

mesma se surpreendeu. Temia algo, mas não sabia o quê. Sentia o perigo, mas não sabia a onde. “Deve ser o estresse”, pensou.

María se trocou rapidamente, levou apenas alguns segundos para colocar o vestido largo marrom-escuro, calçar tênis mais confortáveis e pôr o *hiyab* na cabeça. Era fino, amarelo. Ela mesma se surpreendeu com a destreza que adquirira para colocá-lo.

Então, sua mente se viu ocupada por uma lembrança em forma de imagem: a do primeiro dia em que colocara o véu islâmico porque assim pedira seu marido e porque assim ela queria, depois de se converter ao islamismo, e, como era do seu feitio, por amor. Naquela noite eles convidaram alguns amigos para jantar em sua casa; dois casais, dois amigos do trabalho de Nasrad e suas namoradas. Naqueles jantares, as conversas sempre giravam em torno do mesmo tema: a situação de seu país, de suas famílias, de suas crenças religiosas, do Corão, de seus costumes. Foi então que uma das mulheres lhe perguntou se não havia pensado em usar o véu. María respondeu, sorridente e entusiasmada, como se fosse uma menina de seis anos a quem perguntassem se sua fantasia estava pronta para a apresentação no colégio, que ainda não, mas que queria usá-lo.

– Vou precisar que alguém me ensine e me dê algumas aulas práticas, para não sair na rua com o véu de qualquer jeito – ela explicou.

– Eu mesma a ensino. É mais fácil do que você pensa. Se quiser, vamos agora mesmo ao seu quarto e eu lhe mostro. Que tal? – propôs a namorada de um dos amigos de Nasrad.

María não esperava uma aula de iniciação no uso do *hiyab* tão cedo assim, mas não se permitiu negar a oferta e assentiu com a cabeça.

– Claro. Por que não? Se é tão fácil como você diz, não tomará muito tempo.

As duas entraram no quarto de Nasrad e María. Ali, diante de um espelho e após umas pertinentes e acertadas indicações da garota, operara-se o milagre: María transformara-se em uma muçulmana. E, efetivamente, não tinha sido tão complicado. María sentia-se feliz e, além do mais, achava-se bonita. Talvez porque sabia que Nasrad ia gostar que a mulher que amava usasse o véu, como todas as mulheres honradas e decentes em seu país, algo que, sem dúvida, o faria muito feliz. Este era o objetivo.

– Agora, precisa se acostumar a colocá-lo sem um espelho. Tem de ser tão simples quanto colocar um casaco ou um cachecol. É uma questão de jeito, María.

“É uma questão de jeito.” Aquela frase agora, por alguns instantes, ecoava em sua mente.

María então sorriu timidamente, como que se felicitando intimamente, sentindo-se orgulhosa por ter levado só alguns segundos para que o véu ficasse como devia, como o faria qualquer mulher muçulmana. “Se devo ser mais uma mulher afegã, então serei, e não haverá problema algum.”

Quando estava pronta para voltar, e enquanto guardava sua roupa na sacola, María percebeu que havia um pedaço de espelho quebrado no chão. Era pequeno, pontiagudo e, a julgar pelo estado e pela sujeira, devia estar ali jogado há bastante tempo. Hesitou por alguns instantes, então, inclinou um pouco a cabeça para a esquerda, até que conseguiu ver onde estavam Nasrad e seu

cunhado e o que faziam. Viu-os esperando, conversando, colocando a mão no bolso da calça e tirando papéis, que trocavam entre si, e olhando para sua bagagem várias vezes como se houvesse algo que não entendiam. Como os viu entretidos e não notou nenhum movimento que evidenciasse um estado de nervosismo, María voltou a ficar atrás da parede e olhou de novo para aquele espelho que parecia ter sido colocado ali por alguém

como uma provocação. Não sabe por que se sentiu como Eva diante da maçã que lhe oferecera a serpente no Paraíso. “Que bobagem. Não acho que isto possa ser considerado exatamente um paraíso”, pensou.

Hesitou durante alguns instantes, mas atreveu-se. Livrou-se de todos os fantasmas que rondavam sua mente dizendo-lhe cada um uma coisa diferente e decidiu pegar aquele pedaço de espelho e colocá-lo diante de seu rosto. Esperando ver sua imagem, teve de passar a mão pela superfície do espelho, porque não se via nada, de tanta sujeira acumulada. E lá estava ela: uma espanhola transformada em uma muçulmana por amor a um homem. Ficou olhando-se por alguns instantes. Não viu se estava bonita ou feia, triste ou alegre, animada ou não, se havia sinais de cansaço ou se tinham desaparecido as olheiras que se apossaram de seu rosto redondo dois dias antes. Não percebeu se seus olhos tinham parado de chorar ou se continuavam com aquela aparência vítrea que ganharam desde que descera do avião no Paquistão. Não viu nada disso. Só uma mulher afegã. Era este o objetivo. E ficou satisfeita.

María pôs rapidamente toda sua roupa na sacola e guardou também aquele pedaço de espelho. Não sabia exatamente por que se apropriara dele; afinal, não era a lembrança ideal nem o *souvenir* mais adequado para levar para casa, mas a única coisa de que tinha certeza era que queria levá-lo consigo.

Quando estava chegando ao lugar onde a esperava seu marido, notou que os ânimos haviam se acalmado um pouco. Nasrad já não estava com os olhos crispados, o que sem dúvida a acalmou. Ela pensou que a mudança no estado de ânimo talvez se devesse a vê-la com o véu islâmico, porque assim também os outros poderiam vê-la. E a visão “dos outros” era muito importante no país em que estavam prestes a entrar.

– Assim está muito melhor – confessou Nasrad a sua mulher. – Aliás, se cobrir um pouco mais o rosto, se só deixar os olhos de fora,

vai se sentir melhor. Veja como estão as outras – ele apontou para um grande grupo de mulheres, todas usando a conveniente burca.

Aquela visão deixou María horrorizada. “Meu Deus, como podem andar com essa coisa? Que horror!” Mas assim mesmo decidiu encobrir com o véu quase todo seu rosto. Realmente não se importou. Só queria cruzar a fronteira, chegar à cidade de Nasrad, passar sua estadia ali o melhor possível e voltar rapidamente para sua casa em Londres.

– Vamos atravessar a fronteira os três juntos. Assim levantaremos menos suspeitas. A documentação e o dinheiro irão na bagagem. Não quero ter de dar nem um dólar a esses militares. Foi muito difícil ganhar esse dinheiro – Nasrad afirmou, certo de que tudo aquilo parecia realmente fácil e de que nada do que estavam prestes a fazer representava dificuldade nem risco algum. – Agora estamos prontos.

– Eu continuo achando que seria melhor que eu fosse com a bagagem, por via das dúvidas – comentou o cunhado.

– Não haverá problema algum. Demos uma boa gorjeta ao menino, e ele sabe que, quando nos devolver a bagagem, do outro lado, mais uma boa quantia o espera. E sabemos quem é, gravamos seu rosto. Não há risco. Além do mais, será bom para nós que nos acompanhe. Faz muito tempo que não entro nesse país. Quando viemos da outra vez ficamos na fronteira, a poucos quilômetros de onde estamos agora. E talvez eu não conheça tão bem os afegãos como acredito. Vou me sentir mais seguro se você estiver ao nosso lado, irmão.

Capítulo 2

Por fim chegou o desejado momento, aquele em que se preparavam para cruzar a fronteira. María estava nervosa. Toda aquela confusão a intimidava. Nunca gostara de aglomerações e muito menos da intimidação que representava toda a força de segurança. Agradeceu por estar com um vestido largo, porque assim ninguém poderia notar que suas pernas tremiam. María rezava para que a tremedeira não aumentasse senão ela começaria bater os dentes sem controle, permitindo a quem estivesse ao seu lado ouvir um curioso tilintar de dentes.

Enquanto avançavam na fila para cruzar a fronteira, María e Nasrad não conversaram muito, talvez porque achassem que o silêncio faria passar o tempo mais rápido. Quando faltavam apenas duas ou três pessoas para que chegasse a vez deles, Nasrad olhou para María e disse:

– Não se preocupe, María. Tudo vai dar certo. Fique calada, deixe que eu falo. Nem olharão para você. E, se cobrir ainda mais o rosto, deixando visíveis só os olhos, melhor ainda. Quanto mais ficarmos calmos, melhor nos sairemos.

María assentiu e obedeceu. Ele nunca saberia o quanto ela agradecia suas palavras naquele momento. Preferia poder abraçá-lo, beijá-lo, agarrar-se fortemente a ele e não se separar de seu corpo nem um centímetro. Mas, naquele instante, aquelas palavras foram o melhor bálsamo para os seus sentidos. “Não se preocupe, María. Tudo vai dar certo.” Não haveria remédio suficiente em todo o mundo que pudesse acalmá-la com a mesma eficácia que as palavras de Nasrad. Então, María respirou forte e profundamente, e soube que não se enganara. Que nem o coração nem a mente a haviam traído, que não era verdadeira a sombra da dúvida que caíra sobre ela desde que saíram de Londres com destino ao Afeganistão.

Aquele era o homem de sua vida. A pessoa que a olhava com aqueles olhos negros que transpassavam tudo o que se pusesse a sua frente, e que em mais de uma oportunidade a deixara sem fôlego, era, sim, o amor de sua vida, e isso seria sempre muito mais forte que qualquer contratempo ou problema que pudesse surgir. María notou que uma estranha sensação de tranquilidade, de segurança em si mesma, a tomava naquele momento.

Não tardaram muito a chegar ao lugar exato em que estavam os militares. Nasrad e seu cunhado tomaram a iniciativa e se encarregaram de responder às perguntas rotineiras, mas incisivas, que os soldados formulavam. Tinha-se a impressão de que aquelas pessoas sérias e desagradáveis tinham ciência do que sua simples presença costumava causar nas pessoas que estavam a sua frente, e se divertiam impondo o medo que podiam notar nos olhos de seus interlocutores.

María assistia àquela cena como se estivesse fora dela, como que assistindo a tudo de dentro de uma bolha, que lhe permitia ver tudo o que acontecia a sua volta, mas sem ter nenhum contato direto. Sentia como se tivesse saído de seu corpo e agora observasse aquilo de outra realidade, afastada e segura. Tentava acompanhar a conversa que seu marido e seu cunhado mantinham com os militares da fronteira, mas seu desconhecimento do idioma a impedia. Além do mais, não seria nada conveniente que o pessoal da fronteira notasse que María não era uma mulher afegã, porque então os problemas aumentariam, e nenhum dos três estava preparado para lidar com a situação caso isso ocorresse. Por essa razão, María limitou-se a abaixar a cabeça, a olhar para o chão e a envolver seu filho com força em seus braços.

Depois de alguns minutos, que para María pareceram intermináveis, eternos e pesados como nunca na vida, os três chegaram ao desejado "outro lado". Finalmente estavam no Afeganistão, e tudo saíra conforme o planejado. Agora só restava esperar o menino carregador que traria seus pertences e, depois,

encaminhar-se rapidamente à casa da família de Nasrad para ver como estava seu pai.

– Vai demorar muito? – perguntou María com certo temor de que a resposta fosse afirmativa.

– Um pouco. Também não pode ser muito rápido. Veja como é a montanha, María – apontou Nasrad. – Seria difícil subi-la e descê-la sem pacotes, imagine com eles. Mas logo o menino estará aqui. Talvez uma hora, duas no máximo.

Sentaram-se perto de umas pedras que alguém havia posto de um dos lados da rua. O cunhado de María foi buscar umas garrafas de água, para tornar a espera mais suportável. Fazia um calor sufocante, asfixiante, diferente do clima a que ela estava acostumada. O pó que as milhares de pessoas que cruzavam a fronteira durante todo o dia levantavam colava-se à pele e entrava até nos pulmões, e a tosse era constante e seca, a ponto de a garganta se transformar em um enorme deserto, que impedia algo tão comum como engolir saliva sem que isso causasse uma dor intensa que subia aos ouvidos. María pensou que o Afeganistão não se diferenciava tanto do Paquistão: a terra era a mesma, a areia e o pó entravam nos olhos e na boca com a mesma facilidade, e a paisagem, se é que aquilo podia assim ser chamado, era a mesma.

María permaneceu calada durante grande parte do tempo. Nasrad e seu irmão ainda trocavam algumas palavras, mas, a julgar pela falta de entusiasmo das respostas, não se tratava de nada importante. María sentia o cansaço invadi-la pouco a pouco. Notava que seus ombros se negavam a se manter retos, e aos poucos desabavam, e suas costas já não conseguiam se manter eretas. Seu corpo pesava, os pés estavam inchados. A pressão que sentia nos rins e do lado direito quando pegava seu filho no colo, e o cansaço generalizado, impediam-na até de ter fome ou sede, apesar de estar há bastante tempo sem comer nada. Ela lutava para que seus olhos não se fechassem, mas nem sempre conseguia. Com certeza,

contribuiu bastante para aquela sonolência a constante e monótona visão de um grupo de pessoas fazendo a mesma coisa o tempo todo, como se também não pensassem muito no que faziam: cruzavam a fronteira, pegavam suas coisas, pagavam as crianças carregadoras e se encaminhavam a passos rápidos em direção contrária à fronteira que acabavam de atravessar, e a imagem nebulosa que inconscientemente projetavam desaparecia, depois de alguns

minutos, por trás de uma nuvem de pó. María pensou que pareciam mais um rebanho de ovelhas que um grupo de pessoas. E por um momento imaginou como eles mesmos se veriam.

Algumas palavras pronunciadas pelo cunhado tiraram María da letargia, estado no qual, sem saber por que, chegou a se sentir até confortável.

– Isto já não é normal – observou o cunhado com a seriedade engravada no rosto, passando a mão rude e grande, herança de seu trabalho no campo, da testa ao pescoço, contornando todo seu rosto, como querendo apagar o semblante de preocupação que o tomava. – Está demorando muito. Não é normal. Alguma coisa está acontecendo.

María se deu conta, então, de que anoitecera. Seu estado de semiinconsciência, provocado pelo imenso cansaço, durara muito e não lhe permitira perceber que o tempo corria à velocidade da luz, a mesma luz que agora tinha desaparecido quase totalmente.

Então tomou consciência da realidade. Havia se passado cinco horas desde que cruzaram a fronteira. Todos os que tinham cruzado com eles já haviam ido embora e provavelmente a essa hora já teriam chegado ao destino. Todos, menos eles. Uma mistura de desassossego e impotência começou a se apoderar de María, que se levantou, com um calafrio, da pedra retangular onde se acomodara cinco horas antes sem nem perceber.

– Onde está o menino? – ela perguntou, alterada, olhando indistintamente para Nasrad e seu cunhado. – Onde estão nossas coisas? – sentiu as entranhas arderem e o estômago subir à garganta, como que querendo sair e engolir alguém. – Nasrad, nessas malas temos sete mil dólares e nossa documentação, nossos passaportes. Sete mil dólares e documentos, Nasrad, dos quais precisamos se não quisermos morrer neste país. Esse fedelho não pode nos roubar, porque eu o mato! Não pode! Não pode! – María sentia seus olhos saírem das órbitas e, pela expressão de Nasrad, estavam prestes a saltar. – Nasrad, responda, dê-me uma explicação antes que eu caia dura aqui mesmo com seu filho, que estou carregando no colo desde que saímos de Londres.

– Acalme-se María, deve ter acontecido alguma coisa, algum contratempo na montanha. Com certeza ele já está descendo. Mas, por favor, acalme-se – Nasrad pediu.

Nem ele mesmo acreditava no que dizia a sua mulher. Evidente que não era normal. Claro que alguma coisa estava errada, muito errada. E, era óbvio, se aquele moleque baixinho, franzino, tivesse decidido xeretar a bagagem e encontrado todo aquele dinheiro e, principalmente, os documentos, a última coisa que faria seria descer para entregá-los a seus legítimos donos. A necessidade das pessoas daquele país, a pobreza que as consumia desde a infância e o desespero por conseguir uma vida melhor, sem ter meios nem recursos para isso, abriam brechas para loucuras desse tipo. Não havia lugar para honradez. Seria loucura. Com sete mil dólares, aquele menino esfarrapado, cujo corpo a sujeira comia, que ostentava cicatrizes por toda a pele como se fossem medalhas de guerra e que mostrava os calos de suas mãos como garantia de trabalhador curtido em mil tarefas, poderia se considerar um novo milionário no Afeganistão. E isso não seria tudo. Os documentos encontrados representariam, de fato, sua passagem para um mundo melhor, um mundo sonhado há muito. Um passaporte no Afeganistão não tinha preço. Era simplesmente um sonho impossível. Uma passagem para o paraíso. A possibilidade de sair da

miséria, do trabalho forçado, da fome, da necessidade, do futuro incerto, e de conhecer novos mundos. Na pior das hipóteses, aquele documento significava dinheiro,

muito dinheiro. Era tentadora a possibilidade de vendê-lo a alguém que dele necessitasse com urgência premente, com angústia, com verdadeiro desespero. E quanto mais melhor, porque maior seria seu valor e, evidentemente, seu preço. Era o momento desejado por todos, e aquele menino o tinha ao seu alcance. Ele o tinha em suas mãos, era somente seu; poderia mudar sua vida e a de sua família, que o estaria esperando em casa para saber como fora seu dia. Ele era o protagonista do momento. E não desceria da montanha para devolver dinheiro nem documentos a seus donos. Eles nunca saberiam avaliar o que significava a renúncia ao tesouro encontrado. Nunca a gratidão seria suficiente que valesse deixar escapar a oportunidade de sua vida. Aquele moleque, um menino de doze anos, uma criança que devia ser parte do sustento da família, tinha diante de si a possibilidade de começar uma vida nova. E também de acabar com a vida de outras três pessoas: María, Nasrad e seu filho. Aquele menino de doze anos não sabia o estrago que faria, mas também não se importava.

Quando a realidade se fez pesada como uma lápide e caiu sobre eles, quando não havia mais lugar para a esperança nem para as falsas conjecturas, Nasrad ajoelhou-se para ficar à altura de sua mulher, sentada em uma pedra com o menino nos joelhos, e disse:

– María, meu amor, temos de ser fortes. Fomos roubados, ficaram com nosso dinheiro e com nossos pertences. E o que é pior, com nossos documentos. Não nos deixaram nada além da roupa do corpo. As coisas se complicaram, María, mas estamos juntos. Já superamos muitas coisas, querida, e superaremos isto também. Você vai ver como tudo se ajeita. Seja forte. Faça isso por mim e por nosso filho. Eu a amo – sussurrou Nasrad quase ao seu ouvido.

María desejava, mais que esperava, um beijo como encerramento de todo aquele discurso de seu marido, mas ele não veio. Estavam em terras afegãs. Muita gente olhando, inclusive seu cunhado, que não entendia, em seu íntimo, por que Nasrad tinha de dar tantas explicações a sua mulher. Foram roubados, a vida continua e pronto, sem lamentações.

Àquela altura, e ignorando o que estava por vir, María aprendera a aceitar o destino tal como vinha, com suas injustiças e seus contratempos. Ela fez o impossível para se recompor e segurar o choro. Estava acostumada a calá-lo até a noite chegar, quando soltaria tudo, aproveitando o sono profundo de seu marido e a cumplicidade que costumam oferecer a escuridão e o silêncio. Choraria até ficar vazia, completamente seca, até que a congestão nasal ocasionada por tantas lágrimas e a opressão que sentia nas têmporas e no centro da testa, como se a estivessem apertando com uma pedra, a fariam sentar-se durante alguns segundos para poder respirar, e depois cairia, exausta, e se entregaria aos braços de Morfeu, já que não ia querer acordar seu marido para entregar-se aos seus, como fazia todas as noites desde que foram morar juntos.

María não tinha capacidade de pensar em nada além do roubo do qual acabavam de ser vítimas. Sem dinheiro e sem documento, seria muito mais difícil uma rápida, fácil e segura saída do país. Talvez tivessem de ficar um pouco mais no Afeganistão. Acariciou a cabeça de seu filho várias vezes e olhou à sua volta, fixando os olhos naquela espécie de deserto rochoso que tinha diante de si. Levantou-se com seu filho no colo, e seguiu caminho com seu marido e seu cunhado. Havia pela frente muitos quilômetros a percorrer no carro do irmão de Nasrad. Tinha diante de si uma longa noite e um rosário de experiências que não era capaz de imaginar. Por um instante, notou seu andar pesado, sua roupa e sua situação em relação a Nasrad e a seu cunhado, um metro ou dois atrás deles, e tornou a se sentir uma mulher afegã. "Agora, sim, sou uma. Ninguém pode negar." Era isso.

Capítulo 3

María não saberia dizer quantas horas permaneceu recostada no banco, na parte de trás daquele carro desconfortável, velho, caindo aos pedaços e com um cheiro forte e desagradável impregnado, que a fazia pensar em uma mistura de gasolina, plástico queimado e argila molhada, cheiro que depois de tantas horas passou a se alojar na sua garganta, transformando-a em um território áspero e seco. María tentou engolir algumas vezes, mas desistiu ao comprovar que aquela necessidade fisiológica, tão simples em qualquer outra circunstância, representava uma proeza que não era capaz de realizar com sucesso. E, quando conseguia, um sabor desagradável vindo da traqueia instalava-se na boca, e ela sentia o estômago se revirar, dando-lhe a impressão de que ganhava vida própria e se negava a responder às ordens de seu cérebro, que era constantemente obrigado a ficar quieto e não se alterar muito. Sem dúvida, as numerosas curvas que marcavam o trajeto desde a fronteira do Paquistão com o Afeganistão até a capital, Cabul, não ajudaram seu estômago a ficar no mesmo lugar em que sempre estivera.

Assim, diante de tal panorama, María optou por tentar permanecer na mesma posição, sem se mexer, sem engolir, sem abrir os olhos. Sem pensar.

Foram muitas horas assim, mas o cansaço, o nervosismo e o trauma do roubo do dinheiro e dos documentos por um moleque mergulharam María em um sono superficial, agitado e tão frágil que qualquer buraco na estrada, eram muitos, ou qualquer palavra dita por seu marido ou por seu cunhado a obrigavam automaticamente a levantar suas pesadas pálpebras e a observar pela janela – coberta de areia, barro e o que parecia uma espécie de restos orgânicos de algum pássaro – a paisagem natural daquele que seria seu país

durante algum tempo: areia, grandes rochas, pó denso e pedras. Isto era tudo. E era, para María, o nada.

Por fim chegaram a Cabul. Amanhecia, mas María não estava com cabeça para se deixar envolver por detalhes que, em outro momento e em outras circunstâncias, talvez a levassem a olhar para Nasrad com cumplicidade e a esboçar um sorriso tímido.

María continuava sem se mexer, permanecia inerte na parte de trás do carro. Só o vaivém do veículo – que poderia jurar, a julgar pelos bruscos solavancos, não tinha amortecedores – deslocava seu corpo, especialmente sua cabeça, de um lado para outro, da esquerda para a direita. María pensou por um momento que a inércia de seu corpo devia estar projetando uma imagem similar à daqueles cachorrinhos de brinquedo que alguns motoristas colocam no painel do carro, que balançam a cabeça de um lado para outro dependendo do movimento do veículo.

Em dado momento o carro parou. María teve a mesma sensação de quando era pequena e seu pai a levava, com suas irmãs, para alguma excursão. Quando ela finalmente cochilava, seu pai decidia parar para beber alguma coisa em algum bar de estrada, e então ela fingia que dormia, antes de descer e tomar um copo de leite quente em um local cheio de pessoas que estavam de passagem. A mesma ideia vinha-lhe, mas o som de uma voz nova fez com que mudasse de opinião e do plano de fingir que dormia. Abriu os olhos e viu Nasrad e seu cunhado falando com alguém vestido com uma espécie de barraca de pano que lhe cobria todo o corpo e lhe outorgava um aspecto fantasmagórico. Era azul, e tinha uma espécie de redinha à altura dos olhos, e María via a pessoa que estava debaixo daqueles metros de tecido tentando olhar pelas janelas do carro para ver quem era o ocupante da parte de trás.

María então endireitou-se e pensou que o mais oportuno seria sair do carro. Sentia-se observada, e a situação, longe de agradá-la, a incomodava. Foi difícil levantar-se. Ficara muito tempo na mesma

posição, e muito desconfortável, mas conseguiu, e finalmente abriu a porta do carro. Em um primeiro momento agradeceu, pois ao sair e pousar um pé na terra María sentiu uma fina lufada de ar chocar-se suavemente contra seu rosto nu, e por alguns segundos ficou grata. A sensação durou pouco. Logo ouviu uma voz que procedia do interior daquele trapo de dimensões imensas. “É melhor você voltar para o carro. Não está coberta e corre perigo. E nos faz correr perigo também.”

María constatou que aquela voz vinha de uma mulher, mas logicamente não entendeu uma só palavra do que ela tinha lhe dito. Procurou ajuda no olhar de Nasrad, que não tardou muito a traduzir:

– María, essa é minha irmã. Disse que é melhor que volte para o carro. Não está coberta e corre perigo. E nos faz correr perigo também. É melhor que faça o que ela disse.

María não entendia nada. Não que esperasse uma recepção apoteótica nem gloriosa; teria se conformado com um abraço, alguns beijos e o costumeiro “Bem -vinda a Cabul. Como foi a viagem?”. Mas, em vez disso, foi -lhe dado um ultimato, nada afetuoso e revestido de certo nervosismo, para voltar ao carro no qual passara as últimas sete horas.

Sem saber muito bem por que, María obedeceu imediatamente. De novo aquele cheiro seco e profundo, que voltou a se alojar em sua garganta... e agora lhe provocava uma tosse seca. Logo entraram Nasrad e seu cunhado na parte da frente do carro, e a mulher coberta pelo enorme pano se afastou alguns metros até entrar num local que María não soube o que era.

Ela não pôde nem quis dar tempo a seu marido para que lhe explicasse, e logo perguntou:

– Mas o que está acontecendo, Nasrad? O que foi? Não entendo nada. Essa é sua irmã? E por que me mandou entrar no carro assim que saí? E agora, por que foi embora? Pode me explicar que diabos

está acontecendo? – María não sabia se aquela situação surreal a divertia, se a incomodava ou se a desconcertava, mas não conseguia juntar as peças daquele quebra-cabeça que a desbaratava.

– María, essa mulher é minha irmã. E o que acontece é que estamos em Cabul. E aqui as mulheres andam cobertas com a burca, porque, do contrário, suas vidas correm perigo, e a de seus acompanhantes também – Nasrad falava como se María tivesse três anos e tivesse se esquecido de algo muito importante que um adulto lhe dissera antes. Mas, na realidade, ela não sabia nem entendia nada do que estava acontecendo. – María, aqui é outro mundo. Não tem nada a ver com o que conhecemos. Aqui, o melhor a fazer é o que lhe dizem. É para o seu bem e sua segurança. As coisas estão complicadas para todos neste país, especialmente para as mulheres. Mas não quero que se preocupe, apenas preste atenção e fique atenta ao que lhe dizem. Só isso. Minha irmã a ajudará.

Ao terminar, Nasrad olhou pela janela do carro e, ao ver que sua irmã, que continuava coberta com aquele pedaço de tecido gigantesco, saía do local onde entrara minutos antes, fez um gesto com a cabeça em forma de sinal para que María olhasse.

– Viu? Comprou uma burca para você.

– Comprou uma burca para mim? E eu tenho de vestir isso, Nasrad?

– Vai ser melhor María. Para o seu bem. Se não quiser, ou achar difícil colocá-la, não o faça. Mas vão perceber que você é estrangeira, e poderemos ter problemas. Especialmente você.

Seu cunhado disse alguma coisa em sua língua, e Nasrad traduziu depois de olhar para ele com certa preocupação:

– Meu irmão está dizendo que aqui a vida de um estrangeiro pode ser moeda de troca para muitas coisas. Podem sequestrá-la e, se não conseguirem o dinheiro ou o material que querem, matá-la –

ele olhou fixamente para o assoalho do carro durante alguns instantes e logo levantou os olhos para María. Então, olhando-a atentamente, disse: – María, vista a burca.

María teve a impressão de que Nasrad não traduzira tudo o que seu cunhado tinha dito, mas decidiu não perguntar nada e confiar na capacidade de síntese de seu marido.

Quando a irmã de Nasrad entrou no carro, sentou-se ao lado de María. Depois de olhar para um lado e para o outro, levantou timidamente o tecido que cobria inteiramente seu corpo. Foi a primeira vez que María pôde ver seu rosto. Surpreendeu-se por não se parecer com seu marido. Notou que tinha a pele bronzeada e olhos pretos enormes, usava os cabelos longos presos em uma espécie de rabo que descansava na altura da nuca, e sua expressão denotava certa simpatia, talvez porque lhe dirigisse um sorriso. A mulher disse algumas palavras, que María não conseguiu entender, e entregou-lhe um pacote, tornando a se cobrir apressadamente com aquele pano.

Embora María não conseguisse parar de olhar para aquela pessoa que se sentara a seu lado, teve de olhar para seu marido, que já começava a traduzir o que sua irmã tinha dito.

– Ela disse que é um prazer conhecê-la, e que comprou-lhe uma burca. Talvez não fique bem, porque minha irmã não sabia suas medidas. Mas não se preocupe, teremos tempo de fazer outra sob medida.

Não sou muito bem a María aquelas últimas palavras de Nasrad. “Teremos tempo? Que tempo? Vamos ficar muito mais tempo neste lugar?” Mas preferiu deixar -se levar pela situação, que, longe de parecer perigosa, como antes lhe advertira seu marido, quase beirava o divertido. Abriu com certa emoção aquele pacote que a irmã de Nasrad lhe entregara. Nele havia uma burca, de um tecido parecido ao que usava a cunhada e da mesma cor azul. Mais tarde,

ela lhe explicaria que havia diversas cores de burca: verde para as mulheres militares, branco para as enfermeiras e também para as meninas, preto para as viúvas, e azul, que era o mais habitual e o que mais se via nas ruas.

María desdobrou aquele pedaço de tecido conforme pôde, pois o espaço no carro não lhe permitia muito mais. Depois, observou atentamente as pessoas que a acompanhavam com um olhar cheio de perguntas. A irmã de Nasrad indicou-lhe com gestos que a vestisse. María sorriu, assentiu com a cabeça e a atendeu.

Quando María a vestiu, sentiu o contato áspero e rude daquele tecido com sua pele. Ficou quieta, com os olhos abertos durante alguns segundos, quase prendendo a respiração, e então soltou uma gargalhada.

– Nasrad, não estou vendo nada! O que é isto? Por onde vocês olham aqui dentro? – ela disse em voz alta, revirando aquele tecido, e só o que conseguia era piorar as coisas.

Nem a irmã de Nasrad nem seu cunhado conseguiam entender por que María ria depois de colocar a burca, e suas expressões evidenciavam um desconcerto. Nasrad chegou a sentir-se um pouco constrangido com a situação, coisa que María não conseguia entender, menos ainda debaixo daquele tecido que a impedia de ver qualquer coisa ou perceber os olhares que uns e outros trocavam dentro do carro.

– Mas onde estão os quadradinhos? Não os encontro! – María continuava perguntando em um tom gentil, e quase divertido, enquanto não parava de se mexer nem de revirar aquele tecido, procurando um orifício pelo qual pudesse sair ou pelo menos vislumbrar alguma coisa.

– Espere mulher, você não o colocou direito – Nasrad também não sabia por onde começar a ajudar sua esposa. Seus dedos se perdiam entre tanto tecido, e os de sua esposa não ajudavam muito.

Finalmente, após muita luta, María ficou de novo toda despenteada, como se tivesse acabado de sair da cama, e com parte do corpo descoberta. Então, deu-se conta da seriedade que via no rosto dos que a acompanhavam, incluindo o de seu marido.

– O quêêê? É a primeira que vez visto uma coisa dessas. Não pretende que eu mostre um domínio surpreendente, não é? Alguém terá de me dizer como se põe isto.

Nasrad olhou para sua irmã, que tentava pôr ordem naquele emaranhado de dobras em que a burca de María, minutos antes bem dobrada e passada, havia se transformado. A irmã olhou para cunhada e, forçando um sorriso que a María pareceu menos sincero que aquele que lhe oferecera antes, mostrou-lhe pacientemente a parte da burca que correspondia à cabeça. Apontou com gestos o que María chamara antes de “quadrinhos”, que era o que lhe permitiria ver alguma coisa, e finalmente a colocou, com a mesma facilidade com que se põe uma coroa. “Tudo é uma questão de jeito. Ela deve vestir isso há anos. Assim, até eu”, pensou María.

Agora que conseguira colocá-la em seu lugar, a situação já não lhe parecia tão engraçada nem tão divertida. Com a burca bem colocada, não gostava de imaginar sua imagem vista de fora, muito menos do turbilhão de sensações que a percorreu. Sentia-se presa, enjaulada. Era como se alguém a tivesse amarrado ou amordaçado dentro de um saco de batatas, a julgar pela aspereza daquele tecido que agora a cobria por inteiro e que não tardaria a se transformar em sua segunda pele. Não podia respirar normalmente e sentia, por alguns momentos, que o ar lhe faltava. Notava uma pressão na cabeça, como se alguém tivesse ali colocado um balde pesado e bem encaixado. O tecido pinicava, era áspero e rude em contato com sua pele. Suas pernas e braços pareciam paralisados, não respondiam aos seus desejos de sair correndo dali. Por alguns instantes pensou em arrancar a burca e respirar profundamente. Mas algo a impedia. Além de tudo, aquele tecido exalava um cheiro novo e estranho para ela, que não a deixava respirar normalmente.

O silêncio reinou durante alguns segundos, talvez minutos, naquele carro. Até que algumas palavras ininteligíveis para María despertaram de seu atordoamento e a fizeram mais consciente do que estava acontecendo e da situação em que se encontrava.

Logo ouviu a voz de seu marido.

– María, você está bem? – sem esperar resposta, Nasrad continuou: – Minha irmã está dizendo que não se assuste, que no começo impressiona, mas você vai se acostumar. Diz que é um pouco complicado, mas essa sensação passa logo, e chega um momento em que você nem a sente mais.

Era a primeira vez que María enxergava através de uma burca, e não gostou de ver o homem que amava por aqueles minúsculos, absurdos e ridículos quadrados. Naquele momento, sentiu-se tomada por uma ansiedade que não soube como canalizar e, com um movimento brusco, levantou a parte da burca que cobria seu rosto e ficou olhando fixamente para Nasrad.

Não conseguia ver, mas sabia que os olhos de seu marido eram o fiel reflexo da agonia que nesse momento a invadia e que, como um rio selvagem e transbordando, não podia controlar nem amainar. Teria dado tudo para poder lutar e sair de tudo aquilo, mesmo que tivesse de se debater por todos os lados. Mas então Nasrad pegou seu rosto com as duas mãos e a acariciou, da face até as têmporas. Fez isso repetidamente, sem dizer nada. Só os dois se olhando. María já não sorria. Só podia olhar, hipnotizada, para seu marido, que mantinha uma seriedade e uma dureza nos olhos que lhe conferiram, não soube por que, certa segurança. Só percebeu que começava a chorar quando sentiu as lágrimas fugindo por entre os dedos de Nasrad, que tentava enxugá-las com suas carícias.

– Eu prometo que logo sairemos daqui. Prometo, María. E riremos disso, como sempre fizemos. E tudo isso nos parecerá até divertido. Eu prometo, María. E preciso que confie em mim.

Nasrad sentiu que aquela situação não podia se prolongar nem mais um segundo, e tornou a cobrir sua mulher com a burca, para voltar a se sentar corretamente no lugar do passageiro. Depois de ouvir seu marido e seu cunhado trocando algumas palavras, que evidentemente não entendeu, María reclinou-se devagar, quase em câmera lenta, no banco que antes fizera as vezes de uma desconfortável cama durante o longo trajeto que a levara da fronteira até a capital Cabul.

Capítulo 4

Apesar de seu estado de semi-inconsciência, María notou que o carro voltava a se movimentar e que seu corpo adquirira tamanha rigidez que nem sequer o irregular caminho de pedras pelo qual deslizava conseguia provocar alguma oscilação em seu corpo.

María percebeu que a situação piorava. A sensação que estava morrendo sufocada tornava-se cada vez mais palpável, ganhando mais tons de realidade, e ela achou que de um momento para outro seu corpo responderia a toda aquela situação com vômito ou um desmaio. E passou a rezar para que fosse este último. Mas não teve sorte.

Tentava desesperadamente encontrar a manivela que lhe permitisse abaixar o vidro. Mas o enjoo que se apoderava dela e a lerdeza que a burca imprimia a suas ações a impediam. María queria abrir a janela. Primeiro, para conseguir devolver tudo o que seu estômago não queria mais guardar; segundo, para tomar um pouco de ar. Teria dado metade da sua vida para poder tirar a burca naquele momento, mas, pelo que lhe haviam explicado, poderia ter de dar, sem querer nem poder evitar, a vida inteira.

Não percebeu que a mão que a ajudara a encontrar a manivela era a da irmã de Nasrad, mas agradeceu mesmo assim. Não tardou nem um segundo para pôr a cabeça para fora e respirar de maneira exagerada. Puxava o ar como se sua vida dependesse disso, e se negava a soltá-lo, como se quisesse acumulá-lo e armazená-lo dentro da burca, sabendo que lhe faria falta mais tarde.

Mas respirar também não foi muito agradável, pois, embora o carro desenvolvesse pouca velocidade, a estrada era de terra e pedras em contato com as rodas provocava uma densa nuvem de pó que ia parar nos pulmões de María.

Enquanto se empenhava em inspirar e expirar o ar profundamente, ela notou algo estranho. Não tinha certeza do que acontecera, do que seu corpo provocara, apesar de seu domínio e capacidade motora, mas achou que naquela exagerada contorção pulmonar acabara por engolir o próprio vômito. Não sentiu nojo nem medo, tampouco preocupação. Quase agradeceu. Além do mais, estava concentrada em não deixar escapar nem uma molécula de oxigênio do lado de fora e fazer uma boa reserva dentro de si.

Naquele momento, ouviu a irmã de Nasrad falar, e depois ele mesmo, e imaginou que estava traduzindo suas palavras.

– María, você está bem? Quer que paremos o carro um pouquinho?

Ela abriu os olhos, até então fechados, sentiu um leve ardor, e surpreendeu-se chorando. Então, invadiu-a uma angústia, que somente a duras penas pôde controlar, mas preferia não ter de dar explicações, mesmo que para seu marido.

– María? – Nasrad insistiu. – Diga alguma coisa. Você está bem? Quer que paremos?

Não soube de onde tirou forças, talvez do ar que inspirara, mas María conseguiu se recompor e responder ao seu marido, que já começava a se alterar:

– Estou bem Nasrad, meu amor. Deve ser alergia; como está tudo tão seco, fico sem ar e com coriza – María sabia que não era boa mentindo e naquele momento se arrependeu por isso. – Ou talvez tenha me resfriado. Deve ser isso, Nasrad. Fiquei resfriada ontem enquanto esperávamos que nos devolvessem as malas. Mas não se preocupe, estou bem. Sua irmã tem razão, isto é questão de costume, e também não é tão difícil.

María sentiu que falar com Nasrad, como sempre acontecia, acalmava-a e conseguia fazer que se sentisse bem. Por isso tentou

prolongar a conversa com ele. Mas logo ouviu os irmãos se metendo na conversa, e Nasrad tinha de traduzir o que diziam, até nada mais fazer sentido.

Além disso, notou que Nasrad falava muito em sua língua natal com sua irmã e seu cunhado mas traduzia pouca coisa para ela; e teve a impressão de que, na realidade, estavam discutindo.

Seu marido parecia exasperado, era o que o tom de sua voz dava a entender.

– O que está havendo, Nasrad? O que foi? Você está irritado? Disseram alguma coisa? – depois de muito pensar, María atreveu-se a formular a pergunta: – Disseram alguma coisa de mim? Não gostam de mim? Estão rindo de mim? Estão se metendo comigo?

María ficou agitada ao ver que seu marido não lhe respondia rapidamente, e que continuava exaltado. Mas, por fim, chegou sua voz, no idioma que ambos entendiam.

– Não, María. Não é nada disso – ela notava que a voz de Nasrad soava como se estivesse cansado, ou triste, ou quem sabe as duas coisas. – Ao contrário. Acham que, como falamos em um idioma que eles não conhecem, você está se queixando e criticando-os. Perguntam-me o que há com você e por que veio. Mas já lhes disse que não está se queixando, que você está resfriada e cansada da viagem.

– Pois pode lhes dizer que vim porque quero ficar com meu marido. Porque não quero me afastar dele nem um segundo, e simplesmente porque quis.

María não entendia tanta incompreensão se mal acabara de chegar. Não era justo. Vinha de outra cultura, de outro país, de outro mundo, e estava apenas há poucas horas naquela terra, que não a podia ter recebido pior: roubada, enganada, ludibriada e, agora, coberta com um pano, porque, do contrário, poderiam sequestrá-la

e matá-la. “Não sei por que é tão difícil entender que vou levar um tempo para assimilar tudo isso”, María pensava.

Capítulo 5

Por fim, aquela estranha comitiva chegou à casa da irmã de Nasrad. María abriu a porta para sair do carro e sentiu sua cunhada pegá-la pelo braço esquerdo, exercendo uma pressão que fez com que os quadradinhos da burca se orientassem na direção em que estava. Pronunciou umas palavras em sua língua e Nasrad advertiu sua mulher:

– Ela disse para ter cuidado ao sair do carro, para não pisar na burca e acabar caindo.

María agradeceu o conselho. “Só faltava eu cair para continuar com o espetáculo”, pensou.

Apesar da advertência, ela teve de ir tateando, contornando o carro sem afastar nem um segundo sua mão da lataria, até que conseguiu chegar na frente da porta da casa onde o resto da comitiva entrava. Evidente que tropeçou na burca, que a pisou quatro ou cinco vezes, mas pelo menos não caiu, que era o que tentava evitar a todo custo.

Assim que atravessou o umbral, reinou sobre ela a escuridão mais absoluta. María teve impressão de ter entrado no quarto escuro com que sempre a ameaçavam quando pequena se não se comportasse direito. Ficou quieta. Tentou estender a mão para encontrar um corpo, se possível o do seu marido. Mas percebeu que a burca a impedia e que, por mais que estendesse o braço, não conseguiria nada mais que cair. Finalmente, Nasrad apareceu.

– María, estou aqui. À sua direita. Pode tirar a burca. Já estamos na casa de minha irmã. Aqui dentro não há perigo, em casa pode andar sem ela.

María agradeceu imensamente e não tardou nem um segundo a tirar de cima de si aquele tecido grosseiro. Sentia-se extenuada e perdida, estranhamente perdida. Tudo aquilo lhe recordava mais a cena de um sequestro que tanto tinha visto nos filmes transformando-se numa realidade que ela mesma agora protagonizava. Subiu com Nasrad as íngremes escadas que levavam ao primeiro patamar daquele portal em que haviam entrado. Lá dentro viu a pobreza que reinava na casa. Quase não se viam móveis, sequer cortinas nas janelas, que María teve a impressão de estarem pintadas de preto ou então cobertas com uma espécie de papelão. No chão, três ou quatro colchões de algodão e, sobre eles, algumas mantas puídas, que mostravam bem o passar do tempo. Não tardou muito para comprovar que esses mesmos colchões faziam as vezes de cama à noite e que neles dormiam no mínimo três pessoas.

Apesar da pobreza que María podia ver, naquela casa todos cuidaram, desde o primeiro momento, para que não lhe faltasse nada, embora faltasse tudo, a ela e aos próprios moradores. A irmã de Nasrad, já sem a burca que costumava envolvê-la, não parava de falar com ela e de dirigir-lhe todo tipo de gestos e sinais para que se sentasse em um desses colchonetes, bebesse o chá que acabara de lhe preparar, e comesse um estranho bolo de pão com gosto de farinha com alguma especiaria que ela não conseguiu distinguir.

María estava um pouco aturdida. Sentia seus ouvidos tampados, e seus olhos se fechavam à menor oportunidade em que a deixassem tranquila, o que não acontecia tanto quanto ela desejava. Queria poder se deitar, dormir e sonhar com outro lugar diferente daquele em que estava. Só queria fechar os olhos e dormir. Fugir daquele quarto. Pensou que não era pedir muito.

Quando acordou no dia seguinte, não conseguiu recordar o momento exato em que o cansaço a vencera na noite anterior e seus olhos se fecharam sem tempo para avisar e muito menos pedir licença. Permaneceu um tempo deitada, depois de ver que o corpo

que descansava ao seu lado esquerdo era o do seu marido e o do seu lado direito o de seu filho. Tentou percorrer e inspecionar com os olhos o lugar em que estava, mas a luz que entrava a duras penas pelas janelas tornou a tarefa realmente difícil. “Por que pintar as janelas de preto? Entraria mais luz se não estivessem assim. Talvez não queiram ser vistos por algum vizinho curioso, ou talvez o vidro esteja quebrado e o cobriram com esses papelões”, imaginava María.

Quando girou levemente o pescoço para ver o lado direito, foi surpreendida. Conseguiu contar três pessoas dormindo no outro colchonete. Distinguiu a silhueta da irmã de Nasrad e mais duas mulheres que não conhecia nem se lembrava de tê-las visto na noite anterior. Quando conseguiu abrir melhor os olhos, María sentiu seu coração saltar ao ver a irmã de Nasrad de olhos bem abertos e observando-a fixamente, com o olhar congelado. Ela achou que ia morrer de susto. Aqueles eram olhos enormes, e parecia que a vigiavam. Logo viu aquele rosto, quase fantasmagórico naquela meia escuridão, lhe presentear um sorriso. María o devolveu, mais por inércia que por cortesia. Agora, a irmã de Nasrad lhe fazia um gesto para que se levantasse, e ela concordou.

Levou-a a um quarto no qual não estivera na noite anterior e que, pelo que viu, fazia as vezes de despensa. Sua nova cunhada lhe fez um gesto, perguntando se estava com fome, e María afirmou com a cabeça. Ali mesmo começou a tirar pacotinhos marrons que depois passou a abrir na pequena cozinha da casa. Em menos de uma hora a irmã de Nasrad preparara pão e chá para o café da manhã.

Os outros não tardaram a se levantar, mas não por causa do barulho que elas faziam. Não falaram, e María percebeu que a irmã de Nasrad tentava fazer um silêncio quase religioso, como se tivesse medo de acordar ou de incomodar alguém.

Quando todos se reuniram para tomar o café da manhã, fizeram-no no mesmo aposento em que antes tinham dormido, que era o mesmo em que na noite anterior tomaram chá. Recolheram as mantas, rearrumaram os colchonetes e ali mesmo se sentaram para tomar o café da manhã.

María olhava para aquele pão e aquele chá que a irmã de Nasrad havia preparado para a primeira refeição do dia e não fazia mais que se perguntar – embora não se atrevesse a se expressar com palavras – onde estariam o café, as madalenas, os biscoitos ou uma torrada. Nunca chegaram. E María jamais os pediu.

Eles continuavam falando em sua língua nativa, e Nasrad traduzindo para ela o que podia ou queria. Assim, soube que ficariam ali mais dois dias e depois rumariam à cidade dos pais de Nasrad, onde já os esperavam há algum tempo.

María desejou com todas as suas forças que aquele lugar fosse um pouco mais acolhedor do que este em que se encontravam, mas ela não podia se queixar da hospitalidade dos familiares de Nasrad. “A quem dá o que tem não se pode pedir mais.” Quantas vezes ouvira seu pai pronunciar essa frase! E agora entendia seu sentido melhor que nunca.

Nasrad lhe informou que naquela manhã saíam, e María se alegrou. Queria ir a uma delegacia para fazer a denúncia do roubo dos documentos e do dinheiro. Queria resolver o quanto antes o problema dos passaportes. Mas aquele improvisado júbilo não durou muito. Os planos de sair foram cancelados por uma série de distúrbios que ocorreram na cidade. Pelo que María pôde entender, a julgar pelos gestos e o pouco que Nasrad lhe traduzia – por falta de tempo ou para não aumentar a preocupação que diminuía o ânimo de sua mulher – , tratava-se de soldados que haviam atentado contra alguém na rua, e a população estava aterrorizada e preferia ficar em casa. Mais tarde, María soube que uma mulher tinha sido assassinada da maneira mais cruel que até então já escutara: a

infeliz fora enterrada até a cintura, inteiramente coberta por uma burca, e apedrejada cruel e desumanamente até a morte. Foi a primeira vez que María ouviu falar dos talibãs. E soube que aquele nome não era nada bom para as mulheres.

Como nas outras tantas vezes quando a realidade conseguia derrotá-la, María optou por permanecer em silêncio, completamente calada. Seus lábios estavam literal e fisicamente selados, não se separavam nem para respirar. Mantinha-se abstraída em seus pensamentos, olhando para um ponto fixo. O mundo parava ali para ela, e ninguém podia imaginar o que naquele momento se passava em sua cabeça.

Capítulo 6

Cumpriram-se os planos anunciados dois dias antes, e María e Nasrad encaminharam-se à aldeia onde seus pais viviam. María notou certo nervosismo no comportamento de seu marido, que não hesitou em atribuí-lo à excitação de reencontrar seus pais depois daquele tempo de separação.

Quase não conversaram durante as primeiras horas do trajeto, exceto quando Nasrad se voltava para observar o estado de sua mulher. María estava igualmente coberta, como quando chegara à cidade três noites atrás. Alegrou-a ouvir Nasrad dizer que talvez na aldeia, por ser menor e diferente da capital, não tivesse de usá-la e que pudesse tirá-la quando chegassem lá. María sentiu-se aliviada.

Levaram três dias para chegar à aldeia, porque as estradas eram perigosas e difíceis e porque a partir das dez da noite o trânsito de carros não era permitido. Também não era conveniente para a segurança e a integridade das pessoas. Quem desobedecesse à lei estava sujeito a sofrer as consequências, e não exatamente agradáveis. Por isso tiveram de parar e pernoitar no que Nasrad chamou de "hotel". Para María, aquele nome parecia ironia. Não entendeu exatamente a que se referia seu marido quando falava de hotel, porque aquilo onde ela estava não podia assim ser chamado.

Passou duas noites em dois locais diferentes, mas em ambos só encontrou um quarto de uns dez metros quadrados com dois colchões de algodão no chão. E assim passaram as duas noites María, seu marido e seu filho em um dos colchões, e a irmã de Nasrad e o marido em outro.

Por fim chegaram à cidade natal de Nasrad. Ali nascera o homem que amava, por quem cobrira seu corpo e sua identidade sob uma burca assim que chegara a Cabul, e por quem aguentava tudo o que

o destino julgasse conveniente lhe reservar, o que ela então não imaginava quanto nem o quê.

María retirou a burca para não perder nenhum detalhe da casa dos pais de Nasrad e a colocou atrás do banco, a poucos centímetros de onde estava sentada. Viu então que a casa de seus sogros estava situada em um descampado no meio do nada, uma extensão de terra mais ou menos grande e cercada por grande quantidade de árvores. Ela não entendia como em um lugar tão seco e tão árido como aquele, com tanta terra e pedra por metro quadrado, podia haver tantas árvores. Mas elas estavam ali. Quanto mais ia adentrando aquele terreno, com mais clareza vislumbrava a casa dos pais de Nasrad. Era pequena, construída totalmente de pedras. Tinha um telhado marrom feito de um material que María não conhecia e de uma série de pedaços de madeira cruzados formando a estrutura. A casa tinha várias janelas, mas nenhuma delas com vidro. Foi por aquelas mesmas janelas que María viu algumas pessoas olhando e depois desaparecendo rapidamente assim que se sentiam descobertas.

Quando o carro finalmente parou, todos desceram. Ela era, sem dúvida, a pessoa que mais olhares atraía, e tinha consciência disso. Não se incomodou, mas seu nervosismo aumentou.

Quando finalmente pôde entrar, María viu que a distribuição da casa não oferecia muitas possibilidades de intimidade. Havia apenas dois cômodos, nada mais. Essa era toda a divisão do imóvel. Colchões iguais aos que já tinha visto em outros lugares, mantas idênticas, outros tecidos diferentes distribuídos de forma irregular pelo chão e a mesma carência de tudo a que seus olhos iam se acostumando, muito contra sua vontade. María não conseguiu imaginar, então, em que aquela gente empregava o dinheiro que Nasrad mandava de Londres, e acreditou que, depois de inspecionar e xeretar por outros cantos da casa, encontraria uma resposta satisfatória. Mas não teve oportunidade de fazer isso, porque algo requeria sua atenção do lado de fora.

Congregaram-se ali pelo menos vinte pessoas, que María sinceramente não sabia de onde tinham saído. Nasrad a empurrava para apresentá-la a cada um deles. Ela só fazia sorrir e assentir com a cabeça, e, como vinha sendo habitual desde que chegara ao Afeganistão, sem entender nada do que lhe diziam nem do que acontecia a seu redor. Seu marido ainda não acabara com o rosário de nomes, parentescos e apresentações em um idioma que não era o seu, e todos já começavam a gritar e a aplaudir. María dirigiu seu olhar para a roda formada por aqueles que até poucos segundos só tinham olhos para ela. Viu, no centro daquela gente, uma pessoa segurando com força um cordeiro pelo lombo. Não tardou muito para comprovar que aquele animal seria sacrificado por ocasião de sua chegada à aldeia. Soube disso quando o homem que o segurava bruscamente levantou a cabeça do animal e ali mesmo o degolou. María não conseguiu, embora quisesse, fechar os olhos para não ver a quantidade de sangue que brotava da profunda ferida que a faca provocara na garganta daquele animal. Nunca vira tanto sangue, menos ainda saindo àquela velocidade de um ser vivo. Nem sequer podia se comparar ao ritual de boas-vindas que aquela mesma família protagonizara pelo nascimento de seu primeiro filho. Aquele animal que María observava atônita era três vezes maior, e pelo seu ferimento brotava sangue abundantemente. Mas o mais surpreendente, o que quase a deixou sem fôlego, ainda estava por vir.

Mal se recuperara da grande impressão que lhe causara a visão do sangue saindo aos borbotões do pescoço do cordeiro, um dos familiares de Nasrad recolheu com as mãos parte do sangue daquele animal e dirigiu-se até ela. Sentiu-se tentada a retroceder alguns metros ao ver a segurança com que o homem ia se aproximando. Mas não pôde, dentre outras coisas porque Nasrad a mantinha segura pelo braço e porque, embora não entendesse o motivo, ela assistia a todo aquele espetáculo como se fosse uma espectadora alheia a tudo o que ali se passava, embora na realidade fosse a estrela convidada.

Quando o homem que levava o sangue do animal recém-sacrificado chegou suficientemente perto de María, pegou suas mãos e, diante da sua incredulidade e surpreendente imobilidade, cobriu-as com o sangue do cordeiro. María sentiu suas mãos se impregnando daquele sangue. Sentia-as pegajosas e podia perceber perfeitamente o calor que o sangue ainda conservava. Teve a impressão de que aquela substância viscosa que escorria lentamente por entre seus dedos pesava muito, e causava-lhe repugnância, dificilmente controlável. Quando ainda se achava perdida, tentando nomear o acúmulo de sensações que percorriam seu corpo a cada segundo, aquele homem deu início ao mesmo ritual, mas agora em seus pés. María jamais soube como conseguiram descalçá-la para que o sangue daquele cordeiro, até há pouco cheio de vida, aparecesse untando seus pés e suas mãos. Enquanto o homem executava o inacreditável ritual, ia dizendo umas palavras que ela percebeu como uma espécie de prece, no mesmo idioma que ela não conseguia entender, nem uma única palavra. A seguir, e sem que lhe dessem qualquer oportunidade de entender o que estava acontecendo, obrigaram-na a tocar o chão com as mãos e com os pés como parte do rito. María até sentiu certo alívio quando suas mãos tocaram o solo, porque soube que parte do sangue que havia nela seria arrastada e limpa pela terra. Não podia entender por que aquilo a impressionava tanto e a impedia de reagir com mais naturalidade e tranquilidade tendo já presenciado o ritual de boas-vindas a seu filho Abdulah. Era estranho, mas sentia-se como se estivesse vivendo tudo aquilo pela primeira vez.

Todos pareciam estar celebrando algo importante, sentiam-se felizes, alegres, falavam alto, praticamente aos gritos, emitindo sons que María não se atreveu a comparar com canções.

Quando a surpresa e o estado de choque já haviam passado, ela soube que tudo aquilo que vivera era fruto de uma tradição.

Quando alguém novo chegava à família, especialmente uma mulher, ou quando algum membro voltava para casa, e este era o

caso de María e de Nasrad, o resto da família os recebia com esse ritual de morte, sangue e gritos.

A celebração durou praticamente o dia todo, e María não teve oportunidade de ficar a sós com Nasrad. Não conseguiu se lembrar de nem um único momento em que toda aquela gente em volta parasse de lhe fazer perguntas ou de conversar entre si sobre ela sem que ninguém lhe traduzisse o que estavam dizendo. O nível máximo de intimidade que chegou a ter com seu marido foram os olhares que dirigiram um ao outro durante o dia, quando María podia ver um Nasrad feliz e sorridente, como há dias não via, que com seus gestos a convidava a aproveitar aquele momento e se juntar à festa. O ruim é que ele não disse como.

María sabia que estava sendo bem recebida, mas não conseguiu se livrar daquela sensação que a estremecera desde o primeiro momento em que seus olhos cruzaram com os da mãe de Nasrad. María teve de ir muito fundo em suas recordações para se certificar de que nada de ruim havia acontecido entre elas. Ao contrário, recordava que aquela mulher a ajudara a trazer seu primeiro filho ao mundo e, embora não tenha sido agradável, nada havia sobre alguma desavença ou algum resto de rancor de então. Mas estava claro. Não era só uma impressão. María tinha certeza de que aquela mulher nunca seria sua amiga, sua confidente, sua aliada nem sua companheira, muito menos seu apoio naquele lugar.

Notou, e não só no semblante de sua sogra, que os ali presentes, principalmente as mulheres, a olhavam e a observavam como se ela não fosse uma igual, como se sua presença ali, embora celebrada com aquele ritual de boas-vindas que a tradição ditava, significasse realmente uma decepção para todos. Nos rostos, eram só sorrisos, movimentos de cabeça afirmativos, aplausos, saudações, alegria e comentários. No entanto, quando se voltavam, aquela cumplicidade se transformava em perigo. A família de Nasrad sabia que seu filho se casara com uma espanhola, mas não imaginavam que aquela mulher ostentava aquela aparência. É que María tirara a burca antes

de descer do carro e não se deu conta – ou não deu maior importância – de como estava vestida: calça jeans e camiseta de alcinha, que ali pouco ou nada correspondia à vestimenta das mulheres, que usavam vestidos largos, lenços na cabeça, e até mesmo a burca. Os pais, irmãos, irmãs e o resto da família de Nasrad sabiam que María procedia da Espanha, mas não sabiam que uma espanhola era daquele jeito; simplesmente a imaginavam mais parecida às mulheres de seu país.

Capítulo 7

Aquele primeiro dia foi uma surpresa para todos. E não exatamente positiva.

Quando a celebração acabou, todos se despediram e cada um se dirigiu para um lugar diferente. Naquele descampado havia duas casas: a principal, onde residiam os pais de seu marido e onde ficariam Nasrad, María e o pequeno Abdulah, com dois irmãos solteiros e outro recém-casado, todos no mesmo quarto; e outra menor, onde surpreendentemente viviam dois irmãos casados, um com onze filhos e o outro com treze. E a esse número acrescentavam-se as esposas, bem como primas, sobrinhas e cunhadas.

Quando Nasrad lhe disse que ficariam na casa principal, María respirou aliviada, porque durante o dia, ao ver tantas pessoas, chegou a pensar que dormiria em uma barraca que alguém montaria para ela e seu marido naquele descampado. Mas a alegria de descartar a ideia da barraca logo se dissipou ao descobrir que não havia nem água nem eletricidade na casa.

María não podia acreditar.

– E como arranjam água, Nasrad? – ela perguntou em voz baixa, com cuidado para que ninguém pudesse ouvir ou intuir o que estavam falando, mas sem poder resistir a sua imensa curiosidade.

– Vão buscá-la nos poços situados quase no começo do terreno. Não os viu quando entramos? São dois, um de cada lado. As mulheres vão todos os dias, três ou quatro vezes, enchem as garrafas e as trazem – Nasrad explicou com tanta naturalidade que María se surpreendeu ao ouvir que seu marido, que estava acostumado, como ela, às comodidades oferecidas pelo mundo

moderno, parecia não dar nenhuma importância ao que ela achava que correspondia mais à Idade Média que ao século em que viviam.

– Não têm torneiras nem sabem o que são? – ela insistiu timidamente, negando-se a acreditar naquilo que acabara de ouvir.

– E também não têm luz, não conhecem a eletricidade? – perguntou, ainda mais surpresa, quando viu que os irmãos de Nasrad colocavam uma lamparina de querosene em cada cômodo da casa. – É incrível. É como nos filmes.

– Maríá, o que você esperava? – Nasrad respondeu, levemente contrariado, não sabia muito bem se pela atitude de sua mulher ou pelo sentimento de culpa por não a ter dissuadido da ideia de acompanhá-lo. – Já lhe disse que o Afeganistão é um país pobre, onde a maioria vive abaixo das condições razoáveis de bem-estar.

– Bem-estar? Você disse bem-estar? Nasrad, sua família não sabe o que é isso. Sei que você me disse que era um país pobre, mas imaginei que seria como contavam minhas avós quando viveram a guerra civil e o pós-guerra. Claro que não imaginei isto – Maríá percorreu com o olhar o que a cercava e tornou a fazer uma pergunta a Nasrad, sem nem sequer olhar para ele: – Você nasceu aqui, neste lugar, como conseguiu...?

– Eu disse que não viesse, Maríá. Aqui não é lugar para você. E menos ainda com o menino. Será que não entende? Você está acostumada a outras coisas. E eu também, mas sei que existe isto que está vendo e que tanto a surpreende. Sei o que é viver desta maneira, e posso garantir que é possível viver nessas condições. Eu vivi – Nasrad manteve silêncio durante alguns segundos. – Você não devia ter vindo. Nem você nem o menino. Foi um erro, e a culpa é minha.

Maríá sentiu aquelas palavras de Nasrad se transformarem em facas que cravaram seu peito, provocando-lhe imensa dor. E sentiu-se cruel, egoísta, caprichosa e malcriada por causa dos comentários

que acabara de fazer, ignorando que aqueles eram o lar e a família dele.

– Desculpe, Nasrad. Não quis dizer isso. Estou feliz de estar com você, não importa se é aqui ou no melhor palácio do mundo. O que quero é estar com você, e todo o resto tanto faz. Acredite, por favor. Prefiro estar com você a qualquer outra coisa. Além do mais – ela acrescentou a fim de atenuar a tensão – , isto também não é tão ruim. Parece com os acampamentos que fazia quando era pequena. E também não passei tão mal. Você tem razão, Nasrad. É possível viver aqui, principalmente estando com você.

Nem ela mesma acreditava no que dizia. Seu tom soara muito infantil para ser crível. Nunca estivera em um lugar onde essas duas necessidades que ela considerava básicas não estivessem supridas. Mas decidiu que daquele momento em diante, e para não fazer seu marido sofrer nem um segundo, pouparia os comentários sobre o estado da casa, para não piorar ainda mais as coisas. Precisava se fazer forte novamente, passar a Nasrad a sensação de que nada estava acontecendo, e, se acontecesse, a ela não afetava.

Passaram a primeira noite às escuras, com o tímido resplendor que a lua devolvia; felizmente para María, estava quase cheia e penetrava pelas janelas da casa. Naquela noite tiveram sorte, os pais de Nasrad lhes permitiram ficar sozinhos com a criança em um cômodo da casa. O outro estava ocupado, só por aquela primeira noite, por cinco pessoas distribuídas como puderam em dois colchões. Nas noites seguintes, María e Nasrad dormiriam na companhia da mãe dele, inseparável do filho, para desgraça de María.

No dia seguinte as coisas não melhoraram. María se levantou, como era habitual, com uma enorme vontade de urinar. Tentava não beber muito líquido antes de se deitar para evitar esse desejo tão forte e tão incontrolável de ir ao banheiro, mas, mesmo assim, cada

vez que acordava não podia aguentar mais que alguns segundos para correr ao banheiro e ali se aliviar.

Mas, naquela primeira manhã na casa de seus sogros, não foi tão fácil. Levantou-se com pressa e passou a procurar o banheiro por todo canto da casa. É bem verdade que nem levou muito tempo, até porque a casa nem era tão grande assim. Em sua precipitada e desesperada busca também não encontrou a cozinha, na qual chegou a pensar, por instantes, como segunda opção para encontrar certo alívio fisiológico, já que não encontrava o banheiro.

Ao ver que aquilo era impossível, e mais ainda sem ajuda, correu de novo até onde seu marido ainda dormia e lhe perguntou:

– Nasrad, querido, não encontro o banheiro e não aguento mais. Onde fica, onde está escondido?

María vislumbrou um esboço de sorriso no rosto de seu marido diante da pergunta, mas a urgência que se apoderava de sua bexiga não lhe deu a opção de se distrair e comprovar aquela reação.

– Lá fora. Está lá fora, María – Nasrad respondeu, apontando para a janela.

María ficou abobada, olhando na direção em que apontava o dedo de seu marido. Não podia acreditar. Olhou para Nasrad, interrogando-o com o olhar esperando que ele confirmasse que lugar afastado era aquele.

– Lá fora, onde? – María começava a temer a resposta. – Lá fora, María, há um enorme buraco na terra, bem ao lado dessas árvores que tanto lhe chamaram a atenção ontem quando chegamos. Atrás dessa pequena cobertura meio destruída, está vendo? Pois aí está. Quando terminar de fazer o que tiver de fazer, há uma pá apoiada em uma das árvores. Use-a para jogar areia no buraco que você acabou de usar.

María achou que seu marido estava brincando. E, sinceramente, naquela manhã não estava de humor para enfrentar esse tipo de piada, mesmo que fosse dele.

– Você está brincando, Nasrad?

– Não, María. Se quiser, eu a acompanho e lhe mostro. Não estou brincando.

María simplesmente se ergueu dignamente, deu meia-volta e, sem olhar para seu marido, saiu pela porta principal da casa. “Tudo bem. Não é nada. São só quinze dias. E meu pai costumava dizer que quinze dias passam, até na cadeia. Então, María, não é nada. Nada. Nada.”

Quanto mais vezes repetia para si a palavra *nada*, mais força sentia para dar um novo passo e chegar até aquele buraco que, ao que tudo indicava, naquela casa fazia as vezes de banheiro. Não pôde evitar pensar em como seria, ali, tomar um banho, e sentiu um calafrio. Decidiu afastar rapidamente aquele pensamento e concentrar-se no que tinha de fazer.

Nasrad viu pela janela sua mulher se dirigir rapidamente ao lugar que ele indicara. Quando chegou ao ponto indicado, María inspecionou o local durante alguns segundos, para assegurar-se de que ninguém estivesse perto observando o que se dispunha a fazer. Viu que, realmente, lá estava o buraco e lá também descansava a pá da qual seu marido falara, apoiada em uma árvore. María se agachou, fez o que tinha de fazer, demorou alguns instantes para se levantar e, quando o fez, concluiu o ritual com a pá e a terra. Prova superada.

Quando María voltou a conversa não rendeu muito. Porém Nasrad tentou:

– Melhor?

– Muito melhor. Obrigada.

Capítulo 8

A família inteira se reuniu para tomar o café da manhã, que consistia em chá, pão e açúcar. Durante esse encontro matinal e familiar, María sentiu-se francamente constrangida, pois não só não lhe faltaram olhares curiosos, alguns inquisidores, como também os pais, irmãos, irmãs, cunhadas e inclusive sobrinhos de Nasrad não pararam de falar entre si, e com certeza o tema da conversa era ela. Em algumas ocasiões ela olhou insistentemente para Nasrad, em busca da tradução do que se falava ali. Mas por fim desistiu, pois cada vez falavam mais depressa, como se estivessem irritados, inclusive o próprio Nasrad. María teve a impressão de que estavam discutindo, e ninguém nem nada do que pudessem dizer depois conseguiria tirar de sua cabeça que o motivo da acalorada discussão era ela. Estava zangada e sabia-se excluída. Tinha certeza de que não os agradara, e seus olhares impertinentes e descarados assim certificavam.

Mal comeu naquela manhã, até porque não estava com fome. O que queria, e disse a Nasrad, era ir o quanto antes possível a Cabul para tentar de novo denunciar o roubo de que haviam sido vítimas e dar andamento à tramitação para conseguir seu passaporte, a fim de que pudessem sair o mais cedo possível daquele lugar. Nasrad lhe assegurou que assim seria, mas que antes precisava mudar sua forma de vestir.

– Se andar vestida assim teremos problemas. Uns tentarão lhe pedir dinheiro porque acham que, sendo estrangeira, está mergulhada na fartura, e outros poderiam fuzilá-la, e não só com o olhar. Minhas irmãs e minhas cunhadas a ajudarão a se vestir adequadamente. Depois podemos fazer o que quiser.

María aceitou o trato. Entendia que a roupa que levava não era adequada. Nem jeans, nem camisetas, nem shorts, nem saias

curtas, nem nada. Além do mais, depois do roubo que sofreram na fronteira do Paquistão com o Afeganistão, também não lhe restava muito o que vestir.

María conseguiu ganhar a cumplicidade e a amizade da prima de seu marido, filha de uma tia por parte de mãe, e mulher de seu irmão. No início, foi-lhe difícil entender que os parentescos não eram nenhum impedimento para agir como se achasse oportuno, principalmente no momento de duas pessoas unirem suas vidas, e mais tarde descobriria que a idade também não era. Aquela jovem com quem conseguiu se entender desde o primeiro momento chamava-se Motau, e seu marido lhe explicou que aquele nome significava lua. Tornaram-se inseparáveis, passavam o dia todo juntas. Tornaram-se cúmplices, amigas, confidentes, como irmãs. Tinham praticamente a mesma idade, e María logo notou que Motau era diferente do resto das mulheres que ali viviam, que tinha outras expectativas, outro olhar, outro caráter, outras inquietudes, até outro sorriso. María teria jurado que aquele rosto correspondia mais ao perfil de uma mulher ocidental que ao de uma afegã.

Graças à inestimável colaboração e à infinita paciência de Motau, María começou a aprender suas primeiras palavras naquele idioma que tantos entraves representara no início para poder se fazer entender e que conseguira levantar um muro quase insuperável entre ela e o resto da família de seu marido. Esses primeiros conhecimentos fizeram-na se sentir um pouco melhor. Sempre fora muito inteligente, e mostrara-se rápida para compreender o que lhe ensinavam.

Foi Motau quem, com a ajuda de outra cunhada de Nasrad, fez um vestido longo para María, apropriado para sua estadia ali. Enquanto permaneciam na casa de seus sogros não era necessário usar a burca, mas tinham de usar vestidos longos e a cabeça e o cabelo cobertos com um pedaço de pano, deixando apenas o rosto descoberto, se quisessem. Mas muitas das mulheres que viviam ali, especialmente as esposas dos outros irmãos de Nasrad, preferiam se

cobrir completamente com a burca. María quis sentir o ar no rosto, como a maioria das mulheres jovens. Além do mais, desde que chegara à casa de seus sogros, não saíra dos limites do terreno, motivo pelo qual não se sentia obrigada a vestir a burca.

María continuava insistindo na necessidade de ir de novo à capital, Cabul, e tentar encontrar a embaixada espanhola. Precisava denunciar o roubo do qual fora vítima na fronteira e sentia que, quanto mais tempo passasse, mais complicações surgiriam.

Os dias iam passando. E também o prazo previsto inicialmente de quinze dias para permanecer no país. María tinha fé no trabalho da embaixada, embora em sua breve estadia em Cabul não tivesse conseguido descobrir nem onde se encontrava nem os passos que devia seguir para recuperar sua identidade, algo de que sentia falta naqueles momentos. Tinha de explicar aos funcionários da delegação de seu país que era uma cidadã espanhola, que lhe tinham roubado todo o dinheiro e os documentos e que precisava sair, com seu marido e seu filho, do Afeganistão.

Por isso, e por muitas outras razões que nem sequer dividira com seu marido, mas que abrigou dentro de si, uma manhã cedo, antes que a frenética rotina se apoderasse daquela casa e de seus habitantes, ela conseguiu se levantar antes de todos, o que ela achou ótimo. Queria que aquele dia fosse o escolhido para, finalmente, se atrever a sair dos limites daquela casa, que estava se tornando uma prisão para ela. Antes de tornar a falar da necessidade de ir até Cabul para regularizar sua situação, devia conseguir vencer o primeiro desafio: tornar a se cobrir com a burca. De outra maneira, não podia enfrentar a realidade da rua.

María foi buscá-la. Estava no mesmo lugar em que a deixara no dia em que chegou à casa de seus sogros. Só Motau a acompanhava. Não sabia como, mas existia algo que as unia e que, quando uma se levantava, puxava a outra, por algum misterioso mecanismo. Quando novamente pegou aquela burca azul nas mãos,

María não pôde evitar recordar quão mal tinha passado no trajeto de Cabul até a casa da irmã de Nasrad. Mas tentou tirar aquilo de sua memória para evitar arrependimentos de última hora que atrapalhassem seu bom propósito naquela manhã. Olhou para Motau. E quando, de repente, se deu conta da situação, todos os olhares naquele cômodo se centravam nela. Lá estavam Nasrad, seus sogros, grande parte de seus cunhados e alguns filhos e esposas deles. Era como se todos quisessem ver se aquela mulher estrangeira que chegara de braço dado com Nasrad seria capaz de se tornar uma mulher afegã. María tornou a pousar seus olhos naquele pedaço de tecido. Desdobrou-o com desenvoltura e decisão, tanta, que até ela se surpreendeu com a iniciativa que demonstrava. E, sem esperar mais nem se deter em contemplações, colocou a burca, tal como a irmã de Nasrad lhe ensinara no carro, quando, recém-chegada a Cabul, a comprara.

Passaram-se dois, três, cinco, dez segundos, e María não conseguiu. “Estou sufocando. Não consigo. Não consigo respirar, não consigo ver, não consigo falar. Vou cair, e vai ser pior. Não consigo. Não posso.”

Puxou violentamente a burca, arrancando-a e jogando-a no chão com um desespero que chegou a doer em Nasrad, que observava a cena com preocupação e um sentimento de culpa que o consumia há dias, cada vez que olhava para sua esposa e percebia os maus bocados que estava passando.

María tentara vestir a burca às escondidas três vezes na última semana, mas seu ímpeto inicial sempre terminava igual: um desespero contido, um princípio de ataque de asma e o pranto sufocado que tentava calar sentada no chão, no canto mais frio da casa, com a cabeça apoiada nos joelhos e os braços abraçando-os com força.

Sentia-se ridícula com a burca. Não conseguia. E dessa vez não foi diferente. Também não conseguiu. Mas precisava sair, precisava ir

além do terreno de seus sogros. Motau dizia que tinha de ser com a burca, ou não seria. Seu marido lhe explicava que aquela peça de roupa injusta e vergonhosa a resguardaria dos olhares dos outros e evitaria que fosse atacada. Seus sogros lhe pediam que o fizesse por eles, por respeito, pelo que os outros diriam, mas também por medo. María queria atender ao pedido em forma de súplica de seus sogros simplesmente porque eram os pais do homem que amava.

– Deixe María. Amanhã tentaremos de novo, e vai ver como dará certo. Amanhã – Motau tentou acalmá-la ao ver que aquilo estava se tornando um suplício e, ainda por cima, público, pela quantidade de olhos que não queriam perder o espetáculo.

– Não. Vai ser hoje. Vai ser agora mesmo. Não posso me comportar como uma idiota ocidental. Não agora. Sou estrangeira, e quero usar a burca para minha segurança. E, quanto antes entender isso, mais cedo sairemos daqui.

María pegou a burca do chão. Respirou fundo. Inspirou profundamente, como costumava fazer quando se encontrava em uma situação complicada ou quando o estresse a dominava. Aquilo costumava lhe servir para acalmar os nervos. E pensou que naquela situação também funcionaria. “Como minha vida pode ter mudado tanto? Se alguém me visse assim não diria que sou espanhola.”

María olhou para Nasrad, que continuava contemplando, atônito, toda aquela situação. Não se lembra se conseguiu lhe sorrir, mas quis fazê-lo. Durante um instante seu pensamento foi até Londres, até o mercado do Covent Garden, onde tomaram café e protagonizaram seu primeiro encontro.

María puxou todo o ar que pôde para seus pulmões, fechou os olhos e colocou a burca. Não soube se passaram dois minutos ou duas horas. Mas soube que resistia e que, pelo menos por ora, ganhara daquela maldita burca.

– Pronto. Já podemos ir.

Capítulo 9

Naquele dia Nasrad decidiu levar sua mulher para tomar o café da manhã em uma cidadezinha próxima. Simplesmente queria e sentia que era uma espécie de ajuda ou recompensa depois de tantos esforços realizados pelo que ele entendia como responsabilidade sua. Motau, seu marido, dois irmãos de Nasrad e algumas crianças, entre eles Abdulah, os acompanharam.

Naquele dia o café da manhã foi especial, muito diferente do escasso e sem graça chá com pão que costumavam comer na casa de seus sogros. E, acima de tudo, tinham saído daquelas quatro

paredes e de uma rotina que estava sufocando sua mulher. Mas María continuaria se surpreendendo com aquela sociedade. Ao chegar ao local onde iniciariam sua primeira refeição do dia, viu uma divisão espacial separando-a de seu marido. Ela e as demais mulheres sentaram-se em uma parte do lugar, enquanto os homens se acomodaram em outra, muito mais ampla, luminosa e mais bem aclimatada. Tiveram de comer separados, porque assim estava estabelecido.

María não conseguia se acostumar a essas – para ela – ridículas normas de comportamento. Tinha a impressão de estar vivendo na época de seus bisavós, e aquela situação a exasperava em alguns momentos. Mas não tinha opção senão aceitá-la se não quisesse contrariar seu marido. Tudo menos isso.

María percebeu que naquela parte destinada às mulheres elas retiravam a burca para poder ingerir os alimentos com mais tranquilidade e normalidade. No entanto, ela sentiu muito medo, um medo que se alojava na boca do estômago em forma de nó e que a travava cada vez que tentava levantar a parte frontal daquele tecido. Por isso decidiu desfrutar aquele café da manhã colocando cada

porção de comida por baixo da burca. Sentiu-se humilhada, mas não protestou.

Quando acabou o café da manhã e saiu à rua para dar um passeio por aquela cidade, María simplesmente não enxergava. Os diminutos quadradinhos da burca, como uma redinha, situados estrategicamente à altura dos olhos, mal a permitiam entender o pouco que percebia através deles. Sentia-se desajeitada com a burca. Tropeçou em mais de uma ocasião, o que às vezes a fazia separar-se do resto da comitiva, especialmente de Motau, que era sua referência e de quem tentava não se afastar, não importava o que acontecesse.

Seus pés, porém, não conseguiam manter o equilíbrio. A cada dois ou três passos pisava na burca, e não tinha onde se segurar. Seu aturdido andar a fazia arrastar os pés, com medo de cair, e a única coisa que conseguia era levantar uma considerável poeira, que a obrigava a parar para tossir.

Acalmou-se ao perceber que ninguém olhava para ela. Andava pela rua como um fantasma, desajeitada. Sem rosto, sem fala, sem olhos, sem nada.

Podia ter caído, podiam tê-la atropelado, sequestrado, até matado, e ninguém lhe teria dirigido um olhar. Era simplesmente um vulto suspeito. Nem sequer isso, porque não levantava a mínima suspeita nem o mínimo interesse. Essa indiferença que provocava nos outros, que anos antes podia tê-la incomodado e até indignado, lhe parecia muito gratificante naquela manhã. Devolvia-lhe uma estranha segurança em si mesma.

Mas, de repente, percebeu que alguma coisa estava errada. E parou. Olhou a sua volta, para um lado e para o outro, movendo o corpo todo, como um autômato, o que lhe conferia um aspecto de androide, em consequência da burca. As casas, os edifícios, os carros, as carroças, os homens que iam e vinham, as crianças que

corriam... nada lhe parecia familiar. María podia jurar que a pessoa atrás de quem se colocara ao sair daquela cafeteria era Motau. Contudo, quando se deu conta, compreendeu que não era ela. Sentiu-se tentada, então, a levantar a burca, mas de novo veio aquela trava no estômago que a avisava de um possível perigo. María tentou olhar com mais atenção pela redinha da burca, mas foi inútil. Não conseguia encontrar Motau, que lhe servia de referência, como uma bússola, naquele seu quase passeio. Estava perdida. Era a primeira vez que saía da casa de seus sogros com a burca e acabara se perdendo. Estava sozinha. Uma mulher, estrangeira, sem documentos e sem seu marido no meio de uma cidade a centenas de quilômetros de Cabul. Perdida. María sentia-se morrer, e não sabia se gritava, se chorava, se pedia socorro, se saía correndo ou se simplesmente ficava quieta, sem mover um único músculo. Pelo menos, assim, passaria despercebida e ninguém interpretaria mal nenhum movimento seu. Naquele momento de incerteza, foi tomada por uma sensação de terror e de medo profundo, que não sabia como controlar.

De repente, sentiu alguém segurar seu braço e puxá-la. Depois de alguns segundos, em que lhe pareceu estar tendo uma parada respiratória, ouviu a voz de seu marido.

– María, aonde vai? Acha que isto aqui é Londres? – ele perguntou sem conseguir entender o que levava sua esposa a caminhar sozinha e abandonar o resto da comitiva familiar.

– Eu me perdi, Nasrad. Não vejo nada. Achei que aquela mulher era Motau e a segui, e, quando me dei conta, não era ela, e... Como todas usam quase a mesma burca, não percebi! – María respirou mais tranquila ao sentir o contato físico com seu marido. – Ainda bem que você está aqui. E como percebeu que era eu?

– Pelos sapatos. Bom, pelos sapatos e porque parecia um pato andando – brincou Nasrad por um momento. – María, repare sempre nos sapatos se não quiser se perder de novo. Devem ser sua

referência, pelo menos até que se acostume – Nasrad mudou o tom de voz, até deixá-la mais doce, porque suspeitou que María estava precisando. – Você me deu um susto enorme.

– Pois então imagine o susto que eu levei.

Foi um duro golpe para María ter se perdido, e maior ainda por sentir-se perdida, sozinha e abandonada durante alguns instantes. Estava acostumada a aparentar ser mais forte do que na realidade era. Gostava de se fazer de durona na frente de todo mundo, e achava necessário mostrar isso também naquela situação que estava vivendo como consequência do amor por seu marido. Não podia falhar com ele. Não poderia suportar a ideia de que seu marido pensasse que ela significava apenas uma carga para ele. Mais ainda tendo sido ela quem insistira em acompanhá-lo naquela viagem. Por isso decidiu continuar aguentando. Continuar suportando aquela prova que cada dia se tornava mais pesada. Mas tudo valia a pena por Nasrad.

Capítulo 10

Os dias passavam e María não via surgir nenhuma novidade acerca de uma breve saída daquele lugar. Ganhara a primeira batalha contra a burca, mas ainda não conseguira ir a Cabul. As grandes nevascas que surpreenderam a todos naquele ano deixaram as estradas intransitáveis, e elas representavam a única ligação com a capital. As coisas estavam complicadas para María, que optou por se conformar com a ideia de passar ali uma temporada mais longa do que de início havia pensado. Tinha de se resignar, e, o quanto antes entendesse, melhor. Por ora não havia outro caminho.

Motau continuava sendo seu principal apoio quando Nasrad não estava, o que era bastante frequente, pois acompanhava o irmão no trabalho para tentar obter um pouco de dinheiro para a casa da família. Desde que chegaram, viviam da caridade da família, e isso não agradava nem a Nasrad nem a María, que se sentia reprimida e sem direito de solicitar nada, mesmo que fosse algo de primeira necessidade. Nas longas ausências de seu marido, que podiam durar o dia todo, se não mais, ela tentava não se separar nem um momento de Motau.

Foi ela a encarregada de se tornar a professora perfeita que ia mostrando a María as coisas que devia fazer na casa enquanto estivessem vivendo sob aquele teto.

Ensinou-lhe a cozinhar o arroz que costumavam comer ali, que nada tinha a ver com o que María estava acostumada a preparar, mas era o único que conheciam naquele lugar e com o que toda a família se alimentava duas vezes ao dia. Instruiu-a na complicada técnica, aos olhos de María, de acender as enormes estufas a lenha para poder cozinhar e aquecer a casa antes que anoitecesse e a temperatura caísse radicalmente. Mostrou-lhe onde ficavam os poços

dos quais devia extrair a água para poder beber e se lavar, embora isso não fosse algo que preocupasse muito aquelas pessoas.

Explicou-lhe que todo dia deviam fazer quatro ou cinco viagens, com garrafas de cinco, dez e até vinte litros, enchê-las e voltar para casa, o que representava um percurso de uma meia hora caminhando. Motou também lhe ensinou como e onde se lavava roupa ali, mostrando-lhe as vasilhas enormes onde ia parar a maioria das peças de roupa dos que ali conviviam. Advertiu-a acerca de como lavar para que suas mãos não se cansassem depois de esfregarem toneladas de roupa e para que não se visse obrigada a parar porque as sentia pesadas ou adormecidas em razão do esforço e do peso. Não havia muito sabão, nem ninguém sentia falta. E foi justamente essa questão da higiene pessoal que provocou as primeiras desavenças entre María e a mãe de Nasrad.

María estava acostumada a tomar banho todos os dias, algo muito estranho e não entendido naquele lugar. Ela utilizava parte da água que recolheria nas garrafas e carregava em um carrinho para tomar banho. Separava certa quantidade, aquecia-a nas estufas e fazia assim todos os dias sua higiene pessoal. Mas a mãe de Nasrad não entendia aquilo, e, um dia, María surpreendeu sua sogra recriminando, para seu filho, a atitude egoísta de sua mulher. A situação era tão absurda que até o pai de Nasrad, o marido daquela mulher que começava a deixar evidente de não ser nada partidária de María, saiu em sua defesa, perguntando a sua mulher qual era o problema se a garota queria tomar banho todos dias, visto que ela mesma cuidava de buscar a água e de aquecê-la, de modo que não se apropriava de nenhuma quantidade que correspondesse a outro. María gostava muito do pai de Nasrad, porque sempre a tratara com carinho especial. Aquele homem entendia e adorava explicar aos outros que María era uma refugiada por amor, que estava ali para não se separar de seu filho e que renunciara a tudo o que era e o que tinha para ficar com ele. Pena que o pai não estivesse em casa a maior parte do dia. As coisas teriam sido diferentes.

A sogra continuou protestando. Gritava, gesticulava exageradamente com as mãos e com todo o corpo, e parecia que sua vida se acabava em cada movimento.

María não podia acreditar na atitude daquela mulher. Ela tentara fazer todo o possível para ser simpática, para ganhar sua confiança e seus favores. Mas tudo tinha sido inútil. E, sinceramente, não entendia por quê. Como também não entendia por que seu marido não dizia nada à mãe, por que não tentava fazê-la ver seu erro e sua absurda obsessão por aquele comportamento normal de María. Enfim, por que não saía em defesa de sua mulher, considerando que ela não tinha feito nada. Mas María queria entender a postura de seu marido como fruto do cansaço que vinha acumulando durante todo o dia. Saía pela manhã de casa com seu irmão e ia procurar trabalho, o que aparecesse, e voltava à noite, cansado e muitas vezes deprimido e mal-humorado, porque chegava de mãos vazias, sem dinheiro e sem ter conseguido comida para alimentar sua família. Sentia-se inútil, e o atormentava o fato de não ser capaz de levar dinheiro para casa, que é o que lhe haviam ensinado desde pequeno que um homem devia fazer. María entendia que a última coisa de que seu marido precisava eram problemas, e, se sua mãe os criava, ela assim não faria. Então, de novo, María se calava e aguentava. De novo por amor. De novo por Nasrad.

Também optou por não contar a seu marido as necessidades que estava passando nem as humilhações de que estava sendo alvo por parte daquela mulher e de suas absurdas atitudes.

María usava o mesmo vestido longo, que cobria todo o seu corpo, desde que chegara à casa de seus sogros. Ainda se lembrava do dia em que o ganhara de Motau e das outras mulheres. A primeira impressão que María tivera ao vê-lo foi que aquilo ia ficar enorme e que tolheria bastante sua liberdade de movimentos. E assim foi. Naquele dia, María dissera, com certa tristeza e notória contrariedade, adeus aos jeans, às camisetas e às saias curtas.

Desde então, não colocara outro vestido, e se sentia francamente incomodada e suja. Desejava com todas as suas forças que alguém lhe desse outro vestido para poder se trocar e então poder lavar o primeiro. Mas quem podia fazer com que seu desejo se tornasse realidade não era outra senão sua sogra, que não estava disposta a ceder.

Os homens costumavam levar alguns tecidos para as mulheres, comprados quando sobrava algum dinheiro depois de terem adquirido os alimentos necessários. Sabiam que esses panos seriam úteis tanto para a casa como para elas. Mas toda aquela mercadoria que chegava à casa era entregue imediatamente à mãe de Nasrad, que, por sua vez, guardava tudo em um enorme baú, que mantinha trancado, em um gesto explícito de que não pretendia dividir aquilo com ninguém. De vez em quando, uma estranha caridade se apoderava daquela mulher, e ela obsequiava com algum pedaço de tecido as mulheres da família. Todas, exceto María, que sofria cada vez mais por não poder lavar seu único vestido pois não tinha nada para substituí-lo. Muitas vezes, via-se forçada a se enrolar em outro tecido que lhe causava mais dificuldade na hora de se desenrolar ou pedir um vestido a alguma cunhada, o que era muito difícil por diversos motivos. Primeiro, porque os manequins das mulheres eram diferentes; segundo, porque a sogra se enfurecia quando via que umas ajudavam as outras. Isso a tirava do sério. Era superior a suas forças. E quem costumava pagar por sua irritação eram as outras mulheres.

Algumas vezes, María teve de colocar o vestido recém-lavado e ainda molhado, vendo sua sogra se divertir com tudo aquilo. Não era a primeira vez que tivera de fazer algo similar. Quando María estava menstruada, passava realmente maus bocados. Tinha de se virar com um pedaço de pano, que precisava lavar a cada duas ou três horas. A impossibilidade de pô-lo ao sol ou de pendurá-lo para que secasse com o resto da roupa era evidente, porque era o único pedaço de pano que tinha. E assim María tinha de voltar a colocar aquele trapo úmido, o que aumentava o desconforto que sentia

nesses dias. Além do mais, tinha muita vergonha de que a vissem lavar essa peça e tentava se esconder com o que quer que fosse. Nos primeiros dias da menstruação, quando era mais abundante, María vivia seu inferno particular, pois, ainda por cima, não podia dividir aquilo com ninguém.

Em algumas ocasiões, suas cunhadas, que sabiam do que acontecia entre María e sua sogra, em um ato de generosidade lhe davam tecidos para que costurasse ela mesma a roupa. Mas os problemas não acabavam, María nem imaginava como usar a agulha e a linha. Sua sogra tinha uma máquina de costura, porém se negava a emprestá-la, de modo que María se via obrigada a ir escondida à casa de suas cunhadas para que elas costurassem. Muitas vezes teve de voltar para casa com o pedaço de tecido tal como o levava, porque suas cunhadas se negavam a ajudá-la por medo de que sua sogra soubesse e aplicasse represálias contra elas pelo simples fato de lhe terem feito um favor.

Com o que sua sogra havia concordado, e mesmo insistido, era imperiosa necessidade de se confeccionar outra burca para ela. María achou cruel não poder ter acesso a roupa mais prática, como um vestido, e mais ainda o fato de sua sogra insistir naquilo. “Uma do seu tamanho. Que seja só sua. Que pertença a você, e você a ela.” Odiou sua sogra naquele momento. A desculpa que ela usou naquela manhã era de que a sua demorava muito para secar. E era verdade. María lavara a burca em duas ocasiões, e demorava mais de um dia inteiro para secar, mesmo que fosse estendida ao sol ou posta ao lado da lareira. Mas não era menos verdade que precisava mais de qualquer vestido que de uma nova burca.

Mesmo assim, María teve de aguentar e ficar mais de meia manhã para que tirassem suas medidas exatas. Começaram pela cabeça, e María descobriu que aquilo era o início de tudo. A burca começava a ser fabricada como se fosse um gorro. Um gorro bem apertado e pesado, que chegava a comprimir a cabeça da mulher, para depois abrir-se diametralmente até cobrir os pés. A nova burca

também era azul, e ela notou que na confecção haviam utilizado mais de cinco pedaços de tecidos diferentes, dando-lhe a sensação de que sua nova burca era um mosaico de outras que as mulheres não usavam mais.

Enquanto iam tirando suas medidas, María viu-se no espelho. “Caramba, parece que estou fantasiada. Ainda bem que isto vai acabar logo e vou voltar à Europa, porque, senão, eu morreria. Não sei como podem usar isto a vida inteira.” Diante do espelho, ela não se reconhecia, mas, sem dúvida, era ela quem a imagem mostrava. “Isto vai ser algo para contar aos meus netos. E, com certeza, quando contar, todos riremos.”

A burca que estava destinada a cobri-la ficou pronta em apenas uma semana. O novo vestido que lhe permitisse mais higiene e conforto demorou meses para chegar.

O mesmo acontecia com qualquer tipo de artigo que os homens trouxessem em suas saídas. Tudo ia parar no enorme baú da sogra, e ninguém podia tocar em nada, a não ser que ela decidisse, um gesto despótico e egoísta que a definia perfeitamente.

María observava aquela mulher guardar, com uma repugnante avareza, os pedaços de sabonete que lhe davam, rapidamente, como que querendo que ninguém visse e, assim, não lhe pedissem nada. Depois, colocava um único pedaço para uso de todos os que conviviam naquele terreno. María achava aquela cena triste demais. Assim como triste lhe parecia nunca poder lhe pedir meias. Tudo tinha de ser feito escondido dela. María chorava amargamente. Não conseguia entender como chegara a uma situação em que um absorvente, um sabonete, meias ou dois metros de tecido podiam se transformar em artigos de luxo. No entanto, ela estava se tornando uma testemunha viva daquela realidade.

Custou-lhe muito tempo e esforço para esboçar um sorriso. María só se lembrava de passar horas e horas chorando, era-lhe quase

impossível evocar um momento alegre, de risos compartilhados, de confidências, de sonhos, de conversas descontraídas.

Contudo, eles também existiram. Menos, mas existiram. Principalmente os momentos que compartilhou com as mulheres daquela família, suas cunhadas, as primas, as sobrinhas e, em especial, com Motau. Nunca com sua sogra. Jamais.

María entendia-se perfeitamente com as mais jovens. Com elas, um de seus temas favoritos era roupa íntima. Foi o que, desde um primeiro momento, mais chamou a atenção delas: a roupa íntima que María levava na bagagem. Quando ela decidia lhes contar dos diferentes modelos e formas que se comercializavam nos países europeus, sabia que tinha audiência garantida e que nada do que acontecesse a sua volta poderia distraí-las. María era, então, a mais popular, a que mais sabia, a quem todas admiravam, com quem todas queriam se parecer. Naquele lugar, quando muito, as privilegiadas podiam usar roupa íntima de segunda mão, de modo que ouvir e ver alguns modelos que María conseguira salvar do roubo era um verdadeiro luxo para os olhos das mulheres.

Foi com elas que María conseguiu sorrir, especialmente quando se reuniam para falar mal de sua sogra. Era um dos melhores momentos. Todas elas tinham uma história para contar sobre os maus-tratos que aquela mulher lhes havia infligido em algum momento da vida. María pensou que aquilo era uma boa terapia para aquelas mulheres, que contavam episódios de verdadeira crueldade protagonizados pela mulher que naquele momento era objeto de suas zombarias e daqueles minutos de descontração.

Havia dias em que daquelas reuniões saíam planos, que depois punham em prática e que serviam de novo para criar um ambiente especial e divertido entre as mulheres. Muitos foram os dias em que elas se atreveram a pegar as roupas de sua sogra e vestir-se com elas, para depois imitá-la, projetando sempre uma imagem má, grotesca e perversa dela.

Em uma ocasião, quando María, Motau e mais três mulheres estavam pintando uma das casas, uma delas usou o pincel para desenhar, em uma das paredes, um perfil pouco favorável da sogra, o que serviu para que todas as outras colaborassem, dando um novo matiz artístico àquela pintura que ridicularizava ainda mais a imagem da temível mulher. De repente, o sogro de María as surpreendeu naquela brincadeira e lhes deu uma boa bronca, não tanto por estarem debochando de sua mulher, o que sinceramente podia entender, mas por estarem desperdiçando tinta, algo inadmissível. Quando o sogro foi embora, as mulheres não puderam evitar uma sonora gargalhada, o que não as privou de apagar rapidamente aquela imagem de sua sogra espalhando mais tinta sobre ela.

María se perguntou muitas vezes o que sua sogra pensaria se soubesse como as mulheres a quem tanto havia feito sofrer riam dela. E surgia em sua mente a imagem de sua sogra, irritada como nunca a vira, ao surpreender Motau e María molhando uma à outra enquanto lavavam a roupa de seus familiares. Aquela imagem conseguia lhe dar uma dose extra de energia para seguir em frente, mesmo contra as centenas de injustificados atrevimentos e injúrias de sua sogra.

Capítulo 11

Os longos meses de inverno foram duros, e não só pelo frio que María suportava a duras penas. Comparado com o resto de seu particular calvário imposto por sua sogra, aquilo era o que menos lhe importava. Havia dias em que a relação com sua sogra piorava; as ausências de Nasrad, que saía de casa à primeira hora da manhã acompanhando o irmão no caminhão e só voltava tarde da noite, eram cada vez mais longas, e as tarefas dadas às mulheres, e evidentemente a María, dentro daquele terreno, não eram do seu agrado nem tampouco compatíveis com suas habilidades.

Sua sogra lhe jogava na cara que não trabalhava o suficiente, não se esforçava como as outras. Não eram poucas as vezes que a acusava na frente de todos de perder tempo e de ser uma folgada, deixando que as outras mulheres fizessem o trabalho duro. E María zangava-se, ficava irada, sabia que sua sogra estava mentindo, que o que ela contava não era reflexo da realidade, mas não podia fazer nada. Na verdade, María nunca fizera aquelas tarefas, e sua aptidão não podia ser comparada à das outras mulheres, que passaram a vida toda fazendo aquilo. Eram só queixas que saíam da boca de sua sogra.

María não sabia como acender o fogo, e em suas primeiras tentativas, jogava muita gasolina, provocando uma grande fumaceira, fazendo que o cheiro impregnasse toda a casa e a roupa que estava pendurada para secar. A sogra também não estava satisfeita com o jeito de María lavar a roupa. Afirmava que não esfregava o suficiente e insistia em que não a sabia alvejar, e não poucas vezes a mandava lavar novamente a mesma roupa, que, María pôde comprovar, ela mesma sujava de propósito para dar a entender que estava mal lavada.

A hora de se levantar também era um problema para a mãe de Nasrad. María estava acostumada a dormir mais horas, enquanto as pessoas, parecia-lhe, apenas cochilavam, e por isso levantava-se mais tarde, o que provocava a ira da sua sogra e mais e constantes reprimendas.

Motau, as demais cunhadas e mesmo os irmãos de Nasrad aconselhavam-na a não ligar, a ignorá-la, pois a sogra fizera o mesmo com todas. Entretanto, María notava que com ela sua sogra esmerava-se em se mostrar especialmente desagradável, fazendo-a se sentir candidata a ser a mais odiada.

Aquela mulher, por volta dos seus 65 anos, que María chegara a admirar pela coragem de criar doze filhos, dentre eles seu grande amor, simplesmente não gostava dela, e parecia que seu único objetivo neste mundo era tornar sua vida impossível, ou pelo menos bem mais difícil. Não havia possibilidade de aproximação entre elas. María sabia que se transformara em seu principal inimigo, porque seu casamento com Nasrad arruinara os planos que sua sogra elaborara durante anos e que levariam seu filho a se casar com as mulheres que quisesse e que sua mãe necessitasse, para mais tarde usá-las, aproveitar-se delas e pô-las a seu serviço. Mas com María isso não era tão fácil. Aquela mulher não contava com aquele casamento.

O pior era quando a sogra dava as broncas, fazia as acusações e as censuras na frente de Nasrad. Acusava-o de ter se casado com uma mulher inútil, que não sabia fazer nada direito, e lhe pedia encarecidamente, quase suplicava, que se casasse com uma sobrinha dela, a quem Nasrad já estava prometido havia anos – na época, sua família teve de pagar um dote para quebrar aquela promessa, pois Nasrad fugira do país em plena ocupação russa e prometera jamais voltar. Sua mãe lhe aconselhava esse novo casamento, pois, embora casado com María, lá no Afeganistão era permitido ter até sete mulheres. E o induzia a dar este passo porque, se um dia María decidisse ir embora do país e ele fosse com

ela, a sogra poderia ficar com uma de suas mulheres para usá-la como criada e empregada. Quando María ouviu aquela proposta, teve de se controlar muito para não acabar dizendo tudo o que há muito tempo calava.

Um dos piores momentos María viveu quando seu marido se ausentou, por causa do trabalho, durante oito dias. A neve cobrira totalmente as estradas que ligavam a aldeia dos pais de Nasrad com o povoado onde ele fora trabalhar, e por isso teve de permanecer uma semana fora de casa. Todo esse tempo María passou praticamente sem comer. Ela testemunhou sua sogra lhe dar como alimento tudo aquilo que encontrava em mau estado e tudo o que o resto da família não queria comer. Era aquilo que, segundo sua sogra, lhe cabia, e, se tivesse algo a dizer, que o fizesse quando seu marido chegasse. Ela costumava usar muito esse argumento porque sabia perfeitamente que María não aborreceria Nasrad contando-lhe todos os maus-tratos que sua mãe lhe dispensava.

Mas, muito pior que a ameaça de morrer por inanição, foi o tratamento que a sogra dispensou ao neto, Abdulah. Nem um gesto de carinho, nem uma atenção, nem um mimo, nem uma carícia. Nada, absolutamente nada se viu naquela casa que fizesse suspeitar certo amor de avô pelo neto, o que doía em María mais que qualquer afronta que pudessem lhe fazer. E isso ela não perdoaria jamais. María não parava de chorar quando ninguém a via e abraçava seu filho contra seu peito, contando-lhe quanto seu avô materno – que estava longe, mas que um dia reveria – o amaria assim que o visse, brincaria com ele, o levaria em longos passeios, lhe compraria brinquedos e doces, leria histórias, e dividiria com ele tudo que um avô devia dividir com um neto. María passava horas chorando, noites inteiras em claro sem a ajuda, o apoio nem a companhia de seu marido.

O menino passava frio e fome e não conseguia dormir bem à noite, apesar de María fazer o possível para que ele sentisse todo o amor e o calor do mundo em seu corpinho.

Quando Nasrad voltava para casa, sua mãe parecia sofrer uma metamorfose, que a transformava no que não era: uma avó carinhosa, atenta ao neto, que não parava de beijá-lo e pegá-lo no colo, e que o enchia de atenções e de carinhos. María se revirava toda por dentro quando contemplava o exercício de cinismo de sua sogra só para enganar Nasrad. Pareceu-lhe vergonhoso, hipócrita, maligno, e sentiu-se tentada a arrancar seu filho daqueles braços fingidos, até porque a criança não parava de chorar, sem dúvida estranhando aquele colo em que nunca era embalado.

María e seu marido tiveram suas primeiras discussões por esses desencontros com a sogra. Ela jurava que fazia todo o possível, mas que para sua mãe tudo estava errado. E Nasrad lhe pedia que se esforçasse um pouco mais, o que a irritava mais ainda. Não podia crer que seu marido acreditasse na mãe e não nela, dando-lhe razão pelo simples fato de ser sua mãe. Por isso optou por não lhe contar nada e engolir os desgostos, os lamentos e as injustiças que sua sogra quisesse lhe dispensar; concluíra afinal que não podia fazer nada.

Passaram-se muitas semanas e muitos meses até Nasrad compreender o que realmente estava acontecendo entre sua esposa e sua mãe. Foram os próprios irmãos e as cunhadas de Nasrad que o fizeram ver que sua mãe estava mentindo e que estava complicando a vida de María.

– Sua mulher está passando pelo que você não pode nem imaginar, a não ser que lhe contemos. E eu vou lhe contar, Nasrad – sua cunhada disse, muito séria, enquanto seu marido, o irmão de Nasrad, ouvia e ratificava com um movimento afirmativo da cabeça cada palavra dela. – Sua mãe se levanta toda manhã com uma única ideia na cabeça: complicar a vida de María. Essa mulher o ama como nunca vi nenhuma mulher amar; eu a vi chorar, aguentar dores, sofrer humilhações, dar as costas aos deboches de sua mãe, trabalhar como uma mula, passar fome, consumir-se em solidão, e tudo sem dizer a você uma única palavra para que não se

preocupasse, para que nada o afetasse, para que nada lhe fizesse mal. Para que você pudesse seguir com sua vida, enquanto ela se sufocava na dela. E tudo porque sua mãe não consegue ver como ela é, uma mulher apaixonada pelo filho dela, por quem estaria disposta a fazer qualquer coisa. E você não teve olhos para ver nada disso, Nasrad. Tudo se passava diante de você, que nem sequer percebeu – sua cunhada sabia que estava sendo dura com Nasrad, a quem amava muito, mas tinha consciência da necessidade de dizer tudo aquilo se quisesse ver algum tipo de reação de seu cunhado. Respirou fundo, olhou para o marido, segurou as mãos de Nasrad e voltou a sussurrar: – Leve-a daqui, Nasrad. Tire-a deste lugar antes que seja tarde demais, ou o peso na sua consciência o devorará até não deixar nada de você nem do amor dela. Saiam daqui o quanto antes.

Quando sua cunhada concluiu seu sincero e certo discurso, Nasrad parecia ter envelhecido dez anos. Não podia acreditar no que sua mulher sofrera em silêncio, e era duro para ele descobrir que não se dera conta de nada. Perguntava-se, martirizando-se, que espécie de marido era e em que tipo de homem havia se transformado na volta àquelas terras que o viram nascer. Nasrad levantou-se, como se uma força sobrenatural tivesse se apoderado de seu corpo, agradeceu a informação – uma confiança – de sua cunhada e de seu irmão e dirigiu-se à casa onde María o esperava, como sempre, com um sorriso e seu filho no colo. Se Nasrad envelhecera dez anos em dez minutos, sua mulher não ficava atrás. E Nasrad decidiu naquele momento:

– Vamos a Cabul por um tempo, María. Já é hora, não acha? – Nasrad sentiu-se feliz ao ver o rosto de sua mulher se iluminar ao ouvir a boa nova. – Faz um ano que chegamos, e seria bom aproveitar a chegada do bom tempo para irmos até lá e tentarmos fazer tudo o que não tivemos tempo de começar até agora.

María não podia acreditar no que estava ouvindo. Desde o primeiro dia quando chegara àquele lugar sonhava com esse

momento, quando seu marido lhe comunicaria que iriam a Cabul. María tinha certeza de que sua sorte mudaria assim que pusesse os pés na capital e pudesse ter a oportunidade de ir à embaixada espanhola e ali dar início aos trâmites.

Ela abraçou Nasrad, que lhe devolveu o amor contido naquele abraço beijando-a, a ela e a seu filho. Não se disseram nada. Não foi preciso. Cada um sabia que o outro estava feliz e que era assim que as coisas tinham de ser.

Naquela noite, María mal notou os desaforos e os maus modos de sua sogra. Naquela noite nada lhe tiraria a felicidade que a promessa de Nasrad lhe trouxera. Naquela noite María e Nasrad tinham pressa de acabar o jantar para fazer um passeio ou ir dormir. Tinham muitas coisas a dizer um ao outro. Precisavam fazer planos, e não queriam que ninguém soubesse antes do tempo. Aquele momento era inteira e somente deles, de mais ninguém.

– Aonde iremos, Nasrad? Como viveremos? Não temos dinheiro, não temos nada. Como vamos nos arranjar? Não somos mais só nós dois. Temos Abdulah – María perguntava, mais por curiosidade que preocupação. Estava tão feliz que a palavra *complicação não entrava em seus planos*.

– Não se preocupe, María. Já pensei em tudo. Eu tenho família em Cabul, sete tios paternos e cinco maternos. Nenhum deles é rico, ao contrário, mas todos nos ajudarão e teremos tempo para procurar a embaixada e contar-lhes nosso problema. Tentaremos a sorte durante alguns dias em Cabul. E depois veremos. Você vai ver como tudo se ajeita, María. Sinto muito. Sei que as coisas vão se arranjar e que não teremos de voltar aqui nunca mais.

Nasrad apontou com os olhos o terreno que o vira nascer e também seu filho. Sabia que aquele tinha sido seu início, mas compreendeu que aquela não era vida nem para ele nem para sua

mulher, e muito menos aquela que pensara e desejara para seu filho.

María percorreu com o olhar aquele lugar que se tornara sua casa nos últimos meses, mas não seu lar. Fechou os olhos e desejou que aquela imagem nunca mais ficasse em sua retina. Que aquela fosse uma das últimas vezes que isso aconteceria. Naquela noite, rezou por isso.

Capítulo 12

A notícia da viagem a Cabul não caiu muito bem para a mãe de Nasrad.

– E o que vocês têm a fazer em Cabul? Lá as coisas estão muito mais difíceis que na aldeia, e aqui precisamos de sua mão de obra. Não acho que seja uma decisão acertada, Nasrad. Não acredito. Vocês deveriam repensar essa viagem absurda e desnecessária.

María achou que nunca conseguiria arrancar totalmente o desagradável som da voz da mãe de Nasrad de sua cabeça. Conseguiria distingui-la entre um milhão, e sabia que realmente odiava aquela voz, suas expressões, seus tons, e sempre desprezaria tudo o que pudesse sair daquela boca. Mas aprendera disfarçar suas impressões, a acalmar suas reações e fingir que nada tinha escutado.

– Temos de ir, mãe, para tentar ajeitar umas coisas. Serão só alguns dias e, assim, aproveitaremos e traremos alguma coisa da capital – explicava Nasrad sem mostrar muito interesse pelas palavras de sua mãe. – Além do mais, María tem mais possibilidade de iniciar os trâmites de que necessita com a embaixada espanhola em Cabul e de ter sucesso do que se ficarmos aqui. Será só por alguns dias, depois voltaremos, mãe. Não se preocupe, logo estaremos de volta.

– Espero que o que diz seja verdade. Principalmente preocupe-me que voltem você e meu neto – María não teve necessidade de ver a expressão de sua sogra para saber que naquele momento, ao pronunciar aquelas palavras e se esquecer de mencionar o nome de María, a estaria olhando com ódio e a mesma desconfiança que sempre se apoderava de seus olhos quando a conversa era sobre ela. Mas desta vez não se importou. Ao contrário, divertiu-se com a

cena. – Você sabe como são as mulheres como a sua, Nasrad. Quando conhecem isto, não são capazes de suportar e abandonam tudo. Por isso, tenha cuidado com esses planos. E lembre-se sempre de quem manda nesse casamento. Nunca se esqueça de que você é o homem, e ela, a mulher. E isso já diz tudo.

Nasrad olhou para María e a cumplicidade se apoderou deles. – Claro, mãe. Não se preocupe. Eu sei.

María e Nasrad se despediram dos demais familiares também prometendo voltar logo. No íntimo, porém, María desejava jamais voltar àquele lugar. Rezava para que sua próxima estadia em Cabul fosse bem-sucedida, que lhe servisse para arranjar seus documentos e, com um pouco de sorte, não tivesse de voltar ali. Mas isso ninguém sabia. Nem sequer María. Só fazia conjecturas. Nasrad já a advertira na noite anterior.

– María, vamos a Cabul para que você tenha oportunidade de pedir ajuda à embaixada. Mas, se a ajuda não for imediata e não tivermos como sobreviver em Cabul, talvez tenhamos de voltar à casa de meus pais. Tenha isso em mente. Não quero que tenha falsas ilusões.

Ficou claro para María, mas ela não queria que ninguém lhe tirasse seu direito de sonhar acordada.

– E lembre-se, María – disse Motau enquanto a abraçava forte –, quando voltar de Cabul, traga-me alguma roupa íntima, dessa tão bonita que vocês, ocidentais, usam e com que conseguem enlouquecer os homens. Você já sabe meu número. Traga tudo o que puder. Promete, María?

María nunca conseguiu entender a obsessão daquelas mulheres por roupa íntima. No início, não pôde disfarçar que achava engraçada aquela desmesurada curiosidade trazendo-lhe suas primeiras risadas. Mas, depois, foi obrigada a levar a sério a constante solicitação de informação sobre os diversos modelos,

formas, cores, texturas dos sutiãs, das calcinhas, das tangas, dos culotes . María se transformou, sem pretender nem imaginar, em uma verdadeira mestra em *lingerie* fina. E também em sapatos de salto alto. Era curioso, pois nunca lhe chamara a atenção nem uma coisa nem outra quando estava no Ocidente; mas bastou chegar ao Oriente e se transformar em tema principal.

– Prometo, Motau. Prometo.

Tornaram a se abraçar como irmãs que realmente eram. Naquele abraço, ambas reviram os muitos momentos, bons e ruins, que tinham vivido e que, por mais que passasse o tempo, jamais os esqueceriam.

– Eu te amo, Motau.

– Eu também te amo, María.

Capítulo 13

Durou pouco menos de um mês sua aventura na capital. María não teve sorte em sua peregrinação para encontrar a embaixada espanhola. Todas as informações que conseguia eram contraditórias. Ninguém lhe dizia nada concreto, tampouco lhe mostrava um fio de esperança ao qual pudesse se agarrar para prosseguir no esforço de voltar para casa. Foram vinte dias perdidos, desperdiçados. Nada conseguiram, exceto gastar o pouco dinheiro que tinham economizado e prejudicar a economia familiar de alguns parentes de Nasrad, que tiveram a gentileza de acolhê-los em sua casa.

Durante aqueles dias, María só tinha vontade de chorar pela falta de sorte que os acompanhava. Além de não encontrar a bendita embaixada espanhola, pois todo mundo a quem perguntava garantia que não existia – o que mergulhava María ainda mais no desespero – , havia dias que não se sentia bem. Sentia tontura e enjoos muito frequentes. Atribuiu todo aquele mal-estar ao cansaço e ao desânimo que se apoderara dela. Não se sentia bem. Mas também não tinha motivos para isso.

Ao final daqueles dias, foi a própria María quem levantou a possibilidade de voltar à casa dos pais de Nasrad. Não via graça alguma naquilo, mas aquela situação de desamparo absoluto em que se encontravam em Cabul não podia se estender por muito mais tempo.

– Temos de ir, Nasrad, ou acabaremos enlouquecendo. Quem sabe depois podemos tentar novamente. Talvez esta não fosse a hora certa. Veja, já nos afastamos um tempo de sua mãe, que era do que eu precisava. Vamos voltar. Talvez agora as coisas sejam diferentes.

Nasrad compreendeu que sua mulher estava com a razão e aceitou sua proposta.

Dois dias depois, voltaram à casa de seus sogros, e María não podia tirar da cabeça a imagem de sua sogra. Como a receberia? Teria passado o ódio que sentia? Ficaria grata, de alguma maneira,

por terem voltado? María preferiu não guardar muita esperança de mudança no caráter de sua sogra.

Capítulo 14

Os temores de María se concretizaram como se fosse um *script*. Estava estranha há dias; sentia seu corpo mais delicado do que costumava ser, mais ainda desde que chegara àquelas terras. Sua menstruação estava atrasada, embora María não considerasse seu ciclo menstrual como indicativo de nada, já que a alimentação precária, a água e o nível de vida em que se encontrava provocavam carências às quais ela já conseguira se acostumar. Mas a vontade de comer estava multiplicada por dez.

María tinha fome toda hora, mesmo quando acabava de comer uma tigela de arroz ou de grão-de-bico; sentia seu estômago pedir mais. Surpreendeu-se em mais de uma ocasião indo às escondidas à despensa para poder pôr na boca qualquer coisa que seus dentes pudessem mastigar, e assim diminuir a sensação constante de fome. Quando se encontrava em pleno saque na cozinha, não conseguia se livrar do nó no estômago que a alertava do perigo que seria se sua sogra aparecesse e a pegasse comendo às escondidas. María preferia não imaginar aquela cena que diversas noites lhe provocava pesadelos, fazendo-a acordar no meio da noite, suando e assustando Nasrad, que dormia calmamente a seu lado.

No entanto, o atraso já completava sete semanas, e aquilo não era normal. Enfim, María entendeu que estava grávida de seu segundo filho. Viu-se tomada por um duplo sentimento, tão profundo quanto contraditório: queria ser mãe novamente, queria ter mais filhos com Nasrad. Mas não ali. Não podia suportar a ideia de que seu segundo filho também nascesse no Afeganistão, e preferia não se imaginar tendo de passar outra vez pela idêntica precariedade sanitária que vivera em seu primeiro parto. María estava contente, mas algo a impedia de se deixar possuir por aquela alegria. Havia algo que lhe negava desfrutar aquela boa-nova como teria desejado. Ela sabia que não era o melhor momento para

engravadar, e que aquela notícia traria mais de um problema à família. Mas, acima de tudo, o que temia era a ira com que sua sogra receberia a notícia, porque ela significava que a mão de obra que María representava seria diminuída, e, segundo a mãe de Nasrad, aquilo faria muita falta.

Por isso decidiu, durante os primeiros meses, manter a novidade em segredo. Não quis contar nada a ninguém. Preferia gozar desse tempo de vantagem sobre os demais para pensar e planejar possíveis planos antes de comunicar que estava grávida novamente. Sequer contou a Nasrad, o pai de seus filhos, o homem de sua vida, para evitar que em um momento de fraqueza ou de descuido ele contasse à mãe, e então os problemas só aumentariam.

María tomou a decisão de disfarçar sua segunda gravidez, e para isso não podia mostrar qualquer sinal. Apesar de sentir um impulso compulsivo de devorar a comida que sua sogra punha à mesa, procurava comer menos que nunca, o que a obrigava a voltar minutos depois à cozinha, onde comia a única coisa que encontrava.

Certo dia, María encontrou disponível meia cebola crua. Ela jamais pensara em comer aquilo. Nem de cebola ela gostava, ainda mais crua. Mas a fome e o desejo a venceram, e sem hesitar, deu-lhe a primeira mordida, tão voraz como se tivesse diante de si uma maçã. María mastigava com tamanha urgência aquela cebola crua que quase não sentiu seu sabor forte e característico. Seus olhos reagiram ao contato com a cebola e começaram a arder e a lacrimejar, fazendo-a esfregá-los com as mãos, o que só fez aumentar as lágrimas. Ela começou a abrir e fechar os olhos freneticamente. Não podia perder a visão que tinha da cozinha caso sua sogra aparecesse e a surpreendesse comendo às escondidas.

Essas escapadas se repetiram durante os primeiros meses de gravidez. Principalmente no meio da noite, quando tudo parecia estar envolvido em uma tranquilidade que María apreciava e sentia como uma couraça de segurança contra os outros.

Durante sua primeira gravidez, María não sentira desejo algum. Talvez pelo choque sob o qual se encontrava, ou porque simplesmente duas gestações nunca são iguais.

Agora, grávida do segundo filho, María sentia um irrefreável desejo de comer queijo. Sonhava em poder mastigá-lo. A simples imagem de um queijo qualquer fazia sua boca encher-se de saliva, sensação que há tempos ela não sentia. Mas esse desejo era um dos mais difíceis de saciar naquele lugar. Simplesmente não havia, obrigando-a a imaginar um jeito de consegui-lo. Durante aquele período, María se oferecia como voluntária para ordenhar as vacas e as cabras, algo que até então não havia lhe proporcionado muitos bons momentos, mas era a única oportunidade de, depois, pôr o leite para ferver no fogo, até que surgisse uma fina camada de nata na superfície. Então, María aproveitava para retirá-la e colocá-la na boca o mais depressa que seu nervosismo e o medo lhe permitiam, certificando-se de que nenhum olhar indiscreto a descobrisse. María conseguiu fazer aquilo algumas vezes, sentindo em sua boca o que lhe parecia o “manjar dos deuses”, e, então, não podia evitar pensar em seu pai, que fazia exatamente a mesma coisa, mas seguindo um ritual bem diferente: ele retirava a nata que se formava com a fervura do leite, depositava-a delicadamente em uma fatia de pão e polvilhava com bastante açúcar. Para María nunca parecera um prato apetitoso ao vê-lo regozijar-se como uma criança diante daquela delícia; mas, naquele momento, sua opinião a respeito havia mudado, e se sentiu mais perto de seu pai.

María precisava ter algo na boca constantemente. Seu corpo exigia estar permanentemente mastigando alguma coisa. Não foram poucas as vezes que chegou a pegar vinagreira da terra; limpava-a como e quanto podia com a mão e colocava-a na boca. Qualquer coisa valia.

No entanto, chegou o dia em que sua gravidez se tornou evidente. Além disso, desta vez, María engordara muito mais que na

primeira gestação, teve de confessá-la antes do que imaginava. Certa noite resolveu se abrir com seu marido:

– Nasrad, estou grávida – ele ficou olhando para ela entre confuso e admirado. María, ao ver que não saía uma única palavra da boca de Nasrad, continuou falando para que o silêncio não aumentasse ainda mais a tensão do momento. – Acho que estou de quatro, talvez cinco meses – calou-se durante alguns segundos. – Não vai dizer nada?

María temeu que seu marido reagisse mal. Ela mesma sabia que não era o melhor momento para engravidar, que a situação não era a mais propícia para ter outra criança, e que isso complicaria ainda mais seus planos. Mas seu segundo filho estava caminho, e nada se podia fazer além de recebê-lo no mundo o melhor possível.

– Não está contente, Nasrad? Você queria ter mais filhos, não? – Evidente que sim, María, claro que estou contente. É só que não esperava assim, tão rápido – Nasrad olhava a sua volta enquanto falava com sua mulher, como que tentando encontrar alguma explicação que naquele momento estivesse lhe escapando. – Por que não me contou antes? Por isso você dormia tão mal, tinha pesadelos e se cansava mais fazendo as coisas? E como, estando grávida, come tão pouco, María? Não entendo. Eu tinha de praticamente obrigá-la a comer alguma coisa à mesa!

– Eu não queria que ninguém se aborrecesse comigo. Temia que, se lhes dissesse que estava neste estado, se zangassem comigo pela chegada de uma nova boca para alimentar. Além do mais, sua mãe... – María preferiu se calar. Não suportaria o cansaço e o desgaste que uma nova discussão acerca da atitude e da forma de ser da mãe de Nasrad poderia acarretar.

– María, isso sempre é uma boa notícia. Eu sei que talvez este não seja nem o melhor momento nem o melhor lugar para que

nosso segundo filho venha ao mundo. Mas o importante é que ele já está aqui.

Nasrad abraçou sua mulher e a beijou. Não podia imaginar o que aquele gesto representou para María, que passara meses guardando um segredo que a incomodava, que pesava muito em sua consciência; parecia que estava descarregando naquele abraço toda a tensão acumulada.

Capítulo 15

Quando Nasrad comunicou a notícia da segunda gravidez de María ao resto da família, foram só parabéns e alegrias. María não pôde evitar prestar atenção à expressão de sua sogra ao ouvir que estava grávida. Seu rosto expressava frieza, seca de qualquer sentimento, carente de afeto e sensibilidade para com a nova situação. A reação de sua sogra não a surpreendeu. Não esperava nada além daquilo. Mas teria gostado de estar enganada, mesmo que fosse por uma só vez.

Não foram fáceis para María os meses restantes de gestação. Sua sogra, longe de poupá-la do esforço e da dedicação ao trabalho, aumentou seus afazeres. Dizia que assim o bebê nasceria mais forte e mais saudável, e que ali as mulheres não deixavam de cumprir suas obrigações pelo simples fato de estarem grávidas. María, porém, sentia-se mais cansada a cada dia. Suas pernas se dobravam, suas costas se negavam a obedecer e seu coração acelerava-se com muita frequência. E, como se fosse pouco, a sensação de fome a acompanhava vinte e quatro horas por dia, e a saciedade estava longe de poder ser atingida. Intuíva que seu segundo parto seria mais complicado que o primeiro, e não se enganou.

No dia em que entrou em trabalho de parto, María julgava saber o que encontraria. Pelo menos tentava se consolar com essa ideia, acreditando que a experiência de seu primeiro parto, também naquelas terras, poderia lhe dar certa tranquilidade por já saber o que a esperava. Daquela vez também fora sua sogra que a ajudara a trazer seu primeiro filho ao mundo. Mas então a relação entre ambas não era ruim. Tinham acabado de se conhecer, fazia pouco tempo que chegara de Londres, e a hora do parto se antecipara quase dois meses. Sua sogra, então, atuara como parteira improvisada, algo a

que estava acostumada porque ajudara a trazer ao mundo a maioria das crianças da família.

Porém, os acontecimentos que María teve de viver no segundo parto simplesmente superaram aquela primeira experiência.

Uma manhã, María não pôde mais suportar a dor que sentia no baixo-ventre. Há dois dias a dor ia se tornando cada vez mais insuportável, mas preferiu não dizer nada para não ouvir as reprimendas de sua sogra, que a acusava de egoísta e caprichosa à menor oportunidade. Mas, naquela manhã, o sofrimento tornara-se muito forte, intolerável até. Quando estava prestes a pôr outra garrafa cheia de água no carrinho, sentiu-se rasgar por dentro. Uma pontada forte e seca a paralisou. Agarrou seu ventre com as duas mãos, derramando sem querer a água que tirara do poço com muito esforço. Olhou para a terra e viu que aquela água se misturava com outro líquido similar que escorria por entre suas pernas. María se assustou.

Era seu segundo parto, mas aquilo não estava se parecendo em nada ao primeiro, sua única referência, a única coisa em que podia se apoiar. María não sabia se aquilo que estava acontecendo era normal ou não. Além do mais, a dor que sentia a impedia de pensar. Apenas conseguiu gritar por Motau, que já tinha percorrido parte do trajeto que separava o poço da casa e levava um garrafão de água em cada mão.

Quando Motau ouviu seu nome na forma de um aterrorizado grito, tentou ver de onde vinha. Então, percebeu María inclinada para a frente, prestes a cair no chão, agarrando seu volumoso ventre. Não hesitou em correr até ela, jogando os garrafões de água que segurava em ambas as mãos.

Quando chegou, ajudou-a a caminhar como pôde. Mas era difícil, porque María dizia não poder andar, sentia uma pressão que a puxava para baixo e a impedia de dar um único passo a mais. E não

era mentira, nem absurda delicadeza ocidental, como alguns naquela casa costumavam lhe jogar na cara.

Por fim, Motau conseguiu imprimir certo movimento ao corpo de María e lentamente se dirigiram à casa principal. Quando estavam quase chegando, Motau gritou por ajuda para que sua sogra soubesse que precisavam dela. A sogra apareceu à porta e, sem pressa em seus atos, ordenou às demais mulheres que aquecessem água e preparassem muitos panos, enquanto dizia a Motau que levasse María para o local onde dormiam os animais. Ao ouvir aquilo, María ficou assustada, e Motau, ao notar e entender os pensamentos que podiam estar passando por sua cabeça, explicou:

– Todas deram à luz lá, María, não se assuste. Lá é mais quente e fica mais perto das árvores e do poço de água. Calma. Tudo vai dar certo. Respire e aguente firme.

María achou que, quando pudesse se recostar no chão, sentiria certo alívio, mas se enganou. Apesar de suas cunhadas a terem acomodado o melhor possível em uma espécie de catre de palha e galhos coberto com tecidos, não sentiu alívio algum quando seu corpo tocou o chão. As dores do parto a tomavam; jamais imaginou que aquilo a pudesse torturar tanto. Sentia-se aterrorizada e com saudade de Nasrad. Teria dado metade da vida para tê-lo a seu lado alentando-a e sussurrando as palavras com sua voz que sempre a relaxava. Mas não foi possível. Nasrad estava viajando e só voltaria à noite. María empurrava, chorava, gritava, amaldiçoava em seu idioma para não ofender ninguém. Ouvia as palavras de ânimo com que suas cunhadas e Motau tentavam acalmá-la; chegavam a seus ouvidos as instruções de sua sogra em palavras como *espere*, *empurre*, *pare*, *respire*, *empurre*, *não tanto*, *aguente*, *ainda não*. María notava que colocavam panos úmidos em sua testa, no pescoço e no peito, mas não sentia alívio, alguma coisa não estava funcionando.

Novamente a mensageira das más notícias foi sua sogra. Depois de algumas horas remexendo entre as pernas de María, secou o suor do rosto e disse sem rodeios:

– Seu filho está mal, María. Não sei como vai acabar tudo isto. – Como mal? O que quer dizer? – María olhava para sua sogra e as outras mulheres que a acompanhavam, esperando ouvir alguma explicação que a tranquilizasse. Mas, como não chegava, tornou a perguntar usando um tom de voz mais elevado: – O que quer dizer com está mal? Aconteceu alguma coisa com meu filho? O quê? Alguém me diga! – María estava prestes a perder o controle.

– Acalme-se, María, ou será pior para seu filho – sua sogra disse secamente. – Está ao contrário. Isso é tudo. Vou ter de virá-lo para que não se sufoque e a rasgue toda.

Ao ouvir aquilo, María começou a chorar. Não entendia muito bem o que sua sogra estava lhe dizendo, mas sabia que havia problemas.

– María, é melhor você se acalmar e colaborar, porque, senão, isto pode demorar muito, e o resultado não será aquele que esperamos.

María continuava não entendendo. Sua cabeça só estava ocupada por maus augúrios. Não sabia o que fazer. Sentia-se indefesa, inútil, humilhada. Estava ali deitada há horas, com as pernas abertas e sem saber exatamente como reagir para conseguir fazer com que as coisas melhorassem.

De repente, viu sua sogra se levantar e se afastar uns dois metros de onde estava. Poucos segundos depois, viu-a voltar com uma pedra enorme e colocá-la sobre seu volumoso e suado ventre.

María achou que sua sogra ia matá-la. Não conseguiu encontrar outra explicação para aquela cena, pois seu cérebro sequer era capaz de argumentar de maneira lógica.

– María, vou machucá-la, mas é a única maneira de fazer pressão para que seu filho se vire em seu ventre e consiga sair. Aguarde, não há outro jeito. – a segurança que sua sogra mostrava quase conseguiu acalmá-la. – Aguarde e grite quanto quiser. Isso vai ajudá-la.

A visão de sua sogra pressionando seu ventre não era o que María havia imaginado. Vivia aquilo como algo dantesco, fora da realidade, totalmente alheio a ela. Simplesmente não podia acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Gritos a arrancaram de seus pensamentos.

– Empurre, María. Empurre agora! Empurre mais mulher, senão não sai! Não sabe empurrar mais? – os gritos de sua sogra retumbavam em sua cabeça como se alguém a estivesse martelando. – Empurre agora, empurre. Empurre mais. Isso!

No entanto, por mais que María empurrasse, aquilo não melhorava.

A sogra tornou a se levantar. Desta vez, afastou-se um pouco mais e voltou com uma navalha na mão. María a observou com os mesmos olhos de pânico com que seguira os passos de sua sogra e parteira quando voltara minutos antes com aquela enorme pedra nas mãos.

– Vou ter de cortar, María. Seu filho não quer sair daí. Vamos ter de ajudá-lo um pouco mais. Respire fundo, e vá soltando o ar lentamente. Você vai ver que nem vai sentir.

María teve a sensação de que sua sogra se deliciava com tudo aquilo, mas isso era a última coisa que a preocupava naquele momento. A única coisa que queria e pelo que rezava era que seu segundo filho saísse de seu ventre, visse a luz e surgisse são e salvo, sem nenhuma complicação, sem nenhum defeito. Chegou até a propor que, se tivessem de decidir entre sua vida e a do bebê, que optassem pela dele.

– Isso já sabemos, María. Respire tranquila. As palavras de sua sogra nem sequer a feriram. Não podia

esperar outra coisa.

Por fim, e depois de perder a consciência várias vezes – situação que complicava ainda mais as coisas – , o segundo filho de María veio ao mundo. Era uma menina, e pesava mais de cinco quilos. María estava destruída, física e psicologicamente. Não aguentava mais, sentira-se morrer muitas vezes nas últimas horas. Não quis perguntar quanto tempo passara em trabalho de parto, mas viu que já anoitecera e que, quando começara a sofrer as primeiras contrações, o dia praticamente havia acabado de começar.

Aquele parto fora muito mais difícil que o primeiro, e María mal teve forças de mimar e segurar sua filha sobre seu peito, como fizera com o primeiro filho.

As mulheres cuidaram da menina. Limparam os restos de sangue em seu corpo e a envolveram em um pano novo. María sentiu que alguém curava seu corte do parto com a mesma pasta

de ervas que utilizara no primeiro. Foi a última coisa que seus sentidos lhe permitiram perceber. O sono, o cansaço e a tristeza, porque Nasrad não estivera presente durante o parto de seu segundo filho, mergulharam María em um sono profundo. E nesse estado permaneceu durante horas.

Capítulo 16

Foi muito difícil se recuperar de seu segundo parto. María não parava de sangrar pelo ferimento, que, sem saber por que, não cicatrizava como da primeira vez. Sentia verterem de dentro dela líquidos e outra substância que não soube o que era. Sentia-se dolorida e ferida. Alguma coisa não estava bem. Aquilo não tinha nada a ver com a recuperação quase imediata de seu primeiro parto. E María estava preocupada.

Além do mais, sua sogra não estava disposta a ajudá-la. Muito pelo contrário. No dia seguinte ao parto a obrigou a se levantar do leito para trabalhar.

– Há muito que fazer nesta casa. Além do mais, os homens não estão e preciso de todas as mãos possíveis – disse a sogra. – Eu dei à luz doze filhos, e no dia seguinte já estava trabalhando. Não podia me dar ao luxo de parar. Não era tão delicada como outras.

María não podia acreditar que sua sogra estivesse falando sério. Não fazia nem vinte e quatro horas que acabara de dar à luz; seu estado era mais que precário, o sangue continuava saindo do ferimento com outros restos orgânicos, e aquela mulher queria que se pusesse a varrer, a esfregar, a carregar água e a preparar a comida. Nunca pensou que pudesse haver tanta maldade em uma pessoa. Mas não teve opção a não ser obedecer. E então achou que ia enlouquecer.

Levantou-se e começou a fazer as tarefas. As demais mulheres, que também não conseguiam entender a decisão da sogra, tentaram ajudá-la para que não carregasse muito peso, não tivesse de se mexer muito, pelo menos, pudesse fazer o trabalho sentada.

María não compreendia por que, no dia seguinte a um parto tão complicado e delicado, tinha de se levantar para trabalhar, ao passo que a sogra permitira a sua cunhada, que tivera outra menina dois meses antes, fazer repouso durante mais de um mês. “Está claro. Essa mulher me odeia. Tem birra. E eu não lhe fiz nada, exceto me apaixonar por seu filho, amá-lo com todas as minhas forças e viver por ele.”

María sentia-se tão impotente perante o tratamento que sua sogra lhe dispensava, diante da dor que a devorava por dentro e da preocupação de que a ferida não fechasse e, portanto, não parasse de sangrar, que desejou morrer. Ou ela, ou sua sogra. Para que alguém acabasse com aquela desumana e irracional situação.

E nem mesmo seu marido poderia tirá-la daquela situação. Naquela mesma manhã, ele tivera de sair com o caminhão de seu irmão para trabalhar em um povoado próximo. Não teve oportunidade de lhe dizer nada; e se tivesse tido, não o teria incomodado com aquela queixa, porque não queria que se preocupasse.

Passaram-se três dias, e María estranhou que seu marido ainda não havia voltado. Tinha medo de que lhe tivesse acontecido alguma coisa e a incomunicabilidade com aquela aldeia impedia que ela soubesse. Depois de duas semanas, quando María passou entre o desespero e a desidratação de tanto chorar, um vizinho foi à casa de seus sogros e lhes comunicou que Nasrad e seu irmão haviam ficado presos em um povoado por conta da intensa nevasca que estava caindo.

María se acalmou com a notícia, mas a tranquilidade durou pouco. Sentia falta dele. Não gostava de ficar separada de seu marido por tanto tempo, aquilo a martirizava. E, como se fosse pouco, seu estado físico ainda era lamentável. As feridas do parto continuavam sangrando e a desejada cicatrização nunca chegava.

Além do mais, sua sogra tinha dado mais um passo no caminho da desumanização total.

Decidira que María não ficaria com sua filha recém-nascida. Sua sogra resolveu, sem perguntar a ninguém, que Nuria – o nome que María dera a sua filha – passaria a viver com ela. Afirmou que era para que María pudesse trabalhar melhor, dedicar-se mais às tarefas que tinha como mulher, que, segundo ela, não estavam sendo bem feitas, e que só a visse para alimentá-la.

Nem sequer podia dormir com sua filha, e assim deixava de sentir como era ter uma filha recém-nascida.

Passava as noites chorando, sem o marido, sem a filha e com uma sogra que só vivia para complicar-lhe a vida.

Seus dias eram consumidos pelo trabalho. Assim que se levantava, e depois de um cada vez mais minguado café da manhã, arrumava a casa, dobrava as mantas, varria o chão, acendia o fogo, ia ao poço buscar água, enchia as garrafas de dez e vinte litros, depositava-as em um carrinho, que empurrava lentamente, o que lhe tomava no mínimo uma hora e meia. Aquecia a água. Preparava a comida, amassava o pão, fazia o chá. Depois, lavava a roupa. Parava alguns minutos para o almoço, e então recomeçava. De novo buscava água para lavar a louça. Mais tarde, dirigia-se aos estábulos para limpá-los e alimentar os animais. Ordenhava as vacas, vigiava a produção das galinhas. Passava a tarde entre ovelhas, cabras e coelhos. E, quando seu corpo pedia um descanso, outra vez tinha de ir buscar água para preparar o jantar e o chá. Às dez horas da noite, María estava extenuada, cansada, irritada e contrariada. O dia nem sequer lhe permitia um minuto para seu asseio pessoal ou para um merecido descanso. A única gratificação que tinha durante o dia eram os contados momentos em que sua sogra levava a menina para que lhe desse de mamar. Mas era muito pouco tempo. Só alguns minutos, e depois sua sogra tornava a tirá-la de seus braços, afundando María em uma depressão da qual não sabia como sair.

A ferida do parto continuava aberta. Meses depois do nascimento de sua filha, María continuava sangrando, tanto que achava estar menstruando eternamente. Entre o esforço que fazia todo dia para poder dar conta de suas tarefas, o pouco que comia, a dificuldade que tinha de conciliar o sono e a quantidade de sangue que estava perdendo, María enfraquecia cada vez mais. E a isso somavam-se o desespero e a dor de não poder estar com sua filha. Sentia-se torturada pela ideia de que sua filha passasse o que ela passara quando pequena. Quando sua mãe morreu, aos seus dois anos de idade, o pai decidira deixá-la com seus avós paternos. Até que um dia viu sua filha chamar o avô de papai, algo que lhe doera tanto e lhe dera tanta raiva que decidira tirá-la de perto dos avós.

María não podia suportar a ideia de que sua filhinha Nuria chamasse aquela mulher, que o destino lhe havia imposto como sogra, de mamãe. E a simples possibilidade de que isso pudesse acontecer a encolerizava.

Capítulo 17

A dor a estava matando, e a falta de repouso não ajudava em sua recuperação física, para a recuperação do ânimo só Nasrad poderia contribuir, mas ele continuava sem dar sinal de vida.

Um dia, María comentou sobre seu lamentável estado físico com sua cunhada, a mulher do irmão de Nasrad que era médico, que conseguira aprender certas noções de medicina que lhe permitiam atender às mulheres da família ante a impossibilidade legal de que fossem a um hospital.

Contou-lhe que desde que dera à luz não parara de sangrar e que já não aguentava mais. Quando sua cunhada examinou María, não podia acreditar no que seus olhos viam. A ferida ainda continuava aberta e tudo parecia indicar que uma infecção havia se apoderado do aparelho reprodutor de María por conta da falta de cuidados médicos, de higiene e por muitos outros fatores que a cunhada se absteve de detalhar diante da expressão preocupada de María.

– María, vou cuidar de você. Mas terei de costurar a ferida ou você acabará se esvaindo em sangue ou morrendo por qualquer outra infecção.

María não entendia tanta preocupação que de repente tomara conta de sua cunhada, e pediu uma explicação.

– É que não tenho anestesia. Vou ter de costurá-la a sangue-frio, e vai doer muito, María. Mas é a única opção. Acredite, a ferida não está com um aspecto nada bom. Precisamos fechá-la de qualquer maneira.

María respirou fundo e se deitou na cama que sua cunhada lhe indicara. Sentiu cada pontada que ela ia dando em suas partes mais

íntimas. Sentia perfeitamente a agulha perfurar sua carne, dolorida e sensível como nunca, e a linha unindo as partes que há meses não se encontravam, provocando a sangria que vinha sofrendo desde que dera à luz sua filha. María passou momentos terríveis. Seus olhos não podiam evitar se desfazer em pranto, mas nem um único grito saiu de sua garganta. Sua sogra não podia saber o que estava acontecendo, do contrário lhes atiraria na cara que haviam parado de trabalhar. Quando sua cunhada acabou de costurá-la, María se levantou. Mas não durou muito em pé. Sua cabeça e o quarto inteiro giravam e sentiu um suor frio inundar seu corpo. Teve de recostar-se de novo e se entregar àquela situação estranha. Quando tornou a abrir os olhos, soube que perdera a consciência. A improvisada e nada asseada operação à qual sua cunhada acabara de submetê-la a fez cair num sono provocado por um estado febril que também não quis largar seu corpo.

– Quanto tempo se passou? – perguntou María a sua cunhada, preocupada. – Estou aqui há muito tempo?

– Algumas horas, María. Você desmaiou, imagino que por conta da dor. Mas não se preocupe, consegui distrair nossa sogra, e por ora ela não a incomodará. Acha que você foi buscar água, mas Motau e as outras mulheres estão se encarregando de seu trabalho para que ela não note nada. Fique tranquila. Já passou. Agora precisa se recuperar. Você vai ver que já não vai sangrar como antes.

María bebeu um pouco de chá quente antes de se levantar e sair do quarto de sua cunhada. Por sorte, eles moravam na outra casa do terreno, e sua sogra não percebeu nada. Pouco a pouco foi saindo, agradecendo a lufada de ar fresco que agora recebia. Então, pensou em Nasrad.

– Mas onde está você, Nasrad? Quando vai voltar? Vou ficar louca. Não aguento mais. Preciso que volte.

Durante um bom tempo María ficou no batente da porta, pensativa, com o olhar perdido. Nem sequer viu que sua sogra a olhava com uma expressão desafiadora e inquisidora da janela da outra casa. Quando voltou à realidade, desprezou aquele olhar, o que sem dúvida deve ter encolerizado a mulher que mais odiava neste mundo. Mas não se importou.

María foi andando lentamente até a casa de sua sogra. Já era o bastante o que vivera até então, e sentiu necessidade, finalmente, de esclarecer as coisas com aquela mulher. Entrou na casa e dirigiu-se diretamente a sua sogra.

– Onde está minha filha?

– Está bem. Não se preocupe com ela. Está melhor comigo. Você tem muitas coisas a fazer. Só precisa se preocupar em alimentá-la – sua sogra respondeu secamente.

María pegou a menina. Cada dia a sentia mais estranha, vendo-a crescer a uma velocidade que lhe doía. Observando como aquele corpinho se desenvolvera sem seu atento olhar e sem seus mimos, decidiu que aquilo não podia se prolongar por mais tempo. Quando acabou de lhe dar o peito, voltou-se para sua sogra, com um olhar e uma expressão que chegou a fazer com que aquela mulher, sempre imperturbável, retrocedesse alguns passos.

– Amanhã minha filha ficará comigo. Como deve ser. E é melhor que não se oponha.

Quando María se encaminhava para a porta da casa, notou que seu sogro tinha observado toda a cena. Ficou durante alguns instantes olhando para ele, sustentando seu olhar, e notou perfeitamente que aquele homem, que sempre se portara bem com ela e até lhe dava uma bala quando sua mulher não estava presente, assentia com a cabeça, como se avalizasse o que ela acabara de dizer a sua sogra. María sentiu-se reconfortada. Aquela atitude de seu sogro a encheu de coragem, e ela saiu ainda mais

decidida. Não sabia como ia fazer, mas estava disposta a dar a vida para acabar com aquela absurda e desnaturada situação que a mantinha afastada de sua filha em seus primeiros meses de vida.

No dia seguinte, María levantou-se com uma única ideia na cabeça: recuperar sua filha, tê-la consigo e não se separar dela nem um único momento. Quando estava terminando de arrumar o colchão em que dormia e de dobrar a manta com que tentava se proteger do frio – sem conseguir uma noite sequer – , viu a imagem com que sonhava há mais de seis meses, o tempo que seu marido levou para voltar para casa.

María ficou paralisada observando seu marido, como se evitasse se aproximar dele por medo de que se tratasse de um sonho, de uma ilusão ou de uma miragem.

– Qualquer um diria que não está feliz por me ver, María – foi Nasrad quem, depois de dizer aquelas palavras, teve de se aproximar e abraçar María. Aquele abraço lhe mostrou que sua mulher estava mais magra e que uma desconhecida fragilidade havia se assentado no corpo dela, que, até onde ele recordava, era forte e robusto.

Nasrad percebeu que sua mulher estava com um aspecto muito abatido. Pálida, com olheiras, como se o tempo tivesse passado a uma velocidade maior para ela que para ele. Não encontrou o mesmo brilho de felicidade nos olhos que costumava ver em María. Seu sorriso não parecia o mesmo, nem ela aparentava ser a mesma mulher que deixara seis longos meses atrás, quando saíra para trabalhar e a vira pela última vez.

Quando Nasrad acabou de examinar sua mulher, olhou a sua volta. Sua expressão se alterou.

– E a menina, María? Onde está nossa filha? – Seria bom que perguntasse a sua mãe, para ver o que fez com ela desde o momento que você saiu desta casa. Ela que lhe conte, Nasrad.

María não suportou a tensão e começou a chorar. Seu marido não sabia o que pensar, muito menos o que fazer. Não era a recepção que ele esperava. Havia muitas coisas que não entendia, e não estava disposto a esperar mais para ter respostas às suas muitas perguntas. E assim María foi lhe contando tudo, mas poupando-o de muitos detalhes desagradáveis.

Quando Nasrad soube do inferno que sua mulher vivera, correu ao encontro de sua mãe. A expressão de alegria que aquela mulher exibia ao ver que seu filho voltara foi se transformando em uma preocupação por encontrá-lo tão nervoso.

– Por que levou nossa filha? Por que a separou de sua mãe? Ficou louca, mãe, ou o quê?

María não quis perder a cena por nada neste mundo, e tornou-se a sombra de Nasrad durante a discussão entre mãe e filho. Aquela mulher jurou várias vezes que ficara com a menina fazendo um grande esforço, que até havia minado sua saúde. Afirmou, diante do espanto e da perplexidade de María, que sua mulher estivera doente grande parte do tempo e que, além de não poder cuidar convenientemente da filha, não pudera trabalhar na casa. Prosseguiu dizendo, quase implorando, que María, em vez de lhe agradecer tudo o que fizera por ela e por sua filha, comportara-se mal com ela se mostrando caprichosa e mal-agradecida.

María não suportou mais e saiu do segundo plano a que sua estadia naquele país a havia relegado durante muito tempo. Quando Nasrad viu a expressão de sua mulher e o modo como se aproximava de sua mãe, temeu que a matasse naquele acesso de cólera que parecia ter se apoderado de seu corpo.

– Está mentindo! Sempre mentiu! Mente por que não sabe fazer outra coisa. Você complicou minha vida desde que cheguei a este maldito lugar. De nada servia que eu tentasse trabalhar mais que as outras, que amasse com loucura seu filho e que por isso evitasse lhe

causar problemas. Todo seu afã tem sido me ver sofrer. Quanto mais, melhor. Não se importou quando eu não conseguia nem sequer me levantar depois do parto, supliquei-lhe que não me fizesse trabalhar quando não se passavam nem vinte e quatro horas que minha filha tinha nascido. Não se importou, ou melhor, gostou de ver como eu sangrava, como desmaiava. Eu tinha de me jogar no chão para poder continuar fazendo as tarefas desta casa. Você não me deu comida, roubou minha filha, não porque queria estar com ela, mas só para me fazer mais mal. Você é a pior coisa que pode existir neste mundo. E vai arder no inferno.

Nasrad não podia acreditar no rosário de desqualificações e censuras que saíam da boca de sua mulher. Nunca a vira assim. Jamais. Achou, por um momento, que María estava possuída pelo diabo. Quando conseguiu reagir, viu que a distância que separava María de sua mãe era de apenas alguns centímetros. Nasrad aproximou-se de sua mulher pelas costas, segurou-a pelos ombros e a afastou cuidadosamente de sua mãe. A mulher tentou se defender de tudo o que María tinha dito, mas seu filho não lhe permitiu.

– Acho que é melhor que se cale, mãe. Já causou mal suficiente. Não quero tornar a ouvir nem mais uma palavra, menos ainda contra minha mulher. Entendeu, mãe?

María pensou que só por ter podido ver, naquele momento, a cara de sua sogra valera a pena todo o calvário que aquela mulher a obrigara passar. María sentia que a guerra havia terminado e que ela saíra vitoriosa, e levava o troféu para casa. E o prêmio não era outro senão recuperar sua filha, na companhia de seu marido.

Quando finalmente conseguiu ficar a sós com Nasrad, abraçou-se a ele. Passaram horas – pelo menos foi o que ela achou – naquela posição.

Nasrad afastou sua mulher de seu peito, olhou para ela e sussurrou:

– Vamos para Cabul, María. Vamos embora daqui. Não posso permitir que você continue sofrendo como sofreu por minha culpa. Isto acabou. Vamos com as crianças começar uma nova vida.

María ouvira aquilo dos lábios de Nasrad muitas vezes. Mas não quis que nada estragasse aquele momento nem que nenhum pensamento frio a privasse de ter ilusões. Então sorriu e pensou: “Quem sabe desta vez... Quem sabe desta vez conseguimos”.

Capítulo 18

Não passou um único dia sem que os planos de saída da cidade natal de Nasrad não monopolizassem as conversas entre María e seu marido. Falavam da desculpa que inventariam para poder sair dali sem provocar um vendaval de problemas na família, especialmente com os sogros. Comentavam como ganhariam a vida na capital, repassavam os nomes dos parentes que poderiam lhes ajudar, pensavam nas portas a que bateriam e que, com toda a probabilidade, se abririam. Do que menos falavam, por medo de serem ouvidos, e depois da experiência ruim de uns meses antes, naquela breve escapada a Cabul, era dos trâmites que precisavam realizar na embaixada. Não haviam conseguido nada naquela precipitada viagem, apenas tomar consciência da dificuldade da situação e de como seria complicado tirar de novo seus documentos de identidade. Mas este era o pensamento que mais mantinha María ocupada. Desde que chegara ao Afeganistão e fora vítima do roubo, sabia que a embaixada espanhola era sua única esperança real. Tinha fé em sua gente e no que eles seriam capazes de fazer para tirá-los dali. Mas era difícil se animar depois da pouco bem-sucedida estadia na capital.

No entanto, María se negava a desistir. Não a essa altura. Eram muitas as noites em que fechava os olhos e conciliava o sono ainda pensando em quais seriam os passos que teria de dar para poder voltar o quanto antes a seu país.

Desde que decidiram ir para Cabul, María colecionava noites em claro. Tinha dificuldade de conciliar o sono e, quando o fazia, não conseguia descansar. De novo o nervosismo. De novo os planos. De novo as ilusões.

Estava novamente perto de realizar seu sonho. Não podia nem queria se permitir o luxo de pôr tudo a perder. Jurou a si mesma que

não o faria.

Capítulo 19

De qualquer maneira, María não teria conseguido dormir naquela noite. Também não era nenhuma novidade. Fazia vários dias que ouvia o barulho distante de tiros, provenientes de uma situação perigosa que nos últimos dias havia aumentado – era, pelo menos, o que lhe haviam explicado. Adormecia a altas horas da madrugada acompanhando o rastro sonoro das bombas; entrava no sono ao compasso dos bombardeios, que chegavam até seus ouvidos em forma de sons rotundos e secos. Achava tudo macabro e cruel, mas preferia imaginar as desgraças alheias que essas bombas provocavam a continuar pensando em sua situação e, especialmente, na de seus filhos. Imaginava como aquela bomba que acabava de entrar em seus tímpanos havia destruído edifícios onde moravam famílias inteiras. Imaginava o pai correndo entre os escombros com o filho de meses no colo, pedindo ajuda sem que ninguém lhe pudesse atender, porque todos estavam em situação similar ou até pior. Chegava a ver que a mãe daquela família havia ficado para trás e estava de joelhos, prostrada diante do corpo inerte de sua filha de catorze anos, chorando, desfazendo-se em gritos, beijando e abraçando aquele corpo ensanguentado, destroçado por uma metralhadora, e gritando algo totalmente indecifrável, que, porém, se entendia perfeitamente. Dor, morte, sangue, desespero, sofrimento, famílias destruídas, filhos mortos, pais mutilados, mães enlouquecidas, vidas truncadas... E tudo a poucos quilômetros de onde ela dormia com seu marido, seus filhos, seus sogros, suas cunhadas, seus cunhados e suas sobrinhas.

Mas, naquela noite, sentiu que o som da guerra e da destruição não soava tão distante como antes. Ao ouvir o último estrondo, levantou-se, deixando metade do corpo descoberto. Olhou pela escuridão que reinava em todo o quarto tentando encontrar alguma explicação, ver algo que esclarecesse por que aquilo soara tão perto. María olhou para Nasrad, que continuava dormindo, e não pôde

reprimir um leve sorriso que vinha de seu instinto maternal. Deu uma olhada em seus sogros, que estavam a apenas alguns metros de distância. Também não pareciam ter percebido nada. María levantou-se para ver as crianças. A menina, Nuria, dormia tranquila. Abdulah não. Permanecia com os olhos arregalados, aqueles olhos negros como carvão que havia herdado pai e que, quando bem abertos, como agora, pareciam ainda maiores. María se assustou, porque achava que estava dormindo.

– Por que não está dormindo, Abdulah?

– Não sei – respondeu o menino sem nem sequer piscar. – Vamos, feche os olhos e tente dormir, é tarde – María tentou convencê-lo, enquanto o cobria com a manta e lhe dava um beijo. – E você, por que não está dormindo, mamãe? María ficou olhando para seu filho. Naquele momento, teria desejado que aquele menino de apenas quatro anos tivesse vinte ou trinta para poder lhe dizer que não conseguia dormir porque estava com medo, porque ouvira o que parecia o som de uma bomba muito perto e porque o pânico não a deixava fechar os olhos e descansar.

– Não sei, Abdulah. Também não sei. Mas agora mesmo nós dois vamos tentar – mentiu María. – Vamos, meu amor, durma.

Agasalhou-o como pôde com a manta e acariciou sua cabeça; levantou-se do chão e dirigiu-se ao lugar onde seu marido continuava dormindo. Gostaria de ter ido ver se uma de suas cunhadas escutara alguma coisa, mas no último momento desistiu. “Com certeza só eu ouvi, porque estou nervosa e porque não paro de imaginar essas coisas tão horrendas. Vou ficar louca se não parar de me comportar dessa maneira. E o pior é que vou acabar assustando todos sem motivo”, pensou, deitando-se ao lado de seu marido, que continuava mergulhado em um sono profundo e intenso.

Mas, quando María nem sequer pousara a cabeça no travesseiro, um golpe seco e ensurdecido inundou as quatro paredes da casa. Desta vez, sim, todos ouviram e se levantaram.

Depois daquele estrondo, o silêncio ali reinou durante alguns segundos, que pareceram horas. Todos se olhavam, assustados e paralisados, boquiabertos, prendendo a respiração e sem trocar uma única palavra, apenas olhares cheios de incerteza e preocupação.

A sensação era que ninguém se atrevia a quebrar a barreira do silêncio. Até que o choro de Nuria o fez, e o silêncio foi rompido. Em questão de décimos de segundo, a casa parecia um verdadeiro hospício: todos se abraçavam, falavam, gritavam, corriam de um lado para o outro, como se o medo os obrigasse a isso. Moviam-se como se estivessem possuídos pelo próprio diabo. As crianças não paravam de chorar e de tremer, enquanto punham suas mãozinhas nos ouvidos como se não quisessem ouvir mais nada, como se, em razão de algo que os adultos não percebiam, soubessem que aquele barulho era a via que o perigo e a morte utilizavam para se deslocar de um lugar a outro. As mulheres instavam os homens a sair para saber o que estava acontecendo lá fora. E eles saíram.

Levaram alguns minutos para voltar, tempo que as mulheres aproveitaram para consolar umas às outras e fazer o mesmo com as crianças. María permanecia calada; sua boca parecia selada, costurada, seca de palavras e vazia de opiniões, como gostava a maioria dos homens daquele país. Enquanto abraçava contra seu peito seus dois filhos, olhava quase sem piscar para sua sobrinha, que havia adotado uma atitude parecida à sua: silêncio sepulcral. Um silêncio que se podia cortar, mas era ao mesmo tempo ensurdecido. María amava sua sobrinha como uma filha, ou melhor, como uma irmã mais nova. Tinha dezenove anos e se parecia muito com ela. Suas ilusões, seus sonhos, suas inquietudes e suas ideias – porque tinha muitas – não tinham limites, e seus planos não conheciam palavras como *medo*, *proibição*, *submissão* e,

principalmente, *Afeganistão* . Queria sair dali, queria conhecer, aprender, estudar, viajar, falar, dar opinião, movimentar-se com liberdade, trabalhar, ganhar dinheiro, poder comprar nas lojas, ir ao cinema, jantar com amigas, formar uma família de verdade... Enfim, viver. Alegrou-se como uma criança quando María lhe contava tudo o que o Ocidente e a democracia permitiam aos europeus. E queria fazer parte daquele mundo do qual tanto a ouvia falar durante sua estadia naquela casa. María tentava infundir-lhe coragem por meio do olhar e desejava que sua sobrinha entendesse.

Quando Nasrad, os irmãos e os cunhados voltaram para casa, foi para dizer a todos que arrumassem o mais rápido possível aquilo de que necessitavam, porque precisavam sair imediatamente.

– O que foi, Nasrad, o que aconteceu aí fora? O que você viu? – María perguntou, quase em tom de súplica.

– María, arrume as coisas. Vamos para um refúgio subterrâneo, onde estaremos mais seguros. Estaremos a salvo.

– A salvo de que, Nasrad? – tornava a suplicar María, sem soltar seus filhos.

– Estão perto. Os aviões estão aqui mesmo, e os bombardeios vão ser contínuos. Acho que querem arrasar o povoado conosco dentro. A guerra está aqui, María, precisamos ir. – Nasrad não tinha mais tempo para explicações, nem para se dedicar a sua mulher. – Agora vamos, eu a ajudo a pegar um pouco de roupa e de comida. Corra, não há tempo a perder.

María pensou que ia morrer de medo. Por um instante, achou que suas pernas não responderiam e que ficaria ali plantada, diante dos olhos de Nasrad. Mas, sem saber como nem por que, saiu daquele bloqueio físico e mental e começou a enrolar em um pedaço de tecido grande agasalhos para as crianças, blusas, sapatos, mantas e um pouco de água. Não havia tempo nem espaço para mais nada.

– María! Vamos! Não temos tempo. É perigoso – disse Nasrad, quase arrastando seu filho. – Vamos, mulher. Pegue Nuria e vamos sair daqui. Já estão todos lá fora.

María percorreu com um olhar rápido a casa onde passara seus últimos meses de vida. Nunca pensou que pudesse sentir falta daquelas quatro paredes que tinham sido testemunhas de tantas coisas, boas, ruins e horríveis. Ali deixava sangue, suor e lágrimas. Muitas lágrimas. E também risos. E sonhos e pesadelos. E conversas com suas sobrinhas. E desencontros com sua sogra. Naquela casa, caindo aos pedaços, deixava pensamentos de um futuro melhor, de ódio e de carinho. Ali ficavam momentos de intimidade com seu marido e outros difíceis com alguns membros da família. Ali nascera sua filha, e ali ficava seu até então presente, e agora já passado. O que lhe reservaria o futuro? Existiria algo pior que tudo aquilo? Mais sofrimento e mais necessidade? Para onde iriam?

Era curioso. Apenas alguns dias antes, ela e seu marido estavam planejando como sair daquela casa e fugir para Cabul, e lá começar uma nova vida. No entanto, não contavam com esse episódio que surpreendeu a todos. Queriam sair daquele lugar, mas não daquela forma, muito menos para ir a um refúgio.

María já amarrara a trouxa de roupas e estava prestes a sair correndo quando seu olhar pousou naquele pedaço de vidro, quase um espelho, que encontrara na fronteira do Paquistão com o Afeganistão, quando seu marido lhe dissera que cobrisse o rosto com o véu islâmico para que parecesse uma verdadeira mulher afegã. Brilhava tanto quanto aquela vez que decidira pegá-lo do chão e guardá-lo na sacola com sua roupa, sem saber por que, sem nenhum motivo aparente, só obedecendo a um instinto irracional que a guiava. E, naquela noite, tornou a obedecer seu instinto e pegou o fragmento de espelho, que descansava em uma estante do dormitório, dando-lhe um apertado espaço na improvisada bagagem.

– Vai sair ou tenho de arrastá-la, María? Pode-se saber o que está fazendo? – gritou seu marido como nunca antes.

María correu para ele. Nem sequer notou o tom que Nasrad empregara para se dirigir a ela segundos antes. Sua mente estava em outro lugar, e o pior era que não sabia onde. Quando saiu da casa, viu que a escuridão que a dominava contrastava com os fachos de luz que pareciam descer do céu, a ponto de ferir-lhe os olhos. O horizonte estava iluminado, mas não eram cintilações da luz elétrica, e sim dos bombardeios.

María corria atropelando-se, atrás de seu marido, que, por sua vez, corria atrás do resto da família. Sequer sentia o peso da volumosa bagagem que carregava no braço esquerdo nem de sua filha Nuria, a quem abraçava com força com o braço direito. Não sentia, nem sofria, nem pensava, nem era capaz de saber o que estava acontecendo. Não havia lugar para o raciocínio. María só se deixava levar. Só se deixava fazer. Só corria atrás de seu marido.

Quando, depois, recordou esses momentos de fuga para o abrigo, viu a si mesma como aquelas cenas dos judeus correndo enquanto eram instigados, perseguidos e assassinados pelos nazistas. Não hesitou em comparar sua imagem saindo da casa naquela noite com a da menina vietnamita que corria por uma estrada, completamente nua, com queimaduras pelo corpo, enquanto um avião do Vietnã do Sul bombardeava com napalm a população de Trang Bang nos idos do 8 de junho de 1972. Aquela menina não parecia ter consciência de seu estado nem de sua situação, tampouco de seu lugar no mundo. E María sentia-se assim também.

Com certeza, aquele olhar perdido e alheio à realidade que exibiam os judeus e a menina vietnamita naqueles momentos era o mesmo que María mostrava em seus olhos.

Capítulo 20

Por fim chegaram ao abrigo subterrâneo.

María não sabia quanto tempo passara correndo da casa de seus sogros até chegar ali. Só percebia que seu coração batia a mil por hora, que seus braços já não podiam suportar por muito mais tempo o peso de sua filha e das coisas que havia recolhido da casa, e que sua respiração era tão rápida que achava que cairia fulminada ali mesmo. Mas não caiu. Seu marido a empurrou para que entrasse depressa naquele buraco e, com ela, seus filhos. María ficou olhando para aquele buraco na terra. Era uma imensa abertura escura, negra, que não permitia uma visão mais acertada nem nítida da distância até seu final. Mas não era momento de fazer perguntas nem de esperar respostas. E María praticamente se jogou, deixou-se cair, ajudada pelo inesperado empurrão de seu marido, sem saber o que aconteceria nos próximos décimos de segundo. Demorou bastante para tocar o chão firme. Fez a descida praticamente rolando, batendose nas paredes. Enquanto seu corpo parecia uma bola quicando em todos os obstáculos daquela descida, sua mente a presenteou – e ela agradeceu – com a lembrança de Alice descendo da mesma maneira pelo interior do tronco daquela árvore que fora olhar e onde caíra, enquanto perseguia o coelho que tanta pressa tinha porque seu relógio mostrava que era tarde.

O golpe final que a advertiu de que acabava de chegar à outra ponta do buraco tirou María da cena da história que havia sido uma de suas favoritas quando menina. Ela não era Alice nem estava, evidentemente, no País das Maravilhas.

Viu que ali estavam o resto da família e mais algumas pessoas que vira algumas vezes, mas que não sabia com certeza quem eram e que, naquele momento tampouco lhe interessava.

María levantou-se rapidamente com o barulho que vinha daquele buraco, afastando-se para deixar o caminho livre, pois temia que alguém mais estivesse descendo. Era Nasrad, seu

marido, que sem dúvida descera com mais facilidade e mais rapidez. E, com ele, estavam todos ali. No total, deviam ser umas vinte ou vinte e cinco pessoas. Homens, mulheres e crianças convivendo em um espaço não muito amplo debaixo da terra. E assim ficariam durante várias semanas, embora ninguém soubesse.

A primeira noite foi uma das melhores que María recorda do abrigo, porque os demais dias e noites foram tão terríveis quanto inesquecíveis. Naquela noite estavam todos exaustos, abatidos pelo medo que se apoderava deles, crianças e adultos, esgotados pelo esforço físico da corrida e pelo desgaste psíquico que representavam o pânico e a ignorância do que aconteceria a partir de então. Apesar dos bombardeios e do barulho que provocavam, alguns conseguiram dormir durante algumas horas. Outros preferiram ficar sentados sem tirar os olhos do chão, e muitos optaram por rezar.

María procurou abrigo físico e moral nos braços de Nasrad, que não hesitou em lhe corresponder. Durante alguns minutos, permitiuse o luxo de fechar os olhos, sempre abraçando e apertando seus dois filhos com toda a força de que era capaz. Naquela hora, pensou que, se uma bomba a matasse naquele exato momento, não se importaria muito. Estariam juntos e assim morreriam. Não se podia esperar nada melhor nessas circunstâncias. Até imaginou a cena, como costumava fazer quando ouvia os bombardeios a vários quilômetros de distância na casa de seus sogros, deitada ao lado de Nasrad e ouvindo sua respiração profunda.

María sentia-se quebrada, derrotada, cansada, destruída, e se conformava em ficar assim, aconchegada a seu marido, segurando seus filhos no colo e abandonando-se ao cansaço e à segurança que naquele momento a inesperada reunião familiar lhe dava.

Ninguém comeu naquela primeira noite. Ninguém falou o suficiente para manter uma conversa. Ninguém teve forças para chorar ou se lamentar. O desassossego e a perturbação reinavam absolutos naquele porão.

Passadas algumas horas amanheceu. María acordou devagar, pouco a pouco, dando-se o tempo de que precisava enquanto esclarecia suas dúvidas quanto a sua atual localização. Logo percebeu onde estava, recordou a noite anterior e o modo como entraram naquele abrigo, que alguém construía tempos atrás para o caso de a interminável guerra que aquele país vivia chegar à aldeia, como realmente acontecera poucas horas antes. María percebeu que estava praticamente na mesma posição em que adormecera na noite anterior, com seus filhos bem perto dela. Mas logo se deu conta de que seu marido não estava ao seu lado, e em seu lugar encontrava-se o grande pacote de roupas que recolhera da casa na noite anterior. María foi tomada pelo desassossego de acreditar que havia acontecido alguma coisa com seu marido. Tanto, que abriu a boca para gritar seu nome, porém nenhum som saiu. Tentava, mas não conseguia. Talvez tivesse perdido o costume de gritar, pensou por um momento.

– Nasrad, Nasrad! – finalmente escapou um grito de sua garganta, enquanto observava o interior daquele refúgio. – Nasrad!

– Estou aqui, María, estou aqui. Calma. Saí para buscar um pouco de água para você e as crianças. Mas já estou aqui – ele a tranquilizou.

María se acalmou como se acalmam as crianças quando sentem alguma dor e a mãe dá um beijinho para sarar. As palavras de Nasrad surtiram o mesmo efeito calmante, como de costume.

– Que susto, Nasrad! Não volte a sair sem me avisar. Aliás, não volte a sair, porque posso morrer aqui sozinha.

– María, vou ter de sair com os outros homens para buscar água e alimentos. Vamos ter de comer alguma coisa, não percebe?

– Mas quanto tempo vamos ficar aqui, Nasrad? – ela perguntou, temendo que a resposta não lhe agradasse muito.

– Não sei, María. Provavelmente não muito – respondeu seu marido sem fitar seus olhos.

María não pôde deixar de se lembrar que a observação de seu marido e a expressão de seu rosto eram exatamente as mesmas de quando, quase dois anos antes, esperavam o menino carregador com a bagagem, com o dinheiro e os documentos, mas o pequeno comerciante jamais desceu, assim como sua bagagem. Naquele momento, seu marido, naquele refúgio, tinha a mesma expressão e a mesma convicção em suas palavras: nenhuma.

Não era o melhor momento para se deixar invadir pelo pessimismo, mas María não via muitas formas de consolo a sua volta. Pôde, então, observar como era aquele lugar por dentro. A pouca luz que havia ali não lhe permitiu se deter em muitos detalhes, mas conseguiu distinguir que aquele lugar não devia ter mais de setenta metros quadrados por dois de altura. Também não pôde calcular muito bem, porque tinha muita gente enfiada ali.

No entanto, viu que alguém delimitara um lugar para cada núcleo familiar e um local comum no centro para preparar a comida e lavar a roupa.

Observou que as mulheres se organizavam como podiam em um espaço tão reduzido. Pareciam formigas, pensava María. Iam delimitando seu pequeno terreno, realmente estreito e apertado, agrupando as mantas e a roupa de sua família de um lado e um ou outro utensílio de cozinha para a comida e o sabão para lavar a roupa do outro.

Portanto, como se preocupavam em ter um lugar para cada coisa, María chegou à conclusão de que sua estadia ali não seria coisa de dois dias, mas exatamente o contrário. Prometeu a si mesma nunca mais perguntar quanto tempo teriam de ficar ali. Preferia a onírica dúvida à crua certeza.

Seu exercício de observação e indagação pelo interior do abrigo foi interrompido por seu marido, que se aproximou com um pouco de chá quente e de pão para ela e seus filhos.

– O pão está um pouco duro, mas molhe-o no chá e ficará melhor. Também não é muito, porque os alimentos são poucos. Vamos ter de sair e ver o que encontramos. Não há outro jeito – ele disse.

As palavras de Nasrad se mostraram em toda sua crueza à medida que os dias iam passando. María ficava com seus filhos o dia todo naquele refúgio, enquanto seu marido, assim como os outros homens, voltavam ao buraco à noite, quando uns acabavam seus turnos de vigilância e os outros se encarregavam de levar tudo o que encontravam para comer – um pouco de farinha, arroz, ervilhas – e principalmente água para poder cozinhar. Cozinhar e pouco mais, porque, ainda que María tentasse usar um pouco daquela água para uso pessoal e para a higiene íntima, não obteve muito apoio. O importante era sobreviver, não lavar roupa ou limpar-se, pelo menos não todas as semanas.

María sentia-se incomodada com aquele desprezo pela higiene pessoal. Já devia ter se acostumado, mas era muito difícil. Não queria que seus filhos se parecessem com as demais crianças daquele lugar, sempre sujas, cheirando mal e com restos de todo tipo de porcaria nas mãos, nos pés e no rosto. María tentava penteá-los, ainda que fosse com as mãos, lavá-los, mesmo que por partes, fazer com que suas roupas não exalasses o fedor intenso que emanava dos outros. Mas cada dia ficava mais complicado. Só tinha um sabonete e, àquela altura, precisava fazer milagres para

conseguir atender a tantas necessidades. Quando o sabonete estava tão fino que era quase impossível mergulhá-lo na água porque desapareceria em questão de segundos, María tentou ralá-lo, para aproveitar mais. Fez isso e conseguiu obter algumas raspas de sabonete. Com uma delas, decidiu limpar-se. Já tinha de se abster de tanta coisa, merecia um “quase” banho.

Procurou, como quem procura um tesouro, o pedaço de espelho que não esquecera de pôr na bagagem quando saíra correndo da casa de seus sogros. Limpou-o bem com a roupa que usava e, como a superfície não ficou muita limpa, porque seu vestido também não estava um prodígio de limpeza, decidiu esfregá-lo um pouco com a barra da burca. “É curioso... a burca vai servir para alguma coisa, pelo menos neste buraco”, e sorriu ao perceber esse pensamento.

Quando a superfície limpa já lhe permitia ver sua imagem no espelho, María, suficientemente acorçada em um canto para evitar olhares intrusos e com certeza inquisidores, aproximou-o de seu rosto. No início, assustou-se ao ver a imagem que o espelho lhe devolvia, mas não o abaixou como pensara fazer nos primeiros instantes. Há meses que não se observava em nenhum espelho, e não apresentava uma imagem muito favorecida. Embora tentasse, pelo menos, lavar o rosto todos os dias, nem sempre conseguia. Entretanto, não era sujeira o que via em seu rosto, e sim sofrimento, falta de alimentação, cansaço, desânimo, fraqueza. Era como se aquele refúgio lhe tivesse acrescentado vinte anos. Via-se estranha, desconhecida, mas conseguia se reconhecer sob aquelas olheiras, aquele tom de pele amarelo-esverdeado que ostentava pela falta de ar e de sol, os lábios secos e sem cor que deixavam ver a desnutrição que se arrastava durante anos e a sensação entre secura e esticamento que sentia em todo o rosto. Era ela, sem dúvida; era a mulher que amava seu marido e que por isso podia suportar, e suportaria, tudo o que viesse.

María mexeu um pouco o espelho para cima e para baixo, deslocou-o com a mão para a esquerda e para a direita até que

conseguiu se acostumar àquela imagem. Passou a mão direita pelo rosto, para ter certeza de que tudo o que via ali era seu. Sempre segurando o espelho com a mão esquerda, introduziu os dedos na boca e os molhou com saliva suficiente para tentar limpar seu rosto e devolver-lhe um pouco do esplendor que tivera sempre, desde pequena, quando todo mundo lhe dizia: “Que aparência saudável você tem, María!”.

Pegou uma minúscula parte da raspa de sabonete que acabara de conseguir do que restava do pedaço e tentou desmanchá-la com seus dedos. Esfregou-os na testa, desceu até os olhos, penteou as sobrancelhas com o dedo anular, contornou as narinas, o queixo, até chegar ao pescoço. E assim fez várias vezes, até que a raspa de sabonete desapareceu totalmente.

Depois juntou os cabelos, escondendo-os totalmente embaixo do lenço. Tornou a percorrer com o espelho todo seu rosto, e, se não ficou totalmente satisfeita, pelo menos sentia que havia conseguido melhorar sua imagem.

Escondeu novamente o espelho em um lugar onde ninguém pudesse encontrá-lo. Guardou-o entre uma das dobras da burca,

e, como dentro daquele buraco nenhuma mulher usava burca, exceto alguma mais velha, estava, sem dúvida, seguro.

As mulheres passavam as horas do dia rezando, bordando, cozinhando, fazendo pão e, evidentemente, cuidando dos filhos. María não tardou muito a entender que tinha de se transformar em uma delas, que tinha de fazer as mesmas coisas que elas faziam se quisesse sobreviver naquele lugar e não ficar louca. E, acima de tudo, era necessário que suas ações fossem as mesmas, porque precisava que a tratassem como uma igual. Precisava que aquelas mulheres lhe dessem carinho, atenção, a ela e a seus filhos. Porque todos estavam famintos também de dedicação e de cuidados. Com seu marido o dia todo fora procurando um modo de conseguir

alimentos, María ficava sozinha com seus filhos, e ali dentro só tinha suas cunhadas e suas sobrinhas como aliadas. As demais eram desconhecidas. E, claro, sua sogra também estava ali. Mas era como se não estivesse. Sabia que com ela não podia contar.

Ali María aprendeu a bordar e a costurar como nunca antes. Não era algo de que gostasse ou que a atraísse, mas naquele momento não lhe restava opção se quisesse criar novos vínculos. Lembravase que, quando pequena, suas tias de Barcelona e de Ciudad Real bordavam as toalhas e os lençóis e lhe explicavam que no colégio as freiras lhes haviam ensinado as tarefas do lar e que, muitos anos atrás, eram obrigatórias para todas as mocinhas de bem que quisessem se casar. Na boca de suas tias, esse argumento sempre parecera uma antiguidade para María; mas, por seus olhos, quase vinte anos depois, tudo parecia menos arcaico.

María preparava pão, bordava, costurava, lavava a roupa como podia – normalmente, mal – , rezava, principalmente com seu marido, brincava com as crianças, conversava com suas cunhadas e, à noite, quando seu marido voltava e não era sua vez de fazer a vigilância, falava com ele sobre como estavam as coisas lá fora. Era quando María, por conta do que Nasrad ia lhe contando, sentia pena não mais por sua situação, e sim pelo país. Não podia entender como um país rico e doce podia se encontrar naquelas condições pelo agir descontrolado e impune dos senhores da guerra. Sempre recordava algo que os afegãos costumavam dizer: “O umbigo do Afeganistão está estragado e sempre estará em uma situação ruim e precária. Não há remédio. Já é tarde demais para encontrar uma solução, porque o tumor formou metástases e o doente não tem alívio a não ser a morte”.

Capítulo 21

Certa noite Nasrad chegou aborrecido. O dia não tinha sido produtivo e estava irritado com o mundo e consigo mesmo. María tentou acalmá-lo, cuidar dele o melhor possível dentro de suas possibilidades. Percebia como aquele lugar os afetava e alterava sua convivência. Não seu amor, mas sim suas demonstrações de carinho. Jantaram o pouco que havia: uma tigela de água fervendo com o que parecia um guisado à base de terra e ervas e três ou quatro ervilhas boiando na superfície, acompanhado com um pouco de pão. Este era o menu quando tinham sorte e encontravam ervilhas.

María acabou de lavar os recipientes onde tinham comido, atividade que consistia em colocar cada vasilha em um barril cheio de água suja e acumulada durante dias, sacudi-la e seca-la, seja no ar ou com algum trapo, e deitou-se ao lado de seu marido. Naquela noite, ele não tinha muita vontade de conversar, e María não insistiu. O mar não estava para peixe.

Já prestes a ser vencida pelo sono, a voz grave de seu marido, na forma de um sussurro, tirou-a do estado de semi-inconsciência em que se encontrava.

– Temos de ir embora daqui.

María abriu os olhos e prendeu a respiração por alguns instantes. Não quis dizer nem perguntar nada. Só ficou olhando fixamente para um mesmo ponto do teto daquele abrigo. Intuíra que seu marido continuaria falando. Suspeitava, ou melhor, desejava que assim fizesse. Por uns segundos, e dado o silêncio que ele mantinha, pensou que não tinha ouvido nada e que tinha imaginado ou sonhado. Mas não. Nasrad prosseguiu, de maneira suave, mas convicta:

– Não podemos ficar aqui mais tempo. Isto pode durar anos, se não séculos. Tenho de tirar você e nossos filhos daqui. Eu sou o culpado por estarem aqui e não posso permitir isso por mais tempo.

Foi quando María virou-se para o seu marido, em sinal de atenção, como querendo dizer: “Continue falando, estou ouvindo”.

– E em que você pensou, Nasrad? Como vamos sair daqui sem que nos matem?

– Caminhando. À noite. Sem nenhuma bagagem, sem nada. Andaremos até o Paquistão ou até o Irã. Chegaremos andando até a fronteira, a atravessaremos, e nos tornaremos refugiados.

– E as crianças?

– Seria muito perigoso para elas. Pensei em deixá-las com minha família. Eles cuidarão delas.

– Não, Nasrad. Eu não deixo meus filhos neste lugar e com essa gente. Desculpe, mas não vou embora sem meus filhos, como também não iria sem você. Já fiz isso uma vez, e veja de que me serviu. De nada. E não quero que torne a acontecer. Ou vamos todos ou não vai ninguém.

– Só há um problema – apontou Nasrad.

– Qual?

– Se você se tornar refugiada, não terá mais direito a sua nacionalidade espanhola. Quero dizer que será muito mais difícil conseguir provar. Mas não vejo outra solução. Tudo isso vai nos matar. Vivemos como doninhas. Ou pior.

María viu o castelo de cartas que seu marido havia construído para ela desmoronar quando ouviu a palavra *refugiada*. Esta era uma peça que não se encaixava em seus planos. Ela passara por

todos os estados de ânimo: desde a ilusão de sair logo do Afeganistão e voltar a sua vida tranquila e sossegada em Londres até a aceitação da realidade, que significava se ver como mais uma naquele país e ter a convicção de que nunca mais sairia de lá e que envelheceria naquela terra. Mas tornar-se refugiada significava que nem sequer teria a menor possibilidade de tentar. Era demais. Isto era como apagar o único fio de esperança com que se permitia sonhar para se recompor quando a depressão batia à porta de seus sentimentos.

Não foi preciso que María explicasse a seu marido que aquilo não era o mais adequado, pelo menos por ora. Mostrou-lhe suas dúvidas, seus medos e suas preocupações, e Nasrad entendeu. Pelo menos foi o que ele disse.

Não tornaram a falar no assunto. Era como se existisse um pacto de silêncio entre eles que os advertia de que aquilo não fazia parte das conversas porque não era conveniente. Doía muito nos dois. Nele, porque continuava se culpando por María estar naquela situação, naquele abrigo sujo, malcheiroso, pouco saudável e no meio da guerra, um conflito com o qual ela nada tinha a ver. E María sofria a dor porque não suportava ver seu marido naquele estado. Não queria que ele carregasse o peso da culpa, porque a decisão de acompanhá-lo na viagem ao Afeganistão fora sua, e de mais ninguém. Sofria quando via seu marido sofrer. Nasrad não estava digerindo bem tudo aquilo. Seu marido não era como os outros, sua formação era diferente e sua visão de futuro mais ampla que a dos demais. Não concordava com o tratamento que se dava à mulher em seu país, nem aos homens. Não suportava a ideia de que seus filhos fossem criados e crescessem como as crianças afegãs, a quem se negava a possibilidade de um futuro melhor ou que simplesmente eram impedidas de chegar à idade adulta. Não compartilhava da política dos senhores da guerra, das interpretações radicais que muitos faziam do islamismo por puro interesse econômico, político ou social, ou por mera maldade, menos ainda podia tolerar quando se tratava de sua família, de María e de seus filhos.

Não tornaram a comentar nada sobre a possibilidade de fugir para a fronteira com o Paquistão ou com o Irã. Não falaram, mas os dois passaram noites inteiras em claro pensando naquilo. Ambos sabiam, porque sentiam o outro acordado, mas nenhum deles compartilhou com o outro. Não era preciso. Tudo já tinha sido dito.

Capítulo 22

Os dias iam passando, mas o tempo parecia ter parado dentro daquele abrigo. Havia dias em que não se ouvia um único avião, e o otimismo e bom humor reinavam sobre todos. Mas não era bom confiar. Muitas vezes, o silêncio da guerra representava apenas uma armadilha. Nesses dias de calma enganosa e embusteira, alguma mulher confiava e decidia sair do abrigo com seu filho, para que tomassem um pouco de ar ou para que pudessem fazer suas necessidades fora dali. Aproximava-se com cautela do buraco de saída e com muito cuidado perscrutava o exterior. Quando tudo se mostrava aparentemente tranquilo, a mulher saía com seu filho. Mas a prudência demonstrada por ela de nada servia, porque logo se ouvia o elétrico barulho de tiros ou as explosões ainda mais fortes, que os faziam retroceder, voltando mais assustados, chorando e à beira da histeria.

Assim passava o tempo para María, escondida naquele lugar com sua família e também com desconhecidos. Os dias pareciam intermináveis naquele buraco. O tempo não era real, as horas pesavam e os minutos se tornavam eternos. María não conseguia dominar o passar do tempo naquele lugar, não entendia o que acontecia, mas sentia-se sufocar. Quando o trabalho lhe permitia, ficava absorta observando a entrada e saída do abrigo. Olhava para aquele buraco como se estivesse hipnotizada, possuída. Qualquer um que a visse pensaria que tinha enlouquecido.

O cheiro era insuportável, uma mistura de sujeira, corpos, restos de comida e de necessidades fisiológicas que não podiam ser feitas do lado de fora porque o perigo de um ataque iminente impedia. Nem sempre se podia sair dali para ir ao banheiro, porque não era seguro, e, quando era possível, tinha de ser com tal cuidado e sigilo que muitas vezes, especialmente as crianças, não conseguiam suportar tanta tensão e faziam nas calças.

Aquilo, sem dúvida, dificultava a convivência. À noite era difícil conciliar o sono, e de dia era ainda pior se concentrar em qualquer atividade.

A intimidade era impossível ali dentro, e as desavenças entre uns e outros tornava tudo ainda mais complicado. Então, era melhor não se meter em discussões alheias, deixar correr, por mais tensão que se acumulasse em um lugar tão reduzido.

O pior era quando as crianças não aguentavam mais e passavam horas chorando. Não havia forma de acalmá-las, e, ao final, deixavam-nas chorar até que, esgotadas, dormissem. Também acontecia com as mulheres. E, evidentemente, com María.

Nos últimos dias abordava-a um pensamento que não conseguia tirar da cabeça: que seus dias terminariam naquele lugar. Que morreria naquele buraco, e não exatamente de velhice. E que nunca mais voltaria a sua terra, nem veria sua família, nem seu pai, nem suas irmãs, nem pisaria em Londres, nem voltaria ao Canadá. Próxima dos vinte e dois anos, sua vida acabaria.

Esses pensamentos cresciam e ganhavam maior dose de credibilidade quando ouvia aviões sobrevoando o abrigo e se assustava com a nitidez do estrondo das bombas. Naqueles momentos, María abraçava seus filhos e rezava. Rezava por dentro e chorava por fora. Não podia parar de rezar para que não acontecesse nada a seu marido, para que não morresse em consequência daquela guerra, para que nenhuma bomba lhe ceifasse a vida ou que nenhum tiro acabasse com sua existência. María suplicava ao seu Deus que, se assim fosse e seu marido morresse, a levasse também. Que morressem juntos. Que matassem os dois. Dessa maneira, não teria problemas. Seus filhos ficariam à mercê da família, que os acolheria, e sobreviveriam.

Mas, se acontecesse alguma coisa ao seu marido enquanto estivesse lá fora, tudo viria abaixo. Ela não saberia viver. Não saberia

nem desejaria. Porque então é que não haveria mais saída para ela nem para seus filhos. Ninguém ali dentro se preocuparia com ela, viúva, estrangeira e com dois filhos. Seria repudiada, abandonada, ignorada, e ninguém cuidaria deles. Evidentemente seus cunhados se interessariam por ela, mas só no início. Assim

era aquele país. E assim era a vida que tinha. Essa era sua lei. E ela não a mudaria. Antes a matariam.

Assim se passou quase uma semana, naquele claustrofóbico buraco, com falta de alimentos e de água, esperando a morte mais que a vida.

Uma manhã, quando María estava amassando a farinha com a água para preparar o pão para a refeição, surpreendeu-se com a inesperada chegada de Nasrad. Não sabia que horas eram, mas fazia bem pouco tempo que fora buscar comida e água com os outros homens. Estava agitado e tão ansioso que quase não conseguia pronunciar as palavras. Quando chegou perto de María, teve de tomar um tempo para recuperar sua respiração normal.

– O que foi, Nasrad? Por que está assim? E por que voltou tão cedo? O que aconteceu?

– Vamos embora, María – conseguiu dizer a duras penas. – Pegue o que for, tanto faz, mas vamos embora.

– Aonde vamos? – ela perguntou, sem saber se se alegrava com a possibilidade de ir embora ou se temia o pior ao saber qual seria seu destino.

– Vamos embora, María. Vamos embora de verdade. Ficaremos dois dias na casa de meus pais e depois iremos para Cabul! Cabul, María. Cabul! E desta vez eu juro, será diferente. Desta vez conseguiremos alguma coisa – Nasrad estava decidido e prosseguiu com sua estratégia. – Mas não diga nada a ninguém. Inventaremos que a menina está mal, porque está tossindo há vários dias, e que a

levaremos ao médico em Cabul. E, então, será nossa oportunidade. Nossa sorte pode mudar. Você pode tentar novamente com a embaixada, pode ser que agora lhe deem uma solução para poder sair daqui, comigo e as crianças. Pode ser que desta vez tenhamos outra estrela, María.

– Mas, Nasrad, se não podemos sair deste buraco, como iremos a Cabul?

– Disseram-nos lá em cima que os bombardeios acabaram e que a situação se normalizou. Que podemos abandonar o abrigo.

– Mas, o que vamos fazer em Cabul? Como vamos sobreviver, onde vamos morar? Não se lembra de nossa última viagem à capital? – ela perguntava, enquanto tornava a preparar o estranho e amorfo pacote para sair correndo.

– Lembro-me perfeitamente, María. Não tivemos sorte, isso é tudo. Temos de tentar de novo. Talvez tenha sido a pressa ou o estado em que nos encontrávamos. Agora tem de ser diferente, María. Agora temos de conseguir. Veja, eu tenho uma irmã lá e também amigos que poderão nos dar uma ajuda. O importante é que vamos embora, María. Que isto se acalmou e que vamos sem perda de tempo. Mas, não está contente? – seu marido a olhou, estranhando.

– Nasrad, como não vou estar contente? Estou enlouquecendo! Mas é que já não sei o que pensar. Não quero me iludir – María respondeu, mas logo mudou de tom e mostrou uma expressão de alegria em todo o rosto, agora tomado por um grande sorriso. – É claro que estou contente, Nasrad. Muito, muito. E claro que vamos ter sorte. Está tudo bem. Agora sim, Nasrad.

María abraçou seu marido. Naquele momento, não se importou de que tivesse gente olhando ou que se escandalizassem; já bastava de matar tantos impulsos, de conter tantas emoções, de estrangular as demonstrações de amor e de carinho. Já fizera isso durante muito

tempo, e merecia, pelo menos naquele dia, um pouco de liberdade emocional.

A explosão de afeto não durou muito, na verdade, porque não era o lugar nem o momento, como vinha sendo habitual desde que pusera o pé no Afeganistão. María recolheu depressa as poucas coisas que levara para o abrigo quando os bombardeios a fizeram sair correndo da casa. Não demorou muito, não sabia se pela vontade de sair dali ou porque também não havia muito que resgatar daquela estadia: roupa para as crianças, mantas e sua burca, porque agora, sim, seria necessária. Quando a pegou para colocá-la na trouxa, María ouviu alguma coisa cair. Era o pedaço de espelho que escondera naquela peça de roupa, dado o pouco uso que fizera da burca em todo aquele tempo escondida debaixo da terra. Não sabia por que, mas aquilo sempre a acompanhava em seus deslocamentos. Não entendia a razão, se era como um amuleto ou prevendo que se tornaria algo útil, mas não podia deixá-lo abandonado, jogado naquele buraco, como acontecera em outras ocasiões. Sendo assim, desta vez também o colocou entre seus pertences.

– E, acima de tudo, lembre-se: não conte a ninguém nossas intenções. Que ninguém saiba que vamos a Cabul. Seria perigoso – tornou a dizer seu marido.

María assentiu com a cabeça. Viu a si mesma como uma menina obediente e achou graça. Sempre fora contestadora, sempre levava até o final sua máxima “Não sei do que se trata, mas sou contra”, sempre tinha um *não* pronto para qualquer conselho que recebesse, especialmente se viesse de alguém de sua família, como seu pai ou uma de suas irmãs. Não gostava de acatar ordens, nem sequer recomendações. E, agora, só vendo para crer. “Esse tipo de coisa sempre acontece com gente como eu.”

No entanto, María estava contente. Não pretendia macular nem deprimir seu estado de ânimo com esse tipo de pensamento. Teria

tempo para isso mais tarde. Nesse momento invadia-a uma rajada de alegria, de serenidade, e nunca pensou que teria tal sensação ao voltar à casa de seus sogros. Tinha a impressão de que ninguém poderia apagar seu sorriso e teve cuidado, para o caso de haver alguém que não gostasse nem entendesse o surto de felicidade repentino em seu rosto.

Capítulo 23

Ao chegar à casa dos sogros, viram que tudo estava ainda pior do que deixaram. A sujeira dominava o lugar e o abandono era evidente. Ninguém entrara para destruir nada, porque não havia nada para destruir nem era o lugar ideal para se esconder. A única coisa que poderia ter acontecido era a casa ter sido derrubada em consequência de uma bomba, mas tiveram sorte. As quatro paredes estavam em pé, e a única coisa que as mulheres tiveram de fazer foi limpar o chão, arrumar tudo que ainda estava espalhado por aquele lugar, e tentar sumir com o pó e a areia que pareciam comer a casa.

À noite María estava extenuada. Não aguentava mais. Não tinha forças para comer nem para conversar com suas cunhadas, nem sequer para responder aos desaforos de sua sogra. “Incrível”, pensava María, “essa mulher não sossega nem com uma guerra, nem com um bombardeio, nem com a clausura em um buraco debaixo da terra”. Por um momento sentiu pena dela. “Será que nunca fora feliz?”

Mas nada disso afetava María naquela noite. Sabia que ia dormir bem, já que a pressão que sentia nos músculos, especialmente nas costas e nas pernas, ia agir como um sonífero. E assim foi. Além do mais, María tinha coisas mais importantes em que pensar. Cabul. Sua nova vida. E, acima de tudo, sua oportunidade de retomar os trâmites para conseguir seu passaporte. Talvez desta vez fosse possível.

Naquela noite, pela primeira vez em muito tempo, sonhou com seu pai.

Poucos dias depois de ter saído do abrigo, María acordou ouvindo vozes. Vinham do outro aposento, e reconheceu que pertenciam a seu marido e a sua sogra. Não estavam discutindo, nem brigando;

não usavam um tom elevado. Não pareciam estar irritados. María, porém, teve a impressão de que se tratava de algo importante. Levantou-se e caminhou devagar e com cuidado para não ser surpreendida. Deu uns passos rumo à parede que fazia a comunicação com o outro aposento onde se encontravam seu marido e sua sogra e ficou parada, olhando para aquele sujo e horroroso tecido que fazia as vezes de cortina que havia na porta e que servia de separação, aplicando-se para escutar o máximo que as circunstâncias permitiam.

– Serão só dois dias, no máximo, mãe – explicava tranquilamente Nasrad. – Estou preocupado com a menina. Faz tempo que está com tosse e faz um ruído muito estranho. Às vezes tem febre, não come, e é preciso que passe por um médico. E já aproveito e levo também o menino. Assim ficaremos todos tranquilos. Além do mais, depois desse tempo todo que passamos no abrigo, é mais que conveniente.

– E sua mulher tem de ir também? Na verdade, aqui fazem falta mãos para trabalhar, e as dela viriam muito bem. Você não pode ir sozinho com as crianças até Cabul e ela fica aqui? Assim voltará mais rápido.

– Não, mãe. María tem de ir, pelas crianças e por mim. Mas voltaremos logo. Estou dizendo que será questão de dois dias, três no máximo.

– Não me agrada muito, Nasrad. Não me agrada que, depois do que acabamos de passar, você parta com sua mulher e seus filhos para Cabul. E se acontecer alguma coisa? Que será de nós? – sua mãe retrucou, utilizando um tom de censura, sem o menor sinal de preocupação pela sorte que seu filho poderia ter.

– Não vai acontecer nada, mãe. Não há mais o que dizer. A menina está mal e precisa de um médico. Partiremos amanhã. É melhor aceitar e não complicar as coisas – Nasrad respondeu.

María continuava achando engraçado, mas ao mesmo tempo ficava irritada com a atitude de complacência que seu marido mostrava para com sua mãe. Era como se tivesse nove anos e precisasse enganá-la para poder brincar no parque, convencendo-a de que já fizera o dever de casa e que estava perfeito. Sabia que seu marido amava a mãe, e por isso ela tentara compreendê-la de todas as formas e maneiras possíveis. Sabia que sua sogra já havia suportado tantas coisas na vida. Ela podia entender que a mãe de Nasrad o quisesse só para si e que um filho seu ter apenas uma esposa, parecia-lhe insuficiente. Para ela, María era pouco, seu desejo era que seu filho tivesse muitas outras, um verdadeiro harém. E queria isso porque, assim, as esposas de seu filho se tornariam suas criadas; elas a ajudariam em casa e poderia fazê-las trabalhar, humilhá-las, servir-se delas como gostava de fazer com todas as que passavam por suas mãos.

María jamais se esquecerá daquela moça que desde pequena estava destinada a se casar com Nasrad. Apesar de ele ter lhe explicado que não era possível, pois já havia contraído matrimônio com outra mulher, uma espanhola, e que, portanto, ela era totalmente livre para fazer sua vida e casar-se com outro homem afegão, ninguém entendeu. E a moça continuava esperando que Nasrad se dignasse a tomá-la como esposa e tudo o que estivesse envolvido nessa decisão. E, mesmo que ela tivesse aceitado a ideia e quisesse encontrar outro homem, o povo não lhe permitiria, não aceitaria.

A verdade é que María sentia pena daquela moça. Era uma pobre vítima da sociedade machista em que vivia, que carregaria esse estigma por toda a vida. De nada servira o dinheiro que a família de Nasrad lhe pagara por danos e prejuízos, por não ter se tornado esposa de Nasrad. O dinheiro não pôde comprar a mentalidade de todos os vizinhos que a apontavam, que murmuravam quando ela passava e que até se atreviam a desprezá-la por não ter sabido manter a promessa de casamento daquele que seria seu marido.

E nem é preciso dizer que a mãe de Nasrad nunca perdoou María pelo fato de que, por sua culpa – alguém tão fraca, pouco trabalhadora e estranha a seus olhos – ela não pudesse ter outra empregada a quem chamar de nora.

María voltou para seu quarto. Não queria que seu marido achasse que o estava espiando enquanto falava com a mãe, mesmo que fosse verdade. Quando ele entrou no quarto, María estava dobrando as mantas sobre as quais dormiam todas as noites. E não pôde evitar a pergunta que acabou por jogar por terra todo o disfarce:

– Como ela recebeu a notícia?

– Como você deve ter ouvido... – Nasrad estendeu a última sílaba sem poder evitar um sorriso. – Como você deve ter ouvido, ela não tem opção. Acho que não suspeita de nada. Só se incomoda porque vamos partir, e isso porque não sabe que não voltaremos. Precisa ter cuidado, María, não pode contar a minhas irmãs nem a minhas sobrinhas. E também não conte às crianças, porque sem nenhuma maldade podem deixar escapar – Nasrad parou de falar e olhou para María. – E você, como está?

– Nervosa. Atordoada. Impaciente... mas feliz, Nasrad. Estou contente por estar com você e não me arrependo de nada do que fiz. Aliás, voltaria a fazer, apesar de tudo o que vivemos.

Nasrad olhou para ela com o mesmo amor e a mesma doçura de quando tomaram aquele primeiro café em um terraço do Covent Garden, acompanhados pelo calor artificial das estufas enormes que naquele ano eram a última moda em ambientação na capital britânica, e que os conduzira ao primeiro beijo. Acariciou o rosto de sua mulher diversas vezes e tornou a beijá-la. María correspondeu e fechou os olhos. Nunca pensou que daria tanto e renunciaria a tanto por um homem. E, porém, lá estava ela. Protagonista de uma história que, quando contasse a seus netos, eles não acreditariam.

Claro que antes teria de contar a sua família, e isto seria o mais difícil. Não havia ainda pensado muito bem como faria, mas intuía que teria de fazê-lo em breve.

O dia anterior à fuga para Cabul – assim ela decidira chamá-la dentro de sua cabeça – transcorreu como qualquer outro, exceto porque María falou menos que o normal. Com certeza por medo de deixar escapar alguma coisa e destruir o plano que tanto a motivava. No pátio, enquanto as mulheres lavavam a roupa em uma vasilha, Motau chegou a lhe perguntar se estava com algum problema, porque notava-a distante, muito silenciosa.

– Não é nada, não se preocupe. Estou bem. Só um pouco preocupada com a menina. A tosse não passa, seus brônquios roncam e eu a vejo com esses olhinhos... na verdade, não sei o que ela tem – mentiu para sua amiga preferida, pensando que em alguns dias, quando visse que não voltava, entenderia o que estava acontecendo. – Quero que passe por um médico para saber, Motau. Isso é tudo.

– Claro, mulher, é normal. Mas não se preocupe. Você vai ver que não é nada, e, quando menos esperar, ela estará correndo de novo por aqui.

Aquilo era exatamente o que María não queria. E seu meio sorriso, acompanhado de seu característico sopro nasal, evidenciava isso. Era a última coisa que María queria ver, sua filha correndo pela casa de seus sogros e ela assistindo enquanto lavava mais roupa com suas cunhadas sob o atento olhar inquisidor de sua sogra.

– Com certeza – respondeu María. – Com certeza. Acordaram muito cedo, como sempre, para poder chegar logo a Cabul. A viagem era longa, e o irmão de Nasrad havia se oferecido para levá-los. O estômago de María nem sequer pôde se abrir para dar espaço ao chá matutino acompanhado de um pouco de pão feito na hora, mas tentou disfarçar a apatia molhando os lábios. Decidiu dar o pão

a seus filhos, que a essa hora também não tinham muita vontade de comer nada. Enquanto Nasrad decidia aumentar sua dose de café da manhã para não levantar suspeitas.

Depois de se despedir de todos e de anotar algumas encomendas de seus familiares, principalmente de comida, mas também de pedaços de tecido que suas irmãs pediram encarecidamente para poder confeccionar vestidos novos, seu marido acabou de colocar as coisas no carro. Não havia muito, mas justificaram estar levando roupas além da conta por causa do frio que os poderia surpreender em Cabul.

Quanto menos faltava para partirem, mais nervosa María ficava. Não podia evitar que sua mente brincasse maquiavelmente com possíveis complicações que impedissem sua saída: "E se agora o carro não pegar, e se minha sogra fingir que está doente, e se a menina parar de tossir, e se nos bombardearem de novo, e se eu deixar escapar alguma coisa de última hora, e se...". Ainda bem que a burca os impedia de ver o rosto transfigurado de María. Nunca se alegrara tanto de vesti-la como naquele momento. Um ou outro deve ter estranhado que a vestisse tão rápido, mesmo antes de terem saído do terreno, mas devem ter imaginado que María finalmente havia se acostumado e se moldado à vida de mulher afegã.

Quando María ouviu o motor do carro de seu cunhado em marcha pareceu-lhe uma música celestial. Nunca reparara no barulho que fazia, no desagradável cheiro de gasolina queimada e nos contínuos movimentos bruscos a que o carro submetia os passageiros, como se fosse desmontar a qualquer momento ou perder todas as suas peças. Mas não se importou. Naquele momento, não o teria trocado por nenhum outro veículo de mais cilindradas. Era sua carruagem particular. Era a abóbora transformada em carruagem de luxo. Era seu veículo para uma nova oportunidade.

María se esforçou para olhar com atenção tudo o que ia deixando para trás; desejava que tudo aquilo ficasse arquivado e guardado no disco rígido de sua memória para que, quando desejasse, pudesse recorrer a ela. Era uma maneira de se assegurar de que não tornaria a pisar naquela terra, nem voltaria viver naquela casa, nem teria de ir buscar água, nem acender mais o fogo. Por um momento ela fechou os olhos, não queria mais informação, já tinha o bastante, não queria saturar seu cérebro. Nasrad observou-a pelo espelho retrovisor do carro e achou que estava dormindo. Alegrou-se. “Melhor que descanse agora, quem sabe o que encontraremos em Cabul.”

TERCEIRA PARTE

«

Estadia em Cabul

Capítulo 1

Levaram mais de seis horas para chegar à capital afegã. María observava tudo aquilo com os mesmos olhos com que uma criança tenta captar qualquer detalhe quando a levam a um parque de diversões. Não podia deixar de comparar o lugar de onde vinha com o que ia vendo pela janela do carro. Um primeiro sorriso se abriu em seu rosto quando viu lojas diante de si. Lojas reais, não barracas ambulantes como as que estava acostumada a ver na aldeia de seu marido. Lojas de verdade, com prateleiras, manequins, a colocação estratégica dos produtos como atrativo para os possíveis clientes, os cartazes que anunciavam tentadoras ofertas. Passaram diante de seus olhos como se fosse um filme em câmera lenta, até porque o carro de seu cunhado não podia correr muito, menos ainda pelas ruas de Cabul, lojas de roupa, de alimentação, de eletrodomésticos e de sapatos, cabines telefônicas, bancos, restaurantes, cinemas, e viu até um salão de cabeleireiro. “Um salão de cabeleireiro. Que gasto mais absurdo!”, pensou María enquanto erguia as sobrancelhas em um gesto inconsciente, entre a surpresa e a incredulidade diante da descoberta. Via-se entrando em todas elas e se imaginava olhando, tocando, pegando, experimentando e até comprando alguma coisa.

Bastaram alguns minutos para que María percebesse que a diferença entre a aldeia em que vivera até então e Cabul era abismal, e não pôde evitar os planos mentais de uma vida nova e melhor. Há tempos desejava ir a Cabul, e agora finalmente entrava

na cidade. Fizera uma breve e desafortunada escapada uns meses antes, mas decidira apagar de sua memória aquela lembrança, que, sem dúvida, a impedia de seguir em frente.

Depois de atravessar o centro de Cabul – que, como María soube mais tarde, estava destinado, em sua maior parte, aos turistas e às pessoas com dinheiro – , ainda a esperavam umas duas horas de viagem.

O lugar ao qual se dirigiam ficava na periferia. Era a casa do tio de Nasrad, onde permaneceriam durante três dias, o tempo necessário para se situar, habituar-se à nova cidade e, com um pouco de sorte, encontrar um quarto para alugar e começar uma nova vida.

A recepção na casa do tio de Nasrad foi muito gentil e generosa. Os familiares estavam felizes por recebê-los e foram acolhedores e carinhosos em todo momento, principalmente com as crianças. Na primeira noite ofereceram-lhes um quase banquete, o que Nasrad e María agradeceram demais, acostumados que estavam à escassez e à necessidade na aldeia. Comeram guisado de batatas com arroz e legumes, que tinha gosto de glória para eles, tudo isso acompanhado de frutos secos da terra – que deixavam María fascinada – , pão, tortas doces, tâmaras e frutas. E algo que devolveu a María a confiança em um futuro melhor: a luz. Todo o jantar foi iluminado por luz elétrica, que ela não via fazia anos. Explicaram-lhes que, à noite, em Cabul, podiam desfrutar duas, três e até quatro horas de luz elétrica, o suficiente para jantar, conversar e fazer algumas coisas até a hora de ir para a cama.

María ouvia tudo aquilo fascinada, e não podia evitar sonhar acordada. “Duas ou três horas diárias de luz elétrica. Meu Deus, estou me aproximando do mundo civilizado. Levou quase dois anos, mas estou aqui.”

Depois de jantar, e com as crianças já na cama, seus novos familiares prepararam um chá, que puderam usufruir tranquila e calmamente como não recordavam tê-lo feito em muito tempo. María estava feliz.

No dia seguinte, depois de uma noite de plácido descanso, María levantou-se com vontade de começar a edificar sua nova vida. Sabia que não podia sair à rua sem seu marido ou sem a companhia de um homem, de modo que falou com Nasrad sobre a conveniência de sair para procurar uma casa. Seu marido lhe disse que já estivera pensando nisso e que seu tio recomendara que primeiro os homens da casa fossem ver duas ou três que estavam disponíveis. E assim foi feito.

María ficou a manhã toda na casa, entretida com as crianças. Teria gostado de olhar pela janela, mas a tia de Nasrad lhe recomendou que não o fizesse, porque não era seguro. María pôde observar, então, com mais atenção, que as janelas estavam pintadas de preto e as cortinas que as cobriam eram grossas e fechadas. Quando quis alimentar sua curiosidade, sua nova tia lhe explicou que era a herança dos talibãs; nada de mulheres nas janelas. Essa indiscrição podia ser cobrada com a vida. María estranhou, mas não muito. Sabia que Cabul não era o paraíso para a mulher, e esse detalhe era apenas mais um. No entanto, decidiu guardá-lo bem em mente para evitar males maiores.

A nova tia de María notou que uma nuvem de dúvida havia se apoderado de sua expressão, e decidiu que aquela manhã seria uma oportunidade para tirar as dúvidas de María.

– Venha. Vamos preparar um chá e conversar calmamente. Acho que há muitas coisas que você deveria saber para poder viver nesta cidade – disse em tom maternal. – Não se preocupe muito mulher, só convém que leve em conta as recomendações para que não tenha problemas. Isto aqui não é a Espanha, nem Londres, mas

também não é a cidade natal de Nasrad, de onde vocês vêm, e pode significar uma mudança brusca para você e sua família.

Enquanto tomavam o chá acompanhado de uns doces típicos de Cabul, María se transformou na única espectadora daquilo que parecia uma narração dramatizada. Sua tia foi lhe contando que no Afeganistão, depois de vinte e três anos de guerra e cinco sob o regime talibã, os direitos fundamentais da mulher eram simplesmente uma utopia. Não existiam nem eram almejados, porque também não convinham nem interessavam. E também ninguém os esperava.

Quando os talibãs chegaram ao poder, em 1996, negou-se às mulheres qualquer tipo de liberdade para se movimentar livremente; foram obrigadas a permanecer escondidas em suas casas, reclusas no lar a serviço do homem. Só podiam sair de casa sob a tutela, a licença e a companhia de um homem da família. Tiveram negado o direito de trabalhar, de estudar, de se reunir. Foram obrigadas a manter silêncio perante os homens e advertidas da necessidade de não emitir nenhum tipo de som que os pudesse incomodar; chegaram até a exigir que controlassem o som de sua respiração e que calçassem sapatos que não fizessem barulho ao andar, para que de jeito nenhum incomodassem os homens ou eles se sentissem obrigados a olhar para elas, por entender isso como pura e simples provocação.

Não podiam pôr os pés nos edifícios públicos, nem para trabalhar nem para ser atendidas. Não podiam frequentar universidades, e várias escolas de meninas foram fechadas, o que explicava o fato de apenas 5% das mulheres no Afeganistão serem alfabetizadas. Para os talibãs, a escola era a porta do inferno, e assim a chamavam. As professoras foram expulsas, como se fez com as médicas, advogadas, escritoras, políticas e engenheiras. Eram proibidas de dirigir e tiveram negado o direito à assistência médica, o que fez com que muitas morressem por falta de cuidados médicos, mortes que poderiam ter sido evitadas com medicamentos. Contavam-se,

como parte da lenda do regime talibã, os casos de mulheres que haviam sofrido um acidente de trânsito e morrido esvaindo-se em sangue ou em consequência dos ferimentos, porque o hospital para onde as levaram negava-se a atendê-las pelo simples fato de serem mulheres e porque os médicos, sendo homens, não podiam tocar em seu corpo impuro. Também negavam-se a fornecer insulina às mulheres diabéticas ou qualquer outro tipo de medicamento que pudesse salvar sua vida. Simplesmente não valia a pena o gasto de medicamentos com uma mulher. Simplesmente não compensava.

Esse descuido médico fez com que o Afeganistão se tornasse o país com a segunda mais alta taxa de mortalidade materna do mundo, o que significava que mais de quinze mil mulheres morriam a cada ano por complicações da gravidez.

A tia de Nasrad continuava falando, e María começava a ficar com o chá entalado na garganta. Foi quando ouviu que 90% das mulheres do país davam à luz seus filhos em casa, com a ajuda de outras mulheres. Dificilmente podiam ir a um hospital, primeiro por impossibilidade, e segundo por falta de dinheiro. O índice de mortalidade de mulheres afegãs era o mais alto do mundo. E, nesse ponto da conversa – ou melhor, do monólogo da tia de Nasrad –, María recordou como haviam sido seus partos e viu que, sem saber, tivera mais sorte do que jamais poderia ter imaginado. Naquele momento teve pena de todas aquelas mulheres. E sentiu-se afortunada.

A tia de Nasrad continuava explicando que, se uma mulher se aventurasse a burlar essas proibições, ou se fosse surpreendida ouvindo música, lendo um livro, olhando ou batendo uma fotografia, ou diante de uma tevê, seria torturada, humilhada e até assassinada. Não havia compaixão nem perdão para a mulher.

As informações iam se acumulando na garganta de María em forma de nó, um enorme nó que a teria impedido de engolir, caso quisesse fazê-lo. Mas a quantidade de injustiças e absurdos que

estava ouvindo naquela manhã não lhe permitiria que sua saliva suavizasse sua garganta, apesar da necessidade. Seus cinco sentidos estavam concentrados no ouvido, escutando o que jamais chegara a imaginar.

Conseguiu engolir quando a dor provocada pela secura na garganta se tornou insuportável e só lhe restava fazê-lo. María bebeu timidamente um pouco do chá que restava na xícara e teve a impressão de que o que descia por sua garganta eram como pedras por conta da dificuldade que encontrou ao engolir. Mas aquilo representou um estranho e indefinível alívio.

Porém, o pior foi quando a tia de Nasrad deixou a frieza das informações de lado e começou a contar casos de mulheres que ela conhecia. Histórias reais, de mulheres de carne e osso escondidas atrás das frias, contundentes e insensíveis porcentagens, mas que lhes davam sentido e credibilidade. E aquilo, sem dúvida, não podia ser pior.

A tia de Nasrad tinha uma amiga professora. Não só a despojaram de seus livros e de seu material didático, como também a deixaram na rua, sem emprego, sem profissão e sem meios de ganhar a vida. Ela foi surrada duramente na rua e ameaçaram julgá-la publicamente caso se atrevesse, por um instante que fosse, e mesmo na intimidade de sua casa, a ensinar algumas noções educacionais às crianças, mesmo aos próprios filhos. E concentraram as ameaças também sobre eles. Se sua amiga descumprisse o desejo dos talibãs, as crianças seriam torturadas fisicamente e então assassinadas pela rebeldia da mãe, e tudo isso diante dela, que depois seria morta, como seus filhos.

Também contou a história da mulher que morava bem ao lado de sua casa, parede com parede. Era jovem, bonita e com vontade viver, apesar de sua delicada saúde. Tinha 26 anos, quase a mesma idade de María, e ficara grávida do homem a quem amava. Sempre fora uma mulher fraca e adoentada, mas parece que a gravidez a

enchera de força e de consistência. Seu marido não arranjava emprego, não conseguia levar dinheiro suficiente para casa, apesar de passar o dia todo fora. Levada por essa difícil situação, a mulher decidira, um dia, sair sozinha, mesmo sabendo que poderia ser surpreendida por um talibã, que, na melhor das hipóteses, a açoitaria até se faltar e a deixaria ferida em qualquer esquina das ruas da cidade, e, na pior das hipóteses, a raptaria, a violentaria, a submeteria a todo tipo de castigo físico e, finalmente, acabaria com sua vida da maneira mais cruel que se pode imaginar. Ninguém ia culpá-lo nem responsabilizá-lo por nada. Muito pelo contrário.

A mulher teve sorte. O homem que a surpreendera sozinha na rua contentara-se com dar-lhe uma surra que a deixara jogada em uma ruela durante dois dias, inconsciente, com o corpo todo roxo e sangrando muito, especialmente entre as pernas. Quando seu marido a encontrara, não se atreveu a levá-la a um hospital, por medo de explicar que sua mulher havia cometido a ousadia de sair sozinha à rua. Por isso, levava-a para casa, e ali sua irmã lhes comunicou que o bebê que esperavam havia morrido em consequência da surra brutal. Era um feto de cinco meses e meio. Aquela mulher foi encontrada morta em sua casa quinze dias depois. Optara pelo suicídio, como centenas de milhares de mulheres no Afeganistão que não viam outra saída, outra maneira de escapar de tanta injustiça, penúria e sofrimento.

Desta vez, era a tia de Nasrad quem tinha dificuldade de prosseguir. Muitas recordações. Muitas emoções e sensações impossíveis de esquecer e muito menos de traduzir. Mas, como fizera María anteriormente, a tia bebeu chá e prosseguiu com o comvente relato.

Era a vez de uma história para cuja narração a tia, ao contar, não conseguiu afastar o olhar das borras de chá que descansavam no fundo da xícara, enquanto brincava mecânica e instintivamente com elas com a sua colherzinha.

Ninguém conhecia aquela mulher no quarteirão, mas todos se lembravam dela como se fosse a mais popular. Foi um descuido, um descuido tolo, inocente, que durou poucos segundos, cinco ou seis, no máximo, mas que se transformou numa fatalidade. A mulher estava em um dos pontos de venda da praça pública. Saiu de sua casa em companhia de seus dois filhos pequenos, com não mais de dez anos. Mas não queria sair sem a companhia de um homem, sabia o que estava enfrentando e não desejava provocar nenhuma situação que desse motivo a um talibã se aborrecer.

Enquanto estava fazendo a compra do dia, uma rajada de vento descobriu parcialmente uma de suas mãos, deixando-a e minimamente exposta. Nem sequer tivera tempo de perceber a indiscrição do vento e arrumar a burca. Antes que o tecido da burca, levado de novo pelo vento, cobrisse até o último centímetro de sua pele, dois talibãs surgiram diante dela. Foi surrada brutalmente até a morte diante do olhar atento de seus dois filhos, a quem a surpresa e a incredulidade pelo que estavam fazendo com sua mãe impediram qualquer reação, e das demais pessoas ali reunidas, que se limitavam a observar. Ninguém disse nada. Ninguém tentou ajudar a mulher, porque teria sido tratado da mesma maneira e teria a mesma sorte, mesmo que fosse homem.

Quando os talibãs foram embora, as crianças venceram o bloqueio que as dominara durante a brutal surra e ficaram chorando ao lado daquele corpo inerte, já sem nenhum movimento. Poucos minutos depois surgiram três homens de sua família, que levaram as crianças e recolheram o cadáver da mulher, que por uma rajada de vento fora condenada a uma das mortes mais cruéis.

Ou aquela outra mulher de dezessete anos. Fora acusada de comportamento impudico por um vizinho, que decidira manter o anonimato, desejo que lhe foi concedido apesar de ser o autor da acusação. Era solteira, morava com sua mãe, viúva, como as mais de trinta mil mães que vivem em Cabul. Não havia outro homem nem parente na casa além de um cunhado, que de vez em quando

ia visitar as mulheres para lhes levar um pouco de comida, já que sair sem a companhia de um homem era proibido para elas.

Aquela jovem não tinha feito nada, não passara uma noite sequer fora de casa, o que era considerado prova irrefutável de que se dedicava à prostituição ou de que era suspeita de ter cometido adultério ou qualquer outro tipo de delito de natureza sexual. Nem sequer essas ridículas e infundadas provas havia em seu caso. Nada importou. Acreditaram no homem, com certeza obcecado por ela ou movido por algum sentimento de rancor ou paixão não correspondida.

Quando a jovem voltava para sua casa depois de sair para comprar um pouco de comida com seu cunhado, foi detida por vários homens sem receber explicação alguma. Seu cunhado tentou evitar e recebeu um golpe seco no ventre e outro na cabeça que o deixou em um profundo estado de inconsciência, do qual nunca se recuperou.

Primeiro a açoitaram publicamente. Depois foi conduzida, entre pancadas com barras de ferro que seus raptos iam lhe dando, coronhadas de minimetralhadoras, pontapés, empurrões e socos, até uma casa, onde foi violentada reiteradamente por vários homens durante vários dias. Mais tarde, quando seu corpo não suportava mais as torturas, foi mutilada sexualmente e, quando pensava que nada mais poderia lhe acontecer, enrolaram-na com a burca, a levaram para um descampado e ali a apedrejaram até a morte. Tinha dezessete anos. E de sua boca não pôde sair nem uma palavra de defesa. Nada. Talvez, em seus últimos momentos de vida, tenha recordado o sermão oficial que tantas vezes ouvira nos templos quando lhe permitiam rezar, nas mesquitas a que ia com seu tio, e que falava que "a mulher é a flor que deve permanecer em casa, na água, para que o homem, ao voltar, sinta seu perfume". Talvez tenha entendido, então, que teria sido preferível morrer de inanição em sua casa a ser surrada, violentada e apedrejada na rua. Mas era tarde demais.

O relato dessa última história fez brotar na memória da tia de Nasrad aquela que, segundo a tradição popular, fora a primeira execução pública de uma mulher em Cabul desde que os talibãs se estabeleceram no poder, em 1996. Era 23 de novembro de 1999, o mesmo ano em que María se casara com Nasrad. Não pôde evitar pensar nisso.

A mulher se chamava Zareena. Tinha sete filhos e sobre ela recaía a culpa de ter assassinado seu marido. Segundo a justiça talibã, Zareena aproveitara que seu marido dormia para golpeá-lo até a morte com um martelo. Isso segundo um soldado talibã, de quem nunca se soube o nome nem o sobrenome, nem nenhum tipo de dado que pudesse permitir à acusada conhecer seu acusador. Era culpada porque assim julgara e decidira um talibã anônimo. E não eram necessárias mais provas.

Zareena fora colocada em um veículo e conduzida até um estádio esportivo. Estava cercada por duas mulheres policiais, que a seguravam bem para evitar que caísse ao chão, vítima da pressão do momento, ou para impedir qualquer tentativa de fuga ou automutilação, embora o estado lamentável em que a mulher se encontrava, tanto físico como psíquico, não permitisse imaginar que nada disso pudesse acontecer. As policiais levaram Zareena para o centro do estádio, onde outrora o povo se reunia para assistir a eventos esportivos.

O espetáculo daquele dia era bastante diferente, e se parecia mais com um circo romano que qualquer encontro esportivo.

Já no centro do campo, as policiais obrigaram Zareena a se sentar no chão, utilizando para isso um movimento brusco, deixando evidente quem mandava ali, quem representava a superioridade e o comando, e quem devia obedecer.

Com certeza Zareena pôde sentir – embora não o pudesse ver, como viam os milhares de pessoas ali reunidas, sem perder nenhum

detalhe da execução pública – o modo como um soldado, que se aproximava por trás, levava seu rifle Kalashnikov até a cabeça dela. Nesse momento, fruto de um ato reflexo, como o de um animal que sente a morte segundos antes de se transformar em presa do caçador, Zareena ameaçou se levantar, mas seu gesto foi frustrado pelo rifle do soldado, que não hesitou em bater-lhe na cabeça, mas não suficientemente forte para matá-la. Sua morte não podia ser consequência de um traumatismo motivado pela coronhada de um rifle. E não foi.

O soldado, quem sabe se por inexperiência ou se movido pelo único fim de regozijar-se em seu macabro ofício, levou alguns segundos até dar dois tiros na cabeça de Zareena que acabaram com sua vida. Mas não imediatamente. Os espectadores daquela execução pública, que decidiram nem piscar, algo que os poderia fazer perder algum detalhe da execução, puderam ver a mulher levar ainda alguns minutos para morrer; viam aquele vulto, já em agonia, enrolado em uma burca com duas grandes manchas vermelhas que iam ganhando terreno no azul-celeste do tecido, vítima de espasmos e movimentos incontrolados. Quando tudo acabou, o grande público ali presente foi se retirando das arquibancadas do estádio. Saíam gritando “Deus é bom” e comentando a cena. Havia mulheres, homens e crianças; muitas delas eram obrigadas a assistir à execução para que, desde pequenas, entendess em as bases do regime talibã. “Esta é a justiça dos talibãs”, diziam uns. “É a versão mais pura do islamismo, a que segue uma interpretação mais literal do Corão”, apontavam outros.

“Essa mulher era uma assassina e merecia morrer assim”, diziam muitas mulheres que minutos antes tentavam encontrar um lugar que lhes permitisse ver com clareza e não perder nenhum detalhe do que ia acontecer. E muitos, a maioria, saíam em silêncio, como haviam entrado. Mas com uma nova imagem para guardar na cabeça, que dificilmente apagariam.

O espetáculo havia terminado. Pelo menos ali, porque continuava em outros lugares do Afeganistão. E continuaria durante muitos anos.

Capítulo 2

Chegou um momento em que María não aguentava mais. Acumulavam-se nela perguntas, reações, vontade de chorar e impotência. Todo um amontoado de sentimentos que não sabia como administrar, pois simplesmente eram mais forte que ela.

María decidira, já há um bom tempo, que não queria ouvir mais, mas não sabia como pedir, não se julgava ter o direito de fazer isso. Estava abalada por conta do que estava ouvindo naquela manhã. A tia também não parecia estar passando o melhor momento do dia, mas sabia que devia informar María para que tivesse cuidado, prudência, e para que percebesse que todo cuidado era pouco.

María pensou durante alguns instantes – quando conseguiu distrair sua mente e sua atenção daqueles relatos – que talvez a ideia de ter ido morar em Cabul para encontrar uma vida melhor não fosse tão boa assim, tampouco acertada. Pensou que na cidade natal de seu marido, pelo menos, só teria de suportar sua sogra, e que o único medo que teria de enfrentar era o de suas reações descabidas de fúria, de raiva e de mau humor, além de suas mentiras ao julgar seu comportamento. Não vira naquela aldeia tudo o que a tia de Nasrad estava lhe contando que acontecia com as mulheres afegãs. Era verdade que María mal saíra dos limites da casa de seus sogros, mas esse argumento não se manteve em pé durante muito tempo em sua mente.

Sem que nenhuma das duas se desse conta, a manhã havia passado e já era praticamente hora do almoço. O barulho da fechadura da casa as devolveu à realidade. Nasrad e seu tio entraram conversando animadamente. Elas se olharam. Respiraram profundamente e sorriram uma para a outra de maneira cúmplice, mas longe de qualquer entusiasmo, mais por compromisso que por cumplicidade.

– É melhor eu ir preparar o almoço. Devem estar com fome – explicou a tia enquanto se levantava e recolhia as duas xícaras de chá. Olhando para María, murmurou: – Não se esqueça de nada do que lhe contei, María. Talvez, um dia, salve sua vida – ela disse com um sorriso, que, porém, não ocultava a mesma sobriedade que seu rosto mostrara durante toda a manhã.

Nasrad chegou com uma boa notícia. Encontrara um lugar para alugar, ou melhor, um quarto em um apartamento. Ali aquilo era habitual. Em um apartamento de quatro ou cinco cômodos viviam outras tantas famílias, cada uma em um quarto. Ficava aproximadamente a duas horas e meia do centro de Cabul e seria perfeito para os quatro.

– O que foi María? Não está contente? Achei que era o que você queria – disse Nasrad ao não ver nenhuma alegria no rosto dela.

Mas sua falta de alegria e de excitação nada tinha a ver com a novidade que seu marido trazia. Ainda reinava em sua cabeça e apoderava-se de seu corpo e de seu estado de ânimo a confusão por tudo o que escutara aquela manhã. Não sabia de que maneira administrar a vontade de começar uma nova vida ao lado de seu marido e seus filhos com aquelas histórias dramáticas e cruéis que a tia de Nasrad lhe contara.

– Claro, Nasrad. É fantástico. Estou muito feliz. – Pois não parece – replicou Nasrad enquanto tentava encontrar no rosto de sua mulher alguma expressão que lhe desse um pouco mais de informação. – Aconteceu alguma coisa, María? Você está bem?

– Claro que estou bem. Só um pouco cansada por conta de tantas emoções e tanta novidade – María tentou justificar. – Quando vai me levar para ver o apartamento?

– Em dois dias vamos morar nele. Só precisamos de dois colchões, umas mantas, uma mesa e algumas cadeiras. Não será

fácil conseguir, porque não temos dinheiro. Mas tentarei arranjar alguém que nos ajude. Não pode ser tão difícil.

– Esta tarde iremos ver uns parentes e amigos para tentar reunir um pouco do que precisam. Vão lhes dar alguma coisa. Os afegãos são gente generosa, principalmente os pobres – comentou o tio de Nasrad.

Dois dias depois, María já estava tentando aproveitar cada centímetro do quarto que se tornaria seu lar. Não devia ter mais de vinte metros quadrados, mas para ela parecia um palácio. Aquele quarto não tinha a umidade a que nem seu corpo nem os de seus filhos chegaram a se acostumar na casa de seus sogros. Naquele quarto não fazia tanto frio, e María até sentiu certo calor, com certeza vindo do calor humano das outras famílias que habitavam o lugar.

Apesar de tudo o que a tia de Nasrad havia lhe contado nos dias anteriores, María mostrava-se otimista e esperançosa diante do que o futuro lhe reservaria. Talvez porque nas últimas vinte e quatro horas pudera comprovar por si mesma a generosidade do povo afegão de que falara o tio de seu marido. Alguns familiares de Nasrad lhes deram dois colchões. Amigos e conhecidos ofereceram-lhes mantas, panelas, quatro copos e alguns talheres. Houve quem até lhes fornecera um pouco de dinheiro.

A história tornava a se repetir. Era um recomeço, e tanto María como Nasrad sabiam que não seria fácil. Mas a ajuda que receberam dos outros os animou a suportar a mudança e facilitou muito as coisas.

Os novos vizinhos logo os acolheram de bom grado e, apesar de todos viverem na pobreza, como a grande maioria, não se importavam de dividir a comida com eles, principalmente nos primeiros dias, quando Nasrad ainda não tinha conseguido arranjar trabalho.

Aquilo sempre surpreendeu María. “Como é possível que dividam conosco, que deem pão para nossos filhos e até um copo de leite para os quatro, se dificilmente têm para si próprios?” E perguntou-se se ela teria sido capaz de reagir da mesma maneira. Quis pensar que sim. A palavra *egoísmo deixara de constar de seu* vocabulário havia muito tempo. Ninguém ali tinha lugar nem para esse tipo de vocábulo.

Com uma semana de estadia em Cabul, María não podia negar que ali a vida era um pouco melhor que na casa de seus sogros. Não tinha de percorrer quilômetros para encontrar água, nem tinha de aquecê-la ao sol se a quisesse quente. Tampouco acender o fogo como até então vinha fazendo. Em sua nova casa em Cabul, soube quão maravilhoso era ter luz elétrica, mesmo que fosse uma única lâmpada que pendia do teto de seu quarto e que lhe permitia olhar seus filhos nos olhos, muito distante das sombras em que se transformavam seus familiares na casa de seus sogros quando o sol desaparecia e a noite reinava até no último canto daquela casa. Além da falta de umidade no chão e nas paredes, a luz elétrica e a água corrente, o leite era outro luxo que podiam ter, de vez em quando, em Cabul. Quando podiam, María oferecia a seus filhos um copo de leite, que, embora tivessem de dividir, tinha sabor de glória. María chegou a pensar que, vendo seus filhos beberem esse líquido branco, alimentava-se mais que eles. E tinha razão. Ela podia se alimentar dias e dias só de observar seus filhos colocando alguma coisa na boca.

Passavam-se os dias e a generosidade do início foi se reduzindo, como a pura lógica permitia compreender. Todos tinham sido muito gentis ajudando os novos inquilinos a dar os primeiros passos, mas agora tinham de caminhar por conta própria. E assim fizeram.

Nasrad arranhou um emprego de lavador de carros: limpava os vidros, as rodas, a parte interna, e atrevia-se até com o motor, uma ousadia que era fruto do conhecimento e da experiência que adquirira durante anos em Londres na fábrica da Land Rover. Mas o

trabalho não era muito, ao contrário. Só podia trabalhar por algumas horas, porque eram muitas mãos e poucos carros. E essa situação lhe desagradava a tal ponto que adoecia. Desesperava-se. Sabia que com seu preparo e seus conhecimentos tinha direito a um trabalho melhor e a um salário que lhe permitisse mais que sobreviver a duras penas. Essa impaciência, somada à impotência de não poder fazer muito para melhorar as coisas, fazia com que Nasrad chegasse em casa atormentado, cansado, cabisbaixo, sem vontade de comer e, o que era mais duro para María, sem vontade

de falar. Ela tentava por todos os meios arrancar dele duas palavras ou chamar sua atenção para algum assunto além de um minuto e meio, mas era em vão.

Nem sequer a presença das crianças conseguia animá-lo e tirá-lo daquele estado de solidão interna que o devorava. À noite, a coisa não melhorava. María notava o desassossego de seu marido quando estavam deitados. Nos primeiros dias, pensou que talvez ele estivesse estranhando o colchão, acostumado a dormir sobre mantas no chão. Mas a venda nos olhos não tardou muito a cair. María sabia que alguma coisa estava errada. Pela atitude de seu marido e por que em seu lar as necessidades iam aumentando nos últimos dias. O dinheiro não entrava e, sem ele, a comida também não. As crianças não chegaram a perceber, mas María e Nasrad sim. Ela não entendia por que seu marido saía para trabalhar bem cedo e só voltava já bem tarde da noite, porém, mesmo assim, não tinham muito dinheiro. Para María aquilo era estranho, e decidiu questionar seu marido. E foi quando ele extravasou o peso da culpa que o vinha corroendo por dentro há semanas, se não meses. Ele também não aguentava mais, e explodiu:

– María, as coisas estão cada vez piores. Não há trabalho. Não o encontro em lugar nenhum. Estou farto de sair de casa todas as manhãs levando um saco de ilusões e vê-lo se esvaziar ao longo do dia. E sou um homem preparado, trabalhei durante toda minha vida, e vejo que aqui isso não vale nada. Ao contrário, sou considerado

um estrangeiro em meu próprio país, desprezam-me e não me dão uma mísera oportunidade de mostrar meu valor.

O tom do discurso de Nasrad ia aumentando, inflamando-se e ganhando dramatismo, algo que não ajudou María a se sentir melhor. Nem a seu marido, que havia decidido ir até o fim de seu desabafo.

– Sinto-me impotente. Inútil e culpado, María. Sinto-me muito culpado pelo que fiz e estou fazendo com você, e a culpa está me matando. Assim não posso viver. Eu amo você, María. Amo-a mais que minha vida, embora não tenha sido educado para isso. Eu amo e quero o melhor para você. Desde que a conheço procurei lhe dar o melhor, tentei cuidar de você, protegê-la, não deixar lhe faltar nada a meu lado... e agora me sinto incapaz – Nasrad continuava falando no mesmo estado de agitação que fazia prever o pior. – Tenho de tirá-la daqui, María. Tenho de conseguir que você e as crianças saiam deste país. Vocês merecem coisa melhor. Você merece coisa melhor, e não o que posso lhe dar – Nasrad segurava sua cabeça com as duas mãos, certamente porque pensava que ia explodir. – Que espécie de homem sou eu, María? Que espécie de chefe de família represento se não sou capaz de sustentar você e as crianças? – Nasrad se culpava sem dar a María oportunidade de responder nem de interferir. – Não devia ter permitido que viesse comigo ao Afeganistão para ver minha família. Desde então tudo foi de mal a pior. Veja a vida que estou lhe dando! Veja as crianças como estão se criando! Não é justo, María. Não é justo que eu faça isso com você. É tudo culpa minha. Tudo é culpa minha. Minha culpa.

María estava há um bom tempo em pé, ouvindo, em um canto do quarto. Por alguns instantes pensou que seu marido estava enlouquecendo e que ela não estava sendo capaz de pronunciar uma única palavra que lhe infundisse um pouco de ânimo e fizesse tanta desolação desaparecer.

Por fim, ela conseguiu recuperar a compostura que o monólogo atormentado de seu marido havia comprometido. Não soube como, mas reuniu forças suficientes para encará-lo e reprovar sua atitude e seu papel de vítima.

– Mas, Nasrad, o que está dizendo? Não o reconheço – Maríá percebeu que sua réplica havia começado, sem assim pretender, de maneira dura, e decidiu suavizar o tom. – Nós dois estamos passando por um momento ruim, muito ruim. Mas não posso permitir que você assuma tudo e se flagele dessa maneira. Não vou permitir isso. Eu o quero muito, Nasrad. Não. Eu o amo. Eu sou aquela que decidi segui-lo até o fim do mundo. Você não me obrigou a nada, não me forçou a nada. E se o fim do mundo está entre estas quatro paredes, em Cabul, pois até aqui será. Fui eu que lhe roguei mil e uma vezes que me deixasse acompanhá-lo. Sou eu que não posso viver sem você, Nasrad, que não posso imaginar passar um único dia sem vê-lo, sem saber que voltará para casa. Eu é que me culpo por não saber nem poder lhe dar tudo o que você me deu esse tempo todo – Maríá achou que a emoção que sentia não lhe permitiria continuar a dizer tudo o que queria a seu marido. E foi difícil encontrar as palavras. – Vendo-o assim, Nasrad, compreendo que sou a única responsável por seu estado de ânimo, por seu desespero. E não sei o que fazer nem como reagir para acalmá-lo, para aliviá-lo. Eu é que não sei me comportar como uma boa esposa. Eu é que, vendo-o assim, me sinto impotente e inútil.

Maríá sentiu que as lágrimas e os soluços não lhe davam oportunidade de prosseguir. Sentia que precisava dizer muitas coisas a seu marido, que estavam dentro dela querendo sair, mas não conseguia se expressar.

Nenhum dos dois aguentou mais. Nasrad e Maríá fundiram-se em um abraço que não conseguiram nem quiseram controlar. Maríá desejou, com todas as suas forças, prolongar no tempo aquele abraço, até que ficassem velhos. Mas, sem saber como, decidiu rompê-lo. Uma repentina rigidez apoderou-se de seu corpo até

deixá-lo quase ereto. Tomou a cabeça de seu marido em suas mãos, com determinação e, olhando em seus olhos, disse:

– Não vou permitir que nada nem ninguém nos separe. E você também não deveria. Nasrad, as coisas vão melhorar amanhã. E, se não for amanhã, será dentro de três dias. Não se esqueça disso. Nunca. Aconteça o que acontecer.

Fazia muito tempo que María não falava com aquela segurança e clareza com seu marido. Não porque não soubesse ou não se atrevesse, mas porque as circunstâncias não lhe haviam permitido.

– Veja, sua irmã me disse que posso ir com ela lavar roupa. Você sabe que o marido dela está doente e que não pode mais trabalhar nem levar dinheiro para casa. Agora ele cuida das três meninas e do menino enquanto sua irmã vai todos os dias lavar roupa. Ela me ofereceu que fosse junto, e eu disse que sim. Que você concordaria, que não haveria problemas. Que ficaríamos agradecidos por nos dar essa oportunidade – María viu a expressão de contrariedade de seu marido e prosseguiu rápido, sem lhe permitir dizer nada. – Nasrad, nós dois sempre trabalhamos, até mesmo quando não era necessário, em Londres. Eu sei que aqui a mulher não pode trabalhar, mas lavar roupa não é considerado trabalho, e podemos ganhar algum dinheiro com isso. Com o que você puder ganhar e o que eu arranjar, nossa situação vai melhorar. – María parou um momento, mas só para tomar ar e continuar. – Eu pensei que, nos dias em que não tivermos trabalho, eu posso fazer pão e preparar algum tipo de comida que depois você pode vender na rua. E isso nos ajudará a seguir em frente, Nasrad. O que você acha?

Capítulo 3

As coisas pareceram se acalmar durante os meses seguintes. Os planos de María estavam dando resultados. Embora o trabalho de Nasrad fosse pouco e mal remunerado, ele concordou em vender os pães que María fazia com o dinheiro que ganhava lavando roupa com sua cunhada. Sempre tivera boa mão para a cozinha, e assim estava provando, mas a verdade é que punha mais vontade que vocação. Não era o negócio de sua vida, porque na maioria das vezes a margem de lucro deixava muito a desejar, e, entre o que gastava para preparar a comida e fazer o pão em casa e o que depois seu marido conseguia obter vendendo-o na rua, havia dias em que trocavam seis por meia dúzia.

Não era fácil equilibrar o orçamento em Cabul, e María sabia claramente: eram pobres e passavam necessidades. Houve longas temporadas em que ela e seu marido iam para a cama sem jantar, mas sempre conseguiam alguma coisa que seus filhos pudessem comer. As contas eram claras: a tia de Nasrad dissera a María que em Cabul uma família podia viver sem problemas com umas seis mil e trezentas rupias, que representavam uns cem euros. Com essa quantidade podia-se viver o mês todo sem grandes carências, mas sem grandes excessos, era o suficiente para o aluguel, a comida, o arroz, a ervilha, o óleo, a água...

Seu marido podia conseguir cinquenta rupias quando vendia cinco pães dos que María preparava de manhã em casa e outro tanto trocando óleo na rua. María calculara, tendo em conta o que diziam uns e outros sobre os salários em Cabul, que os quatro membros de sua família estavam vivendo, por dia, com as rupias correspondentes a oitenta centavos de euro.

María sabia que o salário mais alto em Cabul era de uns trezentos dólares. Com esse dinheiro, a pessoa podia se considerar

rica. Mas essa quantia dificilmente gente como ela ou como seu marido podia conseguir, nem estava ao alcance de seus vizinhos, nem de sua tia, nem de seus cunhados. Esse tipo de salário estava destinado quase exclusivamente aos soldados, aos que passeavam com seus potentes carros com tração 4 × 4, com armas na mão e ostentando autoridade na expressão e no andar. Eram eles que podiam embolsar todo mês trezentos dólares, mais o dinheiro que conseguissem arranjar de outra maneira.

No entanto, ela não podia evitar ter devaneios de grandeza, que às vezes chegavam a horas... Imaginava o que poderia fazer com todo aquele dinheiro, com trezentos dólares, o que poderia comprar, os alimentos que poderia oferecer a sua família. Imaginava a mesa cheia de bifes – algo que agora era uma realidade muito distante – , frutas, verduras, arroz, especiarias, cereais, doces, queijo, pães de diversos sabores, litros e litros de leite, bebidas de todos os tipos... Finalmente poderia explicar a seus filhos o que era um refrigerante, aquela bebida que fazia bolinhas de que tanto gostava e que há tanto tempo que não bebia, tanto que quase esquecera o sabor. María imaginava a casa em que poderia morar com sua família, longe do sufoco a que estavam acostumados, e a ilusão lhe permitia imaginar uma cama “como Deus manda”, uma enorme cama de casal e uma para cada filho, e um chuveiro com água quente com que tanto ela como seu marido sonhavam quase diariamente. E a quimera permitia a presença de toalhas limpas, lençóis suaves, tapetes, mesas, cadeiras, toalhas de mesa bordadas, guardanapos combinando... Muitas noites María adormecia fazendo essas contas e alimentando seus sonhos. E tudo ficava nisso, em sonhos.

Na manhã seguinte só restava uma vaga e remota lembrança das fantasias da noite anterior. E era hora de se levantar e recomeçar.

María precisava tentar de novo resolver o problema do passaporte. Tinha certeza de que alguém a ouviria. Era espanhola, e em Cabul devia existir alguma embaixada ou algum escritório da Espanha que pudesse lhe oferecer uma solução, mas ninguém

parecia disposto a dizer onde ficava exatamente ou pelo menos oferecer alguma pista.

Não era fácil, porque para procurar a embaixada espanhola precisava sair à rua, e o que é uma simples movimentação em qualquer lugar do mundo tornava-se uma questão de vida ou morte em Cabul. Precisava que um parente homem a acompanhasse, e Nasrad quase nunca podia, porque passar uma manhã procurando um edifício oficial na cidade significava não trabalhar e não ganhar dinheiro para alimentar a família nesse dia. Podia pedir a seu tio ou a seu cunhado, mas isso também implicava certo desajuste na economia do lar. Por isso, María perdeu mais tempo do que teria desejado na aventura de procurar a embaixada espanhola para tirá-la dali.

A verdade é que tudo havia se complicado tanto, que muitas vezes María chegava até a pensar que Cabul era um bom lugar para viver, e, quando a situação para as mulheres melhorasse, com certeza seria uma cidade agradável. Além do mais, se fosse realmente tão complicado voltar à Espanha, talvez fosse porque era este o seu destino, não o que imaginava há anos. Quem sabe assim estava escrito e era ali que deveria ficar.

Influenciada cada vez mais por estes pensamentos, María tentou fazer com que seus filhos se adaptassem o quanto antes às tradições da nova cidade. Por isso, se esforçava para que não perdessem uma festa tradicional, um festejo, nem se sentissem estranhos aos costumes daquele lugar. María tinha especial interesse em vesti-los com roupa limpa às sextas-feiras, como lhe explicaram que faziam quase todos os muçulmanos, e procurava fazer com que se divertissem pintando suas mãos com hena, para que não achassem aquilo estranho nem o rejeitassem. Pensava na segurança deles, e porque ela não sabia se algum dia poderia realmente sair dali.

Na verdade, María não se sentia mal com as mulheres afegãs. Cada dia que passava sentia que estava mais integrada àquele mundo. Achava engraçado e sentia-se à vontade quando sentava-se entre aquelas mulheres enroladas em véus, lenços e roupas largas e passos desajeitados. Um dia eram suas vizinhas, outro as mulheres da família de seu marido em Cabul, irmãs, cunhadas, primas, tias e sobrinhas. Não havia como conhecer muita mais gente. María participava de suas conversas e até conseguia rir como há muito não ria, quando as mulheres criticavam – em pequenas reuniões , *porque de outra maneira poderia lhes custar a vida* – outras mulheres ou algum parente homem. Não ficava totalmente alheia a essas fofocas. Além do mais, entendia perfeitamente, pois as mulheres não tinham muita coisa a fazer na vida além de ficar em casa esperando que os homens voltassem. A única coisa que restava para elas que pudesse ser considerada diversão eram esses momentos de encontro, improvisados e sempre cautelosos para evitar problemas.

Ela também via aquilo como uma válvula de escape, pois lhe dava oportunidade de falar mal de sua sogra e de algumas cunhadas. Isso a divertia, permitia-lhe se livrar de tanta tensão acumulada e não fazia mal a ninguém. María chegou a se sentir à vontade com aquelas mulheres. Em mais de uma ocasião, pensou que, se tivesse dinheiro suficiente, não se importaria de ficar morando ali pelo resto da vida. Mas, sempre que esse pensamento a assaltava, uma nuvem que trazia recordações da Espanha e de Londres ofuscava seu olhar e seu sorriso. “Como estará minha família, como estará meu pai, minha irmã Rosie, meu irmão Pedro, minhas tias? O que terão pensado de mim as colegas de trabalho em Londres, como estará Julia? Será que procuraram por mim?”

As recordações continuavam minando o espírito de María e não tardavam muito a abalar seu estado de ânimo também, algo que nem sempre conseguia esconder. No entanto, havia se transformado em uma grande atriz na hora de disfarçar os sentimentos.

Capítulo 4

Uma manhã, María decidiu pegar Abdulah e sair à rua. Seu filho era homem, e pensou que isso a salvaria de qualquer problema que pudesse encontrar fora de casa. Embora muito pequeno, era homem. María saiu, não sem antes pensar que não tinha dito nada a Nasrad acerca de seus planos. É bem verdade que a ideia a havia surpreendido naquela mesma manhã, e que Nasrad já havia saído de casa, de modo que era impossível localizá-lo para lhe contar. María comentou com as mulheres com quem dividia o apartamento, tentando fazer com que essa confissão lhe desse mais segurança quanto ao que estava prestes a fazer.

– Tenha cuidado, María. Você sabe como estão as ruas. E o menino também não é garantia de nada. Vá com muito cuidado.

María agradeceu o conselho e fez que o acatava, saindo rapidamente de casa com seu filho pela mão. Enquanto descia as escadas, não podia evitar que retumbassem em sua cabeça as histórias que a tia de Nasrad lhe contara no segundo dia de sua chegada em Cabul, sobre as mulheres que haviam sido raptadas, torturadas, insultadas e assassinadas na rua por um descuido involuntário ou pela ausência de um parente masculino. Notava que estava descendo a tal velocidade que o menino não conseguia acompanhar seu ritmo, mas não disse nada. Limitou-se a diminuir a marcha.

Quando chegou perto da porta, se deteve. Sentia embaixo da burca o suor inundar seu rosto e descer pelo pescoço. Percebeu sua respiração agitada e seus pulmões a ponto de atravessar o peito. Abriu a porta e decidiu pôr um pé na rua. A tensão que se apoderava de seu corpo era tanta que não se deu conta de que estava apertando muito forte a mão de seu filho.

– Mamãe, está me machucando. Não aperte tanto, não vou fugir
– queixou-se o menino, sem saber os verdadeiros motivos de sua mãe apertar sua mãozinha com aquele ímpeto que não era mais que desespero contido.

Tinham avançado apenas alguns metros quando María decidiu voltar para sua casa. O medo a impedia de pensar, de se movimentar com certa lógica e, principalmente, de dispor de todos seus sentidos para poder se concentrar em encontrar a embaixada espanhola.

– O que foi mamãe, por que estamos voltando? Quando entrou novamente na portaria, María recuperou em parte sua tranquilidade habitual. Afastou a burca do rosto, jogando-a para trás, e tentou manter certa tranquilidade para que sua respiração se normalizasse. Enquanto fazia isso, olhou para o pequeno Abdulah e sorriu o máximo que a rigidez de seu rosto e seu estado de ansiedade lhe permitiram.

– Está tudo bem, querido. Mamãe não está bem, e por isso vamos voltar para casa. Mas fique tranquilo, mamãe não quer que você se preocupe.

O menino continuava olhando para sua mãe. Provavelmente não estava entendendo nada, e talvez achasse que ela nunca mais ia soltar sua mão.

Quando chegaram em casa, depois de subir as escadas, Abdulah entrou correndo e foi brincar com as demais crianças. A mãe de uma delas estranhou que tivessem voltado tão rápido.

– É que mamãe não está bem. Estava suando muito e agarrando minha mão. Vou brincar.

Abdulah disse tudo isso no mesmo tom de voz, de modo que não era de estranhar que poucos minutos depois já tivesse deixado de lado a angústia de sua mãe.

– O que foi, María? Disseram-lhe algo, fizeram alguma coisa? Achei que fosse ficar parte da manhã fora... – comentou uma das vizinhas de apartamento em quem mais tinha confiança.

– Nada, uma bobagem – respondeu María, tentando não dar dramatismo à cena. – É que fiquei um pouco nervosa. Acho que fiquei assustada por conta das histórias que me contam e me comportei como uma menina. Mas estou bem, de verdade. Hoje prefiro ficar em casa; amanhã saio. Vou pedir a Nasrad que me acompanhe. Não se preocupe. Obrigada, mesmo.

María entrou no quarto, tirou completamente a burca e sentou-se em um colchão. Não tardou muito a se deitar. Fechou os olhos e respirou devagar e profundamente, tal como lhe haviam ensinado a fazer para relaxar. Para manter a mente ocupada em outra coisa, tentou recordar quem lhe ensinara aquele método e conseguiu. De repente, visualizou o grupo de amigos com quem costumava sair em Mallorca. Foram eles que, em plena noite de excessos, dividiram com María um jeito de as pulsações do coração recuperarem o ritmo adequado. Nunca falhava. Inspirar profundamente, enchendo os pulmões com todo o ar de que fosse capaz, e depois ir expulsando-o pausadamente, como se a pressa não existisse. Mais tarde, também descobriu que suas colegas de trabalho em Londres utilizavam a mesma técnica, principalmente quando tinham de ir prestar contas ao encarregado.

Por fim, conseguiu que todos os seus sinais vitais ficassem normalizados. Levantou-se e ficou sentada por alguns instantes no colchão. Não sabia quanto tempo permanecera naquele estado, mas calculou que não muito, porque seu filho não fora lhe dizer nada e Nuria continuava dormindo calmamente.

Queria que Nasrad chegasse. Não para lhe contar o que havia acontecido, mas para lhe pedir que no dia seguinte, sem falta, a acompanhasse para procurar a embaixada.

E ele não demorou muito. Abdulah, cada vez que seu pai entrava pela porta, corria para abraçá-lo e seguiu-o aonde quer que fosse. Ele passava o tempo todo com o pai, admirava-o, queria ser como ele. E naquele dia não foi diferente. Abandonou a brincadeira na qual passara a manhã inteira e foi se tornar a sombra do pai. E algo mais.

– Como está, María? – perguntou-lhe Nasrad enquanto tirava a roupa e depositava em uma lata uma quantia de dinheiro que María não viu.

Antes de ela poder abrir a boca para responder, Abdulah se antecipou e, com total naturalidade e inocência, contou ao seu pai, sem nem sequer olhar para ele:

– Mamãe não está bem. Fomos à rua e tivemos de voltar logo. E ela agarrava minha mão forte assim, veja – o menino segurou a mão do pai e tentou apertá-la.

Fez-se um silêncio entre os dois, enquanto Nasrad procurava o olhar de María. A tranquilidade com que o menino lhe havia contado o que acontecera aquela manhã não diminuía a gravidade com que ele entendeu o assunto.

– O que aconteceu, María? – perguntou com o semblante sério, contendo a preocupação.

– Nada, Nasrad. Nada. Eu ia sair com o menino para tentar adiantar algum trâmite na embaixada espanhola, mas não sei o que aconteceu, fiquei nervosa e preferi voltar para casa.

– Mas por que não me disse nada? Como lhe ocorreu sair sozinha para procurar uma embaixada, e ainda por cima de outro país? Não vê que teria de perguntar às pessoas? Podia ter acontecido alguma coisa com você, María! Você não conhece esta cidade! Como pôde fazer uma coisa dessas?

– Por isso voltei correndo. Não fiquei nem um minuto na rua. Preciso encontrar a embaixada, e preciso já. Não posso esperar mais. Você tem de me acompanhar amanhã. Amanhã sem falta.

– María, claro que vou. E vamos encontrá-la. Mas nunca mais faça isso sem me falar. É para sua segurança e a do menino. Se precisar sair, diga-me, até que esteja mais segura e saiba aonde vai e o que vai fazer. Isto não é uma brincadeira, María. Nunca deve ser, entende?

María assentiu com a cabeça. Sabia que seu marido tinha razão em tudo o que dizia, mas ela teria preferido que não soubesse o que acontecera. Também, não era tão grave assim. Se tivesse acontecido em outro lugar e em outro momento, não teria dado maior importância a um ataque de pânico.

No entanto, por outro lado, alegrou-se por tudo ter acontecido assim, porque agora Nasrad a acompanharia sem dúvida alguma para procurar a embaixada. Era a pessoa mais adequada para tomar conta dela, porque tinham preferido não dizer a ninguém que estavam procurando a embaixada para conseguir os passaportes e poder sair do país. Aquilo não seria bem-visto, e, além do mais, sempre havia pessoas que, para ganhar algum tipo de recompensa ou simpatia das autoridades, eram capazes de delatar ou passar informações sobre as intenções dos outros. Por isso, era melhor não arriscar.

Naquela tarde María acompanhou seu marido à casa da irmã. Tinham combinado tomar um chá e ver como estava seu cunhado. María gostava muito da irmã de Nasrad. Era gentil, imensamente generosa e dava a impressão de adotar sempre uma postura maternal, e María era grata por isso. Foi ali que falaram, pela primeira vez, da necessidade de recuperar os documentos que lhes foram roubados na fronteira do Afeganistão com o Paquistão.

Capítulo 5

No dia seguinte, María foi a primeira a se levantar. De novo a vontade de fazer alguma coisa a invadia e ia aumentando.

Quando acabou de arrumar a casa e de pôr tudo no lugar, deixou as crianças brincando com outros vizinhos. Por um momento pensou em levá-las consigo, mas decidiu que ficariam mais tranquilas se ficassem. Dessa vez María saiu com Nasrad. Caminhava a seu lado, muito devagar, imaginando como poderiam chegar à embaixada e o que diria quando entrasse ali. Sabia quase de cor de tantas vezes que havia ensaiado: “Olá, meu nome é María. Sou espanhola, mas moro em Londres, e roubaram meus documentos. Preci so que me ajudem a voltar para o meu país”.

Nasrad tentara descobrir onde ficava a área dos edifícios oficiais, e agora já tinha uma ideia clara para onde ir, evitando assim que a agitação da cidade e sua rotina não os impedissem de lá chegar. Três ou quatro horas depois conseguiram. Funcionários de outra embaixada comentaram que não havia embaixada espanhola propriamente dita. Ainda estava sendo organizada. Mas lhes disseram que havia um edifício com gabinetes oficiais onde atendiam os casos que iam surgindo. E para lá eles foram.

María não teve boa impressão quando entrou naquela sala. Parecia que estavam de mudança, estava tudo bagunçado. Demorou até que alguém os atendesse. Então, foi Nasrad quem tomou a palavra:

– Minha mulher é espanhola. Fomos vítimas de um roubo e levaram nossos documentos e passaportes. Ela quer iniciar os trâmites para tirar novos documentos.

Um dos encarregados do gabinete olhou de maneira desconfiada para María, totalmente coberta pela burca. Só então ela percebeu que ainda estava com a burca e rapidamente a retirou, pois o homem não tinha visto seu rosto e talvez pensasse que pudesse ser um terrorista. Então, aproximou-se do balcão e, dirigindo-se àquele homem, disse:

– Meu nome é María. Sou espanhola, de Mallorca, e roubaram meus documentos. Este é meu marido, e temos dois filhos que nasceram aqui, porque estou há muito tempo sem conseguir sair do país por conta da falta de documentos. Espero que vocês possam me ajudar a tirar os novos.

– Claro – falou por fim o funcionário – , mas vamos precisar de uma cópia do boletim de ocorrência que fez quando a roubaram.

– Não tenho nenhum boletim, porque em todas as delegacias a que fui não quiseram registrar a ocorrência. Dizem que não sabem se o que eu disse é verdade, que tenho de dar alguma prova de que sou espanhola. Mas não posso dar nenhuma prova porque fui roubada na fronteira com o Paquistão.

– Quem a roubou? – perguntou o funcionário. – Um menino – respondeu María, sem saber se realmente

devia ter dito isso.

– Um menino? – o funcionário estava começando a não entender nada. – Um menino roubou seus documentos?

María olhou para Nasrad, não sabia se aquilo podia ser contado. Afinal de contas, tinham entrado pela fronteira sem declarar seus bens, porque temiam que os funcionários os roubassem. E seu passaporte também estava entre seus bens, porque María entrara como faziam todas as mulheres, escondida sob um véu ou uma burca e atrás de seu marido. Não precisavam de mais nada.

Nasrad olhou para ela e assentiu com a cabeça, em um gesto claro de que podia contar, porque, afinal de contas, era o único lugar onde se supunha poderiam ajudá-la.

– Entrei como uma mulher afegã. Estava de burca, e não me pediram documentos. Tanto os meus quanto os do meu marido estavam nas malas que entregamos a umas crianças carregadoras para que as passassem para o Afeganistão por outro caminho, e assim não teríamos de declarar nada nem ser vítimas de roubo na fronteira – María se calou durante alguns segundos. – Mas não deu certo. Acabamos sendo roubados, e mais do que podíamos imaginar. Podem me ajudar?

– Veja, precisamos saber se é realmente quem diz. A senhora não imagina a quantidade de pessoas que vêm a nós dizendo a mesma coisa, para depois descobrirmos que não corresponde à verdade.

– Mas eu sou espanhola. Nasci em Mallorca. Vocês podem investigar. Liguem para a minha família. Falem com eles. Vão ver como eles podem confirmar que sou espanhola – María estava começando a se desesperar. Nunca pensou que fosse tão difícil provar que ela era ela mesma e que seu país era seu país mesmo. – Além do mais, falo espanhol perfeitamente; se quiserem, podem me aplicar um teste. Conheço sua geografia, sua história, seus costumes, a gente de lá... Não sei o que mais lhes dizer nem como provar... Como posso provar algo tão evidente? – María estava perdendo o controle da situação, porque simplesmente não podia acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Como sempre fazia quando precisava de um pouco de compreensão, olhou para seu marido. Lá estava Nasrad, olhando para ela, ao seu lado, e com aquele olhar que, não importava o que acontecesse, sempre lhe passava certa tranquilidade. María tornou a falar com o funcionário: – Perguntem às pessoas que nos conheciam em Londres. Elas poderão dizer que não estamos mentindo.

– Ouça – o funcionário decidiu interrompê-la gentilmente – , acalme-se, ninguém está dizendo que a senhora está mentindo. Eu acredito. Mas sabe como é a burocracia, e ainda mais em um país como este. Eles pedem documentos e, enquanto não os apresentamos todos, não ficam satisfeitos. Não podemos tramitar um passaporte enquanto não houver uma denúncia de perda ou roubo. Tente conseguir qualquer tipo de documento, de prova, ou algum tipo de declaração de outra pessoa que possa atestar e dar fé de que a senhora é espanhola e traga para nós. E, então, poderemos começar a ajudá-la – o homem parou por um momento para engolir e depois prosseguiu: – A senhora está me dizendo que morava em Londres e que pessoas de lá a conhecem. Tente também procurar ajuda na embaixada do Reino Unido, quem sabe eles têm melhores condições, e mesmo na do Paquistão. Quando tiverem alguma coisa, voltem aqui e procuraremos ajudá-los.

As explicações do funcionário, por mais gentis que tentassem ser, não a consolaram de modo algum. Não era a resposta pela qual ansiava. Tantos anos esperando que aquele momento chegasse e foi tudo mais complicado do que imaginava. O que achava que seria o início do fim, não foi mais que uma escala no complicado caminho de volta à Espanha.

Quando abandonaram o escritório, María sentiu a onda de calor, pó e barulho que vinha da rua obrigando-a a sair da apatia em que se encontrava em razão daqueles maus resultados em sua primeira visita ao que, talvez um dia, chegasse a ser a embaixada espanhola.

– Vamos tentar em outras embaixadas. Talvez na do Reino Unido tenhamos mais sorte – Nasrad disse tentando consolar a sua mulher.
– Não se preocupe, María. Já demos o primeiro passo.

– Se eles não me querem, se não acreditam em mim e se não se importam com o que possa acontecer com uma espanhola em Cabul, eu também não me importo com eles – reconheceu María, irritada. – Não quero mais voltar à Espanha nem saber nada deles.

María surpreendeu-se com um repentino sentimento de ódio para com tudo o que tivesse a ver com a Espanha. Sentia-se desamparada, decepcionada, como uma menina cujos pais abandonaram dizendo não mais voltar.

– Agora sou eu que não quero saber mais deles. Acabou. Nasrad sabia que aquela irritação de María era transitória,

uma reação lógica diante da decepção, e por isso decidiu não dar tanta importância nem insistir no assunto.

Antes de voltar para casa, ele propôs a María tentar pela última vez denunciar sua situação em uma delegacia. Haviam tentado muitas vezes, dez exatamente, mas a resposta fora sempre a mesma: precisavam de provas. María tinha de provar quem era e de onde vinha. Além do mais, as delegacias daquele país não tinham nada a ver com as do mundo ocidental. Só entrar em suas dependências supunha-se estar sob suspeita de alguma coisa, mais ainda se fosse uma mulher.

Quando entraram na delegacia, María já sabia. Não foi ela quem abriu a boca nem quem se dirigiu à pessoa que estava atrás de um balcão. Era mais seguro e conveniente que Nasrad falasse quisessem ter uma possibilidade, por menor que fosse, de que lhes dessem ouvidos.

Entretanto, a cena se repetiu. Cada vez que o policial abria a boca era para pedir alguma coisa que eles não tinham: papéis, comprovantes, provas, documentos. María esperava seu marido sentada em uma salinha próxima. Não podia ouvir claramente o que seu marido estava contando ao policial, mas, pelos gestos de ambos, não tinha a menor dúvida. O policial sequer olhou para María, que voltara a se esconder sob uma burca. Não pretendiam facilitar nada. E ela sabia.

Em poucos minutos, Nasrad deu meia-volta e foi ao encontro de María.

– Nada – disse, confirmando seus temores. – Não há nada a fazer com a polícia. O que nos pedem é o que nós pedimos a eles, que provemos quem você é. Não adianta explicar. Ou estão surdos ou não querem ouvir. E não sei o que é pior.

Desta vez era Nasrad quem se mostrava visivelmente irritado. Não era preciso ser muito observador para entender que ele não gostava da polícia em absoluto, principalmente quando não se dava ao trabalho de ajudá-los, sequer tentar.

Na volta para casa os dois se mantiveram em silêncio, mas sabiam muito bem que ambos estavam pensando na mesma coisa. Naquele momento, María sentia-se ainda mais perto de Nasrad, e teria dado o que não tinha para abraçá-lo e rodeá-lo com seus braços em plena rua. Mas aprendera a esperar.

Quando voltou para casa, decidiu não se dar por vencida. Ela sempre lutara, e não ia desistir tão facilmente. Além do mais, tinha Abdulah e Nuria, os filhos a quem não podia negar a oportunidade um futuro melhor. “Pretendo sair daqui, custe o que custar”. “E, se a embaixada não me ajudar, vou procurar outra saída. Mas não pretendo morrer aqui. E meu marido também não. Ninguém vai nos destruir sem que ofereçamos um mínimo de resistência.”

Há vários dias estava com uma ideia rondando sua cabeça, mas não conseguia se concentrar nela. Ou melhor, não queria. Dois dias antes, sonhara com seu pai e seus irmãos. E o sonho a fizera pensar na possibilidade de recorrer a eles. “São eles que realmente me conhecem e podem comprovar quem sou.”

Capítulo 6

María reconhecia que não havia se portado bem com sua família. Durante sete longos anos, só se dignara a ligar para sua irmã uma vez para lhe dizer que ia para Mallorca passar uns dias com eles. Depois daquela curta estadia, nada mais. Nem uma ligação, nem uma carta, nem um cartão-postal, nem um *e-mail*. Nada. O mais absoluto silêncio. Um silêncio que durara muito tempo, e que cada dia que passava se transformava em uma lápide ainda mais pesada que impedia María de tomar a decisão de engolir o orgulho, pegar o telefone e ligar para sua irmã Rosie.

Era o único número do qual se lembrava, porque sabia que sempre lhe oferecia solução para seus problemas. Não era a irmã com quem María tinha mais intimidade. Esse lugar era claramente ocupado por sua irmã Paquita, com quem a troca de confidências no meio da noite tinha sido interminável e constante. Podiam ficar conversando horas e horas sobre qualquer assunto, por mais íntimo, privado ou delicado que fosse. Mas Paquita, dezessete anos mais velha que ela, era como a censora-mor da família, e María, na sua situação atual, não precisava de uma bronca nem de um sermão sobre sua irresponsabilidade evidente, nem de uma reprimenda por sua desobediência constante, nem de um chacoalhão por sua conduta típica de adolescente malcriada e inconsequente, muito menos era o momento para um sermão sobre a conveniência de cuidar do futuro. María precisava de ajuda urgente. Sem perguntas. Sem poréns. Sem condições. Sem “eu avisei”, ou “foi o que eu disse”. Estava com um problema e precisava de uma solução. E o que não tinha era tempo para ouvir desabaços de ressentimentos.

Estava tempo demais presa no Afeganistão, renunciando a sua identidade, sentindo-se abandonada, humilhada, vendo sua vida se apagar, sua força desmoronar como um castelo de areia e sua paciência acabar no mesmo ritmo em que se esgotavam as reservas

de esperança de poder sair do país sem necessidade de uma mão amiga. Agora, definitivamente, precisava de ajuda. Não podia fazer aquilo sozinha. Acabou-se a valentia.

“Vou ter de ligar para ela. Não aguento mais. Vou ligar, explicar tudo, ouvi-la e aguentar a bateria de perguntas e reprimendas que tiver de me fazer. Mas preciso ligar para Rosie. Não posso esperar mais. Já não aguento mais.”

A família de María estava acostumada a seus longos e desconcertantes silêncios. Quando, aos dezessete anos, decidira ir embora de sua Mallorca natal e abandonar o sítio onde morava com seu irmão mais velho, Pedro, também não revelara a ninguém suas intenções de viajar e se lançar à aventura londrina, muito menos a seu pai, com quem as discussões eram o pão nosso de cada dia.

Foi poupando, todo mês, parte do salário que recebia trabalhando como camareira e, quando juntou o suficiente, por volta de mil euros, foi a uma agência de viagens em Palma de Mallorca para comprar uma passagem com destino a Londres. Uma única passagem, de ida.

– Se fechar a passagem de volta, sai mais barato. Vai economizar bastante dinheiro, algo que vai agradecer quando decidir voltar – explicara o funcionário da agência.

María sorria enquanto negava com a cabeça como resposta à apreciação daquele gentil rapaz. Teria tempo de pensar em comprar a de volta. Tinha uma vida inteira esperando por ela. Por isso a passagem de volta também podia esperar.

Quanto menos soubessem de sua vida, de seus planos e de suas intenções, mais independente María se sentiria e mais liberdade teria para viver sua vida. “Sozinha estarei melhor. Sozinha não terei de dar explicações a ninguém. Nem meu pai, nem meus irmãos terão

oportunidade de me dizer o que devo ou não fazer se não souberem onde estou. Eu os amo, mas agora é minha vez. Do meu jeito.”

María levou seis anos para comunicar a sua família que estava em Londres, que se casara com um muçulmano e que, fruto dessa união, tinham um filho de nome Abdulah.

E, quando um dia decidiu ligar para sua irmã Rosie, falou exatamente assim. Sem dar mais explicações nem dar ouvidos aos argumentos que lhe chegavam do outro lado da linha. Naquele dia, ligara para sua casa porque estava pensando em ir passar uns dias em Mallorca para que sua família, especialmente seu pai, conhecesse

seu filho.

Mas, agora, a situação era outra. María precisava da ajuda de seus familiares ou, pelo menos, pô-los a par de sua situação, porque desde que saíra de Londres não pudera se comunicar com eles. Com certeza não sabiam onde estava nem o que era feito de sua vida.

“Vou ter de ligar para ela. Não aguento mais. Preciso ligar para Rosie. Não posso esperar mais. Amanhã farei isto.”

María pediu a Nasrad que a acompanhasse à central telefônica mais próxima porque queria ligar para sua irmã. Precisava dele por perto para vencer o mal-estar que lhe causava enfrentar Rosie depois de ter se negado a dar a mínima informação sobre seu paradeiro durante aqueles anos. Fazia frio em Cabul naquela manhã. “Puxa, nem o tempo está colaborando... Talvez seja um sinal. Talvez devesse deixar para amanhã.” María sacudiu levemente a cabeça, como querendo espantar aquele pensamento fruto de uma reação covarde. Estava recolhendo as coisas do café da manhã e, como sempre fazia, enquanto punha ordem na mesa onde sua família acabara de comer, tirando as xícaras, os copos e os pratos, ia recolhendo os restos do pão fresco que haviam comido com o chá e colocando-os na boca, mastigando-os raivosamente. Nasrad sempre

dizia que parecia uma passarinha, beliscando as migalhas que ficavam espalhadas pela toalha de mesa. Naquela manhã María achou engraçado aquele comentário. “Uma passarinha. Eu não dei nem um pio em sete anos. Pelo menos os p ássaros...” María continuava temerosa com o momento de se ver diante do telefone ligando para sua irmã. Pensou que seria superior a suas forças.

Quando já não tinha mais como se ocupar em casa, quando já havia limpadado a mesa três vezes, arrumado outras tantas as cadeiras e dobrado e desdobrado a toalha da mesa umas dez vezes, María vestiu as crianças e depois se vestiu. A rotina era sempre a mesma: um vestido longo e largo, tênis que não fizessem barulho ao caminhar e a burca cobrindo tudo.

Ao sair de casa, María respirou fundo. Quis fechar os olhos para se concentrar durante alguns segundos e imaginar como seria a conversa que manteria minutos depois com sua irmã. Mas compreendeu que com o pouco que via com a burca, se fechasse os olhos seria muito fácil tropeçar e cair. E já vivera aquela situação ridícula e grotesca muitas vezes. Não estava disposta a protagonizar um novo showzinho nas ruas de Cabul.

Fez de ônibus o trajeto que separava sua casa da rua onde ficava a central telefônica, o que representava quase duas horas e meia de viagem. Assim que entrou no ônibus, separou-se de seu marido e dirigiu-se à traseira do veículo, que ficava separada do resto por uma espécie de esteira de palha na forma de cortina. Aquele era o lugar destinado às mulheres, ao passo que seus maridos ou seus acompanhantes masculinos viajavam na parte da frente do ônibus, maior, confortável e mais bem organizada. Sempre separados. Não se permitia às mulheres que viajassem com os homens. María já estava acostumada, e não mais a assaltavam os pensamentos que a perturbaram nos primeiros dias de sua estadia no país. Já não se enfurecia por dentro ao entender tudo aquilo como um verdadeiro e repugnante preconceito, como o que sofreram os negros nos Estados Unidos. Um dia, sentada na parte de trás de um ônibus,

lembrou-se daquela mulher negra, Rosa Louise Parks, que se negara a ceder o banco do ônibus público em que viajava a uma pessoa branca. Simplesmente não quis ir para a parte de trás, como determinava a lei da época no sul dos Estados Unidos. O gesto daquela mulher impulsionou o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos. Rosa Parks foi presa e acusada de perturbação da ordem pública. Era 1955, e María não entendia como, em pleno século xxi, ela podia estar vivendo uma situação como aquela. Se María ou qualquer mulher afegã se atrevesse a ocupar um lugar destinado aos homens, poderia ser surrada até a morte. Melhor não arriscar. Quando esse tipo de dúvida a assaltava, quando uma mesma pergunta martelava constantemente sua cabeça – “Por que tenho de aguentar tudo isso, por que, por quê?” – , sempre respondia com o mesmo argumento: “Por amor. Por Nasrad. Por ele estou disposta a tudo o que de duro e injusto houver”.

María permaneceu a viagem toda em silêncio. Teria gostado que as ruas de Cabul fossem, por alguns segundos, as de Londres ou de Palma de Mallorca, para poder viajar sentada ao lado de seu marido, segurar sua mão e apertá-la com toda a força de que fosse capaz, para que lhe transmitisse o ânimo de que precisava naquele momento. Mas não pôde fazer isso. A areia que seus tênis pisavam e o pó que se levantava enquanto andava a devolveram à crua realidade de Cabul. Não era hora de sonhar. Já há muito tempo ela não se permitia esse luxo.

Quando chegou à central telefônica, depois de quase três horas, María entrou em uma das cabines. Seu marido pediu uma ficha ao atendente e lhe deu.

– Eu a espero aqui fora. Fale tranquilamente com sua irmã. María não se lembrava de já ter digitado um número de telefone tão rapidamente quanto teclara o de sua irmã Rosie: “Quanto antes acabar com isto, muito melhor”.

Ouviu um sinal. Dois. Três. “Não está”, pensou. Quatro. Cinco. “Deve ter saído. Normal, deve ter ido trabalhar.” Seis. Sete. “Talvez não more mais aí.” Oito...

– Alô? – finalmente uma voz no outro lado do fone, precedida de um estranho ruído. – Alô?

Silêncio. María não foi capaz de articular uma palavra. Nem sequer respirar. Passaram-se dois, três, talvez quatro segundos e María desligou. Seu coração parecia querer sair do peito. A voz de sua irmã a tirara do mundo, de sua realidade. Sentiu que, se alguém a empurrasse bruscamente contra a porta da cabine, teria ficado colada ali. O medo a mantinha paralisada. Depois de alguns minutos, reagiu. “Sou uma tola, mesmo. Até parece que estou em condições de desligar o telefone.”

De novo digitou o número de telefone, dessa vez um pouco mais devagar: 971... Dessa vez, sua irmã Rosie não tardou tanto a atender.

– Alô? Alô, quem é?

De novo María interrompeu bruscamente a comunicação. Era superior a suas forças. Sentia-se invadida por uma mistura de vergonha, medo e de não saber o que dizer e por onde começar.

Saiu da cabine telefônica, estava com falta de ar e sua cabeça ia explodir de um momento para o outro, não sabia se antes que seu coração saísse do peito ou depois, mas que explodiria não tinha a menor dúvida.

Nasrad estava do lado de fora com seus filhos. Estranhou que María tivesse terminado tão depressa.

– Já? Falou com sua irmã?

– Não. Não pude. Caiu na secretária eletrônica. – Deixou um recado?

– Não. Prefiro tentar outro dia. Faz muito tempo que não falo com ela e não quero deixar recado. Ela poderia se assustar. Quero falar diretamente com ela. Vamos. Amanhã voltamos.

Não gostava de mentir para Nasrad, nem fazia isto com muita frequência. Além do mais, ele sempre descobria. Talvez por esta razão não tenha olhado nos seus olhos durante a breve conversa. A última coisa de que precisava era que seu marido soubesse que não tinha coragem de falar com a irmã. Que o orgulho tirara braço de ferro com a coerência e que o primeiro ganhara.

Teve de esperar quase uma semana para voltar à central telefônica, e o que isso representava, principalmente o longo trajeto de ônibus. E repetiu os mesmos gestos do primeiro dia, quando seu nervosismo a vencera. Enquanto esperava ouvir o sinal de chamada, olhou para seu marido, que a esperava do lado de fora da central telefônica, na rua. Com ele estavam seus filhos, Nuria e Abdulah, e naquela visão encontrou forças para ir até o fim. “É agora ou nunca. Não permitirá que seus filhos não tenham uma possibilidade de futuro por conta de sua imaturidade e por não saber enfrentar as coisas. Portanto, María, comporte-se. Se desligar o telefone de novo, arranco sua cabeça.” Decidiu mostrar -se dura consigo, mesmo que fosse em pensamento, para ir se acostumando ao que a esperava assim que sua irmã Rosie abrisse a boca.

Capítulo 7

A familiar e doce voz de sua irmã Rosie tirou-a de seus pensamentos.

– Alô?

– Rosie... É María. Sua irmã María.

– María? Mas onde você está? O que aconteceu? Você está bem? Por que não ligou? Faz tanto tempo que não sei de você. O que está fazendo? María...

– Rosie, não tenho muito dinheiro para falar com você. Estou no Afeganistão há um ano e meio, roubaram nossos documentos quando chegamos, não podemos sair do país. Estou muito mal. Tive uma menina, e não quero isto para meus filhos... Acho que não vou aguentar muito mais tempo. Precisa me ajudar, Rosie, precisa me tirar daqui. Por favor, por favor...

– Mas, María, pelo amor de Deus! O que está fazendo no Afeganistão? Fizeram alguma coisa com você? Você está bem, querida? María, María, Maríaaaaa...

No terceiro “María” a ligação caiu. María ficou chorando, sozinha, de novo. Como tantas outras vezes.

Nunca chorara tanto em toda sua vida como desde que pusera os pés naquele país. Nem conseguia entender de onde poderiam sair tantas lágrimas, e pensou que chegaria a se desidratar. Perguntou-se se sua irmã teria entendido o rosário que havia desfiado depois de sete anos de silêncio injusto, interrompido por uma breve estadia em Mallorca. Pouco tempo depois desta estadia, o silêncio tornara a se apoderar daquela relação familiar. Não tinha certeza de que sua irmã a entendera, porque, enquanto falava, notava que as lágrimas

iam afogando suas palavras. “Espero que tenha entendido alguma coisa. Por favor, que tenha entendido.”

Rosie não podia acreditar no que acabara de ouvir. Ficou olhando para o telefone enquanto cobria a boca com a mão direita, como se com esse gesto pudesse evitar que brotasse todo o mosaico de sentimentos contraditórios que batalhavam dentro dela, prestes a sair em disparada. Quando sentiu que precisava respirar, retirou a mão da boca e finalmente pôde expulsar todo o ar que durante segundos mantivera, inconscientemente, em seus pulmões. “María, María...” Foi se afastando lentamente do telefone; andava para trás, sem poder parar de olhar para ele, como se fosse uma visão sobrenatural, até que suas pernas tropeçaram no sofá. Caiu sentada e assim ficou por um tempo; não poderia calcular quanto. Levantou-se, nervosa, olhando a sua volta, girando sobre si mesma. Tornou a se sentar. Rosie estava desorientada, olhava de um lado para o outro da sala em busca de alguma coisa, mas não sabia o quê. “Tenho de fazer alguma coisa. Mas o que posso fazer? María, María, onde você está, querida? O que posso fazer? O que posso fazer?”

Ela esperava que no dia seguinte sua irmã voltasse a ligar. Precisava saber onde María estava exatamente. Ela pedira ajuda, mas não lhe fornecera informações suficientes. Esperou durante o dia todo, da manhã à noite, sem se afastar do telefone. Umhas vezes olhando fixamente para ele, outras pegando o fone para se certificar de que tinha linha e de que nenhum problema impediria comunicação com sua irmã. Outras vezes rodeava o telefone andando pela sala, de um lado para o outro, dizendo: “Toque já!”. No entanto, María não ligou nesse dia, nem no seguinte, nem no outro. Um mês e meio e o telefone não soltou o grito sonoro desejado e necessitado por Rosie, que não tinha como evitar se desesperar a cada minuto que passava sem notícias da irmã. Pensou que não podia ficar de braços cruzados, alguém teria de ajudar María. Não conseguia tirar da cabeça aquela ligação; imaginou a situação em que sua irmã devia se encontrar a ponto de não ter dinheiro para ligar, e quase se convenceu de que ela estava no

Afeganistão contra sua vontade. Rosie decidiu que o melhor seria recorrer à polícia. Já fizera isso antes, quando sua irmã voltara a Londres depois de passar uns dias em Mallorca com o filho para que sua família tivesse a oportunidade de conhecê-lo. E, de novo, María não tornara a dar sinais de vida. A única coisa que Rosie sabia é que sua irmã fora novamente para Londres e que, uma vez mais, optara pelo mais absoluto silêncio. Quando, depois de outra longa ausência – coisa à qual não conseguia se acostumar –, Rosie tentara localizar a irmã em sua residência de Londres, foi-lhe totalmente impossível. Ninguém atendia suas ligações. Chegara até a entrar em contato com a empresa onde María trabalhava, falar com algum amigo ou colega, mas tudo foi inútil. Também ligara para suas tias de Barcelona, com quem María sempre mantivera um bom relacionamento, mas elas não sabiam de nada.

Foi então que decidiu denunciar o desaparecimento de sua irmã.

Rosie não se limitara a iniciar esse processo legal na Espanha. Fora mais longe, decidira fazê-lo no Reino Unido, porque Londres tinha sido o último local de residência de sua irmã, e talvez ali fosse possível encontrar alguma pista, alguém que soubesse de seu paradeiro, algo que explicasse a ligação de sua irmã e o que ela estava fazendo no Afeganistão e por que pedia sua ajuda tão desesperadamente. A polícia prometera que investigaria o caso e que, assim como ela havia solicitado, a polícia de outros países seria notificada da denúncia do desaparecimento de María.

Um dia, depois de várias semanas e até meses de investigações policiais, a Interpol fora até a última residência que María ocupara antes de partir para o Afeganistão. Não encontraram ninguém que pudesse ajudar, porque ninguém sabia para onde María tinha ido. Só sabiam que, um dia, ela e seu marido tinham saído à francesa, sem se despedir de ninguém, sem dar explicação alguma. De novo María não dava satisfação de suas viagens, de suas idas e vindas.

Nem sequer sua melhor amiga e confidente em Londres, sua vizinha Julia, sabia de alguma coisa. “Eu só sei que estava sempre com seu marido e que um dia desapareceu com ele e o filho. Claro que eu era sua melhor amiga, mas María não entendia a amizade como um confessorário. Não gostava de dar explicações. Tinha verdadeiro pânico de que alguém controlasse sua vida ou soubesse mais que ela. E eu não ia me intrometer em questões tão privadas e íntimas se ela não me desse acesso. Só sei que um dia desapareceu, e dessa vez não me disse nada sobre a viagem.”

Toda informação que ia chegando a Rosie a fazia pensar que María tinha sido levada ao Afeganistão contra sua vontade. E ela não podia ficar de braços cruzados, esperando que o telefone tocasse, enquanto imaginava que sua irmã poderia estar vivendo um verdadeiro inferno.

Rosie, naquela época, comunicou suas suspeitas à polícia, ou melhor, seus temores de que sua irmã tinha sido raptada pelo próprio marido, que a levava até o Afeganistão contra sua vontade, e que estava em perigo. Mas sempre a assaltava o medo de estar enganada; sua irmã estava loucamente apaixonada pelo marido e ele por ela. Pelo pouco que sabia e que sua irmã lhe havia confiado na última visita a Mallorca, os dois eram uma nova e renovada versão de Romeu e Julieta. No entanto, Rosie não tinha certeza de nada. Não entendia nada. Só que sua irmã estava em perigo, precisava dela, e não sabia como ajudá-la. E não conhecia seu marido.

Por isso, depois de receber o pedido de socorro de sua irmã, Rosie decidiu ir novamente à polícia, mas não lhe deram muitas esperanças. Também não podiam. Sabiam da existência da primeira denúncia do desaparecimento de sua irmã e não podia apresentar outra, porque a primeira ainda não tinha sido solucionada.

Capítulo 8

Os dias se passavam e o maldito telefone não tocava. Aquele estado de absoluto nervosismo e ansiedade levou Rosie a ligar para companhia telefônica para saber se haviam registrado algum problema na linha. Até que, um dia, María tornou a ligar. Desta vez mais tranquila, com mais tempo para falar.

– Rosie, sou eu.

Rosie nunca pensou que três simples palavras poderiam lhe devolver a tranquilidade que lhe fora subtraída na ligação anterior. Por fim suas súplicas tinham sido ouvidas.

– María, por que não me ligou antes? Faz semanas que estou desesperada... Como pôde? Quer me matar?

– Rosie, desculpe, mas se você soubesse como é complicado eu vir até uma central telefônica para poder ligar, acharia até que demorei pouco.

– María, onde você está no Afeganistão exatamente? Como posso tirá-la daí? Do que precisa? Você está aí contra sua vontade? Nasrad está com você? É ele quem não a deixa sair daí? Onde você mora, onde come? Como está Abdulah?

– Rosie, não me faça tantas perguntas ao mesmo tempo que não sei por onde começar. Estou com Nasrad e com as crianças...

– As crianças? – Rosie a interrompeu, incrédula. – Você teve mais filhos e não nos disse nada?

– Rosie, eu disse na primeira ligação, mas acho que falei tão rápido que nem sequer pôde me ouvir. Sim, Rosie. Tenho uma

menina linda. Chama-se Nuria e tem um aninho. E não sabe quanto me faz lembrar você. É linda, muito pequenina, mas linda.

Rosie não sabia como armazenar rapidamente a nova informação que sua irmã lhe passava sem poder se permitir o luxo de fazer um silêncio para assimilar, entender tudo e poder continuar ouvindo.

– Vejamos, María... – Rosie adotou um tom de voz que tentava transmitir tranquilidade e firmeza, mas, por dentro, sentia-se arder e desvanecer como os *ninots* das *Fallas* [1](#) . Não pôde evitar pensar nessa comparação, talvez porque, enquanto falava com sua irmã, seu campo de visão era ocupado pelo ninot eleito que haviam trazido das *Fallas* quando ela e seu marido, valenciano de nascença, passaram um ano em Valência. E, desde então, aquele *ninot* de tom pastel e de um metro e meio de altura presidia o *hall* da sala. – Por favor, María, vamos ver se nos entendemos. O que está fazendo no Afeganistão? Por que não está em Londres?

– Rosie, é uma longa história...

– Pois é melhor me contar agora mesmo, porque estou há muito tempo sem ouvir absolutamente nada sobre essa história, e acho que já deu.

María percebeu perfeitamente que a inflexão da voz de sua irmã não permitiria outra evasiva. Parecia estar vendo-a, com aquele olhar entre “já entendi tudo” e “saia da minha frente” que Rosie costumava fazer quando não sabia se o que estavam lhe contando era verdade ou mentira. María compreendeu que era justo que sua irmã finalmente ouvisse uma explicação lógica sobre como tinha sido sua vida desde que se viram pela última vez. E tentou desabafar, pela primeira vez em muito tempo.

– Rosie, tivemos de vir para o Afeganistão há mais de um ano e meio porque o pai de Nasrad estava muito doente e o chamaram para vê-lo. Logo que chegamos, nos roubaram tudo: o dinheiro, os documentos, tudo. Deixaram-nos um pouco de roupa, e assim fomos

levando. Pensamos em denunciar o que acontecera, mas não pudemos, porque fomos nós que provocamos a situação, por não querer passar de forma oficial pela fronteira para evitar que nos roubassem. Depois entramos em Cabul, mas disso não me lembro com muita nitidez, pois me fizeram vestir a burca, e levei um tempo para me acostumar a ela. Queria ter entrado em contato com você, mas foi impossível. Na cidade dos pais de Nasrad mal sabem o que é telefone, não podia nem pedir um emprestado. E, além do mais, tudo se complicou, Rosie. Depois de muitos problemas nasceu Nuria, e depois veio a guerra, e nossa situação não me permitiu entrar em contato com você. Vivemos durante muitos dias embaixo da terra, em uma espécie de abrigo, para que os bombardeios não nos acertassem.

María sentia, enquanto falava quase sem tempo para respirar, as lágrimas que não corriam por seu rosto redondo serem automaticamente desviadas para a garganta. Podia sentir perfeitamente o sabor salgado dos seus soluços. Mas não era momento para fazer interrupções, menos ainda por conta de algumas lágrimas fruto de um excesso de sentimentalismo, que María até chegou a achar cafona. “Já derramei litros delas desde que pisei no Afeganistão!” Desta vez elas não a venceriam. E prosseguiu:

– Agora estamos morando em Cabul, em um quarto de um apartamento, Rosie. Nós quatro estamos morando entre as quatro paredes de um quarto. Com dois colchões, quatro mantas, uma mesa e pouco mais. Não há emprego nem dinheiro, a comida é pouca, embora a família de Nasrad tente nos ajudar. Pelo menos aqui temos luz durante duas horas por noite, a não ser que por algum motivo o serviço seja suspenso.

Rosie adoraria interromper sua irmã em sua loquaz e desconhecida tagarelice telefônica, principalmente para interrogá-la sobre o que acabara de dizer sobre a luz elétrica. “Em que espécie de antro você mora que não tem luz elétrica?” Mas compreendeu

que não era o momento, e optou por continuar ouvindo o relato apressado de sua irmã, segurando firmemente o fone.

– Mas estou mal, Rosie, estou mal. Às vezes tento pensar de forma positiva, tento me convencer de que sou suficientemente forte para superar este pesadelo, que sou muito capaz de me sobrepôr e de aceitar viver neste país. Mas, em outras, principalmente à noite, Rosie, o mundo desaba em cima de mim.

Fico sufocada, choro como nunca chorei e não posso falar com ninguém. Não posso desabafar com ninguém. Tenho de engolir e digerir tudo sozinha. As crianças são muito pequenas, e eu nunca me perdoaria se lhes desse mais desgostos ou provocasse mais insegurança ainda em Nasrad. Ele está muito mal. Acha que a situação em que nos encontramos é culpa dele. E você não sabe o quanto ele sofre, Rosie. Não sabe quanto sofro por ele. Não suporto vê-lo assim, e há dias em que não sei como ajudá-lo. Até rezo para que Alá mande para mim todo o sofrimento e o pesar que o corrói. Preferia passá-lo eu mesma.

Rosie estranhou que sua irmã rezasse a Alá. E naquele momento, se sua irmã estivesse perto, sem a pressão do tempo e longe do medo de que a ligação caísse e não conseguisse ser retomada em outras tantas semanas, teria querido lhe perguntar por que Alá. Mas, naquelas circunstâncias, esse Deus ou qualquer outro era o que menos lhe importava. Sua irmã era o mais importante, e não podia perder tempo nem energia falando de um culto ou de outro.

– Não suporto ver meu marido passando por tudo isso, Rosie. Acho que vou enlouquecer. Ninguém me ajuda. A embaixada espanhola não me dá soluções nem respostas, só longos argumentos e palavras vazias. Desculpas, Rosie, só desculpas. Dizem que, como não tenho passaporte, não podem saber se sou espanhola. E, como não pude denunciar o roubo dos meus documentos, dizem que sem o boletim de ocorrência não me dão um passaporte novo. E passam os dias dizendo que tenho de provar quem sou. Acham que

estou mentindo. E eu só faço falar espanhol com eles e dizer que liguem para você, mas eles não acreditam. Ou não querem acreditar. E você não sabe o quanto me sinto aflita e impotente com isso.

Durante alguns instantes, Rosie achou que aquela voz não era de sua irmã. Não podia ser. Ou estava sob o efeito de alguma droga, ou talvez ardesse em febre, ou aquela locomotiva falante não podia ser sua irmã. A rainha do silêncio. A mudez em forma de mulher. O monumento à falta de explicações falando pelos cotovelos. Não entendia.

– E por isso liguei, Rosie. Porque já não aguento mais. Sabe? Acho até que só ouvir sua voz já é um grande consolo. Se me dissessem que posso falar com você todos os dias, mesmo que por cinco minutos, já me compensaria tanto sofrimento e tanto desconcerto. Mesmo que você não consiga me ajudar a sair daqui, só ouvir sua voz já seria um alívio. Só quero ouvir você e saber que estão todos aí e que, se precisar de vocês, um dia, saberei a quem ligar, porque não terei de provar quem sou ou quem não sou.

Durante alguns segundos o silêncio tomou conta da comunicação. Nem uma só palavra se atreveu a atravessar o fio telefônico entre as duas irmãs. Nem em uma direção nem em outra. Tinham a sensação de que o tempo parara e o espaço de milhares e milhares de absurdos quilômetros que as separava havia sido encurtado, reduzido, quase chegando a desaparecer. Mas rapidamente ambas compreenderam que não podiam se permitir esse tipo de luxo. Por um momento temeram que a ligação tivesse caído, sido definitivamente interrompida e estivessem novamente isoladas, cada uma em seu mundo.

– Rosie, você está aí? – María perguntou com certo medo de não encontrar resposta.

– Claro que estou aqui, querida. Sempre estive aqui, minha irmã.

Rosie nunca soube de onde tirara a força que lhe permitira não ficar calada, sufocada no pranto e na impotência, e dizer a sua irmã qualquer coisa que a tranquilizasse e lhe servisse de alívio, pelo menos momentâneo.

– María, ouça-me, meu bem. Vamos dar um jeito. Vamos tirar você daí. Neste momento não sei lhe dizer como, mas sei que vamos conseguir. Eu prometo. E não vamos demorar muito. acredite. Faremos isso imediatamente. Vou tirar você daí custe o que custar. Está me ouvindo, María? Está me ouvindo?

María já nem sequer se preocupava em disfarçar o pranto nem a angústia que se apoderavam de seu corpo e espírito desde alguns minutos antes, e que agora a impediam de continuar falando.

– Está me ouvindo, María? Você está aí? María, diga alguma coisa!

– Sim, Rosie. Estou ouvindo, sim. E a amo muito. E preciso que me perdoe por tudo o que estou lhe fazendo passar. Não queria complicar sua vida, tinha em mente um mínimo de problemas possível, e olhe para mim. Sou um desastre. Eu a amo demais, Rosie. A você e a todos. Diga a eles, a meus irmãos, a minhas irmãs, às tias, ao meu pai... Como está papai, Rosie? Ele está se tratando?

Rosie sabia que não devia esperar muito tempo para voltar a falar depois dessa pergunta, mas duvidou que tivesse conseguido quando finalmente articulou as palavras novamente.

– Tudo bem... María – Rosie mudou rapidamente de assunto. – Onde você está em Cabul? Para onde posso mandar um pouco de dinheiro, de roupa? Tem um banco aonde possa ir?

– Sim, mas agora não posso lhe dizer porque não sei de cor. Tenho de perguntar a Nasrad. Mas, Rosie, eu juro que amanhã ou depois torno a ligar e lhe passo tudo o que precisa saber. Só não posso lhe dizer a hora que vou ligar, porque preciso que Nasrad me

acompanhe se não quiser ter problemas com os homens, com os talibãs. Esta central telefônica fica a mais de duas horas e meia de ônibus de casa, e mais um bom tempo caminhando.

Rosie não ouviu mais nada sobre as duas horas e meia de ônibus que separavam a casa de María da central telefônica. Só ouviu duas palavras: homens e talibãs. Ela assistia aos noticiários da televisão e tinha alguma informação a respeito.

– Teve algum problema com os homens, María? Aconteceu alguma coisa?

– Comigo não, mas aqui morrem mulheres diariamente por saírem sozinhas à rua, sem a companhia de um homem, ou por mostrarem um centímetro de pele. Você não sabe o que é isso, Rosie. Não pode imaginar, por mais que eu tente lhe contar.

Com certeza foi algum dispositivo inconsciente no interior de seu cérebro que fez com que Rosie não perguntasse mais sobre o que acabava de ouvir sua irmã falar. Não queria ouvir as leviandades pelas quais matavam mulheres no Afeganistão. Só lhe interessava saber onde localizar sua irmã para poder lhe enviar ajuda. Para o resto teriam tempo. Um dia.

– Quero mandar-lhe um celular, María, para que não tenha de ir tão longe se quiser ou precisar falar comigo. E eu com você. Quero saber onde está, María, não quero que se passem outros tantos anos até que consiga falar com você novamente. Não pode demorar tanto tempo para falar comigo. Não pode, María. Lembre o que lhe digo. Não pode.

Rosie enfatizou tanto a pronúncia daquelas palavras que María não teve dúvida.

– Não se preocupe, Rosie. Nunca mais farei isso – ela prometeu, não muito convicta e muito menos segura do que dizia, pelo profundo conhecimento que tinha de si mesma. – E, quanto ao

celular, é melhor não, Rosie. Seria inútil. Alguém o roubaria à menor oportunidade, ou ficariam com ele na alfândega, ou na empresa de despacho. Nem tente. Nós o perderíamos. Melhor me mandar o dinheiro e eu compro um aqui.

María viu Nasrad entrar na central telefônica, procurando em todas as cabines onde estava sua mulher. María pensou, pelo desassossego e pela expressão de curiosidade de seu marido, que devia ter se passado muito tempo desde que entrara naquele lugar para ligar para sua irmã. Decidiu que devia pôr fim à longa espera de Nasrad.

– Rosie, agora preciso desligar. Ligo amanhã e lhe dou todas as informações de que precisa. Obrigada por tudo, Rosie. Não sabe o que significou para mim falar com você. Não faz ideia.

– María, por favor. Ligue amanhã. Não deixe passar mais tempo. Não torne a desaparecer como um fantasma. Estou aqui e vou ajudá-la a sair de onde estiver. Mas preciso que você mantenha contato.

Rosie sabia que a conversa estava no fim e precisava fazer uma pergunta a sua irmã María de maneira direta, sem rodeios, sem diplomacia, sem nuances semânticas. Às claras.

– María. Preciso que me responda a uma pergunta. E preciso que seja sincera e clara. Nasrad está se portando bem com você? Você não está com ele contra sua vontade? Querida, é muito importante que não minta para mim nisso. Muito importante. Você nem imagina o quanto.

– Mas o que está dizendo, Rosie? Por que isso? Claro que estou bem. Evidente que me trata como deve me tratar. Graças a ele estou viva. Mas por que está me perguntando isso, Rosie? Do que você está falando, minha irmã? Estou com ele porque quero. É meu apoio. acredite, Rosie. E não torne a me fazer esta pergunta. Por favor, não torne a dizer isso. Não gosto nem um pouco.

– Não se preocupe. Não o farei. Mas eu tinha de me assegurar. Ouvem-se tantas coisas, María... O importante é que amanhã me ligue. Não deixe de ligar. Pense que, quanto antes me ligar, antes poderei tirá-la daí.

– Fique tranquila, Rosie. Tenho de desligar. Um beijo muito grande. Eu a amo muito, minha irmã.

– Um beijo maior ainda. Cuide-se muito, María. Eu a amo. Quando desligaram, as duas irmãs nunca tiveram a sensação

de estar tão perto uma da outra. Sem que fosse algo premeditado, as duas fecharam os olhos e inclinaram a cabeça para trás, como querendo parar o tempo, como desejando guardar a voz e a lembrança desse momento para sempre em suas mentes.

As duas irmãs precisaram de um bom tempo para abandonar a bolha imaginária afastada da realidade em que a conversa telefônica as havia colocado. Não souberam nem quiseram disfarçar. Teriam dado metade da vida para se abraçarem depois de terminar aquela conversa.

Rosie deixou-se cair no sofá. Agradeceu ao céu por estar sozinha em casa naquele momento. Não teria suportado ter de dividir aquilo com ninguém.

1 - *Fallas* são as mundialmente famosas festas artísticas de Valência, que duram até um mês, nas quais desfilam os ninots, bonecos gigantes de papelão que são representações satíricas de políticos, personalidades famosas ou acontecimentos relevantes. No fim dos festejos, os ninots são queimados em meio a um grandioso espetáculo de fogo, música e fogos de artifício. Todos menos um, eleito em votação popular, que passa a fazer parte do Museu Fallero. (N. T.)

Capítulo 9

María saiu meio aturdida da cabine telefônica. A burca voltava cobrir, e por inteiro, seu rosto, já que para falar ao telefone, e graças à privacidade da cabine em que entrara para falar com Rosie, preferira retirá-la para que a pronúncia das palavras e a clareza de seu discurso chegassem nitidamente aos ouvidos de Rosie.

– Tudo bem, María? Você ficou falando um bom tempo. Não podemos gastar tanto.

María não entendeu aquilo como uma censura. De fato, nada do que saía da boca de Nasrad poderia lhe soar como tal.

– Ela vai nos ajudar, Nasrad. Rosie me pediu que lhe informemos o endereço de um banco para o qual possa nos mandar um pouco de dinheiro. Ela prometeu que nos ajudará no que puder.

María não ouviu nem uma palavra da resposta de seu marido. Não soube interpretar nada, mas tinha certeza de que ele se alegrava tanto quanto ela. Ele também merecia uma dose de esperança no meio de toda aquela colossal ruína de intenções e planos. Talvez tivesse chegado a hora de a boa sorte tocá-los, mesmo que fosse durante algumas horas.

Com esses pensamentos María ficou absorta durante toda a viagem de volta para casa. E, assim como acontecera minutos antes com sua irmã, agradeceu que nessas duas horas e meia no ônibus ninguém estivesse a seu lado, para não ter de dividir aquele momento íntimo e cheio de bons presságios que acabava de compartilhar com sua irmã. Nasrad estava na parte da frente do ônibus, com todos os homens. María na parte de trás, um compartimento bem delimitado por uma encardida e puída cortina. Tal como era norma no Afeganistão. Como seria diferente andar de

ônibus em qualquer cidade da Espanha! No dia seguinte, María não pôde ir até a central telefônica

como queria e tinha prometido. Nem pôde fazê-lo nos cinco dias seguintes. Nem nos quinze. A situação nos arredores de Cabul

havia se complicado e lhes recomendaram não sair de casa a não ser que fosse estritamente necessário. Era melhor evitar o perigo. Cada vez que acontecia isso e essa espécie de estado de sítio era imposta, não só para as mulheres, mas também para os homens, corriam mil e uma histórias que iam de casa em casa até estar na boca de todos.

Naqueles dias, contava-se a história de um rapaz que tinha sido assassinado pela polícia talibã. Era um garoto, não devia ter mais de quinze anos. No Afeganistão, a idade não era o dado mais fidedigno para identificar uma pessoa, porque não era muito normal que os recém-nascidos fossem registrados em algum cartório, para evitar problemas e complicações no futuro, principalmente na hora de serem chamados para o exército e lutar nas constantes guerras que assolavam o país.

Aquele rapaz morrera em consequência de cinco tiros à queima-roupa, pelas costas, saídos da arma de um soldado que com certeza não gostara da cara do garoto ou simplesmente interpretou seu olhar de outro jeito. Qualquer motivo valia para acabar com uma vida. A família queria enterrá-lo imediatamente, para atender aos requisitos e à garantia de salvação de sua jovem alma segundo os mandamentos da religião que confessavam. Mas não fora tão simples e muito menos rápido como haviam previsto. Enquanto se dirigiam ao local onde lhe dariam o último adeus, um grupo de soldados parou a caminhonete em que os familiares levavam os restos mortais do jovem.

Eles foram obrigados a descobrir o corpo e a retirar, sem nenhum tipo de respeito nem compaixão, o lençol que envolvia o cadáver do

jovem, que já mostrava uma lividez que não deixava nenhum tipo de dúvida quanto a seu estado. Porém, os soldados não devem ter achado que a coisa estava tão clara e começaram a fazer perguntas, conscientes de que nenhuma resposta que pudesse sair das bocas dos familiares poderia lhes servir para evitar suas selvagens e bárbaras intenções. Não tardaram muito a chegar à pergunta que se supunha crucial e definitiva para a atrocidade que estava prestes a acontecer. Perguntaram aos parentes por que o jovem não ostentava uma barba, como mandava o regime talibã. Os parentes do morto, os homens, porque as mulheres estavam mergulhadas em uma profunda mudez – de fato, não existiam, estavam mortas em vida – , explicaram aos soldados, com mais medo que convicção, que aquele jovem morto era ainda um adolescente, que não tivera tempo de se tornar um homem, e que por isso sua barba não havia crescido.

Mas as explicações não convenceram os soldados, que reagiram como só sua lógica desumana e bestial permitia: sem a menor sombra de pudor, com uma falta absoluta de sensatez e toda a maldade de que um ser humano é capaz, pegaram o cadáver do jovem e o jogaram na estrada. Ali o chutaram, pisotearam, bateram-lhe com suas armas, e um deles atirou naquele corpo inerte, até destruí-lo por dentro, porque por fora já era evidente e chocante sua decomposição. Os soldados agiam sem se importar que aquele pobre jovem infeliz já não sentia nem padecia nada porque algumas horas antes outra insensatez absurda havia lhe arrebatado o último sopro de vida. Mas a sede violência privava os soldados de qualquer visão ou entendimento, e não pararam enquanto não se cansaram de tanta brutalidade desnecessária e incoerente e depois de arrastá-lo ao longo de uns quinhentos metros por trás do local onde se encontrava a caminhonete que o transportava.

Então, não sem antes ameaçar os familiares – que observaram a cena sem poder mostrar a mínima dor nem esboçar o menor gesto para evitar o pior – , os soldados os obrigaram a retirar o corpo da estrada imediatamente e tornaram a entrar no veículo e voltaram

por onde tinham chegado, não sem antes passar as rodas do pesado veículo por cima do corpo que haviam deixado destruído no meio da estrada, que respondeu ao atropelamento como o faria um boneco de pano. A cena estremeceu os que a observaram. Não cabia mais crueldade em um ser humano.

Quando os soldados já estavam suficientemente longe para não decidir voltar e continuar com sua festa particular, cinco familiares homens do jovem se aproximaram para recolher o que restava daquele corpo. Enrolaram-no em lençóis. O sangue e demais restos orgânicos que escapavam do corpo eram tão abundantes que um deles teve de voltar à caminhonete para pegar uma esteira grossa que lhes permitisse envolver novamente o cadáver e, no mínimo, esconder aquela cena de horrores. E todos aqueles homens se viram obrigados a depositar sua raiva, impotência e ódio no meio-fio vomitando compulsivamente.

Capítulo 10

María demorou mais de quinze dias para poder ir a Cabul e ligar para sua irmã Rosie. Então, o ambiente já estava mais calmo, mas continuava no ar aquela sensação de que, a qualquer momento, algo poderia acontecer de novo para comprovar o estado permanente de medo e de terror que havia se instalado no Afeganistão anos antes.

María entrou na cabine telefônica. Nasrad, de quem não podia nem queria se separar, a acompanhava, como sempre. Era ele quem devia tratar com o atendente da central telefônica para que pudesse ligar para sua irmã. Ela ficava atrás de Nasrad e ali esperava pacientemente até que seu marido chegasse a um acordo com o funcionário e este assentisse com a cabeça, operação que podia levar entre cinco e trinta minutos. Então, sem perder um segundo sequer, com medo de que o atendente mudasse de opinião, mas também pela vontade de falar com sua irmã, que há duas semanas tirava seu sono, entrou em uma das cabines, pegou o telefone rapidamente e discou o número.

– Rosie, é María.

– María, achei que tornaria a fazer a mesma coisa de sempre. O que aconteceu?

– Rosie, arrebutaram um menino que já estava morto porque não tinha a barba que os talibãs exigem. Não pude ligar antes porque não podia sair de casa.

Na verdade, Rosie não sabia se preferia que sua irmã lhe explicasse os motivos de sua demora ou se era melhor que não lhe contasse nada, porque era incapaz de entender que María contava

tudo com a maior naturalidade do mundo. E sentia-se muito menos capaz de lhe pedir que lhe explicasse detalhadamente.

– Não se preocupe, María. Já sabe para onde posso lhe mandar o dinheiro?

– Sim. Qualquer coisa que me mandar, Rosie, vai nos ajudar mais do que você imagina. Você não sabe quanto lhe agradeço, irmã. Não pode ter ideia da necessidade que passamos aqui. É inacreditável.

– Não quero que me agradeça. O que quero é que compre o quanto antes um celular. Isto é muito importante, María. Quero e preciso que você compre um celular para que possamos manter contato sempre que quisermos. Não quero ficar louca tentando localizá-la de novo. Vou lhe mandar cento e cinquenta euros. E depois vou enviando mais dinheiro, sempre que for possível.

A voz de Rosie começava a desaparecer, afastando-se pouco a pouco dos ouvidos de María como se fosse uma pipa voando no céu, indo cada vez mais alto. Pelo menos esta foi a imagem que se formou na mente de María. Quando ouviu que sua irmã lhe enviaria cento e cinquenta euros, não ouviu nada mais. Cento e cinquenta euros era muito dinheiro em Cabul. María começou a pensar na comida que poderia comprar para seus filhos, até mesmo um pouco de carne, que raras vezes haviam provado. E poderia até comprar fraldas para a pequena, porque os panos e trapos que ela punha provocavam assaduras entre suas pequenas coxas que já estavam deixando marcas em sua delicada pele. Cento e cinquenta euros. Cento e cinquenta euros. Como seria bom poder contar com uma quantia como essa todos os meses. E até menos. “Cento e cinquenta euros... Meu Deus, cento e cinquenta euros. Quantas coisas posso comprar com esse dinheiro...”

Só os gritos de sua irmã Rosie no fone sacudiram seus sentidos, anestesiados ao ouvir “cento e cinquenta euros”.

– María, María, está me ouvindo? Você está aí? – Rosie implorava desesperada, temendo que tivesse acontecido alguma coisa com sua irmã enquanto falavam ou que alguém tivesse interrompido a ligação.

– Sim, sim, Rosie, não grite, estou ouvindo. Vai mesmo me mandar cento e cinquenta euros?

– Eu sei que não é muito, María, mas é que não tenho mais. As coisas estão complicadas. Prometo que tentarei lhe mandar mais em outra ocasião. Não ganho muito no meu emprego, mas, se for necessário, pedirei a quem for preciso. Pensei até em pedir um financiamento ao banco, mas com meu cadastro não creio que me ofereçam muitas facilidades.

María não podia acreditar nas desculpas que, por uma interpretação equivocada, sua irmã lhe dava. Não era capaz de saber se o que queria fazer nesse momento era rir ou chorar.

– Pouco? Está dizendo que é pouco? – àquela altura, María já decidira que o que tinha de fazer era, sem dúvida, chorar. E era o que estava fazendo. Mas eram lágrimas de alegria, de felicidade, das que havia anos seu corpo não expulsava. – Acha que cento e cinquenta euros em Cabul é pouco, Rosie? Você não sabe o que vai fazer, irmã. Não tem a menor ideia do que esse dinheiro significa para meus filhos. E é melhor que não saiba. Obrigada, Rosie. Eu a amo. Eu a amo.

María sentiu-se ridícula, desprezivelmente absurda e nada agradecida porque de sua boca só podia sair *obrigada*, e entendia que esta palavra de oito insignificantes e ínfimas letras era pouco para todo o agradecimento e o turbilhão de sentimentos que se aglomeravam dentro de si.

– María, não me agradeça. O que precisa é reagir e fazer o que estou lhe dizendo. Em alguns dias chegará o dinheiro. E, quando chegar, quero que me avise. Combinado?

– Não se preocupe, Rosie, avisarei. Avisarei. María notava que falava por falar, que se deixava levar, meio hipnotizada, pela emoção daquele momento, sua boca se abria para pronunciar palavras que nem controlava nem ocupavam sua mente naquele momento, porque estava dominada única e exclusivamente por aquela quantidade de dinheiro que seria suficiente para sonhar por muitos dias.

– Não se preocupe, eu ligo assim que souber que o dinheiro chegou, Rosie. Não se preocupe.

De novo, Rosie não pôde evitar ser assaltada por uma pergunta antes de terminar aquela conversa com sua irmã. Era uma mulher forte e curiosa, e não tinha escrúpulos para fazer perguntas se isso servisse para esclarecer as ideias, que já eram firmes e claras. E, como sempre, encheu-se de coragem e não hesitou em formulá-la.

– María... Esse menino morto, esse da barba de que você falou...
– Rosie se calou. Sentiu que era melhor continuar na ignorância e não fazer com que sua irmã abandonasse esse estado de graça em que se encontrava. – Bem, tanto faz. Deixe para lá.

– Melhor, Rosie. Terei tempo de lhe contar depois. Eu prometo. Teremos tempo – María viu Nasrad lhe fazer gestos para desligar já. Na central telefônica não gostavam que as conversas se estendessem por muito tempo. Suspeitavam de qualquer um que tivesse necessidade de falar tanto pelo telefone, ainda mais com o exterior. Temiam que a informação pudesse lhes dar problemas. – Tenho de desligar. Um beijo, Rosie. Ligarei logo.

– Tchau, irmã. Até logo.

– Ah, espere, Rosie. Como está papai? Continua em tratamento? Em casa? Faz muito tempo que não sei dele e você não me diz nada
– María conseguiu dizer antes de desligar. – Como está papai, Rosie?

Foram milésimos de segundo, mas, para Rosie, esse impasse que a fez demorar a responder foi devastador. Sentia seu estômago sair pelas cavidades dos olhos. Pensou em desligar sem mais nem menos, de repente; assim, pelo menos restaria a dúvida se a ligação havia caído ou não.

No entanto optou por mentir. Não combinava com sua maneira de ser nem de entender a vida, mas uma verdade nesse momento só pioraria as coisas. Não era o momento de explicar o que acontecera com seu pai.

– Bem, María, concentre-se em sua situação e não pense em mais nada. Nós é que temos de ajudá-la.

Rosie não gostava de mentir e María sabia disso, afinal, era sua irmã e tinham vivido muitas histórias para não perceber quando alguma coisa não estava bem.

– Mas, Rosie...

A voz de Rosie interrompeu María bruscamente e não lhe permitiu prosseguir.

– María, ligue-me assim que receber o dinheiro no banco. E depois conversaremos, irmã. Eu a amo muito. E aqui todos a amam e estão com você. E sempre estarão. E papai também. Um beijo, meu amor.

– Um beijo, Rosie.

Capítulo 11

Um véu de tristeza e incerteza encobriu o ânimo de María naquele momento. Sentia sobre seus ombros o peso de mil toneladas que quase a fez desmoronar e beijar o chão. Era algo estranho, que a comovia e aprisionava seu peito, fazendo sua pulsação diminuir e deixando-a com dificuldade para respirar. Não tinha certeza do motivo dessa sensação até agora tão desconhecida. Nem sequer era comparável com o que sentia quando esperava que seu marido voltasse são e salvo para o abrigo onde tiveram de se esconder por conta da guerra. Naquela época, era medo. Agora, inquietude. Por que tinha a sensação de que Rosie não quisera lhe explicar mais sobre a situação de seu pai? Será que estava escondendo alguma coisa? Mas por quê? Teria acontecido algo com seu pai e estavam tentando esconder dela?

María não pensou muito mais e decidiu ligar para o hospital para se certificar de que seu pai não estava internado. Aquele mesmo hospital de Palma ao qual ele a levava mais de uma vez quando era pequena. Ela machucava os joelhos ou quebrava um braço ou uma perna com tanta frequência quanto suas brincadeiras no pátio da escola lhe permitiam.

Digitou o telefone do hospital. A seguir, ouviu uma voz monótona de mulher, parecendo mais eletrônica que humana, que se limitou a lhe dar bom-dia e perguntar o que desejava.

– Bom-dia. Poderia, por favor, me dizer se o senhor Galera encontra-se internado?

– Senhor Galera? – perguntou a voz monótona de mulher. Levou tempo para responder. – Não o encontro por aqui. Estaria registrado com esse nome?

– Sim. Senhor Galera – confirmou Maríá, nervosa. – Vou transferi-la para o andar da oncologia, porque não

consta da minha lista. Ou teve alta ou foi transferido de quarto. Vou passar a ligação.

Maríá ouviu cinco toques até que alguém atendeu o telefone.

– Oncologia.

Essa voz era mais seca e com mais autoridade. Maríá pensou que talvez fosse uma médica ou alguém com mais poder no hospital.

– Gostaria de saber se um senhor Galera está internado aí. – Um momento.

Não tardou muito e a ligação foi transferida. O “um momento” acalmou Maríá o suficiente para não pensar no pior. Até que uma nova voz, também de mulher, atendeu a chamada.

– Quem fala?

– Maríá. Gostaria de saber se há um paciente com o nome Galera internado aí.

– Aqui não está. Faz tempo que não está. Neste quarto estou só eu.

– Não está? Mas não está porque teve alta ou não está porque...?

Maríá não se atreveu a prosseguir com aquele enunciado porque realmente sentia-se assustada e não queria que suas palavras dissessem o que não estava disposta a ouvir.

– Quanto tempo faz que não está nesse quarto? – Veja, isso não posso lhe dizer. É melhor falar com algum responsável pelo hospital, que lhe explicará muito melhor o que você quer saber...

– Certo. Mas pelo menos diga-me há quanto tempo está ocupando esse quarto.

A voz de María soava como súplica, e seu interlocutor percebeu.

– Estou há três meses e meio. Mas não posso lhe dizer mais nada. Fale com o pessoal do hospital.

María desligou o telefone. Notou que suas mãos tremiam e que seu coração estava a mil por hora. Sem perder muito mais tempo, discou o telefone de sua irmã Paquita. Não estava em seus planos fazer aquilo.

Não queria falar com ela enquanto não estivesse novamente na Espanha, mas era a única pessoa que poderia lhe dizer algo sobre o estado de seu pai, já que sua irmã Rosie não o havia feito.

– Alô? – a voz de sua irmã Paquita soou tão familiar que até doeu.

– Paquita, é María. Onde está papai? O que aconteceu com ele?

– Seu pai está morto, María. Morreu há quatro meses. A frieza com que sua irmã Paquita lhe dera aquela notícia

sacudiu María brutalmente. Nunca uma frase lhe fizera tanto mal. Jamais alguma palavra a havia rasgado por dentro como aquelas. “Seu pai está morto. Seu pai está morto. Seu pai está morto.” Aquela frase retumbava com tanta força em sua cabeça que lhe fazia mal, um mal real, físico. Batia com tal força em seu cérebro que podia senti-lo contraindo-se.

Simplesmente sentiu-se morrer. Podia jurar que não restava uma única gota de sangue em suas veias. Esvaziou-se em milésimos de segundo. Um frio cortante apoderou-se de seu corpo e o deixou privado de qualquer movimento.

María jogou o telefone no chão, sem conseguir nem querer ouvir o que sua irmã Paquita dizia.

O tremor repentino que dominava seu corpo não impediu que lágrimas saíssem em tal quantidade e com tal força que María teve a impressão de que um rio corria em sua face. Um rio selvagem, impossível de conter.

Seu pai morrera e ela não sabia. Ninguém pôde localizá-la para informar-lhe que seu pai, a quem tanto amava e de quem tão próxima se sentia, apesar dos quilômetros de distância que os separavam e de suas diferentes formas de ver a vida, se fora para sempre.

Nunca mais o veria. Não mais contemplaria suas mãos fortes e robustas que desde sempre haviam chamado sua atenção; seu corpo bem desenvolvido, embora o câncer o tivesse minado em grande parte; seu rosto de homem bom. Seus olhos não mais se cruzariam com os dela, uma forma carinhosa de comunicação entre eles. Já não haveria uma tarde de conversa descontraída para lhe contar tudo o que em toda uma vida não havia lhe contado. Não tinha volta. Tudo estava acabado. E ela não tivera tempo de dizer a seu pai que gostava dele, que o amava, que estivesse onde estivesse, mesmo que fosse nos confins do mundo, sempre teria um pensamento para ele. Muitas coisas ficaram por dizer. Tantas, que María não sabia como calá-las dentro de si.

Quando Nasrad entrou na cabine, alertado pela demora de sua mulher, encontrou-a sentada no chão e afogada em lágrimas. A burca não cobria seu rosto, embora não a usasse enquanto falava ao telefone. Mas o choque motivado pela notícia da morte de seu pai a impediu de pensar no salvo-conduto de toda mulher no Afeganistão: esconder o rosto e o corpo dos outros. Naquele momento era algo secundário. Nem sequer quando seu marido a aconselhou que se cobrisse María reagiu. Não se importaria com o que acontecesse; se lhe batessem, se a açoitassem, se a apedrejassem ou se a

matassem. Não teria sentido o menor esboço de dor. Agora não tinha capacidade para sentir nada além da dor por não tornar a ver seu pai. Seu pai morrera e o mundo parecia não perceber a imensa tristeza que isso representava.

Nasrad não perdeu tempo perguntando a sua mulher o que estava acontecendo. Depois de compreender que era inútil tentar secar suas lágrimas, cobriu sua mulher e a tirou da cabine e do estabelecimento. María deixou-se levar, e não foi capaz de perceber se seu marido a arrastava, se a carregava ou se simplesmente estava levitando. Não se atrevia a assegurar-se de que ainda estava neste mundo.

Naquele momento não era a burca que a impedia de ver o que acontecia na rua. Era simplesmente a imagem de seu pai morto que seus olhos viam. Aquele pai a quem tanto sofrimento havia exposto com seu comportamento, com sua atitude e com suas decisões. Aquele pai com quem tanto discutira pelas horas em que voltava para casa ou pela decisão de abandonar os estudos. Aquele pai que não compreendia sua filha nem o que ela fazia com sua vida, mas que a amava acima de todas as coisas. Aquele pai que não pôde superar a morte de sua mulher, menos ainda a ausência permanente de sua filha. Aquele pai a quem María negara tantas informaç

ões simples, que tanta tranquilidade lhe teriam dado.

Aquele pai estava morto, e María desejou estar também. Não pensava mais em fugir do Afeganistão. Só pensava em morrer e juntar-se a seu pai.

Capítulo 12

Quando se deu conta, María já estava em casa, sentada no colchão onde Nasrad e ela dormiam todas as noites. Não poderia explicar como chegara até ali, como se livrara da burca, de seus tênis. Não é que uma nuvem negra e densa ocupasse sua mente; é que o céu inteiro havia despencado sobre sua cabeça. María sentia-se aturdida, abandonada, alienada, triste, sozinha, como jamais estivera. E órfã. Sem mãe e sem pai. *Órfã*. Nunca pensara que esta palavra representaria para ela tanta angústia e desconsolo, tão atroz e pungente sofrimento.

Não saberia dizer quanto tempo se passara até que conseguiu ver nitidamente a imagem de seu marido ao seu lado. Não pôde calcular quantas horas Nasrad passara a seu lado, olhando para ela sem entender o que estava acontecendo e sem obter resposta alguma. Era como se María tivesse perdido, além do seu pai, os cinco sentidos de uma só vez; não respondia à audição, à fala, nem se alterava diante da visão ou do olfato, muito menos do tato. Não sentia nem padecia. Simplesmente não estava. Até que a voz de Nasrad tornou a se transformar na cura para qualquer mal que a assolasse. A voz de Nasrad tornou a operar o milagre.

– Trouxe um chá. Beba. Vai lhe fazer bem.

Aquela voz entrou em seus ouvidos quente, suave, envolvente, transformada na melhor carícia que um corpo podia conhecer.

María percebeu algo que já sabia e ficou grata ao confirmar: Nasrad era um homem que sabia estar ao lado de uma mulher sem perguntas, sem pressa, sem lamentações, sem urgência, dando o tempo necessário às coisas. Esperando que tudo chegasse quando tivesse de chegar. Nem antes nem depois. Apenas em seu devido tempo.

María sentiu que devia a seu marido um sorriso e uma explicação. E, nessa ordem, saldou sua dívida.

– Nasrad, meu pai morreu.

María notou que a frase não soara tão fria e cortante em sua voz quanto na de sua irmã Paquita. Não entendeu por que, mas ficou agradecida por isso.

Estavam só os dois no quarto, e, sem que o convidassem, um terceiro hóspede juntou-se a eles: o silêncio cúmplice que uniu os dois, como tantas outras vezes os havia acompanhado e irmanado. Os dois se abraçaram, beijaram-se e dividiram um momento doce, dominado por um sentimento de paz e de tranquilidade que havia se negado a aparecer nas últimas horas. Porque tinham sido muitas as horas que María passara isolada da realidade, em seu mundo, em companhia da lembrança de seu pai, com a dor e a escuridão como única bandeira.

– Meu pai morreu, Nasrad. E eu não pude lhe dizer quanto o amava.

Quanto mais María repetia isso, com mais força seu marido a abraçava. De sua boca não saiu nem uma única palavra de consolo, simplesmente porque não havia, por mais que quisesse encontrá-la. Sua simples presença era o único consolo para María. Entretanto, não foi suficiente.

María caiu em uma depressão que durou semanas. Os dias lhe pareciam eternos, as horas pesavam e os minutos a enterravam em vida. Ninguém a ajudava. Ninguém podia. Não tinha forças para nada. Nem a presença de seus filhos conseguia acalmar o desassossego em que vivia desde que soubera da notícia da morte de seu pai. Não comia, não bebia, nem sequer queria se levantar para fazer as necessidades fisiológicas. Só dormia. Dormia quase o dia todo. E pensava. Pensava milhões de vezes em sua última estadia em Mallorca, quando seu pai conhecera o neto, Abdulah.

Tinha sido feliz com o bebê e quase não se separara dele nas poucas semanas que permaneceram na ilha.

Seu pai optara por dar a impressão de que não sabia o que estava acontecendo. Evidentemente, não gostava que sua filha tivesse ido de Mallorca para Londres sem avisar, sem explicar absolutamente nada. Nunca compreendera a atitude tão radicalmente independente que caracterizara todos os atos e as decisões de sua filha. Mas optara por não aprofundar mais a ferida. Já tinham vivido muitos momentos tensos entre pai e filha, e pouco serviram, exceto para aumentar mais a distância física, nunca afetiva, entre os dois.

María já tinha uma nova vida, um filho e um marido de origem afegã. “Minha filha se casou com um muçulmano. E pronto.” Era o que seu pai costumava dizer. Quem o ouvia não sabia dizer com exatidão se era uma simples exposição dos fatos ou um comentário um tanto depreciativo, mas ninguém quis lhe perguntar.

“Minha filha se casou com um muçulmano.” María sorria quando ouvia seu pai pronunciar essa frase, algo que fazia com bastante frequência. Sabia que o casamento com um homem muçulmano e sua conversão ao islamismo não eram o que seu pai pensara e desejara para ela. No entanto, María sabia que a vida consistia nisso: vivê-la como viesse, e não seguindo planos e cumprindo prazos traçados e estipulados no desconhecimento absoluto e na frieza do tempo.

Ambos sabiam que um não concordava com o que o outro fazia, mas o amor entre pai e filha era muito forte e robusto para que algo externo o abalasse.

María gostava de ver seu pai brincar com o neto. Era uma imagem linda que não se cansava de observar. Desenhava-se um sorriso de orgulho, de felicidade em seu rosto, que nada nem ninguém podia apagar. Nunca vira seu pai jogando-se no chão para

brincar com seus filhos quando eram pequenos, e, porém, lá estava ele no chão, em cima do tapete, no sofá, na cama, brincando com seu neto como se estivesse se despedindo.

María tardou a saber que era justamente isso que estava acontecendo, seu pai estava morrendo. E dessa vez, de verdade. Não era nada metafórico como quando sua esposa, a mãe de María, falecera e ele se sentia morto em vida. Não era nada figurado, como quando soubera que sua filha María fugira e se passaram anos até que voltasse a saber dela. Dessa vez, estava morrendo de verdade. Estava com câncer, e os médicos não estavam otimistas. Ao contrário, o realismo se fez tão forte e presente na família, que os relatórios médicos eram como facas que atravessavam todos os corações e os deixavam feridos. María tentava pôr em ordem suas recordações para que o último tempo vivido com seu pai não aparecesse em seu pensamento na forma de peças de um quebra-cabeça difícil de montar. Passou dias reconstruindo as conversas com ele, recordando seus olhares cúmplices, recriando os longos silêncios que existiam entre eles, mas que, mais que ferir, curavam as feridas passadas, revivendo de tal maneira as palavras de seu pai que lhe dava a impressão de o estar ouvindo de novo, aconselhando-a sobre isso ou aquilo.

E recordou com mais dor que ilusão as últimas palavras que seu pai pronunciara em sua presença, antes de tornar a pegar o avião que a levaria a Londres, onde seu marido a esperava. “Sei que não vou voltar a ver meu neto. Nem você. Simplesmente sei.” Ele estava morrendo, e sabia.

María arrependeu-se de não ter passado mais tempo com ele; de não tê-lo escutado com mais atenção; de não ter falado mais das coisas que os uniam e menos das que os conseguiam separar; de não ter lhe explicado quanto o amava, quanto lhe agradecia por tudo o que fizera por ela; de não ter lhe transmitido a alegria que sentira ao vê-lo tão feliz com o neto. Odiou-se por não ter ligado para ele no mesmo dia em que se casara com Nasrad, por tê-lo

privado de tantos meses repletos de alegrias desde que seu neto nascera. Torturou-se pensando no que poderia ter representado para sua recuperação tê-los por perto, ela e seu filho, e jurou que nunca se perdoaria, que teria de viver com isso pelo resto da vida. Por ter sido egoísta e pensado só no próprio bem-estar, e ter fechado os olhos às necessidades de quem lhe dera a vida. Haviam ficado tantas coisas por dizer, que aquela ausência lhe provocava uma dor insuportável; sentia o peso na consciência lhe arrebatando o ar, que já não conseguia entrar normalmente em seus pulmões. María sofreu durante semanas. Mas não se queixou nem um único dia. Aceitava o castigo que, em seu entender, merecia, ela abandonara seu pai e agora ele tinha ido embora, abandonando-a também.

María não queria sair, nem falar com as vizinhas, nem visitar a família de Nasrad. Sequer a possibilidade de encontrar ajuda na embaixada espanhola conseguia abstra -la de seu estado de depressão.

Tudo o que se fazia para ajudá-la e tirá-la daquele estado era inútil. María decidira trancar-se em si mesma, e não parecia disposta a abandonar essa clausura.

S  alguém com muito poder na vida de María podia conseguir. E assim foi.

Capítulo 13

Certo dia, Nasrad voltou para casa antes do previsto. Chegou com uns papéis na mão. Entrou no quarto, sentou-se ao lado de María e começou a falar com ela:

– Sua irmã lhe mandou o dinheiro. Isto pode ser a porta para o seu país, para o seu mundo, para um futuro melhor. Agora, depende de você continuar nesse estado de abandono ou, ao contrário, reagir, levantar-se e se comportar como o que é: uma mulher esperta, inteligente, responsável, forte e segura de si. A mulher por quem me apaixonei um dia, por quem continuo apaixonado e continuarei até o dia em que morrer, aconteça o que acontecer. Agora, María, você decide. Como sempre fez. Desistir e perder ou lutar e ganhar. Não importa o que decidir, eu estarei com você. Ao seu lado. Sempre.

Depois de ouvir aquelas palavras, María sentiu que algo nascendo-lhe por dentro a obrigava a se levantar daquela cama em que seu corpo estava há muito tempo prostrado, abatido e abandonado à sorte que o destino ia traçando. Passara dias, semanas, sem se levantar, e uma sensação de vertigem se apoderou dela. Mas foi só um instante. Logo o remédio que as palavras de Nasrad representavam fez efeito. Seu marido tinha razão. Seu pai estava morto, e ela não podia fazer mais nada. Agora sua irmã lhe enviava um aviso em forma de transferência bancária para que se levantasse e tocasse a vida. E sentiu que devia isto a todos. Também ao seu pai.

María investiu os primeiros minutos de sua volta à vida em se lavar, comer alguma coisa, estar com seus filhos, que abraçou como se não os visse há anos, e pedir desculpas a Nasrad.

– Sinto muito. Sei que me comentei mal, e que você sofreu vendo-me nesse estado. Prometo que já acabou, que começo de novo a lutar e que conseguiremos sair daqui todos juntos – María fez uma pausa para tomar ar e prosseguir. Sentia-se forte e estranhamente esperançosa. Não sabia por que, mas gostava daquilo. – Esta tarde mesmo quero ligar para minha irmã. Você me acompanha à central telefônica?

María sabia que era uma pergunta quase retórica e que seu marido a acompanharia sem pôr nenhum tipo de obstáculo. Nasrad mostrava-se feliz por tornar a ver sua mulher com vontade com aquela prontidão de que sempre se orgulhara e que nem mesmo o regime talibã havia conseguido aniquilar.

María queria falar com Rosie, contar-lhe o que havia acontecido. Precisava recuperar sua vontade de viver, de falar, de fazer todo o possível para que a volta a seu país fosse imediata. E precisava fazer isso o quanto antes.

Quando entrou na central telefônica, as suas pernas tremeram. Principalmente quando o atendente a mandou entrar na mesma cabine em que, semanas atrás, sua irmã Paquita lhe havia soltado a frase mais fria e dolorosa que recordava ter escutado na vida: “María, seu pai está morto”.

Encheu-se de brio, como em muitas outras ocasiões, e entrou. Discou o número de Rosie, sem tirar os olhos do teclado, e esperou resposta.

Quando a obteve, quando ouviu em primeiro plano a voz de sua irmã Rosie, María não pôde conter as lágrimas. E desabou.

– Rosie, papai morreu. Papai morreu, Rosie. María quase não conseguia falar, porque as lágrimas iam se alojando sem licença em sua garganta e lhe impossibilitavam a fala, e Rosie não podia acreditar no que estava ouvindo.

– Eu sei, María querida, eu sei que papai morreu. Mas quem lhe contou? Como soube?

– Liguei para o hospital mas ele não estava lá – María contava enquanto tentava controlar o soluço daquele repentino pranto. – Depois liguei para Paquita e ela me contou. Ela foi tão fria, Rosie, falou sem mais nem menos, como se estivesse me dizendo a coisa mais banal do mundo. “Seu pai está morto”, e aí não aguentei mais... e desabei. Fiquei muito mal, Rosie.

– Você falou com Paquita? – Rosie estranhou, mas decidiu não fazer mais perguntas. – Desculpe, María, eu devia ter lhe contado. Mas achei que era conveniente que não soubesse. Sua situação já estava difícil... E, no fim, você ficou sabendo. E não por mim.

– Rosie, quando ele morreu?

– Em janeiro. Teve uma crise e não consegui superá-la. Foi tudo muito rápido. Pelo menos foi o que disseram os médicos. Ele estava lúcido, mas nos garantiram que não sofreu.

– Rosie, ele perguntou por mim em algum momento? – María quis saber, com medo de que a resposta de sua irmã não fosse exatamente afirmativa.

– Claro, María. Evidente que perguntou por você. A toda hora. Não passou um único dia sem que perguntasse por você e por seu filho. Não parava de dizer que nunca mais poderia ver o neto nem a filha, e isso o entristecia, embora tentasse fazer com que não notássemos. Você sabe como papai era, María...

Rosie julgou intuir no silêncio que dominava a comunicação que sua irmã precisava saber um pouco mais. Queria continuar ouvindo palavras que descrevessem os últimos momentos que seu pai vivera.

– Ele sabia tudo o que estava acontecendo com você, María. Embora você não lhe dissesse nada. Não me pergunte como, mas

ele sabia. Sentia que você não estava bem, que estava sofrendo, e se martirizava com o fato de não poder fazer nada por você. Veja, ele até me disse, coitado, que, se soubesse que conseguiria, iria ele mesmo andando de Palma até o lugar onde você estava para encontrá-la e ter a possibilidade de lhe dar um abraço.

María sentiu o coração saltar dentro do peito quando ouviu aquelas palavras de Rosie. Era isso mesmo que ela pensara muitas noites, enquanto os planos de fuga e de volta à Espanha ocupavam suas longas noites de insônia. Mil e uma vezes pensara quanto tempo levaria se saísse de casa uma noite e andasse até chegar à Espanha. Podia parecer ridículo, impossível, até uma loucura, mas houve noites em que teve de olhar para Nasrad e seus filhos para decidir não fazer aquilo.

A voz de sua irmã a devolveu pouco a pouco à realidade. – Além do mais, suas últimas palavras foram para você, María.

O último pensamento não foi para nenhum de nós que estávamos ali, ao lado de sua cama, e sim para você.

María ficou calada, esperando que sua irmã Rosie lhe dissesse quais haviam sido essas últimas palavras.

– O que ele disse, Rosie? O que papai disse sobre mim? – Pediu-me que a protegesse – dessa vez era Rosie que sentia sua voz falhar. – Que cuidasse de você, María. Que estivesse sempre perto de você, que não lhe permitisse nem um único silêncio mais, nem uma única aventura mais que a pudesse afastar de sua família, de nós. Papai me pediu que ficasse de olho em você para que não fizesse mais loucuras. E eu prometi a ele, María. E pretendo cumprir – Rosie respirou fundo e prosseguiu. – E ele garantiu que lá de cima estaria vendo tudo e que assim saberia se o havíamos atendido ou não.

– Ele disse isso? – María conseguiu dizer entre soluços. – Sim, María. E digo que me comprometi com isso. E é o que

pretendo fazer. E espero que você me ajude. As duas irmãs compreenderam que era o momento de deixar

as lágrimas e a queimação na garganta de lado e cuidar da parte prática.

– Nasrad me disse que o dinheiro chegou, que já está no banco – a voz de María parecia diferente quando decidira mudar de assunto,

como se tivesse sofrido uma transformação e crescido nos últimos três segundos.

– María, não quero que Nasrad pegue o dinheiro. Esse dinheiro é para você, e quero que o utilize como julgar oportuno. Não quero que nos encontremos diante de uma desagradável surpresa. Quero que você cuide do dinheiro. Está claro?

Quando acabou de dizer aquilo, Rosie sentiu que talvez seu tom não fosse o mais correto para o momento. Tinha sido dura e diligente como costumava ser. E temeu que sua irmã não entendesse da maneira certa.

– Rosie, é o que eu pretendia fazer. Nasrad não pegou nada que não lhe pertencesse, mas quero lembrá-la de que é meu marido e que ele é quem está me ajudando a seguir em frente. Por favor, não torne a me dizer que duvida dele, porque não vou permitir.

– María, não é isso. Desculpe se me expliquei mal. O que quero lhe dizer é que me importo é com você. Não digo que Nasrad não seja bom, mas quem eu conheço e amo é você. E por isso estou lutando. – Rosie preferiu mudar de assunto para evitar que o tom da conversa se complicasse por uma bobagem. – Já comprou o celular? Lembre-se, María, de que é a primeira coisa que quero que faça.

– É o que vou fazer quando acabar de falar com você. Nasrad me acompanhará ao banco, tiraremos o dinheiro e imediatamente compraremos o celular.

– Como vão os trâmites na embaixada da Espanha? – Mal, Rosie. Muito mal. Ninguém quer fazer nada, ou talvez

realmente não possam fazer. Cada vez que entro em uma embaixada ou lhes mando uma carta sinto-me tola e impotente. É como se eu soubesse que de nada vai servir, que nada nem ninguém vai me ajudar a sair daqui. Rosie, não entendo para que existe a embaixada se não pode ajudar uma espanhola em uma situação como a minha. Imagino que é para isso que estão em um país como este. Não entendo, sinceramente. É demais para mim.

– Continue tentando, María. Não esmoreça nem desista. Seria o pior a fazer. Eu prometo que estou fazendo todo o possível para tirá-la daí.

Rosie hesitou em contar a sua irmã, mas no fim decidiu dividir a ideia que acalentava há alguns dias:

– Pensei em ir aos jornais para contar sua história. Eles podem pressionar mais, e esse tipo de matéria sempre chama a atenção. E também consegui marcar hora em alguns órgãos oficiais. Depois lhe conto como foi. Por isso é muito importante que você compre o celular, María. Preciso entrar em contato com você a qualquer momento, não posso ficar esperando que você me ligue. – Não se preocupe. Esta noite mesmo eu ligo e lhe dou o

número. Muito obrigada por tudo, Rosie.

– Já disse que não precisa me agradecer, María. Você é minha irmã, e, além do mais, prometi a papai.

Rosie não podia suportar que sua irmã lhe agradecesse a cada instante. Sentia-se mal, como se cada vez que María pronunciasse a palavra *obrigada* lhe lembrasse de que não estava fazendo o suficiente para tirar sua irmã dali.

– Então, espero sua ligação esta noite. Não demore. Um beijo,
María.

– Tchau, Rosie.

Capítulo 14

Os dias que se seguiram a essa conversa entre as irmãs transcorreram sem grandes novidades. Os primeiros foram mais fáceis, pois o dinheiro que Rosie havia mandado serviu a María para amenizar, mesmo que temporariamente, as grandes necessidades que sua família passava, a penúria em que viviam. Comprou o celular que tanto sua irmã insistira, mas logo compreendeu que depositara esperanças demais esperando que o aparelho se tornasse o transmissor de boas notícias, e que o fizesse imediatamente. Assim, quando isso não aconteceu, reinou a desesperança. E de ambos os lados.

María decidiu percorrer todas as embaixadas que achava que lhe ofereciam mais confiança. Esteve na do Reino Unido, na da França, tentou até a dos Estados Unidos. Mas o final era sempre o mesmo. Com palavras delicadas, recomendavam que o mais oportuno era que pedisse ajuda em sua embaixada, a espanhola.

Mas o que lhe propunham só representava mais problemas. Também descobriu o endereço de alguns organismos nacionais e principalmente internacionais e enviou-lhes cartas relatando sua situação e o rosário de vicissitudes por que vinha passando nos últimos anos. Alguns desses organismos, como o de Ajuda à Mulher, envolveram-se em seu caso e conseguiram lhe arranjar um pouco de dinheiro, comida, roupa e até um trabalho temporário.

Em Mallorca as coisas não estavam muito melhores. Rosie falou com vários meios de comunicação locais e narrou-lhes a aventura de sua irmã María. Não se sentia bem fazendo aquilo; não lhe agradava ter de responder às perguntas e, principalmente, dar explicações sobre a vida de sua irmã e o porquê de sua atual situação. Mas compreendia que era uma das maneiras mais rápidas e efetivas de o

mundo saber que sua irmã estava abandonada e sozinha em um país estrangeiro e que ninguém estava lhe dando apoio.

Rosie não teve sorte em sua peregrinação pelos gabinetes importantes em cujas portas bateu e nos quais entrou acolhida por boas palavras e gestos gentis. Mas, na hora da verdade, nenhuma daquelas pessoas lhe deu a ajuda necessária. Tanto que, no fim, nenhum daqueles que usavam bons gestos e belas palavras a atendiam quando Rosie ligava e insistia em dizer que sua irmã já passara tempo demais no Afeganistão e que alguém devia tirá-la de lá. No fundo, essa hipocrisia não a surpreendeu muito. Sempre imaginou que a resposta que obteria naqueles lugares seria o chamado silêncio institucional.

O desespero chegou a tal ponto, que Rosie pensou que seria melhor tirar sua irmã do Afeganistão por outros meios menos oficiais e, evidentemente, nada legais. Naquele momento pouco lhe importava que a saída de María daquele inferno não fosse feita por meio dos trâmites regulamentares, dentre outras coisas, porque estes não permitiam um rápido retorno para casa. A única coisa que lhe importava era que sua irmã saísse de lá, e depois poderiam discutir sobre a conveniência dos métodos utilizados.

Por meio de um amigo, soube que na prisão de Zaragoza havia um presidiário de procedência muçulmana que renunciara a sua crença religiosa e sua nacionalidade afegã. Rosie passou noites inteiras pensando em organizar uma viagem ao Afeganistão, com a ajuda deste detento, que tinha contatos de conhecidos bandidos de seu país que ajudariam María, em troca de uma nada módica quantia, a sair de lá. Para isso seriam necessários coragem e dinheiro. Rosie tinha a primeira, mas carecia do segundo. Houve vários dias em que ela se mostrou convencida a empreender essa peculiar façanha que ocupava então suas ilusões. Mas, como se as expectativas de sucesso já não fossem suficientemente desalentadoras, um advogado amigo lhe disse que essas coisas só davam certo nos filmes, e que a realidade era bem diferente. Rosie

não ficou muito convencida com a explicação, porém teve de acatar seu conselho.

Optou por encontrar sua irmã e tirá-la do Afeganistão pela via legal. Quem sabe se dessa vez teria mais sorte. Tornou a bater em dezenas de portas de importantes gabinetes oficiais, grandes e pequenos, nacionais e internacionais. Todos diziam a mesma coisa: "Lamentamos, não podemos ajudá-la. O assunto é muito complicado e a situação extremamente delicada. Há uma guerra naquele país, e as possibilidades de tirar sua irmã e os filhos com sucesso são nulas".

Rosie saía desses lugares com mais força do que havia entrado, porque tinha certeza de que, sem a ajuda desses homens que usavam ternos caros, sentavam-se em sofás de couro, pisavam em tapetes persas e ofereciam gentilmente bebidas a seus interlocutores, não seria capaz de tirar sua irmã do Afeganistão. E a impotência que sentia diante da falta de apoio dessas pessoas, que poderiam ter a volta de sua irmã nas mãos com um simples estalar de dedos, dotava-a de mais força e mais vigor para conseguir pelos próprios meios.

Mas a esperança brilhou para Rosie vinda de uma direção até então desconhecida.

Capítulo 15

Fazia uma semana que sua tia de Barcelona, uma de suas preferidas e com quem María havia passado mais tempo na infância, lhe telefonara para dizer que tinha uns amigos que trabalhavam como cozinheiros na embaixada espanhola em Cabul. E que eles tinham certa amizade com um guarda-civil de nome José, que, além de ser excelente profissional, era ótima pessoa.

Sua tia havia pensado que talvez esse guarda-civil pudesse prestar alguma ajuda a sua sobrinha e orientá-la quanto aos passos a dar para poder ajeitar e formalizar sua situação.

Rosie não sabia se gritava de alegria ou de raiva e desespero por não lhe ter contado antes a história de sua irmã.

– Esses amigos meus me pediram seu celular, Rosie, e evidentemente lhes dei. Dizem que falaram com o guarda-civil José e que ele garantiu que fará todo o possível para ajudar María, mas antes quer conhecer sua história e os motivos pelos quais ela está há tanto tempo no Afeganistão. E, por isso, quer falar com você. Ele vai ligar para você em breve, se é que já não ligou.

– Não, tia. Ninguém me ligou ainda. Mas não sabe a alegria que me dá se isso for verdade.

– Claro que é verdade, filha. Esses amigos meus são pessoas sérias e, assim que souberam da história de María, não hesitaram em me oferecer ajuda.

– Sim, tia, não duvido. Mas é que já vi tantas coisas, tantas boas palavras e tantas rasteiras que já não sei em quem acreditar nem a quem dar ouvidos.

A ligação da tia pegara Rosie em um desses maus momentos. Estava com o moral no chão, e o ânimo seguia o mesmo caminho, enquanto seu otimismo, em vez de uma bandeira, era uma espécie de lápide que caía em cima dela cada vez que tentava se iludir com uma ligação, uma reunião com um político ou um encontro com um jornalista.

Há tempo demais alimentava falsas esperanças e utópicas expectativas de ajudar sua irmã a sair do Afeganistão e, sempre que achava estar perto de conseguir, vinha alguém e acabava com tudo, com a mesma facilidade e crueldade com que se derruba um castelo de areia feito por uma criança na praia. Assim ela se sentia, como essa criança que, depois de muito esforço, via alguém destruir o que tanto lhe havia custado erguer e a deixava ali, sozinha e abandonada, olhando para os restos de sua obra despedaçada.

Mas dessa vez parecia diferente. Pelo menos não tardou a receber aquela ligação.

– Dona *Rosa* ? Olá, é José. Estou ligando de Cabul. Imagino que sabe quem sou.

– Claro, seu José. Muito prazer, e obrigada por ligar – Rosie não pôde evitar, e a ânsia que a impedia de dormir e comer durante os últimos dias a traiu e a levou a se adiantar: – Vai poder fazer algo por minha irmã?

Rosie julgou adivinhar pelo fio do telefone um meio sorriso de José, que entendia perfeitamente a veemência com que ela havia formulado a pergunta.

– Espero que sim, dona *Rosa* . Acredite, vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance. Mas, para isso, a senhora precisa me explicar um pouco o que aconteceu e me fornecer uma maneira de entrar em contato com ela – talvez o guarda-civil tenha notado que suas palavras não tinham convencido Rosie totalmente, e por isso decidiu acrescentar certa credibilidade a seu discurso, o suficiente

para dotá-lo de uma mínima tranquilidade que fizesse com que Rosie abandonasse a tensão que a mantinha rígida naquele momento. – Veja, dona *Rosa*, não tenho nenhum interesse em mentir. Soube do caso de sua irmã e quero ajudá-la.

– Obrigada, seu José. Não sabe como agradeço por sua ligação e sua sinceridade. E desculpe se estava um pouco fria no início, mas procure entender o que estamos passando...

– Fique tranquila. Vamos deixar a formalidade de lado? É mais fácil para ambos, não acha... Rosa ?

Rosie não tardou a informar a ele a situação em que sua irmã se encontrava. Pelo menos até onde ela conhecia. Contou a José todos os passos legais que tentara para conseguir que alguém solucionasse o problema dos documentos, mas ninguém sabia como fazê-lo. Rosie achava curioso observar que, na maioria dos casos, a contradição se instalava nas ambíguas respostas dos interlocutores, que tentavam mais se esquivar daquele compromisso que encontrar uma forma de tirar *María* daquele inferno. Na Espanha, diziam-lhe que os documentos tinham de ser fornecidos pelo Afeganistão e, naquelas terras, asseguravam a *María* que os trâmites deviam ser feitos em seu país de origem. E, por conta da ineficácia de uns e da falta de vontade de outros, sua irmã continuava em Cabul.

José garantiu a Rosie que nos próximos dias ligaria para *María*. Mas recomendou encarecidamente que não comentasse com ela sobre seu cargo policial. Era preferível dizer que José era voluntário da embaixada a afirmar que era guarda-civil ali alocado, porque isso poderia acarretar-lhe vários problemas com seus superiores se viessem a saber que ajudava pessoas fora de suas atribuições profissionais e por sua conta e risco. Consequências nada agradáveis.

Rosie podia ter avisado *María* muito antes, mas preferira se assegurar das possibilidades reais que existiam antes de criar falsas

esperanças em sua irmã, para que não fosse pior a emenda que o soneto.

O celular de María tocou justamente quando dava banho nas crianças. Pediu a seus filhos que continuassem se lavando sozinhos até que ela voltasse e, enquanto se encaminhava para onde estava o celular, que não parava de tocar a musiquinha associada a sua irmã, pensou nela. Era a única pessoa que tinha esse número e, evidentemente, a única que lhe ligava. Talvez tivesse novidades ou talvez fosse só uma ligação de apoio e de carinho.

Quando pegou o celular do chão e viu na tela um número que lhe era estranho, María franziu o cenho. “Quem p ode ser? Ninguém tem este número. Que estranho.”

Durante alguns instantes pensou na conveniência de atender ou deixar tocar até que caísse na caixa postal e que quem quer que fosse deixasse uma mensagem. Mas logo descartou aquela ideia absurda. “Talvez sej a alguém que possa me ajudar. Não vou ficar com receios a esta altura.”

María levou o celular ao ouvido e atendeu, entre a incredulidade e a desconfiança...

– Alô?

– María Galera? – José esperou uma resposta afirmativa do outro lado do telefone e prosseguiu o discurso que, reconheceu, andara ensaiando para evitar inquietar María diante de uma voz desconhecida de homem. – María, meu nome é José, sou voluntário da embaixada espanhola. Quem me deu seu número de telefone foi sua irmã Rosa .

– Rosie lhe deu meu número de telefone? Ela não me disse na...
– então María se lembrou da ligação de sua irmã em que falava de um rapaz que trabalhava na embaixada espanhola e que poderia lhe dar uma ajuda. – Ah, sim, José! Desculpe, é que me pegou com a

cabeça em outro lugar. Claro que minha irmã me falou de você. Mas, sinceramente, não achei que fosse me ligar tão cedo. É que prefiro não me iludir muito, entende?

– Eu compreendo. Não se preocupe. María, pensei em ir até sua casa para conhecer um pouco mais de sua história e ver em que posso ajudá-la. Se precisa de algum alimento, um pouco de roupa, alguma licença especial... Não sei. Vai estar em casa esta tarde?

– Sim, claro, não pretendo sair. Podemos tomar um chá aqui. Além do mais, meu marido, Nasrad, estará em casa esta tarde e assim poderá conhecê-lo. Vou lhe passar meu endereço e você vem quando quiser.

– Ótimo. Estarei aí, María. Até a tarde.

– Até logo, José. E obrigada.

Capítulo 16

A entrada de José na vida de María foi quase um milagre. Em questão de semanas, ela ia testemunhando os infinitos entraves que lhe haviam imposto para obter qualquer tipo de documentação, quando ia às embaixadas em busca de ajuda, simplesmente desaparecerem quando José iniciava qualquer trâmite burocrático.

Aquele guarda-civil, escondido sob o disfarce de secretário voluntário da embaixada espanhola, tornou-se um verdadeiro anjo da guarda para María, que nunca soube da verdade sobre sua profissão.

Sentia que aquele homem sabia mais coisas dela que as que ela mesma lhe havia contado e confessado em suas muitas conversas. Porque José também havia se transformado em um confessor, em alguém em quem María podia depositar seus desejos, suas dúvidas e seus temores sem que o medo de uma possível traição se instalasse dentro dela. José sabia perfeitamente o que ocupava os sonhos de María: sair daquele país, com seus filhos e seu marido. Os quatro juntos voltando para a Espanha. Este era o único desejo de María, que, porém, sabia ser difícil de realizar pela falta de documentos e de dinheiro e pelas fortes tradições afegãs, que não permitiam à mulher tomar as próprias decisões. María temia que seus filhos, por terem nascido no Afeganistão, não tivessem a mesma facilidade de sair daquele país se tivessem nascido na Espanha ou em qualquer país europeu. Isso facilitaria sua saída, e até poderia garanti-la se um dia conseguissem o dinheiro. Mas nem uma coisa nem outra eram possíveis aos olhos de María, e ela preferia não se perder em especulações que, com o tempo, trariam mais sofrimento que alegrias.

José se tornara sua pessoa de confiança em Cabul. E María tinha a impressão de que ele sempre estava dois ou três passos à frente

dela. Antes que pudesse confirmar qualquer dado sobre si mesma, José já o sabia e o havia utilizado. E assim era realmente. Não era uma impressão de María, embora ela desconhecesse a natureza dessa sabedoria nata de seu anjo da guarda. José alcançara aquela posição privilegiada em sua vida graças às informações que ia obtendo de Rosie, mas María só descobriria isso mais tarde. Do contrário, poderia ter arruinado os planos de saída que tanto José quanto Rosie estavam projetando sem que María soubesse, para sua própria segurança.

Um dia, José recebeu uma ligação. Ouviu a voz de María, que evidenciava um estado de histerismo tal que até ele custou a reagir. As palavras se atropelavam em sua boca, e, longe de qualquer pronúncia audível e coerente, sua fala era uma confusão de sons, gritos e choro que José tinha dificuldade de acompanhar e entender.

María estava ainda em estado de choque por conta do que acabara de presenciar minutos antes em uma das ruas de Cabul. Sentia-se incapaz de assimilar a imagem que permanecia cravada em sua retina e da qual dificilmente se livraria, por mais que vivesse e por mais horror que conhecesse durante os anos que lhe restavam de vida.

Seu nervosismo, arfante e constante, fez José temer pelo pior; ele ouvia atônito do outro lado da linha, sem possibilidade de acalmá-la. Não sabia como tentar dar forma ao acúmulo de soluços, lamentações e gemidos que María exalava.

– Menino, morto, na rua! Foram eles, meu Deus, meu Deus!... José segurava o fone com força enquanto sentia seu rosto

adquirir uma estranha rigidez que o obrigava a manter os olhos mais abertos que o habitual. Tentava encontrar algum sentido nas palavras que María ia cuspiendo sem lógica alguma aparente. Mas não era nada fácil.

– María, preciso que se acalme. Do contrário não vou poder ajudar. Entende o que estou lhe pedindo? – José deu graças a Deus por ser um homem educado e equilibrado, e que dificilmente ficava nervoso. Esta virtude lhe permitia não mostrar um estado de ânimo alterado, o que complicaria ainda mais as coisas. – Agora me conte o que aconteceu. Seja o que for, já passou María. Tente se acalmar e me diga o que aconteceu.

Depois de ouvir e assimilar as palavras de José, María sentiu sua respiração se acalmar; o tremor generalizado que se apoderara de seu corpo ia se apaziguando e os soluços que a dominavam há quase quarenta e cinco minutos agora tornavam-se quase imperceptíveis. Não sabia muito bem se seria capaz de reviver tudo que acontecera diante de seus olhos e de sua família, mas tentaria.

E María começou a recordar:

– Tínhamos saído para comprar óleo e pão. Estava um dia bonito, e decidimos levar as crianças, porque estavam há muitos dias sem sair de casa e queríamos que tomassem um pouco de ar, de sol.

María lembrava que havia muita gente na rua, porque aquele era um dia de compras em Cabul. Percorreram com as crianças os diversos pontos onde costumavam vender de tudo e de todas as cores, o que sempre surpreendia Abdulah e Nuria.

– Passamos por uma loja de doces e as crianças pediram que comprássemos um. Não costumamos fazer isso, porque é um gasto que não podemos nos permitir, mas Nasrad considerou que também não aconteceria nada se um dia fizéssemos um capricho às crianças. Eram doces de amêndoas e mel. Abdulah adora, e só de vê-lo sorrir e de ver a cara de anjo que faz quando lhe dou um valeria a pena comprá-lo todos os dias.

María fez uma pausa. Sabia que estava chegando o momento que não queria recordar e que teria de transformar em palavras, e sentia-se em pânico. Mesmo assim, continuou:

– Enquanto meu marido pagava aqueles doces, desviei o olhar para a praça e vi que entre toda aquela gente havia um menino, da idade de Abdulah, brincando com um revólver de mentira, um brinquedo que pode até ter sido feito por seu pai ou seu irmão mais velho. Estava brincando sozinho, com o revólver na mão. E, de repente, chegou um soldado. Pude vê-lo claramente se encaminhar em direção ao menino, decidido, com passo firme, e, sem abrir a boca nem dar uma palavra, pegou uma de suas armas, dirigiu-a à cabecinha do menino... e atirou!

María ia contando que as pessoas que se encontravam perto do garoto naquele momento abriram o círculo e, movidas pelo horror e pelo medo, correram para o outro lado, na direção contrária. Algumas ficaram olhando para ele, que jazia morto no meio da grande poça de sangue que brotava de sua pequena cabeça. O militar que atirara tornou a guardar sua arma na cintura e foi embora.

Quando outro militar se aproximou para perguntar o que tinha acontecido, o desapiedado executor respondeu, com a mesma frieza com que apontara segundos antes para a cabeça do menino, que aquela criança estava apontando um revólver para ele e que não podia saber se a arma era de verdade ou de mentira, por isso decidira atirar. A resposta pareceu do agrado do companheiro, e ambos saíram dali.

O corpo sem vida do menino continuou durante bastante tempo jogado no chão; jazia imóvel, na mesma posição em que caíra, com o revólver de brinquedo a poucos centímetros de seus pés. Ninguém se atreveu a tocá-lo, ninguém se aproximou nem para saber se estava vivo ou morto, por medo de aborrecer os militares e sofrer qualquer tipo de represália, como tinha acontecido com aquele menino.

Passados alguns minutos, quando os curiosos decidiram abandonar seu lugar privilegiado como testemunhas oculares, um

homem de meia-idade, com o rosto transfigurado e totalmente lívido, aproximou-se do menino, seu filho de quatro anos, pegou-o no colo, disse umas palavras inaudíveis e dirigiu seu olhar aos militares que haviam permitido tal execução, e agora observavam a cena imóveis, sem nenhum interesse e com bastante desprezo. Por um momento temeu-se o pior. Mas aquele homem se levantou com seu filho no colo, deu meia-volta e se perdeu entre a multidão. Só Deus sabe o que passou pela cabeça daquele homem enquanto levava seu filho morto nos braços.

María olhou para Abdulah. Seu filho ainda não tivera tempo de desfrutar o mimo inesperado que representava para ele a compra do doce de amêndoas e mel. E não pôde evitar pensar o que teria acontecido se, em vez de um doce, ele tivesse pedido um brinquedo em forma de revólver e se, como aquele menino que voltava morto no colo de seu pai, tivesse ido brincar na praça. E María sentiu um mal-estar em forma de ansiedade que a ia dominando.

Por sorte, seus filhos não viram a cena. Nasrad se encarregara de distraí-los. Sabiam que alguma coisa tinha acontecido, porque sentiam a tensão no ar, mas seus olhos não conseguiram ver nada.

– O que foi, mamãe? O que foi, papai?

– Nada, filho, nada. Segure bem seu doce para não cair. María – dissera Nasrad – , vamos embora daqui agora mesmo.

Aquilo lhe doía, e muito mais enquanto contava para José. Não conseguira assimilar nem abandonar aquela cena em algum lugar de sua mente, como tanto desejava. Mas voltou à realidade. José estava do outro lado da linha e sabia bem o que queria lhe dizer.

– José, você precisa nos ajudar a sair daqui. Não suporto mais. Esse menino poderia ter sido meu filho, e pode sê-lo amanhã. Eu não quero que isso aconteça. José, por favor, se puder realmente fazer algo por mim, faça agora, tire-me daqui.

– María, acalme-se, e não fale essas coisas por telefone. Fique em casa até que eu volte a ligar. Não saia com ninguém, nem com seu marido. Está me ouvindo? Com ninguém. Espere minha ligação. Eu juro que ligo assim que for possível. Entendeu?

Fazia muito tempo que María não ouvia ninguém jurar. E surpreendeu-se. Mas foi uma surpresa boa, não sabia por quê. E decidiu aceitar as condições que seu anjo da guarda impunha.

– Está bem, José. Não sairei de casa. Vou esperar que me ligue. Mas não desapareça. Prefiro que me diga e seja sincero comigo. Depois de tudo o que passamos, eu não poderia suportar uma nova decepção, menos ainda vinda de você.

A voz de María se tornara séria e digna, e tinha um tom de frieza que contrastava com os lamentos aterradores que havia proferido minutos antes.

– Não vou desaparecer. Confie em mim, María. José pronunciou essas palavras enfatizando cada uma delas,

como querendo, mais que conseguindo, tranquilizar María. – Sempre confiei – ela afirmou friamente.

Capítulo 17

Passou-se mais de uma semana e José não ligara para María. Ela temeu o pior, mas, curiosamente, e longe do que imaginara nos primeiros dias, quando seu então anjo da guarda não fizera a tão esperada ligação, não sentia ódio nem raiva, nem sequer estava enfraquecida ou decepcionada diante do silêncio de José. Simplesmente o aceitava como vinha. “Se não liga é porque não tem nada para me dizer. E talvez seja melhor assim.”

María aprendera com facilidade assombrosa a aceitar os embates do destino. E este que estava aguentando prometia ser mais um entre tantos.

Mas não havia rancor nem raiva em relação a José. Nem uma única sombra de ressentimento. O nada absoluto. María simplesmente não confiava mais nas pessoas, e decidira aceitar seu destino e sua nova vida. Seria em Cabul, como mulher afegã; seus filhos se criariam como tais e seu marido trabalharia para sustentar a todos. Qualquer futuro melhor passaria por Cabul. Não fazia sentido pensar em outro horizonte melhor e mais distante. Acabaram-se os sonhos. A crua realidade pesava demais. E María decidira suportar esse peso e carregar a carga com resignação e dignidade. Pelo menos isto lhe restava.

A onda de pessimismo que assolava o coração de María quebrou-se delicadamente com o toque de seu celular. Por um momento ela pensou que poderia ser José, que finalmente dava sinais de vida e surgia novamente para projetar um pouco de esperança em sua vida. Mas estava enganada. Era o número de Rosie que piscava na tela de seu celular.

– María?

– Sim, Rosie. Tudo bem?

– José ligou? Você o viu?

María estranhou a urgência e o interesse de sua irmã por José, sem dedicar sequer um minuto para lhe perguntar por seus filhos, por ela, enfim, para saber sobre seu estado de ânimo, como costumava fazer sempre que ligava. Daquela vez, o único interesse que ela mostrava era pela ligação de José.

– Não, José não me ligou. Faz bastante tempo que não sei nada dele. E temo que não o tornemos a ver, Rosie. É melhor nos acostumarmos.

– Mas que bobagem, María! Não deve ter ligado porque está cuidando de algo muito importante que ainda não posso lhe dizer. María, não diga bobagens, espere que José ligue. E, quando ligar, faça o que ele mandar. Você está me escutando? Está entendendo? María não conseguia compreender por que tanto segredo. O que de tão importante José estava fazendo que sua irmã não podia dividir com ela? Por que não tinha ligado todo aquele tempo se lhe rogara que o fizesse assim que possível? E por que sua irmã lhe dizia para não dizer bobagens?

María chegou a pensar, por um momento, que estava sob os efeitos de algum produto alucinógeno que a impedia de pensar com clareza. Ou, então, que alguém estava organizando sua vida sem que ela tivesse conhecimento nem direito de decidir nada.

– María, você está me ouvindo? Está entendendo, irmã? – Não, Rosie. Não entendo nada. Como vou entender se não me explica o que está acontecendo? É complicado, sabia? – Ouça, María. José vai ligar a qualquer momento. Assim que

puder. Assim que acabar de fazer... María, logo você vai entender. Espere tranquila. Confie em mim.

Era a segunda vez em poucas semanas que alguém lhe pedia que confiasse. O primeiro fora José que, depois de dizer aquela frase, desaparecera de sua vida sem deixar rastros nem dar explicações. Agora era sua irmã quem fazia a súplica: “Confie em mim”. María pensou que Rosie não podia falhar com ela. E, talvez, José também não.

– Está bem. Eu espero, Rosie. Afinal, é só o que faço há muitos anos. Qual o problema de esperar um pouco mais, não é?

María se comprometeu a esperar sem mostrar nenhum tipo de entusiasmo, o que surpreendeu Rosie.

– Menina, como você está estranha! Não sei o que há com você. Fique tranquila, María. Logo voltarei a ligar. Combinado?

– Combinado, Rosie. Um beijo. Tchau.

Capítulo 18

A ligação de José aconteceu. Foi no dia em que menos esperava, quando María já nem lembrava ou, pelo menos, fazia todo o possível para não recordar os “confie em mim” de sua irmã e do próprio José.

Naquela manhã, María ouviu o toque de seu celular e do outro lado a voz de José. Por alguns segundos duvidou que se tratasse dele. Fazia tanto tempo que não ouvia sua voz que lhe custou ajustá-la e fazê-la coincidir com o que sua memória armazenara. Mas, sem dúvida, era José. Finalmente ligara. Tinha notícias que queria lhe contar, mas não podia ser por telefone. Ficaram de se encontrar assim que possível, mas, quando María lhe propôs que fosse a sua casa, José descartou a ideia rapidamente, antes que ela pudesse dizer que seria o mais seguro para ambos. José insistiu em se encontrar em outro lugar e, por fim, a convenceu. O que a desconcertou, porque era algo que não esperava, foi o pedido de José: que não dissesse nada a seu marido. María não entendeu a razão daquele pedido. Era difícil para ela, além de desagradável, esconder alguma coisa de Nasrad. No entanto, sem saber muito bem por que, concordou. Foi ao encontro de José levando seu filho, porque sabia que sair à rua sem companhia masculina era quase suicídio.

María usou o tempo que levou para percorrer o trajeto até o lugar onde marcara com José para pensar no que lhe diria quando estivesse na sua frente. Mil perguntas, que escondiam outras tantas censuras, iam se aglomerando em sua cabeça, até que desistiu de continuar pensando, sua cabeça estava a ponto de explodir.

Quando María chegou ao lugar marcado para o encontro, não teve nenhum problema em reconhecer José e aproximou-se dele. Via José tentando se certificar de que debaixo da burca estava

efetivamente María, porque nem uma palavra havia saído daquele tecido azul. María esquecia-se de que as pessoas de fora não a viam através da burca e levou um tempo para perceber que sua identidade estava oculta, e por isso era normal que José hesitasse. Ele não era Nasrad, que a conhecia por seus sapatos e seu andar.

– Olá, José.

– Olá, María – José baixou o olhar até detê-lo em Abdulah, que fazia um tempo que o olhava fixamente sem dizer nada. – Este é seu filho? Prazer em conhecê-lo, cavalheiro.

Tímido, Abdulah escondeu-se atrás de sua mãe, sem perder de vista aquele homem que lhe dizia algo que não entendia muito bem.

– Não fala espanhol? – José perguntou a María. – Ainda não teve tempo de aprender. E, principalmente,

também não teve oportunidade, como você deve saber, José. María soube, sem entender a natureza daquela decisão, que a ladainha de censuras que armazenava em sua cabeça, e que a fora irritando desde que saíra de casa, José jamais ouviria. Pelo menos não naquele momento.

Sentaram-se à mesa em que José estava esperando María tomando um chá. Ela aceitou o convite e decidiu também tomar um chá. Não retirou a burca do rosto, como haviam feito todas as mulheres que estavam sentadas a sua volta, distribuídas pelas diversas mesas que aquele lugar, que parecia ser um café, oferecia. Não entendeu por que os homens e as mulheres não estavam consumindo suas bebidas separados, e José lhe explicou que aquele lugar era para estrangeiros; estava em terreno diplomático e não precisava se preocupar com nada, pois ali estavam a salvo. Mesmo assim, María preferiu não retirar a burca.

– Deve estar se perguntando por que não liguei antes. – Minha irmã Rosie me disse que você estava ocupado com algo muito importante, mas não quis me dizer o que era. – É culpa minha. Eu mesmo pedi isso, quase exigi de sua

irmã, que se comportou da maneira mais inteligente. Quer mais chá?

María não aguentava mais. Queria saber o que estava acontecendo, e imediatamente. Era tanta pressão e nervosismo que suportava, que a ansiedade se manifestou na forma de um calor insuportável sob a burca. Quase se sentindo à beira da asfixia, levantou a burca com delicadeza, olhou para José e, inclinando-se levemente por sobre a mesa, perguntou:

– José, para que queria me ver? O que tem para me contar? E por que não queria que eu viesse com meu marido? Na verdade, eu assim teria preferido. Isto pode nos acarretar problemas. Você deveria saber disso melhor que eu.

– María, não se aborreça, mas não confio em seu marido – quando José viu a expressão que María fez ao ouvir aquela confissão, compreendeu que tinha de ser um pouco mais explícito na acusação. – Entenda, María. Eu a conheço. Conheço sua história, sei a vontade que deve ter de sair deste lugar e de levar seus filhos com você. Sei que tem uma família que a espera na Espanha e que você desconhece o que sua irmã Rosie está fazendo para tirá-la daqui. Tudo isso eu sei. Mas não sei nada sobre seu marido, porque ninguém pôde me contar nada dele.

José decidiu adotar um tom de voz mais intimista e, sem afastar o olhar de María, utilizou uma fala mais pausada, enfatizando algumas das palavras que ia pronunciando, as que ele previa poderiam irritar sua interlocutora.

– María, desconheço o tipo de relação que você mantém com seu marido. Não sei se ele a ameaça, não sei se você vive sob pressão,

não sei se, como na maioria dos casais aqui no Afeganistão, seu marido emprega toda a violência de que tem vontade sobre você. Não sei se suas decisões são coagidas por ele, não sei se ele exerce algum tipo de mal sobre você. Não sei de nada, María. A única maneira que tenho de saber é se você me contar, porque não seria o primeiro caso com essas características que eu encontraria. Não sei se você está entendendo o que estou tentando lhe dizer. Espero que saiba que é minha obrigação lhe fazer essas perguntas e obter respostas para tentar tirá-la deste país.

María não conseguia encontrar sentido nas palavras de José. Sabia que tudo aquilo que ele estava dizendo não saía de sua imaginação, mas negava-se a aceitar que alguém suspeitasse que Nasrad não estava se comportando adequadamente com ela e com seus filhos, e não podia permitir que pusessem isso em dúvida.

– José, acho que já comentei com você, mas, como vejo que não ficou claro, falarei de novo. Meu marido me apoia. Ele me ajuda. Reconforta-me. É meu amigo, meu companheiro, meu confidente. É a pessoa por quem eu daria a vida e por quem estive a ponto de dá-la. Está comigo, e, se não fosse por ele, há muito tempo eu não estaria mais neste mundo – María parou, tentando dar mais emoção às suas palavras. – José, estou loucamente apaixonada por meu marido. E ele, por mim. E não sei como vou poder lhe explicar ou provar o que estou lhe dizendo. Sou incapaz de fazê-lo. Se você me explicar como se pode dar fé disso, eu o farei. Não posso provar, a esta altura, que ele é o motor e a razão de minha vida. E não sei como posso convencê-lo disso. José, não sei como posso fazer isso, a não ser que me ajude.

– María, não só vou ajudá-la, como já venho fazendo isso há muito tempo. E trouxe uma prova disso. Eu posso dar fé de que a estou ajudando.

Naquele momento, José procurou possíveis presenças não desejadas ou suspeitas a sua volta, enquanto colocava a mão em

um de seus bolsos. María acompanhou seu movimento com o olhar, sem perder nenhum detalhe. Seu coração batia a mil por hora e sua curiosidade quase a traiu quando o excesso de atenção fez com que a xícara que segurava caísse de suas mãos. Depois do estrondoso ruído que a xícara fez ao se chocar na mesa, viu uns documentos na mão direita de José. María ficou olhando para eles e buscou no olhar de José a explicação para aquilo.

– É seu passaporte, María. Pronto. Aqui está o documento com que tanto sonhou desde que chegou ao Afeganistão. O primeiro degrau da escada que a conduzirá a sua liberdade. Vamos, María, pegue-o!

José ficou um bom tempo olhando para María e sentiu-se satisfeito com a expressão que reinava em seu rosto naquele momento. Ela havia se transformado em outra pessoa em milésimos de segundo. E decidiu estender e intensificar aquele momento com outra notícia.

– Há mais uma coisa, María. Eu consegui mais, mas não vai poder contar a ninguém, por ora, muito menos explicar de onde vêm o que vou lhe entregar agora.

José tornou a pôr a mão no bolso e dele tirou outros papéis. Eram a razão de sua demora, o motivo pelo qual aquela ligação que tanto María desejava nas semanas anteriores não acontecia.

– Seus filhos são espanhóis. Aqui está a prova. María começou a ouvir com clareza as batidas de seu coração.

Pelo menos, era a impressão que tinha. Acariciou aqueles documentos que José acabava de lhe entregar e que representavam o melhor presente que seus filhos poderiam receber: a nacionalidade espanhola. Um presente que duraria a vida inteira e que poderia salvá-los em mais de uma ocasião. Graças àqueles documentos e à providencial intermediação de José, seus filhos eram espanhóis, o

que María havia desejado desde que soubera que estava grávida do primeiro e pelo que chorara noites inteiras depois de cada parto.

As duas crianças haviam nascido em uma aldeia perdida do Afeganistão, e ninguém havia se incomodado em registrar seus nomes em nenhum documento oficial. Era uma prática habitual naquele país, principalmente para poupar complicações futuras aos filhos, temendo que o exército os convocasse quando ainda fossem crianças para se juntar a suas filas a caminho da morte certa, deixando suas famílias sem recursos e sem possibilidade de adquiri-los, no caso dos meninos. No caso das meninas, nem sequer se preocupavam em ocultar. As meninas cresceriam, tornar-se-iam mulheres e seriam condenadas a uma clausura em vida debaixo de uma burca. A quem poderia interessar como se chamava e quando nascera aquele vulto suspeito que deambulava sob uma burca?

– José, como conseguiu? Como conseguiu... como? Eu... – María não podia evitar balbuciar. A situação conseguira superar todas as suas expectativas.

– Isso não importa, María. O principal é o que vou lhe contar agora. Preste atenção, porque é muito importante que entenda o que vai ter de fazer imediatamente.

José aspirou um último trago de seu cigarro antes de apagá-lo daquela maneira tão ritual que María já percebera e que chamara sua atenção e curiosidade.

– María, você precisa pegar as crianças e seu marido e sair de casa. Vão ficar em um hotel – José tirou outro papel do bolso, desta vez em branco, e uma caneta, com a qual escreveu um nome. – Este é o nome do hotel que, a partir de já, deve ser seu domicílio. Ou, para ser mais exato, o seu e de seus filhos. Mas imagino que, depois do que me disse, também do seu marido.

María assentiu com a cabeça, mas não disse nada. – Quando se instalarem ali, é preferível que saia o mínimo possível, mas isso não

quer dizer que o hotel será uma prisão. Contudo, quanto menos tentar a sorte e menos provocar o perigo, melhor. Eu lhe avisarei quando tudo estiver pronto.

– Tudo o que, José? Por que não para de falar como se tudo isso fosse uma operação altamente secreta?

– Sua volta para casa, María, com sua família. Para Mallorca. Deve esperar no hotel até que eu ligue, quando estiver tudo preparado para poder sair do país. Precisa estar pronta para viajar a qualquer momento, María. Você e as crianças – desta vez quem parecia estar nervoso era José. – Ah, e não é uma operação altamente secreta, mas requer de você a máxima discrição. E, como pode ser que não seja capaz disso, prefiro que continue na ignorância. Não saber pode salvar sua vida e as de seus filhos.

– E meu marido, José? Os documentos de Nasrad não estão aqui. Ele não poderá ir conosco?

– Eu não posso fazer nada por seu marido. Ele é afegão e, para sair daqui, principalmente neste momento, quando o terrorismo internacional é a grande ameaça, precisa que o próprio país lhe dê permissão oficial. Seu marido tem a documentação, mas não o visto. E, sem visto, não pode sair. Além do mais, nenhum país europeu pode se arriscar, neste momento, a conceder a entrada a alguém de origem muçulmana. Não preciso lhe recordar o 11 de setembro em Nova York.

– E o que meu marido tem a ver com isso?

– Nada. Mas tente explicar isso às embaixadas e ao departamento de imigração dos governos ocidentais. María, acho que, agora, seu menor problema é que seu marido possa sair. Você e as crianças precisam tentar. Ele se juntará a vocês quando puder. O difícil é a sua parte. Ele só tem de esperar que lhe concedam um visto.

María olhou para Abdulah, que estava há bom tempo olhando para sua mãe e para aquele homem, e compreendeu que José tinha razão. Era preferível e necessário que eles saíssem primeiro do país. Seu marido se juntaria a eles mais tarde. Esta era a única solução que havia no momento. No entanto, outra dúvida a inquietou.

– Mas, José, como vou sair deste país? Não tenho dinheiro, não posso comprar as passagens de avião. Isso representaria anos e anos de trabalho, e, mesmo assim, eu não conseguiria. Quem vai cuidar disso?

As perguntas se acumulavam.

– Não se preocupe com isso, María. São detalhes. Mas, para que fique mais tranquila, devo dizer que é a mesma pessoa que pagará o hotel o tempo que ficar nele, até que possa voltar ao seu país. A mesma pessoa que vem mandando dinheiro para mim, e não para você, por medo de que alguém possa confiscá-lo sem que você queira ou saiba, e que tornaria a desaparecer sem deixar rastro, como sempre. Essa pessoa é sua irmã Rosie. Quem mais seria, María?

– Rosie... Rosie... Mas ela pode assumir o custo de tudo isso? É impossível, José, alguma coisa está errada. Minha irmã não tem dinheiro para pagar tudo isso.

– Sua irmã pediu um financiamento para poder tirá-la do Afeganistão, e foi muito difícil. Já gastou seis mil euros, ou, para que você me entenda, María, um milhão de pesetas, pois sei que você não está mais tão acostumada à moeda europeia – José estava ficando impaciente e decidiu acabar com tanta explicação. – O importante, o que realmente precisa entender, é que esta tarde mesmo devem ir para o hotel. Levem só o necessário, e não contem suas intenções a ninguém. Ninguém deve saber, porque qualquer um, quem menos você esperar, pode traí-la e acabar com todos os seus planos. E, acima de tudo, e muito importante: eu ligo para

você. Você não liga para mim. Não pode dizer a ninguém que viu estes passaportes e muito menos que fui eu quem os conseguiu. Pode entender o que estou lhe pedindo, María?

– Não se preocupe, José. Não vou ser imprudente, muito menos falhar com você. Agora sou eu quem lhe pede que confie em mim.

Ao se despedirem, María teve de fazer muito esforço para que ninguém notasse nem suspeitasse do motivo de seu estado de excitação repentina. Agradeceu que a distância entre aquele lugar onde estivera com José e sua casa fosse generosa, o que lhe deu um tempo extra para pensar na melhor forma de contar tudo a Nasrad.

Quando por fim chegou em casa, seu marido logo percebeu que alguma coisa estava acontecendo. Diante dos outros podia disfarçar, mas aos olhos de Nasrad era mais complicado.

Capítulo 19

María tentou contar a seu marido tudo o que acontecera em seu encontro com José. Omitiu alguns detalhes, especialmente tudo o que se referia à desconfiança que José sentia dele. Pensou que não era necessário nem seria positivo para seus planos. Depois de narrar a história completa, Nasrad compreendeu que aquilo era o melhor para todos, e não tardaram nem um segundo para preparar a pouca bagagem que, como José lhe recomendara, deveriam levar para o hotel. Em apenas duas horas, María, Nasrad e as duas crianças entravam pela porta do hotel designado. Já estava tudo pronto ali.

Ficaram um pouco mais de um mês alojados no modesto e pouco acolhedor quarto de hotel. Não podiam negar que se sentiam estranhos, como se estivessem se escondendo de alguma coisa. Havia dias em que a espera se tornava eterna. José não entrou em contato durante todo aquele longo mês. Apenas ligou para María no mesmo dia da mudança para assegurar-se de que tudo estava bem. Ela teria gostado de ligar, mas ele deixara bem claro que isso não seria bom para ninguém.

Nas poucas vezes em que saiu do hotel com seu marido, tinha sensação de estar sendo observada. Talvez fosse fruto de uma paranoia sua, mas podia sentir que alguém seguia seus passos, como se não perdesse nenhum detalhe de seus movimentos. A situação a incomodava, e quando contou a Nasrad, ele não hesitou em lhe recomendar que relaxasse, dizendo que provavelmente tudo aquilo era uma reação lógica da ansiedade que sentia naqueles dias esperando uma ligação que a tirasse daquele país. María o ouviu e procurou relaxar. Mas durante todo o mês em que esteve no hotel não conseguiu tirar da cabeça a ideia de estar sendo vigiada muito de perto.

Estranhou que, cada vez que saía do hotel ou quando ia até a janela para ver o movimento diário e rotineiro das ruas de Cabul, seu olhar encontrasse sempre algum rosto que se lembrava já ter visto antes. Mas não pensou nem por um momento que José pudesse estar lhe vigiando; entendeu aquilo como uma simples coincidência e pensou que Cabul não devia ser tão grande assim. “Bem, a verdade é que realmente não sei se Cabul é ou não muito grande. Quase não a conheço.”

Um dia, notou certa agitação no hotel. Ouvia muito movimento nos corredores de pessoas que iam e vinham, algumas delas até corriam para cima e para baixo, e ficou agitada. Sentiu-se tentada abrir a porta de seu quarto para ver o que realmente estava acontecendo, mas o medo e a precaução a aconselharam a não fazê-lo. De repente, seu celular tocou e ela correu para atender. Era José, e María pensou que a hora da partida estava perto.

– María, é você?

– Claro, José, claro que sou eu. Quem mais seria? Não é para mim que você está ligando?

– María, você está bem? Seu marido está com você? – Sim, está comigo. Bom, agora ele saiu. Mas está sempre comigo. Por quê, José? O que aconteceu? Diga-me! – Tem certeza de que está bem? María, fomos notificados de que uma garota que atende a suas características foi sequestrada e está sendo mantida nesse hotel por um homem. Disseram-nos que a garota é italiana, mas pode ser que o sotaque os tenha confundido. Não creio que um afegão saiba distinguir muito bem o espanhol do italiano. Bem, sinto muito, mas ficarei mais tranquilo se alguns colegas meus forem aí vê-la.

– José, não é necessário. Estou dizendo que estou bem. Estou aqui com as crianças. E não comece de novo com essa história sobre meu marido. Eu estou aqui esperando que você me ligue, e Nasrad

não me mantém presa contra minha vontade. Ponha isso na cabeça. A propósito, sabe quando sairei daqui?

– Não, María, não sei. Mas será em breve. Muito em breve. Fique preparada, você já sabe como deve ser.

– Sim. Obrigada, José. Até logo.

Mal havia desligado o telefone quando alguém bateu a sua porta. María estranhou. Não esperava ninguém. Nasrad estava fora e tinha a chave, de modo que não podia imaginar quem estaria batendo. Umaz vozes fortes, que conseguiram assustá-la, esclareceram:

– Senhora, abra a porta. Somos da gerência do hotel. Abra, ou entraremos com a chave mestra. Abra, por favor. Não vai lhe acontecer nada. É só uma verificação. Não tema.

María olhava aterrorizada para a porta e depois para as crianças. Não sabia o que fazer. José lhe tinha dito que não dissesse a ninguém que estava hospedada ali. E não entendia quem podia saber que ela e seus filhos estavam ali. Enquanto pensava em tudo isso, viu a porta se abrir. Na mesma velocidade em que seus olhos se abriram ela correu para pegar seus filhos.

– Não tema, senhora. Não vamos lhe fazer mal. Está sozinha com as crianças ou há mais alguém?

María não respondia, porque a capacidade de falar, assim como os demais sentidos, estava paralisada. Não entendia o que aqueles homens estavam fazendo entrando em seu quarto nem por que lhe perguntavam a toda hora se estava ou não sozinha.

Um daqueles homens se adiantou ao resto e se aproximou de María.

– Sou amigo de José. Meu nome é Miguel – o homem estendeu-lhe a mão, mas não obteve resposta. María continuava não reagindo.

– Não houve nada, María. Só estamos nos certificando de que você não é a italiana que está presa neste hotel por um homem. Isto é tudo. Acho que deve ter recebido a ligação de José dizendo que ficaria mais tranquilo se passássemos aqui só para garantir que você está bem. E está. Bem, agora vamos embora. Fique tranquila com seus filhos. Desculpe por termos entrado assim, mas não tínhamos alternativa. Precisávamos nos certificar de que você está bem. Certo?

Dessa vez Miguel teve mais sorte e obteve uma tímida afirmação com a cabeça, que María conseguiu fazer não sem grande esforço.

Quando os homens saíram de seu quarto, ela finalmente relaxou. Olhou para seus filhos, que continuavam brincando no chão, e agradeceu que fossem suficientemente pequenos para não terem entendido nada. Quando Nasrad voltou, decidiu não lhe contar nada. Não queria preocupá-lo. Além do mais, quanto mais tempo passavam naquele hotel, mais estranho ele ficava. María sabia que seu marido estava contente, mas que não podia evitar certa tristeza ao saber que sua mulher e seus dois filhos logo partiriam para a Espanha e ele ficaria em seu país, sem poder acompanhá-los. E isso, para um homem como ele, não era fácil. Nem seria bem-visto pela comunidade.

Capítulo 20

Chegou o dia. José ligara quarenta e oito horas antes para comunicar que naquele quente dia de julho finalmente ela voltaria para casa. María estava alterada, mas Nasrad estava pior, não conseguira conciliar o sono nas noites que precederam a viagem. Toda hora se levantava para colocar mais alguma coisa na bagagem das crianças.

– Uma maçã, caso sintam fome. Um iogurte, caso não passem bem do estômago. Um pouco de água, se tiverem sede. Mais uma blusa, se fizer frio...

María observava seu marido, que ia de um lado para outro sem lógica alguma. Mas não interferia, pensando que, se o privasse daquele nervosismo, ficaria muito pior. O máximo que lhe dizia era que não se preocupasse, que no avião lhes dariam de tudo. Mas de nada adiantava. Seu marido continuou se levantando para colocar mais coisas na bagagem. María observava e se calava. Disseram-lhe que seu voo sairia às cinco da tarde e que deveria estar pouco mais de duas horas antes no aeroporto. Se fosse por María, teria chegado duas semanas antes. Entretanto, decidiu não se mostrar nervosa, nem muito triste, nem muito alegre. Evidentemente estava feliz, mas faltava algo para que a alegria fosse plena: Nasrad.

Naquele dia, o irmão e a cunhada de Nasrad, com quem mais María se relacionara em Cabul, organizaram um almoço em sua homenagem, no qual não faltou nem um único alimento típico do lugar, exceto os que eram tão caros que, por razões óbvias, sempre faltavam à mesa. Fizeram brincadeiras, trocaram recordações, fizeram-se promessas e deram a María presentes feitos por eles mesmos. Quando María viu o colar que sua cunhada fizera para ela, não pôde evitar as lágrimas. E nem sequer foi capaz de dizer nada mais que “obrigada”. E foi o suficiente. María notava que Nasrad não

conseguia disfarçar sua tristeza. Tentava mostrar sempre um sorriso quando sua mulher olhava para ele, mas ela o conhecia perfeitamente e sabia que a sinceridade não estava presente naquela tarde. Nem mesmo quando José foi até lá para entregar às crianças uns tênis e um pouco de roupa que lhes havia comprado, María conseguiu se sentir totalmente à vontade. Desejava voltar a seu país, mas precisava ir com seu marido. Aquela separação seria muito dolorosa.

José e seu colega Miguel se encarregaram de levar María e seus familiares ao aeroporto. Quando chegou a hora do embarque, María e as crianças começaram a temer o pior, e as lágrimas não tardaram a aflorar no rosto de todos. O menino começou a chorar, gritando que não queria se separar do pai. Agarrou-se fortemente a uma de suas pernas e foi complicado tirá-lo dali. Quando viu que a separação era irremediável, passou a insultá-lo, dizendo que o estava abandonando, já que não ia com eles. A menina também começou a chorar, mais por causa da tensão do momento e dos gritos de seu irmão que de outros sentimentos que ainda nela não haviam aflorado tão intensamente como em Abdulah. Ela estava no colo de sua mãe, de onde não saía com facilidade.

Acabaram todos chorando. Grandes e pequenos. María abraçou todos, começando por seu cunhado e pela esposa, depois José e Miguel, e terminando com Nasrad. Então, temeu reagir como seu filho minutos antes. No entanto, superou a prova, em parte graças à ajuda que representaram as palavras de seu marido:

– Vá contente, María. Logo estaremos juntos. Eu serei feliz sabendo que você e as crianças estão bem alimentadas, bem-vestidas, bem cuidadas e desfrutando uma vida plena. Acabaram-se os maus momentos, María.

Sua mulher quis interrompê-lo, mas, entre o choro e os soluços, Nasrad a impediu:

– Sentirei muita saudade, mas prefiro que vá e fique bem segura. Isso me dará força. Eu a amo, María. Cuide de nossos filhos. E ligue assim que chegar.

María, traída pela emoção daquela cena, balbuciou entre soluços:

– Nasrad, não quero ir, quero ficar com você.

José imaginou que María não falava sério, que aquelas palavras nasciam da profunda paixão por seu marido e que se deviam à emoção do momento, mas decidiu não tentar a sorte. Não quis esperar surpresas de última hora e apressou María, instando-a a se despedir rapidamente, porque o avião estava para partir.

María pegou a menina no colo e segurou Abdulah pela mão. Encaminhou-se para o *check-in* do aeroporto e preferiu não olhar nem uma única vez para trás. Não queria ver a cena de seus familiares se despedindo dela. E, acima de tudo, não queria ver Nasrad se afastar, porque não teria forças suficientes para seguir seu caminho e entrar no avião. E assim, decidiu não dar nem um olhar, nem um último adeus. Nada. Assim seria melhor. Para todos.

Só teve de voltar para pegar Abdulah, que conseguira se soltar de sua mão para sair correndo para junto do pai. María nem quis levantar os olhos para observar seu marido. Sabia que não poderia resistir, e não desviou os olhos do chão até que José voltou com o menino.

– Calma, María. Você já está a caminho. Tire forças de onde for. Vai ver que dentro de pouco tempo estará mais animada.

José lhe deu um grande sorriso. Ela agradeceu e devolveu-lhe outro.

María não sabia, mas aquela seria a última vez que o veria. Mais tarde sua irmã Rosie lhe contaria quem era realmente aquele homem que lhe havia possibilitado, por sua conta e risco, a

passagem para o paraíso. Surpreendeu-se quando soube que era guarda-civil, e não voluntário da embaixada espanhola. Emocionou-se quando lhe contaram o risco que José correria ao fazer para ela, e especialmente para seus filhos, os passaportes e dotá-los da nacionalidade espanhola, já que eram afegãos. Tentou várias vezes localizá-lo no celular, entrar em contato com ele, mas a comunicação foi impossível. Cada vez que discava seu número de telefone, outro homem atendia, aquele que ficara em seu lugar. Foi assim que soube que José voltara à Espanha depois de quatro anos de serviço na embaixada. Era o prazo máximo de permanência nesse destino. E com certeza a saída de María foi seu último serviço.

Nunca María pôde agradecer o bastante àquele homem, que fez tudo por ela sem mal conhecê-la. "Afinal de contas, e apesar de tudo o que me aconteceu na vida, tive sorte de encontrar sempre boas pessoas que me ajudaram. Sem dúvida tive sorte. "

Sorte que estava prestes a mudar. Mas, enquanto isso não acontecia, María preferiu recostar sua cabeça no encosto de sua poltrona do avião e fechar os olhos. Tentou recordar tudo por que havia passado naquela terra e assim caiu em um cochilo que lhe permitiu relaxar a tensão acumulada.

Estava voltando para casa.

Capítulo 21

O caminho de volta para casa não foi fácil. María teve de fazer muitas escalas, algo que não controlava nem acalmava sua ansiedade de ver sua família. Não gostava de aeroportos, principalmente quando eram lugar de passagem, e não o destino definitivo. Pior era para as crianças, que estavam exaustas, algo que María de certo modo agradeceu, porque a última coisa que queria nessas circunstâncias era que dessem trabalho.

Quando por fim chegaram a Mallorca, depois de horas de viagem e de espera, María tentou encontrar alguém conhecido nas portas que se abriam e fechavam conforme os passageiros saíam dos voos que chegavam. E finalmente os viu. Logo reconheceu sua irmã Rosie, seu irmão Pedro, e não viu mais porque as lágrimas a impediram. Estavam esperando-a no aeroporto com balões e cartazes de boas-vindas, que, na verdade, não serviram para nada diante da avalanche de abraços, beijos e apertos. María correu para os braços de sua irmã Rosie e não se separou dela nem um momento. Seu irmão Pedro abraçou as crianças e também não pôde evitar as lágrimas. Quando todos conseguiram se acalmar e terminar de se abraçar, Pedro os levou à casa de Rosie, que era onde María e seus filhos ficariam temporariamente.

Apesar de ser tarde e de pouco ou nada poder ver pela janela do carro de Pedro, por conta da escuridão em que a noite estava mergulhada, María não tirou o nariz do vidro. Estava em casa. Finalmente naquela noite dormiria em uma cama com lençóis limpos e travesseiros macios. Seus filhos comeriam algo novo e delicioso que ainda não conheciam, mas de que não tardariam a gostar, como fizera a mãe deles quando provara pela primeira vez uma *ensaimada*². María sorriu ao pensar que no dia seguinte não teria de se preocupar em fazer uma ligação, encontrar o edifício da embaixada ou ir buscar água, acender o fogo e limpar os animais. Estava em

casa. Finalmente, depois de tanto tempo sonhando com isso. E pensou em Nasrad. Foi seu último pensamento antes de cair exausta na cama, uma cama enorme na qual, só naquela noite, seus filhos dormiram com ela.

Na manhã seguinte, depois de mais de doze horas dormindo, María acordou. Abriu os olhos e inspecionou o que via a sua volta. Sentiu seus filhos ao seu lado. Levou um tempo para entender e acreditar onde estava. Entretanto, logo lembrou-se do dia anterior, dia e noite de aeroportos, de despedidas, de choro, de abraços, de “te amo”, da cruel batalha de emoções. Mas e stava ali.

Surpreendeu-se gratamente ao sentir um cheiro que há anos não sentia: o aroma de café feito na hora. Assegurou-se de que seus filhos estavam bem agasalhados antes de se levantar e sair pela porta do quarto. Logo ouviu ruídos e vozes. Vinham de um cômodo iluminado, no fim do corredor, e ela pensou que sem dúvida era a cozinha, porque dali exalava o apetecível e muito saudoso cheiro de café fresquinho.

– María, como está, querida? Dormiu bem? María adorou receber aquele bom-dia, e mais ainda encontrar a mesa cheia de biscoitos, bolos, madalenas, doces variados e todo tipo de queijos, frios e embutidos. Só de olhar já ficava com água na boca.

– Muito bem, Rosie. Dormi direto. Sabe quanto tempo fazia que não dormia assim?

María foi praticamente empurrada por sua irmã para que ocupasse uma cadeira à mesa.

– Você deve estar faminta. Ontem quase não comeu nada... Estava tão cansada!

María mordiscou algumas daquelas delícias que há anos não via e pegou com as duas mãos a xícara de café que sua irmã acabava de lhe servir e que não se cansava de cheirar.

– Ah, Rosie, minha irmã. Não sabe quanto me alegro de estar aqui com você. Não sabe o que passei, o que sofri por meus filhos e por vocês, que estavam tão longe e com quem tão mal me comortei.

Rosie percebeu que sua irmã não tardaria muito a chorar, e decidiu evitar e mudar rapidamente de assunto:

– María, você terá tempo de me contar tudo. Agora coma tranquilamente e pense no que quer fazer em seu primeiro dia na Espanha. Aonde quer ir? Quer comer algo especial? Quer comprar alguma coisa? O que gostaria de fazer, María?

María não hesitou em sua resposta nem perdeu um segundo para dá-la. A rapidez com que respondeu surpreendeu sua irmã.

– Quero ir à embaixada ou a algum organismo oficial de imigração. Quero saber como posso tirar meu marido daquele inferno. – María sorveu o café e molhou nele o pedaço de madalena que tinha na mão. – Você me ajuda, Rosie?

Sua irmã se levantou e deu-lhe um beijo na testa. A entrada das crianças na cozinha livrou Rosie de ter de responder a sua irmã naquele exato momento. Imaginara que seu primeiro desejo na Espanha seria outro. Mas estava claro que ela precisava daquele homem ao seu lado, porque, sem ele, sequer podia desfrutar seu primeiro dia como mulher ocidental.

Capítulo 22

Nos dois meses em que María esteve em Mallorca, não houve um único dia em que não fosse à Imigração para solicitar informação, para levar algum documento, para requerer assessoria, para expor pela trigésima oitava vez seu caso e o de seu marido a algum funcionário que quisesse ouvir sua história. Mas nenhum deles pôde ajudá-la. Foram só problemas e dificuldades. Ninguém lhe ofereceu uma solução. Todos diziam que a chave para que seu marido saísse daquele lugar tinha de ser encontrada em seu país.

Cada vez que María ligava para seu marido, contava-lhe como estava, o que as crianças haviam feito, seus avanços – que eram nulos – para conseguir a repatriação e quanta saudade sentia. Nasrad a animava, afirmava que ele também sentia muita saudade, mas que tinha de ser forte e continuar ali. María, porém, notava que cada dia aquilo se tornava mais difícil. Eram só problemas, e, embora estivesse bem na casa de sua irmã, não podia suportar a ausência de seu marido. Fazia-lhe muito mal. Passava o dia todo fechada em casa, sem falar, sem quase prestar atenção aos seus filhos, como se sua vida estivesse desaparecendo. Todos tentavam ser gentis com ela, não só sua família, mas também os vizinhos e as pessoas do bairro que conheciam sua história. No entanto, nada disso conseguia distraí-la da tristeza que lhe causava estar longe de Nasrad.

Por isso, um dia, sem dizer nada a ninguém, María decidiu que tinha de voltar ao Afeganistão, para seu marido. Sem pensar duas vezes – caso algum vislumbre de razão a distraísse de suas verdadeiras intenções – , decidiu ir à mesma agência de viagens onde muitos anos atrás, em plena adolescência, comprara uma passagem de ida para Londres. Entrou, mas não reconheceu ninguém. Nem rastro daquele rapaz tão simpático que lhe dera o conselho que María não aceitara porque não se encaixava em seus

planos. “Se fechar a passagem de volta, sai mais barato.” Recordava a frase do atendente como se a tivesse ouvido ontem.

– Bom dia. Quero três passagens para Cabul. Para mim e para meus filhos.

– Para o Afeganistão?

A atendente preferiu se certificar, porque no dia anterior vira uma reportagem na televisão sobre a situação das mulheres naquele país e a completa falta de direitos humanos que as acompanhava.

– Sim, para o Afeganistão. Não trabalham com esse destino? – Sim, sim. Evidentemente. Não há nenhum problema. É só que... desculpe. De quantas disse que precisa? A atendente decidiu não ser impertinente nem fazer perguntas ou advertências que não lhe cabiam e pôs mãos à obra. – Muito bem. São três passagens. Meus filhos são muito pequenos. Não creio que paguem igual. Se puder me informar tudo isso, agradeço. Tenho bastante pressa.

A atendente a convidou a se sentar, passou os olhos pela tela do computador, digitou alguma coisa e fez algumas ligações. Depois de se informar bem, mais de vinte minutos depois, a atendente comunicou a María que não havia voos diretos.

– A única coisa que posso conseguir é um voo Palma-Madri, Madri-Londres, Londres-Irã. Daí teria de pegar outro voo para o Paquistão e do Paquistão, então, sim, para Cabul.

María achou longo e complicado, mas se lembrou de que quase dois meses antes havia feito trajeto similar.

– Está bem. Pode fechar. Gostaria de ir o mais breve possível. A atendente lhe comunicou que poderia partir em dois dias, e María não hesitou. Comprou as passagens. Pegou uma oferta especial que não lhe permitia mudança alguma nos itinerários nem nas datas dos

voos. María não queria voltar atrás, e nem pensava na possibilidade de que sua família pudesse convencê-la do contrário.

Sabia que sua irmã a mataria. Fizera o impossível para tirá-la dali, e ela não aguentara em Mallorca mais de dois meses. Mas sentia que era o que tinha de fazer. E voltou a se deixar levar por impulsos e não por uma decisão racional. Era a María de sempre, a que nunca se sentava para meditar nem para pensar em uma decisão, ainda mais quando havia amor no meio.

– Você está louca? É alguma brincadeira? – Rosie não podia acreditar no que sua irmã acabara de fazer. – De novo, María? Já não foi o bastante o que sofreu? Você é tola ou o quê? Sabe o que essa insensatez pode representar para seus filhos? Você realmente tem consciência do que está fazendo com seus filhos? Ouça, María, não sei o que fazer com você. Não sei o que dizer, não sei se devo matá-la ou deixá-la ir e esquecê-la. Não tem jeito. Você não muda mesmo. Sabe o que me custou tirá-la de lá, irmã? Tem uma ideia?

María compreendia perfeitamente o estado de irritação que havia se apoderado de Rosie quando lhe comunicara que em dois dias voltaria ao Afeganistão. Sabia que tudo o que sua irmã lhe dissesse nesse momento era certo, e por isso pouco pôde dizer ou refutar.

– Rosie, querida, sinto muito. Sinto muito mesmo. Desculpe, mas acredite quando digo que não posso viver sem meu marido. Estou me sufocando sem ele ao meu lado, não quero viver se não for com ele... Não sei, Rosie, lamento, mas tenho de fazer isso. Você não entende?

Rosie havia se acalmado, como se tivesse tomado uma caixa inteira de tranquilizantes. María teve de esperar alguns segundos, que lhe pareceram eternos, para ouvir o que ia lhe dizer.

– Eu sabia, María. No fundo, eu tinha certeza de que você faria isso. Sabe? Eu jamais teria imaginado, mas José me disse. Foi ele quem, vendo o que eu estava fazendo para tirá-la dali e depois de

tudo o que fez, me disse: “Rosie, não se engane, sua irmã voltará ao Afeganistão. Está muito apaixonada pelo marido. Voltará ao Afeganistão cedo ou tarde”. Pelo visto, foi mais cedo que tarde.

As duas irmãs ficaram em silêncio até que Rosie abraçou María. E assim ficaram um tempo.

À noite, quando todos já sabiam, teve de ouvir idênticas censuras e recomendações de seu irmão Pedro.

– Está bem, María. Se você quer ir, vá. Mas não leve as crianças. Elas não merecem isso. Não resistirão. Deixe-as aqui. Nós cuidaremos delas. Não as obrigue a passar de novo por aquele inferno. Não é justo. E não ache que tem este direito.

– Pedro, se eu não for com elas, a família de meu marido me mata. E depois o matam. Sei que é difícil entender, mas eu sei o que estou fazendo.

– María, você nunca soube o que fazia. E continua sem saber. A resposta de Pedro foi muito dura, mas María teve de aceitá-la. Seu irmão tinha razão, mas havia outra razão de maior peso: o amor por seu marido. E tornava a sentir-se incapaz de explicar e de demonstrar as coisas, principalmente quando tinha de descrever seu amor por Nasrad. Por que ninguém a entendia? Por que não encontrara ninguém que lhe desse razão, que a compreendesse? Será que as pessoas não se apaixonam?

A situação não melhorou quando teve de ligar para seu marido para comunicar sua decisão. Ao saber que sua mulher comprara as passagens para voltar, Nasrad não pôde evitar sentir um grande alívio. Mas tentou convencê-la de todas as maneiras possíveis a não voltar, a perder o dinheiro das passagens. No entanto, sua capacidade de convicção falhou diante de María, que nunca o abandonara.

Ela estava decidida e disposta a fazer o que se encaixava em sua maneira de ver a vida, e não pretendia mudar de opinião, não importava o que escutasse.

Capítulo 23

O dia do retorno ao Afeganistão chegou. María tentou evitar por todos os meios, mas tornaram a se repetir as mesmas cenas que ela e seus filhos tinham vivido dois meses antes no aeroporto de Cabul. Agora era Pedro quem chorava, e era dele que o pequeno Abdulah não queria se separar. Era sua perna que não soltava e era para ele que corria depois de se soltar da mão de sua mãe, como fizera meses antes com o pai.

Todos choraram. Todos sentiam a dor da separação. E ninguém fez perguntas, nem desejos, nem recomendações. Apenas se abraçaram. E foi tudo.

Quando María abraçou Rosie, por último, disse em seu ouvido: – Rosie, por favor, perdoe-me, ou vou morrer de remorso e de culpa.

Rosie a apertou com mais força contra seu peito e disse: – María, recorra a mim quando precisar. Ligue se as coisas não andarem bem. Faça isso. Caso contrário, não a perdoarei. As escalas, as mudanças de aviões, as corridas de Abdulah pelos corredores de cada aeroporto iam se sucedendo. Enquanto esperava o último voo que a levaria até os braços de Nasrad, recordou sua família em Mallorca. “Será que errei voltando? Será que vou me arrepender de voltar?” María chegou a pensar que nunca seria feliz em lugar nenhum do mundo. Sentia-se desarraigada de todos os lugares e culpada pela vida que estava dando a seus filhos. “Por que não consigo ser feliz em algum lugar? Por que, esteja onde estiver, sempre tenho de passar as noites chorando? Por que é tão complicado se a única coisa de que preciso é estar com Nasrad e com meus filhos? Onde está o problema? Será que sou eu? É tudo culpa minha?”

Quando o avião aterrissou, María olhou pela janela. Viu que ali tudo continuava igual. A mesma paisagem árida de terra e pedras e de vez em quando um conjunto de árvores que quebrava monotonia da paisagem. María recolheu rapidamente a pouca bagagem que levava – a maioria eram presentes para os parentes de Nasrad que tão bem a tinham recebido. María sorriu quando se lembrou que levava na mala vários conjuntos de roupa íntima para Motau e para as irmãs e cunhadas de Nasrad. “Vão ficar malucas.” Ela tinha prometido. Se voltasse àquele lugar, traria roupa íntima, maquiagem e esmalte para unhas. Até se atrevera a trazer sapatos de salto alto. Também trazia alguns tecidos e agasalhos para os dias difíceis de inverno.

María não tardou muito a ver a imagem de Nasrad esperando-os na porta de saída do avião. Ela, que já havia decidido pôr a burca momentos antes para evitar problemas, correu para seu marido. Abraçou-o, e o mesmo fez a menina. Quem não estava disposto a esquecer que seu pai o havia deixado ir era Abdulah. Estava irritado e queria que todos notassem. Nasrad compreendeu a atitude de seu filho e decidiu respeitar sua decisão, certo de que logo passaria.

Depois de perguntar como fora a viagem e de censurá-la novamente por ter voltado, e ainda mais com as crianças, Nasrad lhe disse que comeriam na casa de seu irmão.

– Querem vê-la, María, você e as crianças. Não achavam que você voltaria. Todos deram por certo que você ficaria na Espanha com as crianças. Sabe? Acham que você está louca.

– Claro que estou. Louca de amor por você, Nasrad. Não sabe quanta saudade senti. Não tem nem ideia. Eu não podia ficar lá sabendo que você estava aqui sozinho, e passando dificuldade. Prefiro estar a seu lado. Ou por acaso não gosta que eu fique com você?

– Sabe muito bem que sim. O que não quero é que vivam mal, nem você nem as crianças. Vocês não merecem isso... Além do mais, eu...

Nasrad ficou em silêncio, um silêncio que deixou María preocupada, pois não entendia por que seu marido não continuava falando.

– Você o quê, Nasrad? O que foi?

– Voltei a morar na casa dos meus pais. Durante todo o tempo que você esteve fora, tive de ir morar com eles. Não sabe o que passei. Todo mundo me criticava, falavam de mim pelas costas, riam de mim e me humilhavam porque minha mulher tinha ido embora com meus filhos. Implicavam comigo porque eu não fora capaz de mantê-la aqui. Todos juravam que você não voltaria, que, quando chegasse lá, esqueceria de mim e preferiria levar uma vida melhor, com mais conforto. E não importava o que eu lhes dissesse. Eles tinham certeza. Trataram-me como um leproso todo esse tempo, María; não sabe como estou feliz em vê-la.

– E ainda me dizia que não voltasse?

– Claro. Primeiro você e as crianças. Eu me acostumaria aos insultos e às humilhações. Saber que vocês estavam bem me ajudava a seguir em frente. Mas, agora que você está aqui, tudo será diferente. Pensei em irmos à casa de meus pais, pegarmos minhas coisas e voltarmos a Cabul.

Nasrad notou que sua mulher não via muita graça em tornar a ver a sogra, por isso insistiu:

– Mas não se preocupe, ficaremos só cinco dias. Eu preciso, María. Para recuperar meu orgulho. Você entende, não é?

– Claro, Nasrad. Está certo. Além do mais, trouxe alguns presentes para as mulheres da aldeia. Quero ver a cara delas

quando os abrirem.

Capítulo 24

Na manhã seguinte já estavam na estrada, em direção à aldeia dos pais de Nasrad. Quando chegaram, todos estranharam ver María. Estavam espantados por ter voltado, e ainda com os dois filhos, que lhes pareciam diferentes, graças à boa alimentação que haviam tido na Espanha.

Dentre todos, Motau foi a que primeiro saiu correndo para abraçá-la.

– María, María, você voltou, você voltou!

Atrás dela correu o resto das mulheres. Todas se alegravam por ver de novo a espanhola com quem haviam dividido tantos momentos e que tanto havia chamado a atenção. De repente, quando María se encontrava com as mulheres contando-lhes os presentes que havia trazido, ouviu uma voz. Era inconfundível. Seria capaz de reconhecê-la entre um milhão.

– Por que voltou?

Era sua sogra. A mulher que mais mal havia feito em sua vida. A mulher que gastara todas as suas energias para que a permanência de María naquele lugar fosse a mais desagradável possível.

María, porém, a viu diferente. Não era a mesma mulher que a atemorizava, cuja simples presença a fazia adoecer, cuja voz lhe causava um nó no estômago. Ou quem sabe fosse ela mesma que se sentia mais forte que nunca, vendo-a agora de outra maneira. Via apenas uma pobre mulher, uma mulher que já não a intimidava.

– Porque o amo. Porque amo Nasrad. E porque nada, e especialmente ninguém, vai poder evitar isso. Entende? Espero que

sim, desejo que entenda, porque não pretendo perder nem um segundo de minha vida para lhe explicar.

Teria dito muito mais, mas não queria que seu marido se sentisse constrangido. Só ficariam cinco dias. Já não valia a pena saldar dívidas do passado.

A sogra nem sequer respondeu. Deu meia-volta e foi embora: – Tenho muito trabalho.

Ninguém foi atrás dela. Nem mesmo Nasrad. Todos ficaram perguntando coisas a María, interessando-se pelo que havia feito e visto.

Fizeram uma refeição especial para receber os recém-chegados. Afastadas dos homens, as mulheres recebiam os presentes. Motau não podia acreditar que finalmente teria a roupa íntima com que tanto sonhara. Até a boneca Barbie que María lhe deu lhe pareceu um milagre. Não podia parar de olhar para ela, de virá-la, de inspecionar tudo o que aquela boneca tinha.

Assim se passaram os cinco dias, até que decidiram voltar à capital. María viveu esses dias na casa de seus sogros como se fosse uma convidada. Não precisou trabalhar, apenas ajudou as outras mulheres. Nunca para tentar agradar sua sogra. Sabia que era uma tarefa impossível. Aproveitou para sair mais com Nasrad e visitar amigos e vizinhos. Quando voltava à casa de seus sogros, as recordações, especialmente as ruins, surgiam todas: o poço, o fogo, as garrafas cheias de água, o carrinho em que as carregava, o segundo parto, as vasilhas para lavar roupa...

Cinco dias e voltaram para Cabul. Este era o trato com Nasrad, e assim se cumpriu. De novo as despedidas, os abraços, as promessas. Motau tornou a chorar como fizera da última vez que se despedira de María.

– Não volte nunca mais, María – aquilo a fez estremecer. – Prometa-me – insistiu Motau – que vai tentar. Que fará todo o possível para voltar a viver como uma mulher ocidental.

María estremeceu.

– Farei todo o possível, Motau. Conte com isso.

Capítulo 25

Nasrad lhe disse que morariam na mesma casa em que viviam antes de sua viagem a Mallorca. María achou bom. Tinha boas amigas ali e queria vê-las, sentar-se novamente com elas para tomar chá e criticar metade da vizinhança. Esse era seu único entretenimento e ela não achava ruim, pelo contrário, sentia-se bem.

No entanto, María não queria permanecer naquele país, não queria ficar confortável. Temia se acomodar. Por isso decidiu que manteria contato com sua irmã, que tentaria fazer com que Nasrad não ficasse sem trabalho e que continuaria com os trâmites nas embaixadas para conseguir os papéis para ele. Então, e só então, voltaria à Espanha. Ou voltava com seu marido e com seus filhos, ou não haveria volta.

María tentou entrar em contato com José novamente, mas todas as suas tentativas foram inúteis. Por fim conseguiu encontrar a sede da embaixada espanhola, que até aquele momento não havia localizado porque José e seus colegas nunca lhe disseram onde ficava nem jamais se encontraram com ela naquele recinto, por medo – como María pôde entender mais tarde – de que descobrisse que José era um guarda-civil que estava arriscando tudo para ajudá-la.

Procurou trabalho também, mas a situação para ela e para seu marido estava realmente complicada. Não havia trabalho, e, se havia, era muito mal remunerado, e as dificuldades econômicas chegaram de novo ao lar. Arranjar comida era cada dia mais complicado e tornaram a se repetir os episódios de desespero protagonizados por Nasrad. De novo sua família em Cabul teve de ajudá-los dando-lhes pão, arroz e óleo.

María falou com Nasrad sobre a necessidade de os filhos irem à escola, mas logo soube que ali as autoridades não achavam necessário que as crianças, muito menos as meninas, fossem a uma escola enquanto não completassem seis ou sete anos. Assim, Abdulah e Nuria passavam grande parte do dia em casa,

brincando com as outras crianças das famílias que dividiam aquele lar.

Foi na própria embaixada que María arranhou emprego. Ela teve a impressão de que o edifício era novo, ou pelo menos que estava em obras, então teve a ideia de se oferecer para limpar a sujeira que ia se amontoando naquele lugar. E o pessoal da embaixada concordou. Advertiram-na de que não tinham muito dinheiro, mas que alguma coisa poderiam lhe dar, além de lhe fornecer comida. María conseguiu que lhe pagassem dez dólares por seis horas de trabalho por dia e ainda podia almoçar naquelas instalações. Ela quase nem provava o almoço para poder levá-lo a seus filhos. Entretanto, ficou só duas ou três semanas, porque as obras acabaram e disseram-lhe que não precisavam mais dela e que não poderiam lhe dar mais trabalho. Ofereceu-se como tradutora. Ela sabia espanhol perfeitamente, dominava o inglês e o idioma nativo, mas os responsáveis da embaixada lhe explicaram que as vagas já estavam distribuídas e que não podiam contratá-la porque havia funcionários de carreira que já tinham optado pelo posto. Explicaram que eles não podiam fazer um contrato com ela e que todo mundo precisava de um se quisesse trabalhar naquele lugar. Para María foi um baque, porque havia se iludido, mas nem por isso se desesperou, e continuou tentando.

Utilizou seus contatos na embaixada para tentar conseguir alguma ajuda econômica para seus filhos e também pediu em diversas ocasiões a repatriação de seu marido. Conseguiu uma ajuda econômica muito modesta, mas que lhe permitiu seguir adiante. Quanto à repatriação de seu marido, disseram-lhe que não podiam fazer nada, que tudo requeria trâmites burocráticos e tempo, que

por ora não estavam em suas mãos. Nunca, porém, lhe deram um não categórico como resposta. Houve, ainda, um funcionário que lhe abriu mais os olhos para que não se enganasse: “Dinheiro, María. Para tudo isso que você quer é necessário muito dinheiro. E isto é a primeira coisa que vai ter de conseguir. É muito complicado. Boa sorte”.

Mesmo assim pediram a María fotos de seu marido e qualquer tipo de documentação que pudesse provar quem era. Ela não entendia muito bem por que, mas em nenhum momento suspeitou de nada estranho. Percebia que perguntavam muitas coisas sobre sua vida em comum, como haviam se conhecido, como era sua vida em Londres, por que decidira voltar, o que seu marido fazia naquele momento, se trabalhava ou não, onde moravam, que tipo de amigos tinham, como era o relacionamento dela com a família dele.

E tornaram a insistir em algo que deixava María especialmente irritada e que a fez recordar muito suas conversas com José: perguntaram se ela estava coagida, se houvera algum episódio de maus-tratos, se ela sabia de algum delito passado de seu marido, se estivera preso ou se tinha conhecimento de que alguém o tivesse denunciado. María negou tudo, porque nada daquilo havia acontecido com ela. Assegurou que seu marido era uma boa pessoa, um bom homem, que estava tentando manter sua família apesar das muitas complicações, e que o único problema que tinha é que não arranjava emprego, nem na quantidade nem na qualidade que desejava.

Na embaixada interessaram-se em saber – por não conseguirem entender – por que María voltara da Espanha depois de ter passado tantos anos tentando sair, e por que admitia viver nas condições de pobreza e necessidade se em seu país de origem, a Espanha, poderia levar outra vida. María voltou a explicar que preferia esperar que seu marido conseguisse os papéis, que as autoridades lhe concedessem o visto que permitisse a todos viajarem juntos para a

Espanha, e que não entendia por que tudo era tão complicado e laborioso.

Chegaram até a entrevistar cada um separadamente. María soube, mais tarde, que as conversas haviam sido gravadas sem que eles tivessem conhecimento prévio e sem nenhum tipo de autorização deles. Ela preferia aceitar aquilo se a ajudasse a sair com sua família daquele país. Os quatro juntos. Ou assim, ou de jeito nenhum.

Cada vez mais María visitava suas amigas. Eram muito mais velhas que ela, quase todas moravam no mesmo quarteirão, se não na mesma casa. Era uma oportunidade para se distrair, para, se não esquecer os problemas, pelo menos desligar-se deles. E também dedicava algum tempo livre para ir com seu marido e as crianças à casa dos irmãos e dos tios de Nasrad. Sempre era agradável conversar com eles. María sentia-se muito à vontade falando com a irmã de Nasrad e lhe contava qualquer problema que tivesse. Afinal de contas, ela havia se encarregado de lhe abrir os olhos e de lhe explicar como era a situação das mulheres naquele país na primeira vez que pisara nele. María aproveitou para confiar a sua cunhada algo que a preocupava havia meses. Nasrad estava cada dia mais calado, parecia cansado, triste, sem vontade de nada, e ela não sabia o que estava acontecendo, porque cada vez que tentava lhe perguntar algo a esse respeito, ele negava tudo e imediatamente mudava de assunto.

– Tenha paciência, María. Vai passar. Não é uma boa época para arranjar emprego, e seu marido sabe disso. Continua preocupado como sempre esteve com seu bem-estar. E com certeza está pensando em algo para fazer. Fique a seu lado e cuide dele. É tudo o que você pode fazer.

Capítulo 26

Quando já havia se passado quase um ano de permanência em Cabul, María recebeu uma ligação de Rosie. Falavam-se com frequência,

para saber como iam as coisas, para perguntar pela família e pela situação financeira de Nasrad. Nem Rosie nem os funcionários da embaixada conseguiam entender por que sua irmã voltara ao país onde tantas más recordações a aguardavam. Rosie nunca compreendeu por que sua irmã só aguentara dois meses em Mallorca depois de passar anos batalhando para sair do Afeganistão. Mas jurou a si mesma que jamais perguntaria a María suas razões. Sabia que tantas perguntas lhe faziam mal. E, além do mais, o argumento de sua irmã sempre era o mesmo, e para Rosie era impossível assimilá-lo e analisá-lo: o amor. O amor por seu marido. Não quis complicar mais as coisas, mas Rosie não parou de trabalhar para que sua irmã, seus sobrinhos e também o cunhado – que só conhecia por fotos – pudessem pisar em terra espanhola. Rosie não se enganava. Fazia tudo por sua irmã, mas no fundo queria encontrar-se cara a cara com o homem por quem ela havia perdido a liberdade, seus direitos, grande dose de felicidade e uma vida melhor. Morria de vontade de perguntar mil coisas àquele homem que, sem querer, arrastara sua irmã ao pesadelo em que vivia. Pensou em escrevê-las todas, mas depois percebeu que seria perda de tempo e de papel. As perguntas que Rosie queria fazer a seu cunhado estavam gravadas a fogo em sua cabeça. E não havia outro lugar mais seguro que este.

Assim como María não sossegou, indo de um lugar para outro para conseguir algum tipo de documento que pudesse facilitar a saída de seu marido do país, Rosie fez o mesmo. Durante meses batalhou com mil e um guichês, portas, mesas e salas de reuniões com o único fim de encontrar uma saída rápida, segura e legal para

o marido de María. Ambas as irmãs conseguiram o mesmo resultado com as autoridades competentes: o silêncio, “volte amanhã”, “não podemos fazer nada”, “lamento”, que sempre

soavam cínicos e hipócritas. Mas nenhuma das duas desistia. Nisso as irmãs dividiam os mesmos genes. Desde pequenas.

Por isso María se alegrava sempre em ouvir Rosie, e sabia que ela nunca lhe falharia nem a abandonaria à sua sorte, embora tivesse motivos para isso. Sempre era um alívio ouvir a voz da irmã, e aquela vez não foi exceção.

– María, querida. Como você está? Avançou com os papéis? – Não, Rosie. Que desespero! Levo meses para encontrar um gabinete, uma rua, um endereço, e, quando encontro, ninguém pode me ajudar. Não importa a que embaixada peça ajuda, todos me dizem que não são eles que têm a solução na mão. Eu acho, Rosie, que não querem me ajudar. Não posso acreditar que seja tão complicado. Por que é tão difícil que uma pessoa saia do próprio país para ir para outro? Por quê? Nasrad não é assassino, nem terrorista, nem alguém que vá fazer algum mal. Por que tantos problemas e tantas perguntas em troca de nada? Irmã, não entendo. E tudo isso me deixa sem energia.

– María, seja forte. Tudo isso vai mudar um dia. Assim como você teve a oportunidade de sair e entrar, Nasrad também terá.

– Sim, Rosie, mas e o dinheiro? Todos me dizem que, se conseguir os papéis, depois terei de pagar uma grande quantia de dinheiro. De onde vou tirá-lo? Só se eu assaltar um banco...

– Por ora pode ir ao banco, mas não para assaltá-lo, e sim para pegar um pouco de dinheiro que acabei de lhe enviar. María, não é muito. Ainda estou pagando o financiamento que pedi para trazê-la a Mallorca. É tudo o que posso lhe mandar.

Aquele não era o motivo de sua ligação para María, mas Rosie não queria levantar suspeitas nem criar falsas expectativas em sua irmã. Assim que acabou de falar do dinheiro e do banco, mencionou o outro assunto.

– Ah, María, já ia me esquecendo. Acho que nos próximos dias uma mulher, que é conhecida de uns amigos, vai procurá-la e levar um pouco de roupa para você e para as crianças. Receba-a o melhor que puder. Receba-a e a escute. Vai ser bom.

María achou estranho o que sua irmã dizia, que ouvisse tal mulher, porém chamou mais sua atenção o negócio da roupa para as crianças.

– Está certo, Rosie. Fique tranquila. Assim farei. – As crianças estão bem?

– Sim, ficam mais com o pai... Como agora não encontra emprego, ele fica mais tempo em casa.

Rosie notou que as palavras de sua irmã e o tom em que as pronunciara escondiam algo mais.

– María, vocês têm o que comer, não é?

– Claro – María mentiu. – Não se preocupe, Rosie – María não queria que por sua culpa sua irmã se preocupasse mais. Além disso, tinha sido sua a decisão de voltar; envolvera todo mundo, Rosie, seu irmão Pedro, José, e tudo para nada, para voltar dois meses depois. María sentia que não tinha direito de reclamar.

– Tem certeza de que está bem, María? – Rosie insistiu. – Sim, estou bem. Mas tenho algo a lhe dizer. Era a frase que Rosie mais temia. Cada vez que María a

pronunciava, ela sabia que ia anunciar algo importante e que com certeza não lhe agradaria muito.

– Estou grávida, Rosie. Acho que estou de três ou quatro meses. Não sei com certeza. Mas estou grávida. Disto não há dúvida.

Fez-se um silêncio na ligação. María esperava que sua irmã reagisse de alguma forma. E suplicou que o fizesse rápido, porque seu estado não lhe permitia estar exposta a muitas emoções fortes.

– Grávida... María... e...

– Estou bem. Só sinto os típicos incômodos. Vomito mais do que nas outras vezes, isto sim, mas levo uma vida normal. Não se preocupe, estou bem. Só grávida.

– Só grávida... María, fico muito contente. Não sei se é o melhor momento, mas fico muito contente.

Rosie compreendeu que, mais que nunca, precisava que sua irmã saísse de lá. Não podia ter outro filho no Afeganistão.

Capítulo 27

Desde que decidira se dedicar de corpo e alma e investir todas horas do dia que fossem necessárias para conseguir que sua irmã saísse do Afeganistão, Rosie teve de abandonar seu emprego. Não podia justificar tantas ausências nem se comprometer a cumprir um horário tão severo. Por isso, decidira sair de seu emprego e aceitar outro com horários mais flexíveis. E encontrou-o do lado de sua casa, no bar "M y M", um café simples, com pratos a oito euros, sem grandes pretensões, mas com clientela fixa e fiel, daquela que fala e ouve quando é preciso. Rosie trabalhava ali umas quatro horas diárias como cozinheira. Era um horário perfeito, próximo do horário de almoço, o que lhe permitia finalizar algum trâmite que não tivesse tido tempo de encerrar pela manhã.

Certo dia, quando Rosie já estava pronta para ir trabalhar, recebeu a visita de uma amiga.

No bairro já se conhecia a história de María, porque Rosie havia se mobilizado o máximo possível para denunciar a situação em que sua irmã se encontrava. Por isso, o fato de naquela manhã essa amiga ir até o café não foi tanto uma casualidade nem uma visita de cordialidade. Chegara a seus ouvidos a história de María e ela achava que podia ajudar.

Rosie começou a ouvir. Da boca de sua amiga iam saindo explicações que num primeiro momento ela não conseguia entender nem encontrar o sentido que tinham, tampouco em que medida podiam afetar sua irmã, mas que pouco a pouco foram adquirindo forma. Uma forma de que Rosie começou a gostar.

– Veja, Rosie, com tudo isso quero lhe dizer que podemos tentar. Eu tenho um amigo que trabalha com uma mulher, María Ángeles, em uma ONG alemã. E essa ONG está trabalhando no Afeganistão, e

não são poucas as vezes que María Ángeles vai até lá. De modo que pensei que talvez ela possa ajudar sua irmã María. Ela já auxiliou outras mulheres e é realmente boa no que faz. Não temos nada a perder se tentarmos.

O rosto de Rosie se iluminou enquanto sua amiga ia falando. Ou pelo menos ela o sentiu arder.

– E como faremos? Como posso entrar em contato com ela? – Rosie perguntou com grande agitação.

– Não se preocupe. Eu vou lhe deixar o telefone dela. Basta ligar em meu nome. Ela já conhece a história porque lhe contei. E María Ángeles lhe dirá o que tem a fazer.

Rosie não podia disfarçar a esperança que as palavras daquela amiga lhe davam. Durante toda a manhã mostrou-se nervosa, não sabia o que fazer com as mãos, pegava e punha pratos e copos sobre o balcão sem nenhuma ordem, passava o pano nele diversas vezes. Não sabia como disfarçar o nervosismo, nem tinha certeza de querer fazê-lo. Começava a ver um pouco de luz no fim do túnel.

Não tardou a receber a ligação de María Ángeles. Quando viu na tela de seu celular um número restrito, algo a advertiu de que poderia ser a ligação que esperava. E não se enganou.

– Rosa Galera? – perguntou uma voz limpa, gentil e, segundo a imaginação de Rosie, muito feminina.

– María Ángeles? – Rosie apressou-se em perguntar, mal deixando a voz misteriosa se apresentar.

– Sim, sou eu. Queria falar com você, *Rosa*. Como está? E, principalmente, como está María?

– Desesperada, María Ángeles. Não sabe o que estamos passando... de novo.

– Eu imagino, *Rosa* . Acredite que faço uma ideia. Ouça, quero deixar claras duas coisas. Uma, muito importante, é que as duas têm de entender que a embaixada espanhola em Cabul, ou, em sua ausência, o consulado, tinha a obrigação de cuidar da situação de sua irmã e que de jeito nenhum podia cruzar os braços e não fazer nada por uma mulher espanhola. É obrigação deles e direito dela. Por isso, nunca cedam diante disso. E a segunda...

Rosie estranhou a rapidez com que María Ángeles falava. Tinha a impressão de que não respirava e entendeu que aquela mulher era bastante objetiva. Tinha certeza de que trabalhava com muita assertividade, a julgar pela segurança com que falava.

– Na semana que vem vou ao Afeganistão e quero me encontrar com sua irmã. Eu não vou poder tirá-la de lá, mas posso ajudar. Preciso que ligue para ela e que lhe diga que uma amiga vai lhe levar um pouco de roupa, para ela e para as crianças. Diga-lhe que vou levar roupa, mas não diga que sou de uma ONG. Alguém poderia ficar sabendo e pensar que estamos preparando algo perigoso ou que vá atentar contra seus interesses. Você não pode imaginar o nível de intransigência que existe nesse país. Pode entrar em contato com ela?

– Sim, claro. Ela tem um celular que comprou com o dinheiro que lhe enviei.

– Perfeito. Preciso que me dê o número. E insisto, *Rosa* , tenha toda a prudência do mundo. Qualquer falha, qualquer deslize com essa gente pode ser muito perigoso. Não quero assustá-la. Apenas advertir.

– Eu entendo, María Ángeles. Não se preocupe. Será como você diz. E obrigada, muito obrigada. Não sabe o favor que está nos fazendo.

– É meu trabalho. E ainda não fiz nada. Mas será feito. Não tema. Agora preciso desligar. Entrarei em contato com você quando

for para o Afeganistão. Um abraço, *Rosa*, e muito ânimo, mulher. Muito ânimo.

Rosie teve certeza de que Deus existia. Finalmente alguém se preocupava com sua irmã. Queria ligar para ela e contar, mas não esqueceu as palavras de María Ángeles. Contaria só o imprescindível, sem correr riscos desnecessários. Teriam tempo para as boas notícias. Nesse momento todo cuidado era pouco.

María recebeu a notícia da chegada de María Ángeles com alegria e expectativa. “Quem será essa mulher?” Sua irmã Rosie não tinha sido muito prolífica em detalhes, pelo contrário. Dissera que era uma amiga e que trabalhava em uma empresa que mantinha

negócios com o Afeganistão. Mas não lhe contou mais que isso.

Quanto menos María soubesse, menos poderia dividir com suas amigas e conhecidos.

O encontro entre as duas foi especial. Para María, representou uma lufada de ar fresco poder conversar com aquela mulher. Simplesmente lhe parecia impossível, achava estar vivendo um sonho. Mas dessa vez era real. Primeiro porque a mulher loura que acabara de chegar como se fosse um anjo falava o mesmo idioma que ela, embora tivesse certo sotaque alemão. Segundo, porque era alguém diferente, que nada tinha a ver com aquele lugar e com aquela civilização e que, além do mais, levava coisas para as crianças e palavras cheias de bons presságios e de esperanças renovadas.

María e María Ángeles compartilharam um chá, e também desejos, recomendações e conselhos. María Ángeles insistia na necessidade de María continuar indo à embaixada ou ao consulado espanhol no Afeganistão, porque eles podiam e deviam fazer alguma coisa em seu caso. Tinham essa obrigação e não podiam lavar as mãos. Eles podiam até arranjar o dinheiro para as passagens de María e das crianças.

– Eu sei, María, porque sua irmã me contou, que não quer ir embora deste país sem a companhia de seu marido. Ouça, eu não a conheço, só sei o que me contaram sobre seu caso. Não conheço seu marido, que sem dúvida deve ser uma pessoa maravilhosa, porque você se apaixonou loucamente por ele e por ele está cometendo verdadeiras loucuras, o que é seu direito. Mas assim você não o ajuda. Em absoluto. E, principalmente, não ajuda seus filhos. Eu sei que agora talvez não vá me entender, porém você está pecando por um egoísmo que daqui a alguns meses, ou talvez alguns anos, lhe trará consequências irreparáveis. Então, tudo será inútil. Será tarde para todos. E também para Nasrad.

María Ángeles sabia que tinha um poder de persuasão pouco comum, e seus superiores também sabiam. Por isso costumavam mandá-la para encargos difíceis de resolver, porque ela obtinha mais sucesso que qualquer outra pessoa. Assim, María Ángeles lançou mão de suas armas de convencimento e prosseguiu com seu argumento, olhando fixamente para María, enquanto segurava suas mãos.

– María, dê um jeito de que alguém na embaixada se interesse por sua história e de seus filhos e que eles assumam os custos das três viagens. Não lhe peço que esqueça seu marido, nunca me atreveria, não estou louca. Mas, com essa decisão ajudará mais seu marido do que imagina. Para Nasrad será mais fácil sair deste país sozinho, sem a carga que pode representar uma mulher e seus dois filhos. E você ficar aqui com ele não vai agilizar os trâmites para que obtenha o visto, muito pelo contrário.

María Ángeles prosseguiu:

– Vocês dois são sobreviventes de um naufrágio. Se ficar com ele agarrada ao mastro do barco em vez de ir pedir ajuda, acabarão se afogando os dois. Enquanto aquele que espera tiver suas esperanças depositadas naquele que foi buscar ajuda, tudo estará bem. Senão,

o mastro cederá, porque não poderá aguentar o peso dos dois. E suponho que você não quer que isso aconteça, não é, María?

María ficou pensando no que María Ángeles tinha dito. Talvez fosse o mesmo que outras pessoas já haviam dito, mas aquilo lhe soou diferente, não sabia muito bem por quê.

Quando se despediram, María Ángeles prometeu-lhe que acompanharia seu caso. Assegurou que estaria por perto e que manteria contato, se não diário, pelo menos frequente. María preferiu despedir-se da mulher em sua casa, para assim poder abraçá-la e beijá-la e expressar sua gratidão por tudo.

Enquanto María Ángeles descia as escadas internas do prédio, María a observava sem perder nenhum detalhe de cada um de seus movimentos, em parte para assegurar-se de que aquela mulher era real, que existia e que não havia sido uma ilusão. Enquanto a seguia com os olhos, adivinhou por seu andar e sua forma de agir que era uma mulher experiente, segura de si e com uma bagagem repleta de desafios que sempre conseguia vencer com sucesso. María rezou para que seu caso fosse um desses desafios bem-sucedidos.

Naquela noite, María, pela primeira vez em muito tempo, conciliou o sono fazendo planos para arranjar dinheiro, e não para agilizar os trâmites para a expedição do visto de seu marido. Talvez María Ángeles tivesse razão. Não era de sua família, não era uma interessada direta, e seus conselhos não eram movidos por sentimentalismo.

Capítulo 28

Nas semanas e meses seguintes María pôs em prática a operação idealizada por María Ángeles. Ia todos os dias à embaixada espanhola para que alguém a ouvisse. Todos ali conheciam sua história, mas ninguém lhe falava de dinheiro.

María ligava para sua irmã para solicitar uma série de papéis que a embaixada ia lhe pedindo, na maior parte dos casos para mantê-la entretida e para que demorasse mais tempo para voltar. Rosie anotava o que a irmã pedia, e ela, por sua vez, pedia que tirasse fotos e as enviasse. Fotos dela e de seus filhos. María não entendia nada.

– Você sabe o que podem fazer comigo se me pegarem tirando fotos, Rosie? Posso levar uma surra fatal.

– María, só preciso delas para mim. Tire-as em casa. Quero ver como você está e como as crianças estão crescendo.

– Rosie, é que isso que está me pedindo é muito complicado. De onde vou tirar uma câmera fotográfica?

– María, é melhor que uma amiga de María Ángeles vá até aí para bater umas fotos. O que acha?

María não conseguiu entender o gosto repentino de sua irmã Rosie pela fotografia. Pensou que tanta papelada oficial a estava deixando maluca, mas, evidentemente, aceitou. Não pretendia contradizê-la em nada.

Passaram-se uns dias até que recebeu a ligação da amiga de María Ángeles, tal como sua irmã dissera. Estranhou ouvir que sua interlocutora do outro lado da linha tinha um acentuado sotaque afegão, algo que pôde comprovar quando se encontrou com ela.

Aquela mulher não quis ir até sua casa, justificando que as fotos tinham de ser ao ar livre. O ponto de encontro era uma espécie de terreno escondido perto de um centro comercial de Cabul. Nenhuma das duas queria chamar a atenção, e acharam que nesse lugar tão afastado estariam a salvo de olhares indiscretos. Mas enganaram-se. Depois de a mulher afegã bater

algumas fotografias de María com a burca afastada da cabeça, começaram a ouvir protestos contra elas, que estavam violando as mais elementares leis do local. Eram principalmente mulheres que passavam perto de onde elas se encontravam e não se acanhavam de insultá-las e até de ameaçá-las. Olhavam para elas e gritavam:

– Veja, é essa gente que está contra nós, contra nossa cultura. Que não nos respeitam. Vão pagar caro.

María não se sentia à vontade naquele lugar e achava que já tinham batido fotos suficientes para que sua irmã pudesse saber como estavam. Aquele não era o lugar seguro que pensaram e decidiram que era melhor sair dali o quanto antes. Até aquele momento, tinham tido sorte de que nenhum homem passasse por perto. Do contrário, não sabiam o que poderia ter sido delas.

María despediu-se da fotógrafa. Era uma mulher bonita, jovem e muito gentil.

– Tomara que tenha sorte, María. Você e as minhas compatriotas. Tomara que algum dia eu possa tornar a bater fotos suas sem medo da pressão dos outros. Espero que saia daqui em breve. E espero que nós, mulheres, possamos decidir e governar neste país dentro de pouco tempo.

María estranhou que aquela mulher estivesse tão a par de sua situação. Pensou em se mostrar um pouco receosa, mas depois preferiu seguir seu instinto. Com certeza María Ángeles havia contado à fotógrafa e a outras pessoas para poder ajudá-la.

E a estava ajudando. As fotos que María tirara na rua não eram para sua irmã, e sim para serem publicadas em um jornal local de Mallorca, no qual seria divulgada a situação em que María estava há anos. Rosie não quisera contar a verdadeira finalidade das fotos porque não queria iludi-la e porque temia que, se lhe contasse, ela, por sua vez, contasse a mais alguém, e poderiam surgir complicações ou traições.

María começou a receber ligações de pessoas que não conhecia e que se interessavam por seu problema. Eram jornalistas que queriam saber mais detalhes sobre sua vida. Foram publicadas

algumas reportagens no jornal local *Última Hora* e o *El Mundo* também divulgou sua história .

Certa noite, recebeu a ligação de um programa de rádio. Chamava-se *Cinco Lunas* , era transmitido a partir da 1h30 da madrugada na rede Punto Radio. Durante trinta minutos detalhou sua situação, como estava vivendo durante os últimos anos, as carências e as necessidades que as crianças passavam, sua experiência com a burca, a dureza daquele país com as mulheres. Antes de terminar a entrevista, a apresentadora lhe perguntou o que podiam fazer na Espanha, como poderiam ajudá-la. María não teve dúvida. Recordou o que María Ángeles lhe havia recomendado e pediu sem hesitar:

– Preciso que alguém pague minha passagem e as de meus dois filhos para voltar à Espanha. Eu não tenho dinheiro, e a embaixada não me dá facilidades nem ajuda de nenhum tipo. Por favor, se alguém me ouvir e puder me ajudar, eu agradeceria muito. Salvaria nossas vidas. Só peço dinheiro para que nos tirem deste lugar. Nada mais.

Capítulo 29

Foram necessárias apenas vinte e quatro horas para que alguém atendesse ao chamado feito por María, alguém disposto a pagar os três mil euros que custavam as passagens de avião para María e seus filhos. Era um empresário de Mallorca, Bartolomé Esbert, que acompanhara a história de María pelos jornais e que sabia que havia pedido ajuda por meio dos microfones da rádio.

Quando a notícia se confirmou e Rosie soube que alguém estava disposto a pagar aquela quantia e que não era nenhum engano, ligou rapidamente para María.

– María, vá se preparando, vamos tirá-la daí. Você vai sair do país. Vai voltar para casa, María. Voltará para casa com seus filhos. Uma pessoa vai arcar com o gasto das passagens para você e para as crianças.

María pensou que alguém devia ter escutado sua entrevista na rádio e que atendera ao seu pedido de ajuda. Não quis acreditar, não podia ser tão fácil. Pedir dinheiro e alguém concedê-lo? “Impossível.” Também pensou que talvez algum jornalista tivesse pagado essa quantia por ela ter lhe contado sua história. Tentou perguntar a Rosie quem era essa pessoa, por que a estava ajudando e, principalmente, quando poderiam partir, quando sairiam do Afeganistão. Rosie não soube explicar.

– María, só sei que a viagem está paga. Não sei dizer se será em um avião militar ou como será. Ainda não me disseram nada. Só sei que alguém comprou as passagens e que você vai voltar. E espero que não faça loucuras, María, por favor, porque conheço você.

Nessa mesma noite suas dúvidas se dissiparam. Voltou a receber uma ligação do programa de rádio Cinco Lunas . Contaram-lhe que a

pessoa que pagara as passagens de avião que permitiriam sua saída e a de seus filhos daquele país estaria essa noite no programa e a convidavam para falar com ele e agradecer seu gesto. No início, o empresário mostrou receio em participar do programa; preferia que seu gesto ficasse no anonimato, não queria que ninguém o confundisse com um falso desejo de fazer publicidade, nem dele nem de sua empresa. De modo que pediu à responsável do programa que omitisse o nome da empresa. E assim foi feito.

O programa começou à 1h30 da madrugada. Era quinta-feira, 7 de dezembro de 2006, e a maioria dos espanhóis se encontrava em um dia de ponte entre um feriado e o fim de semana. A voz da locutora dava início ao programa:

– Às vezes, milagres acontecem. E esta noite vamos viver um. Talvez seja um milagre de Natal, ou talvez tudo se deva ao fato de existir gente boa, gente disposta a ajudar.

Pela primeira vez, María pôde falar com a pessoa que lhe permitiria, graças à doação de três mil euros, a saída do Afeganistão. Ela não conseguiu encontrar palavras suficientes para agradecer sua caridade, e o empresário, que se mostrava nervoso e um pouco constrangido pelas muitas vezes que María havia lhe agradecido, assegurou que estava a sua disposição para o que precisasse, neste e em qualquer outro assunto. Rosie também se juntou à conversa, e este foi o momento em que a voz de María falhou; ela não pôde suportar tanta tensão e começou a chorar enquanto agradecia àquele homem e a sua irmã tudo o que estavam fazendo por ela e seus dois filhos.

A engrenagem para levar de novo María e seus filhos para casa foi posta em andamento. Rosie ficou em contato com o empresário, que depositou o dinheiro em sua conta. Sem perder um minuto, mandou o dinheiro para a irmã para que comprasse as passagens. Só faltava que chegassem os papéis necessários para permitir a saída de María e de seus dois filhos. Ela esperava ansiosamente a

ligação da embaixada que lhe daria a confirmação. Odiava que estivesse próximo do fim da semana, porque tudo parava, e María sabia, então, que teria de esperar até a semana seguinte para ter alguma resposta.

Finalmente a ligação aconteceu. Tinha a licença e devia comprar as passagens o quanto antes. Mas lhe comunicaram que seria impossível comprar passagens Cabul-Mallorca, por isso tiveram de buscar alternativas. E encontraram a única que podia

levá-los de volta para casa. No final, viajariam de Cabul a Dubai, de Dubai a Viena, de Viena a Barcelona e de Barcelona pegaria um último avião que a levaria a Palma de Mallorca. Comprou as passagens naquela tarde mesmo, para o dia seguinte. Não queria esperar mais. Não podia.

Nasrad a ajudou a fazer as malas e repetiram o mesmo ritual de nervosismo descontrolado. Seu marido estava novamente muito preocupado, colocando na bagagem das crianças biscoitos, sucos, iogurtes, água. María o via triste, embora tentasse disfarçar. Sabia que a nova partida de sua mulher complicaria o relacionamento com sua família, que já estava muito deteriorado.

– Você vai ver que, antes do que imagina, estará conosco, Nasrad. Vou fazer todo o possível. E posso fazer mais estando lá.

Nasrad foi buscar um pouco de dinheiro para poder pagar o táxi que os levaria ao aeroporto. Fazia apenas dez dias que tinham dado o dinheiro a sua mulher e ela e seus filhos já voltavam para Mallorca.

Nasrad fez María prometer que, assim que chegasse, ligaria e que não cometeria mais loucuras. Pediu-lhe que sua irmã Rosie falasse com ele ao telefone, para ter certeza de que realmente María chegara a Mallorca e que não tinha dado meia-volta para voltar para ele.

QUARTA PARTE



Volta para casa

Capítulo 1

Eram três horas da madrugada quando María e seus dois filhos chegaram a Mallorca. Sua irmã Rosie e seu irmão Pedro foram encontrá-los em Barcelona, porque não podiam esperar mais, menos ainda em casa. As escalas tinham sido muitas, e a espera, eterna.

María estava cansada da viagem. Não só teve de cuidar de seus dois filhos, mas também de sua gravidez. Além do mais, nos últimos dias perdera um pouco de sangue, mas preferiu não dar maior importância àquilo. Já havia lhe acontecido outras vezes, e nada de ruim tinha ocorrido.

Aquela noite dormiu praticamente tranquila, mas acordou em algumas ocasiões perguntando-se onde estava e procurando seu marido ao seu lado. Quando percebeu que não estava junto a ela, como todas as noites, recordou que voltara a Mallorca, estava de novo em casa.

Pela manhã, percebeu que a casa de sua irmã Rosie estava cheia de familiares, de amigos e de conhecidos que queriam saber dela. Queriam vê-la, dar-lhe um abraço e oferecer-lhe suas boas-vindas.

María agradeceu, mas tinha muitas coisas a fazer. Queria levar as crianças ao médico e também passar por um ginecologista, pois continuava tendo perdas de sangue pequenas, mas que começavam a inquietá-la. Além do mais, desde que entrara no primeiro avião em

Cabul sentiu mal-estar e queria aproveitar sua presença no mundo civilizado para que a gravidez e o nascimento de seu terceiro filho se dessem nas condições ótimas em que não puderam ocorrer os outros dois partos.

Também matriculou seus filhos em uma escola próxima à casa de sua irmã. Tanto Abdulah como Nuria adaptaram-se bem aos costumes e ao idioma de seu novo país. Aprenderam rapidamente. Eram espertos, e María se mostrava muito orgulhosa deles. Abdulah passava o dia apertando o interruptor, acendia e apagava luz sem tirar os olhos da lâmpada, que de repente estava iluminada e de repente não. Era uma brincadeira para ele, algo que não podia entender. Não era um mecanismo que estivera a seu alcance em sua curta experiência de vida.

O mesmo aconteceu com a água corrente. Abria e fechava as torneiras da casa para ver a água correr sem que se interrompesse em momento algum, como acontecia em Cabul. Abdulah tinha o costume de se sentar no chão para tudo, e este foi um costume difícil de perder.

No entanto, talvez o mais grave tenha sido algo que o menino fazia sem ter consciência do que seus atos representavam. Abdulah andava sempre com uma espada de brinquedo na mão. Levava-a na rua, na escola, não a soltava nem mesmo quando estava em casa. O menino tinha visto, muitas vezes, seu pai, seus tios e seu avô cortarem o pescoço de algum animal para realizar determinados rituais, e ele repetia esse mesmo gesto, mas não só com os animais, e sim com as pessoas, o que acabou gerando sustos na escola. Até sua tia Rosie se assustou quando o viu com uma faca na mão enquanto dizia que ia cortar seu pescoço e tirar seus olhos, como vira seu pai fazer com as ovelhas. Abdulah limitava-se a brincar, mas seus jogos infantis não foram bem entendidos. Não foi fácil tirar esse costume dele, assim como muitos outros. Mas tanto sua mãe como sua tia Rosie conseguiram que desaparecessem graças à televisão e à compra compulsiva de brinquedos em uma loja que havia bem na

frente de sua casa, sempre com a condição de que abandonasse de imediato a ideia de cortar pescoços, apesar de ele não ter consciência da violência que aquilo representava para quem o visse.

Tampouco foi fácil convencê-lo a fazer xixi em pé, e não sentado, como costumavam fazer os homens na terra de onde vinha.

– Meu pai e meu avô fazem sentados, e eu também faço. E pronto.

María também foi a uma agência de empregos, porque queria começar a trabalhar imediatamente. Em seu estado sabia que seria mais complicado encontrar um emprego, mas estava disposta a trabalhar em qualquer função. Como caixa, atendente, vendedora, camareira. Qualquer coisa seria boa, desde que pudesse começar a trabalhar e a ganhar dinheiro. Sabia claramente que necessitaria, para seu marido e seus filhos, e também porque queria devolver a Rosie tudo o que ela gastara em seu caso.

Tal era o corre-corre em que se via envolvida que não se lembrava de ligar para Nasrad. Quando tinha um momento de folga e percebia que desde que chegara à ilha não ligara para seu marido, sentia um peso na consciência. “Como é possível que tenha me esquecido de ligar para Nasrad?” María olhava para o relógio, e via que era muito tarde para ligar. E assim se repetiu o esquecimento durante vários dias. Além do mais, faltavam muito poucos dias para o Natal e tudo era um ir e vir de compras, preparar comida, embalar presentes. Tinham planos de passar a véspera de Natal na casa de seu irmão Pedro e o último dia do ano na casa de Rosie e no bar onde trabalhava.

Quando depois de dez dias María ligou para seu marido, encontrou-o uma pilha de nervos.

– Achei que tinha acontecido alguma coisa. Não sabia nada de você. Eu disse que me ligasse assim que chegasse. Por que não ligou? Como estão as crianças? Está tudo bem?

Eram só perguntas na boca de Nasrad. María o colocou a par de tudo, mas preferiu não se estender em detalhes, porque sabia que seu marido passava dificuldades e não queria que ele soubesse que tinham de tudo para passar o Natal. María sabia que seu marido estava sozinho em Cabul e, embora não lhe dissesse, devia ter problemas, sofrimento e tristezas. Mais tarde, ele lhe contou que seus pais, especialmente sua mãe, tinham-no expulsado de casa. Quando souberam que eles mentiram para poder ir para Cabul e que sua mulher voltaria para a Espanha, a mãe explodiu em cólera e disse que não queria tornar a vê-lo. Jogou toda a roupa e os pertences de seus netos e de María que ainda estavam em sua casa. Não quiseram saber dele, e Nasrad sofreu muito.

Fazia muito tempo que María não passava um Natal tão alegre como o que estava vivendo naquele momento. Sentia falta de seu marido, mas sabia que era só questão de tempo para que pudesse voltar a vê-lo. Os trâmites para obter o visto estavam já em andamento, e o mesmo empresário que subsidiara suas passagens comprometera-se a pagar a de Nasrad quando tivesse o visto para poder viajar de Cabul à Espanha.

María passou o primeiro Natal junto com sua família depois de muitos anos. E estava feliz. Seus filhos estavam respondendo bem à nova vida, o médico lhe assegurara que as crianças, apesar da desnutrição que apresentavam, estavam bem de saúde. María estava muito preocupada com o mal-estar que continuava sentindo na gravidez. Não recordava ter sofrido tanto e de maneira tão prolongada nas gestações anteriores. O que mais a afligia era que o sangramento não parava.

Capítulo 2

Passados alguns dias, María foi até a capital, Palma. Tinha de pegar uns papéis, mas principalmente queria ver lojas, tomar um café, passear pelas ruas, ver as pessoas caminhando pela praça, entrando e saindo da catedral, passeando perto do porto, descansando em suas praias. Sentira muita falta daquilo, e queria que seus olhos tornassem a gravar todas aquelas imagens da sua saudosa rotina. Caminhou durante muitas horas, percorreu os recantos conhecidos e desconhecidos de sua cidade, parou para contemplar vitrines, viu com atenção o que as lojas ofereciam a seus clientes. Chamavam sua atenção as atrações que algumas pessoas faziam no meio da rua. Quando percebeu, estava anoitecendo. Foi quando ela se deu conta de que tinha se perdido. Sabia que tinha de ir a um endereço específico para pegar uns papéis, mas não sabia onde estava. De repente, sentiu um terror similar ao que a dominara no dia em que pusera a burca pela primeira vez para sair à rua. Sentia falta de ar, sufocava-se, e não parava de dar voltas sobre si mesma, tentando encontrar o nome de uma rua que não aparecia. Era tal o desespero de María, que não pôde evitar e começou a chorar. Decidiu sentar-se em um banco de pedra para se acalmar, mas aquela era uma missão impossível. Não se atreveu a perguntar a nenhuma das pessoas que passavam pela rua. Não queria contato com ninguém. Sentia medo e vergonha. Decidiu pegar o celular e ligar para sua irmã Rosie para que fosse buscá-la. Não houve meios de María dar ouvidos às indicações que sua irmã lhe dava pelo telefone. Rosie teve de pegar um ônibus, que a deixou no centro de Palma. Encontrou sua irmã numa pilha de nervos, e a acalmou dizendo que estava tudo bem, que iam para casa.

Aquela noite foi agitada para María, e não conseguiu conciliar bem o sono. Os pesadelos não a abandonaram nem por um momento, e acordou com olheiras, dor de estômago e um pouco de febre. Sentiu-se molhada. Sentiu algo melado escorrer entre suas

pernas. Quando se levantou, viu que manchara os lençóis de sangue. Chamou sua irmã Rosie e ambas decidiram que o melhor seria ir ao médico para um exame.

Quando chegaram ao consultório, os piores temores de María – que não havia comentado sobre o que estava sentindo com ninguém para não preocupar sua família além do necessário – , herança de sua passagem pelo Afeganistão, se concretizaram. Ela tinha uma grande infecção que não fora tratada a tempo nem do modo adequado, e atingira a criança que esperava. Existiam poucas possibilidades de a gravidez chegar a bom termo. María corria perigo iminente de abortar. O médico lhe receitou um medicamento para tentar deter a infecção e pediu que voltasse em uma semana. Não foi preciso esperar tanto. Perdeu o bebê naquela mesma noite, quando chegava os cinco meses de gravidez.

Foi um grande golpe para María e para todos. O pior ela passou quando contou a Nasrad, que estava especialmente feliz com a chegada de seu terceiro filho. Todos achavam que María sofreria uma forte depressão, porque tivera um revés muito duro. O médico lhe recomendou procurar um psicólogo e seguir um tratamento antidepressivo por pelo menos três meses. María, porém, desafiou a todos e se recuperou rapidamente. “Tenho de lutar por meus outros filhos. Estou em meu país, aqui não tenho problemas, vivo como a ocidental que desejei ser durante os anos no Afeganistão, e meu marido está prestes a chegar. Não posso desabar. Agora não.”

María não levou nem vinte dias para começar a trabalhar. Sua irmã Rosie achou que seria bom para ela se desligar de tudo e ofereceu-lhe para ocupar seu posto no café “M y M”. Era responsável por preparar o almoço e servi-lo. Gostou de seu trabalho. Sentia-se útil, embora só trabalhasse cinco horas diárias. O emprego lhe deixava tempo necessário para estar com seus filhos e para continuar fazendo as diligências para ajudar seu marido a chegar à Espanha. No tempo em que estava ali, María voltara a fumar e a

beber. Maquiava-se, arrumava os cabelos, vestia-se como sempre gostara, com calças

jeans e blusas justas. Abandonara suas orações, e nem sequer levava seus filhos à mesquita. De qualquer maneira, havia se convertido ao islamismo por amor a Nasrad. Nunca esteve interessada em nenhuma crença em particular, nem quando abraçara o cristianismo por herança familiar, nem quando se convertera ao islamismo simplesmente por amor.

O porco tornou a entrar em sua dieta, embora seus filhos não provassem por respeito ao pai. De vez em quando se observava no espelho e gostava do que via. “Como mudei. Espero que Nasrad, quando voltar, se adapte a tudo isso, porque acho que não vou mais renunciar a nada. Outra vez, não.”

A María de sempre voltara, e jurou a si mesma que nunca mais iria embora. Havia dias em que sua irmã Rosie, seus filhos, os colegas de trabalho ou algum amigo a surpreendiam meio avoada, olhando para um ponto fixo e perdido no horizonte, quase sem pestanejar, como se estivesse protagonizando uma viagem astral. Eram esses momentos que María aproveitava para recordar o que vivera, para visualizar mentalmente momentos difíceis e outros divertidos daquela sua aventura; via Motau e suas cunhadas lavando roupa, indo buscar água, rindo quando falavam de roupa íntima ou quando criticavam sua sogra. Via a si mesma andando desajeitadamente com a burca até cair no chão, dando à luz seu primeiro filho, lavando os poucos tecidos que sua sogra lhe fornecia para fazer alguns vestidos. Via-se chorando noite após noite, planejando sua saída daquele Afeganistão que tanto martírio lhe causara, vivendo naquele abrigo de onde não podia sair por conta dos bombardeios. Voltavam aos seus olhos as imagens daquele menino de quatro anos que estava brincando com um revólver de brinquedo, que um soldado afegão matara a tiros porque não sabia se aquela arma era ou não de verdade. Era tanto que tinha para recordar que teve a impressão de que uma vida só não bastaria.

Depois María voltava a seus afazeres. Nunca poderia esquecer o que a vida pusera em seu caminho. Nunca poderia perdoar as pessoas que não a ajudaram quando poderiam tê-lo feito. Nunca relegaria ao esquecimento a imagem daquele guarda-civil que se transformara em seu anjo da guarda. Nunca apagaria a última imagem de seu pai com vida. Nunca se desfaria da burca azul que haviam costurado para ela e que descansava no maleiro do armário de sua nova casa. E nunca se arrependeria de ter feito o que fez por seu marido. O que fez por amor. Nunca.

Três meses após sua chegada à Espanha, María recebeu a ligação de seu marido. Partiria em alguns dias.

Em março de 2007, María se dirigia, com sua irmã, ao aeroporto. Tinham chamado um táxi, porque naquele dia seu irmão Pedro não pôde se ausentar do trabalho para levá-las. Para María, aquele trajeto pareceu eterno. Até disse ao taxista que acelerasse, porque tinha a impressão de que aquele carro não andava. Mas andava. Quando chegaram ao terminal, Nasrad ainda não havia desembarcado. Assim que María o viu, correu para ele. Aquele abraço continha toda uma vida. A que queria passar junto a seu marido, sem se separar dele nem por um instante. Não importava o que acontecesse. Como sempre havia sido. Por amor.

FIM



JÚLIO CESAR



<https://www.facebook.com/juliocwmaciел>

juliocwmaciел@gmail.com

(Quem gostou desta formatação, me adicione como amigo no Facebook e veja todos os Títulos que tenho disponível)

- Geralmente faço formatações de Livros que ainda não estão no mercado, nos formatos EPUB/MOBI -